

RUA DO LAVRADIO

cartografando traços e rastros do coletivo-lugar

Fabíola Belinger Angotti



Universidade Federal do Rio de Janeiro

2013



UFRJ

RUA DO LAVRADIO

cartografando traços e rastros do coletivo-lugar

Fabíola Belinger Angotti

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências da Arquitetura.

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz

(PROARQ/FAU/UFRJ)

Co-orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Denise de Alcantara

(UFRRJ /IT/DAU)

Rio de Janeiro

Junho de 2013

RUA DO LAVRADIO

cartografando traços e rastros do coletivo-lugar

Fabíola Belinger Angotti

Orientador: **Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz**

Co-orientadora: **Prof^a. Dr^a. Denise de Alcantara**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz (Orientador)
(PROARQ/FAU/UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Denise de Alcantara (Co-orientadora)
(UFRRJ/IT/DAU)

Prof^a. Dr^a. Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
(PROARQ/FAU/UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Alice de Barros Horizonte Brasileiro
(DTC/FAU/UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro
(EICOS/IP/UFRJ)

Rio de Janeiro
Junho de 2013

Angotti, Fabíola Belinger.

Rua do Lavradio: cartografando traços e rastros do *coletivo-lugar*/Fabíola Belinger
Angotti – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2013

xv, 210 f.: il; 29,7 cm

Orientador: Paulo Afonso Rheingantz

Co-orientadora: Denise de Alcantara

Dissertação (mestrado) – UFRJ/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Programa de
Pós-graduação em Arquitetura, 2013.

Referências Bibliográficas: f. 135-138

1. Rua do Lavradio. 2. *coletivo-lugar*. 3. *cartografia de controvérsias*. I. Rheingantz,
Paulo Afonso. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. III. Título

AOS MEUS QUERIDOS PAIS

Sueli Maria Belinger Angotti

Carlo Angotti

*Que sabem viver com dignidade e esperança.
Que estiveram sempre presentes nos momentos da vida.
Que investiram na minha educação, muitas vezes,
renunciando suas próprias vontades.
Que entenderam com paciência minhas ausências afetivas.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido e amigo orientador, professor Paulo Afonso Rheingantz, por aceitar minha pesquisa, entender meus momentos de aflição e transmitir seus conhecimentos de maneira sempre paciente.

A minha notável e amiga co-orientadora, professora Denise de Alcantara, pelo entusiasmo, pelo acolhimento e palavras de apoio e pelas informações transmitidas de sua pesquisa.

Aos membros da pré-banca por seus comentários e contribuições: às professoras Giselle Arteiro Nielsen Azevedo, por ministrar sua disciplina com dedicação, fazendo-me interessar pelo tema sobre *qualidade do lugar* e Alice de Barros Horizonte Brasileiro, por sua experiência e delicadeza nos comentários.

Ao meu avô, Francisco Belinger (*in memoriam*), por contar suas histórias e aventuras na Rua do Lavradio e na Lapa e porque tenho certeza de que estaria muito feliz neste momento.

Ao meu tio, Domingos Angotti, que sempre me incentivou a dar continuidade aos estudos, contribuindo com informações e livros importantes para minha formação acadêmica.

Aos amigos do grupo ProLugar, em especial, Claudia Rioja de Aragão Vargas, Ramon Silva de Carvalho e Valéria Roma Martins, por terem acompanhado minhas angústias, e à bolsista de Iniciação Científica Beatriz Ferrão, que contribuiu com a modelagem 3D.

À professora Cristiane Rose Duarte e ao grupo Arquitetura, Subjetividade e Cultura (ASC), por terem aceitado minha participação no grupo, inicialmente, quando os caminhos da pesquisa ainda eram indefinidos.

Aos professores Luiz Neves e Gilson Koatz, que colaboraram com a pesquisa cedendo informações e materiais importantes sobre a Rua do Lavradio.

Aos membros, professores e funcionários do Proarq.

Ao Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), principalmente Marcus Granato e Antonio Carlos Martins, que disponibilizaram o tempo necessário para que eu pudesse realizar esta pesquisa, e à Caroline Souza Patrício, por ter ajudado com os levantamentos.

Aos colegas e pessoas da Rua do Lavradio, que disponibilizaram seu tempo para ajudar na pesquisa fornecendo informações sobre a rua e respondendo as entrevistas.

A todos, que de alguma maneira me apoiaram e estiveram comigo neste momento, mas, sobretudo a Deus, que esteve presente através da força e paz de espírito que me concedeu.

RUA DO LAVRADIO

cartografando traços e rastros do coletivo-lugar

Fabiola Belinger Angotti

Orientador: **Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz**

Co-orientadora: **Prof^a. Dr^a. Denise de Alcantara**

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura.

Dissertação vinculada ao projeto *Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade* (PROARQ-FAU-UFRJ) e ao grupo de pesquisa *Qualidade do Lugar e Paisagem* (ProLugar), com o tema *qualidade do lugar* e ênfase na subjetividade das relações – que envolve diversos atores do ambiente urbano Rua do Lavradio, localizada no bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro – e seus entrelaçamentos com as características físico-espaciais de sua morfologia urbana. Busca responder quais são as relações, elementos e *controvérsias* que contribuem para a construção do sentido de *coletivo-lugar* e *atrabilidade* da rua. Tem por objetivo cartografar as relações de instabilidade e *controvérsias* com a materialidade que contribuem para o processo de construção do *lugar* Rua do Lavradio. E, ainda, mapear os desejos de permanência e/ou mudanças de forma, usos e apropriação e traçar a multiplicidade das relações, de modo a entrelaçar um conjunto heterogêneo de narrativas sobre a qualidade do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio em três diferentes momentos (*collages*) – passado, presente e perspectivas de futuro. A partir do alinhamento com a noção de *coletivo* e de *tradução* da Teoria Ator-Rede, explora o entendimento de *lugar* como um *coletivo* ou *rede sociotécnica* – que possibilita diluir a hierarquia entre os diferentes atores, humanos e não humanos, e seus relatos sobre o *coletivo-lugar*. Complementando o conhecimento teórico e a experiência, a pesquisa utiliza como estratégia metodológica o método da *cartografia de controvérsias* associado aos instrumentos de análise tipomorfológica da avaliação pós-ocupação. Espera-se contribuir com o entendimento sobre a transdisciplinaridade presente nas relações pessoa-ambiente – ou entre humanos-não humanos – no *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Rua do Lavradio; *coletivo-lugar*; *cartografia de controvérsias*

**Rio de Janeiro
Junho de 2013**

RUA DO LAVRADIO

cartografando traços e rastros do coletivo-lugar

Fabiola Belinger Angotti

Orientador: **Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz**

Co-orientadora: **Prof^a. Dr^a. Denise de Alcantara**

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura.

The dissertation, linked to the project *Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade* (PROARQ-FAU-UFRJ), developed by the research group *Qualidade do Lugar e Paisagem* (ProLugar), with the theme *quality of place* and emphasis on subjectivity relations – involving several actors of the urban environment Lavradio Street, located in the Lapa downtown Rio de Janeiro – and its entanglements with the physical-spatial urban morphology. Seeks to answer what are the relations, elements and *controversies* that contribute to the sense of *place* and *street-attraction*. It aims to map out the possibility of disputes in the relations that involve the subjectivity and materiality that produce the sense of *place* of Lavradio Street. It aims to map out the desires of preservation and/or changes of form, use and appropriation and identify the multiplicity of relations in order to weave a heterogeneous set of narratives regarding the quality of the *collective-place* Lavradio Street at three different times (collages) – past, present and future perspectives. Based on the notions of *collective* and *translation* of the Actor-Network Theory, it explores the understanding of *place* as a *collective* or *socio-technical network*. ANT allows eliminating the hierarchy among the different actors, human and nonhuman, and their accounts of the place. The research uses as a methodological strategy, complementing the theoretical knowledge and experience, the method of *cartography of controversies* associated with instruments of the typomorphology analysis in post-occupancy evaluation. The research intends to contribute with understanding the transdisciplinarity in person-environment – or human-nonhuman – relationships in the *collective-place* Lavradio Street, Rio de Janeiro.

keywords: Lavradio Street; *collective-place*; *cartography of controversies*

**Rio de Janeiro
Junho de 2013**

Folha de Rosto
 Ficha Catalográfica
 Dedicatória
 Agradecimentos
 Resumo
 Abstract
 Sumário
 Lista de Siglas
 Lista de Figuras

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

		1
PARTE I	1. A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR	8
	1.1. A EXPERIÊNCIA COM O LUGAR	9
	1.2. O ENTENDIMENTO DE LUGAR	11
	1.3. O ENTENDIMENTO DE LUGAR NA ATUALIDADE	13
	2. ARQUITETURA E TEORIA ATOR-REDE	17
	2.1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS SOBRE A TEORIA ATOR-REDE	18
	2.2. ATORES HUMANOS E NÃO HUMANOS REUNIDOS EM UM COLETIVO	20
	2.3. O LUGAR COMO COLETIVO	21
	3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	24
	3.1. CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS: TRAÇOS E RASTROS DO COLETIVO-LUGAR	26
3.2. TRADUZIR: PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO DO COLETIVO-LUGAR	30	
3.4. ASPECTOS FÍSICOS E MORFOLÓGICOS	31	
3.4. ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	33	
PARTE II	4. PRIMEIRA COLLAGÉ: ORIGEM E FORMAÇÃO DO COLETIVO-LUGAR	34
	4.1. LOCALIZAÇÃO	35
	4.2. DINÂMICA HISTÓRICA	36
	5. SEGUNDA COLLAGÉ: O COLETIVO-LUGAR NA ATUALIDADE	61
	5.1. IMERSÃO DO PESQUISADOR NO COLETIVO-LUGAR	62
	5.2. OS ATORES NÃO HUMANOS E SUAS NARRATIVAS	65
5.3. OS ATORES HUMANOS E SEUS RELATOS E TRADUÇÕES SOBRE O COLETIVO-LUGAR	95	
	6. TERCEIRA COLLAGÉ: CENÁRIOS FUTUROS DO COLETIVO-LUGAR	122
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
	REFERÊNCIAS	135
	APÊNDICES	140
	APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA	141
	APÊNDICE II – TABELAS DE LEVANTAMENTO DE USOS	142
	ANEXOS	149
	ANEXO I – MATÉRIAS CITADAS NA DISSERTAÇÃO	149
	ANEXO II- MATÉRIAS DE JORNAIS	168
	ANEXO III- MATÉRIAS DE JORNAIS ELETRÔNICOS	183
	ANEXO IV- MATÉRIAS DE REVISTAS	193
	ANEXO V – ASSOCIAÇÃO POLO NOVO RIO ANTIGO	201

LISTA DE SIGLAS

ACCRA – Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo

FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

PROARQ – Programa de Pós Graduação em Arquitetura

PROLUGAR – Grupo Qualidade do Lugar e Paisagem

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE FIGURAS

Nº Figura	Título	Página
Figura 01 –	Esquema gráfico apresentando a ideia de <i>coletivo</i>	20
Figura 02 –	Esquema gráfico apresentando as etapas da pesquisa	25
Figura 03 –	Esquema gráfico apresentando os passos da pesquisa	28
Figura 04 –	Limite do bairro da Lapa	35
Figura 05 –	Centro do Rio de Janeiro com destaque para o bairro da Lapa	35
Figura 06 –	Rua do Lavradio ligando a Mata Cavalos ao Campo de Santana, 1808	38
Figura 07 –	Teatro Apolo, sem data	40
Figura 08 –	Bonde sobre Arcos da Lapa na década de 1900	41
Figura 09 –	Arcos da Lapa, 1906	42
Figura 10 –	Praça Tiradentes como local de atividades culturais da cidade, 1928	43
Figura 11 –	Rua do Lavradio ligando a Praça Tiradentes à Lapa, 1910	44
Figura 12 –	Morro de Santo Antônio, 1914	45
Figura 13 –	Morro de Santo Antônio, 1914	45
Figura 14 –	Derrubada do Morro de Santo Antônio na década de 1950	46
Figura 15 –	Cinelândia como polo de diversão, 1960	47
Figura 16 –	Avenida Almirante Barroso e Avenida República do Chile, sem data	48
Figura 17 –	Avenida Chile e Rua do Lavradio, aproximadamente 1960	48
Figura 18 –	Limites do Corredor Cultural e Rua do Lavradio em destaque	51
Figura 19 –	Limites do Corredor Cultural na Rua do Lavradio	51
Figura 20 –	Limites do Corredor Cultural na Rua do Lavradio	51
Figura 21 –	Enchentes na Rua do Lavradio, 1940	53
Figura 22 –	Enchentes na Rua do Senado, sem data	53
Figura 23 –	Rua do Lavradio esquina com a Rua Visconde do Rio Branco, 1990	54
Figura 24 –	Terminal de ônibus após sua transferência para a Rua do Lavradio, 1992	54
Figura 25 –	Início da Feira Rio Antigo, sem data	56
Figura 26 –	Início da Feira Rio Antigo, sem data	56
Figura 27 –	Feira Rio Antigo, 2003	56
Figura 28 –	Feira Rio Antigo, 2003	56
Figura 29 –	Objetos e móveis expostos no início da Feira Rio Antigo, sem data	57
Figura 30 –	Objetos e móveis expostos no início da Feira Rio Antigo, sem data	57
Figura 31 –	Cantora na Feira Rio Antigo, sem data	57
Figura 32 –	Cantora na Feira Rio Antigo, sem data	57
Figura 33 –	Apresentação de dança na Feira Rio Antigo, 2003	58
Figura 34 –	Atração da Feira Rio Antigo, sem data	58
Figura 35 –	Barracas de alimentação para os visitantes, sem data	58
Figura 36 –	Barracas de alimentação para os visitantes, sem data	58
Figura 37 –	Esquema gráfico apresentando a quantidade de entrevistados	64

Figura 38 –	Contexto onde se insere a Rua do Lavradio, 2012	65
Figura 39 –	Malha viária no entorno da Rua do Lavradio	66
Figura 40 –	Trânsito mais intenso durante a semana, 2013	66
Figura 41 –	Terminal de ônibus na Rua do Senado, 2012	67
Figura 42 –	Embarque e desembarque para táxis na Rua do Lavradio, 2013	67
Figura 43 –	Primeira quadra da Rua do Lavradio com acesso restrito de veículos, 2013	67
Figura 44 –	Primeira quadra da Rua do Lavradio com acesso restrito de veículos, 2013	67
Figura 45 –	Segunda quadra da Rua do Lavradio dividida pelo canteiro central, 2013	68
Figura 46 –	Segunda quadra da Rua do Lavradio dividida pelo canteiro central, 2013	68
Figura 47 –	Avenida Chile com circulação de veículos no fim de semana, 2012	68
Figura 48 –	Avenida Chile com circulação de veículos durante a semana, 2013	68
Figura 49 –	Terceira quadra da Rua do Lavradio com a diferença entre a largura das calçadas, 2013	69
Figura 50 –	Terceira quadra da Rua do Lavradio com arborização no lado ímpar da rua, 2013	69
Figura 51 –	Quarta quadra da Rua do Lavradio, com o lado par densamente edificado, 2013	69
Figura 52 –	Quarta quadra da Rua do Lavradio, com o lado ímpar apresentando vazios urbanos, 2013	69
Figura 53 –	Quinta quadra da Rua do Lavradio e o conjunto de edificações preservadas, 2012	70
Figura 54 –	Quinta quadra da Rua do Lavradio e o conjunto de edificações preservadas, 2013	70
Figura 55 –	Mapa de figura e fundo	70
Figura 56 –	Mapa de fundo e figura	70
Figura 57 –	Rua do Lavradio, lado ímpar da primeira quadra, 2013	71
Figura 58 –	Rua do Lavradio, lado par da terceira quadra, 2013	71
Figura 59 –	Escola Municipal Celestino da Silva, 2013	71
Figura 60 –	Sociedade Brasileira de Belas-Artes ao lado do edifício da TV Brasil, 2013	71
Figura 61 –	Edifício Oi Telefônica e ao fundo Rio Metropolitan Center, 2013	71
Figura 62 –	Antiga Associação Beneficente Luso-Brasileira, 2008	73
Figura 63 –	Edifício Morro de Santo Antônio, 2008	73
Figura 64 –	Sobrado da Rua do Lavradio, lado ímpar da quarta quadra, 2008	73
Figura 65 –	Sobrados da Rua do Lavradio, lado ímpar da quarta quadra, 2013	73
Figura 66 –	Templo Maçônico Grande Oriente do Brasil, 2013	74
Figura 67 –	Ciep José Pedro Varela, 2008	74
Figura 68 –	Tribunal Regional do Trabalho, 2013	74
Figura 69 –	Centro Comercial, 2013	74
Figura 70 –	Contraste entre os dois lados da Rua do Lavradio	75
Figura 71 –	Mapa de gabarito	75
Figura 72 –	Perfis da rua e rupturas no tecido, nas tipologias e volumes edificados	76
Figura 73 –	Edifício antes do desabamento, 2012	77
Figura 74 –	Edifício no dia do desabamento, 2012	77
Figura 75 –	Vila residencial antes da reforma, 2012	78
Figura 76 –	Vila residencial durante a reforma, 2013	78
Figura 77 –	Sobrado nº 110 antes da reforma, 2008	79
Figura 78 –	Sobrado nº 110 após a reforma, 2012	79
Figura 79 –	Limites dos Quarteirões Culturais e do Polo Gastronômico	80

Figura 80 –	Mapa de uso do solo	81
Figura 81 –	Restaurantes do Quarteirão Cultural durante o dia, 2013	82
Figura 82 –	Restaurantes do Quarteirão Cultural durante a noite, 2013	82
Figura 83 –	Lojas de móveis antigos e antiguidades na primeira quadra, 2013	83
Figura 84 –	Lojas de móveis antigos e antiguidades na quarta quadra, 2013	83
Figura 85 –	Transeuntes em frente ao TRT, 2013	83
Figura 86 –	Transeuntes em frente ao Rio Metropolitan Center, 2013	83
Figura 87 –	Diferentes tipos de usos na rua: padaria, 2012	84
Figura 88 –	Diferentes tipos de usos na rua: loja de roupa, 2013	84
Figura 89 –	Estacionamento de veículos privado durante a semana, 2012	85
Figura 90 –	Carros estacionados ao longo da rua durante a semana, 2013	85
Figura 91 –	Praça Emilinha Borba durante o final de semana, 2012	86
Figura 92 –	Praça Emilinha Borba nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	86
Figura 93 –	Praça localizada ao lado do Templo Maçônico, 2012	86
Figura 94 –	Praça localizada ao lado do Templo Maçônico, 2013	86
Figura 95 –	Praça em frente ao Ciep durante os dias de semana, 2013	87
Figura 96 –	Praça em frente ao Ciep durante os dias de semana, 2013	87
Figura 97 –	Praça em frente ao Ciep durante o final de semana, 2012	87
Figura 98 –	Praça em frente ao Ciep nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	87
Figura 99 –	Cartaz de promoção da Feira Rio Antigo	88
Figura 100 –	Cartaz de promoção da Mostra de Antiguidades e Gastronomia	88
Figura 101 –	Visitantes nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	89
Figura 102 –	Visitantes nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	89
Figura 103 –	Apropriação da rua por bares e restaurantes nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	89
Figura 104 –	Apropriação da rua por bares e restaurantes nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	89
Figura 105 –	Barracas e mercadorias ao longo da Rua do Lavradio nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	90
Figura 106 –	Barracas e mercadorias ao longo da Rua do Lavradio nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	90
Figura 107 –	Antiguidades distribuídas ao longo da Rua do Lavradio nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	90
Figura 108 –	Antiguidades distribuídas ao longo da Rua do Lavradio nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	90
Figura 109 –	Mercadorias distribuídas ao longo da Rua do Lavradio, 2012	91
Figura 110 –	Vendedores ambulantes nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	91
Figura 111 –	Apresentação de hip-hop com violino, 2012	91
Figura 112 –	Divulgação de grupo musical, 2012	91
Figura 113 –	Artista realizando apresentação de música instrumental, 2012	91
Figura 114 –	Artista realizando apresentação de música instrumental, 2012	91
Figura 115 –	Grupo de capoeira realizando performance urbana, 2012	92
Figura 116 –	Artista de rua realizando performance urbana, 2012	92
Figura 117 –	Rua do Resende nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	92
Figura 118 –	Rua do Senado nos dias da Feira Rio Antigo, 2012	92

APRESENTAÇÃO

O primeiro contato que tive com a Rua do Lavradio, localizada no bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, foi aproximadamente em 1996 quando a Feira Rio Antigo teve seu início.

Pouco antes disso, meus familiares já haviam alugado uma loja nesta mesma rua com o intuito de comercializar antiguidades. Como minha família atuou na rua durante aproximadamente 15 anos, minha relação com esta sempre foi constante.

Durante minha infância, ouvi meu avô materno falar, seguidamente, sobre suas andanças na Rua do Lavradio e na Lapa, onde trabalhou muitos anos como carteiro. Meu avô narrava muitas histórias sobre sua rotina de trabalho, os lugares que frequentava e como era a vida boêmia.

Lembro-me como eram agradáveis os dias em que nos reuníamos para participar da feira. Sempre foi interessante observar a alegria das pessoas e a diversidade cultural ali existente. Recordo-me de que, naquela época, o lugar abrigava poucas lanchonetes ou bares. Durante as feiras, alguns comerciantes instalavam pequenas barracas que serviam de apoio para a alimentação dos visitantes.

Em agosto de 2009, quando apresentei meu Trabalho Final de Graduação no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, realizei o projeto de um *Centro de Comércio de Antiguidades* localizado na Rua do Lavradio da cidade do Rio de Janeiro. A proposta buscava consolidar uma tradição cultural – o comércio de antiguidades – que, progressivamente, vinha perdendo espaço para outros usos, como bares, restaurantes e casas musicais. O interesse de ressaltar o significado histórico da rua e manter viva a memória cultural – valorizando sua relação direta com a Feira Rio Antigo e com as novas tendências de entretenimento da região – já continha uma direção de estudos, envolvendo o campo da subjetividade, da memória e das práticas sociais e culturais.

Perto do final da Graduação, passei a me interessar por questões acadêmicas pouco abordadas ao longo de minha formação universitária. A vontade de vir a estudá-las estimulou, ainda mais, meu interesse pela pesquisa. Desde então, comecei a procurar onde, no campo da Arquitetura, se encontravam pistas e auxílios que pudessem contribuir para ampliar meu conhecimento daquilo que vinha me entusiasmando. Iniciei esse processo de estudo, através da leitura de textos e artigos, direcionando-me a estudar questões relativas à subjetividade.

Tais razões fizeram-me participar, em novembro de 2009, do Seminário *Ambiências Compartilhadas: cultura, corpo e linguagem*¹. Através dos trabalhos ali apresentados e das discussões teóricas sobre os temas do Seminário e sobre o problema da inserção direta no espaço como forma de vivenciar a atmosfera urbana, pude compreender melhor o conceito de *ambiência*, que antes já buscava em meus trabalhos na Graduação, mesmo não denominando de *ambiência* e sim de elementos subjetivos.

Em abril de 2010, surgiu a possibilidade de assistir ao conjunto de depoimentos de artistas sobre seus ateliês, apresentados no Evento *Possibilidades do Ateliê Contemporâneo*², na Escola de Artes Visuais do Parque Laje. Mostrou-se ali uma investigação sobre a relevância do espaço físico e simbólico do ateliê e de que forma este mesmo espaço poderia atribuir novas configurações, conceitos e modos de conceber novos *lugares* na atualidade. Nessa ocasião, pude perceber como o espaço construído de criação interfere na forma como o artista concebe sua obra e que a relação do artista com sua obra também se diferencia à medida que sua atuação pode ser individual ou coletiva, ou em lugares temporários, sem limites físicos estabelecidos, como é o caso do espaço urbano.

Essas experiências deram origem à primeira versão do meu projeto de pesquisa – *Ateliês de artistas brasileiros contemporâneos: arquitetura, arte, subjetividade (um estudo de ambiências)*, submetido à seleção de mestrado do Proarq, realizada no ano de 2010.

Em julho de 2010, obtive uma bolsa Faperj no Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast. O envolvimento com projetos para exposições e a proximidade com a instituição, que desenvolve diversos trabalhos voltados para pesquisa, aumentaram, ainda mais, meu interesse pela subjetividade envolvida nas relações pessoa-ambiente. Em outubro de 2011, passei a atuar no museu como bolsista do Programa de Capacitação Institucional (PCI/CNPq), função em que tenho a oportunidade de desenvolver projetos expográficos juntamente com uma pesquisa.

Durante o primeiro ano do mestrado, na disciplina Teoria e Prática de Ensino de Projeto, tive a oportunidade de conhecer o professor Paulo Afonso Rheingantz. Por meio de nossas trocas e conversas no decorrer das aulas, nos aproximamos devido ao interesse comum por abordagens capazes de ampliar nosso entendimento sobre a subjetividade das relações pessoa-ambiente e sua importância para a avaliação pós-ocupação, o que resultou no convite para o professor Rheingantz ser meu orientador.

Incentivada pelos encontros e conversas com o professor Paulo e, também, pelas discussões apresentadas nas demais disciplinas, refiz meu projeto de pesquisa. O projeto de pesquisa

¹ Organizado pelos professores Cristiane Rose Duarte (ASC/UFRJ) e Jean Paul Thibaud (Cresson/ CNRS).

² Realizado pelo Projeto Subsolo, sob a organização de Fernanda Pequeno (Instituto de Artes/Uerj) e Ana Angélica (Instituto de Artes/Uerj).

submetido à seleção de mestrado sofreu algumas alterações após o desenvolvimento da pesquisa, originando uma segunda versão – *Arquitetura, arte e subjetividade: tecendo relações entre o artista e seu ateliê na contemporaneidade*. Pretendia investigar a relação artista-ambiente, tendo em mente que o ateliê, na contemporaneidade, pode ser entendido em sentido ampliado, como local de diferentes experiências e que se apropria de ambientes distintos. As principais intenções eram verificar quais os reflexos na apropriação e no uso durante o trabalho da criação artística e como a arte visual e a arquitetura se relacionavam, considerando suas interferências recíprocas.

No entanto, os artistas que aceitaram participar da pesquisa não puderam abrir seus ateliês devido a seus inúmeros compromissos e viagens. Como alternativa, tentei realizar a pesquisa na antiga fábrica de chocolate da Bhering, no bairro de Santo Cristo, transformada em um complexo de ateliês e estúdios de artistas. Visitando o local, obtive, dos responsáveis pela administração da fábrica, informações de que os artistas trabalhavam em seus ateliês em horários muito variados. Alguns trabalhavam até mesmo durante a noite. Considerando as limitações de tempo e os prazos de uma pesquisa de mestrado, fui orientada pelo professor Paulo Afonso a escolher outro tema.

Tendo como base algumas inquietações sobre a Rua do Lavradio e considerando como ponto de partida os estudos que haviam sido iniciados durante o meu Trabalho Final de Graduação, elaborei um novo projeto – *Rua do Lavradio: cartografando traços e rastros do coletivo-lugar* – que, após seu desenvolvimento, originou esta dissertação de mestrado.

A leitura de artigos sobre a Rua do Lavradio e da tese de doutorado de Denise de Alcantara, *Abordagem Experiencial e Revitalização de Centros Históricos: os Casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego* (2008), também orientada pelo professor Rheingantz, evidenciou meu alinhamento conceitual e temático com seu trabalho. Como resultado, a professora Denise aceitou o convite para co-orientar minha pesquisa.

Com a participação no grupo ProLugar, coordenado pelo professor Paulo e a partir do alinhamento do grupo com a Teoria Ator-Rede, percebi a possibilidade de explorar a dinâmica da Rua do Lavradio considerando seus processos de transformação, seus movimentos, suas mudanças de uso e de perfil. O *lugar* é considerado um *coletivo*, que reúne subjetividades e materialidades, moldadas a partir das relações que nele se estabelecem e se fazem por agenciamentos. Interessa-me, a partir de traços e rastros deixados pelos atores, sejam eles humanos ou não humanos, mostrar as *controvérsias* e o que vem a ser a Rua do Lavradio através de sua diversidade de narrativas.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (Proarq) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Vincula-se à área de concentração Qualidade, Ambiente e Paisagem, linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído. Insere-se no Projeto de Pesquisa *Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade*³, do grupo *Qualidade do Lugar e Paisagem* (ProLugar).

A pesquisa relaciona-se com o tema *qualidade do lugar* com ênfase na subjetividade das relações, que envolve diferentes atores do ambiente urbano Rua do Lavradio, localizada no bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro, e seus entrelaçamentos com a materialidade – características físico-espaciais da morfologia urbana⁴.

Trata-se de compreender a Rua do Lavradio como local de múltiplas transformações e pluraridade econômica, social, cultural, política e morfológica, que se configura como ambiente que é carregado de estímulos multissensoriais que influenciam comportamentos, usos e apropriações por parte das pessoas. Ressalta-se, assim, a importância de acompanhar os movimentos que vêm acontecendo na rua, desde seu surgimento até a atualidade, tendo em vista suas mudanças no que diz respeito aos seus usos e funções.

A Rua do Lavradio, a partir da década de 1950, passou a agregar diversos brechós e antiquários com o fim do mercado de móveis – antes localizado na antiga Praça Onze. As mudanças ocorridas pela abertura da Avenida Presidente Vargas fizeram com que os comerciantes se transferissem para a Lapa e suas imediações, ocupando os casarios históricos que estavam desvalorizados e em estado de abandono⁵ (FROÉS, 2007).

Com a falta de ações e de investimentos públicos no Centro, a exemplo de toda a área central da cidade, a Rua do Lavradio – já consolidada como a *Rua dos Antiquários* – foi apresentando mais sinais da decadência (FROÉS, 2007). Em 1996, na tentativa de recuperar a rua degradada e atrair visitantes e consumidores, os proprietários dos imóveis e os comerciantes de móveis e objetos de época se uniram na Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo (Accra) – até então

³ Projeto coordenado pelo professor Paulo Afonso Rheingantz. Processo CNPq n. 303365/2010-2.

⁴ Esta pesquisa dá continuidade à pesquisa *Abordagem Experiencial e Revitalização de Centros Históricos: Os Casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego* (ALCANTARA, 2008). No entanto, a aplicabilidade dos entendimentos de *coletivo e tradução* e do método da *cartografia de controvérsias* na avaliação da *qualidade do lugar* coloca o pesquisador como ator-rede, ou seja, um efeito das redes. Dentro desse entendimento, a *abordagem experiencial* (AE), testada por Alcantara (2008), passa a ser mais um ator, na qual o pesquisador é mais uma voz dentro da rede, deixando de atuar como protagonista e anulando a hierarquia entre si e os demais atores envolvidos no processo de constituição das redes.

⁵ O início da década de 1960 – com a mudança da capital para Brasília – e o início da década de 1970 – com a fusão do Estado da Guanabara com o do Rio de Janeiro, a transformação da capital em município e a expansão da cidade na direção da Zona Sul e, posteriormente, para a Barra – marcaram um longo período de empobrecimento para toda a área central e histórica.

desativada – e passaram a promover, a cada primeiro sábado do mês, uma feira de antiguidades, denominada Feira Rio Antigo.

A feira passou a atuar como elemento de resistência e apropriação do espaço público e como referência da cultura local. Com o desenvolvimento trazido pela instalação da feira, a prefeitura financiou um projeto de infraestrutura e recuperação da rua. A obra foi concluída em 2002 e operou inúmeras melhorias naquele trecho do centro da cidade. A partir das iniciativas dos comerciantes e das benfeitorias implementadas, a Rua do Lavradio passou a ser cada vez mais reconhecida como a *Rua dos Antiquários*.

Atualmente, em decorrência da diminuição do número de antiquários e do crescimento do número de bares e restaurantes, a Rua do Lavradio e seu entorno passaram a ser conhecidos como locais de lazer e entretenimento⁶. A rua começou a agregar outros usos, favorecendo novas dinâmicas sociais e urbanas, tanto durante o dia, quanto no período noturno. Verifica-se, ainda, um número significativo de edificações aparentemente fechadas e sem uso – muitas sendo utilizadas como depósitos das lojas que ali funcionam.

Além disso, é possível notar que a Feira Rio Antigo também sofreu algumas alterações, pois, começou a comercializar diferentes tipos de artefatos de épocas distintas, dentre eles inúmeros objetos e peças de artesanato.

Em função disso, na pesquisa, parte-se da premissa de que **a Rua do Lavradio, por ser um local de reconhecido valor histórico-cultural, deve ser um exemplo de criação do lugar em virtude de seus reconhecidos processos de transformação, que guardam as marcas dos diversos tempos e das atividades que nela se desenvolvem.**

Acredita-se que as transformações ocorridas resultam das múltiplas relações e prováveis dissonâncias, que se estabeleceram entre os diversos atores envolvidos na dinâmica da rua. Esta multiplicidade acaba por gerar diversas narrativas possíveis a respeito dos desejos de permanência e/ou mudanças de usos, forma e apropriação da rua.

Entende-se que, por meio das relações subjetivas e dos atributos geradores de qualidade, tais como as características espaciais e morfológicas e os aspectos que não são facilmente definíveis – aspectos imantados⁷ – a rua forma uma *rede-sociotécnica* ou *coletivo* (LATOUR, 2001).

Diante destas justificativas, busca-se responder à seguinte questão ou **problema**:

⁶ Este movimento ocorreu inicialmente por iniciativa dos próprios antiquários, que passaram a promover *happy hours* com apresentações de música ao vivo e serviços de bar. O objetivo principal era atrair uma nova clientela e estender o movimento além do horário comercial.

⁷ O pensador francês Roland Barthes (2008), em seu livro *A câmara clara: nota sobre a fotografia*, diz que o que mais lhe interessa é observar o *“punctum”*: aquilo que em algum lugar de uma fotografia – mesmo sendo aparentemente insignificante – nos abala, nos comove e nos agita. Na pesquisa são considerados aspectos imantados, todos os aspectos que têm a capacidade de atrair as pessoas.

Quais são as relações, elementos e *controvérsias* que contribuem para a construção do sentido de *lugar* e *atrribilidade* da Rua do Lavradio, localizada na região central da cidade do Rio de Janeiro?

Para dar conta desta problemática, a pesquisa tem como objetivo principal **cartografar as relações de instabilidades e *controvérsias* juntamente com a materialidade, que contribuem para o processo de construção do *lugar* Rua do Lavradio**. Pretende-se, ainda, como objetivos específicos:

(a) Identificar aspectos da subjetividade e da materialidade que configuram o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

(b) Mapear as *controvérsias* envolvendo os desejos de permanência e mudanças de usos, forma e apropriação características do processo de construção do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

(c) Cartografar a dinâmica e a multiplicidade das relações envolvendo os atores e suas diversas narrativas sobre a construção do sentido de *coletivo-lugar* Rua do Lavradio em três diferentes momentos (*collages*) – passado, presente e perspectivas de futuro (prospecções e cenários possíveis).

As bases teóricas que fundamentam a pesquisa estão em alinhamento com os estudos em desenvolvimento no âmbito do grupo ProLugar⁸ sobre as relações e movimentos que influenciam o entendimento: (a) de *lugar* como uma rede *sociotécnica* ou *coletivo* que associa atores⁹ humanos e não humanos; (b) de que as categorizações modernas – marcadas por uma lógica que privilegia a dicotomia pessoa-ambiente – não têm sido propícias para dar conta da condição de atores-observadores.

Com isso, o interesse da pesquisa volta-se para a Teoria Ator-Rede (TAR)¹⁰, cuja formulação teórico-metodológica enfatiza as *conexões* entre humanos e não humanos e evita a separação entre sujeito e objeto, causa e efeito e natureza e cultura (LATOURE, 2001). Exploram-se, ainda, as relações envolvendo um conjunto de trocas entre os atores humanos e não humanos que configuram um determinado *coletivo* ou *rede sociotécnica*, em um processo em que os atores afetam ao mesmo tempo em que são afetados (LATOURE, 2001).

⁸ Grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem, coordenado pelo professor Paulo Afonso Rheingantz.

⁹ Um ator pode ser entendido como tudo o que tem agência e é capaz de produzir transformações na ação em uma *rede sociotécnica*. Do inglês *actant*. Os atores podem ser compreendidos como elementos do ambiente: autores, administradores, poder público, incorporadores, gestores, agentes financiadores, materiais e sistemas, elementos da paisagem.

¹⁰ Do inglês Actor-Network Theory (ANT). Em português, denomina-se Teoria Ator-Rede ou *Sociologia da Tradução*. É reconhecida como uma corrente de pensamento proposta por Bruno Latour, Michel Callon e John Law alinhada com os Estudos Ciência-Tecnologia-Sociedade. Baseia-se na hipótese de que atualmente tecnologia e sociedade encontram-se hibridadas e de que objetos técnicos não são somente ferramentas determinadas pelos humanos. Explora a ideia de que atores humanos e não humanos estão sempre conectados por uma *rede sociotécnica* e mantêm relações entre si.

Valer-se, portanto, dos fundamentos da TAR, na pesquisa da Rua do Lavradio, significa reunir um conjunto heterogêneo de narrativas sobre a qualidade do *coletivo-lugar*, diluindo a hierarquia existente entre os atores, mapear os diferentes pontos de vista, traçar a multiplicidade de instabilidades e estabilizações, interagir de maneira direta e entender as transformações que vêm sendo produzidas na rua – sejam em sua aparência, funcionalidade ou uso – ao longo de sua história e, também, na atualidade.

A pesquisa envolve, portanto, duas etapas entrelaçadas: a etapa teórica e a prática (experiência). A fundamentação teórica teve como objetivo aprofundar o conhecimento sobre a evolução histórica e urbana da rua e sobre as bases teóricas da Teoria Ator-Rede. A experiência foi realizada por meio da imersão do pesquisador no *coletivo-lugar* Rua do Lavradio de modo aberto e consciente (ALCANTARA, 2008; ALCANTARA, 2010), em diferentes momentos.

Para dar conta da dinâmica de movimento da rua, a estratégia metodológica da pesquisa baseia-se na *cartografia de controvérsias*¹¹. Por meio de explicitações, agenciamentos, embates, silenciamentos e jogos de poder, as *controvérsias* colocam em evidência o processo de produção de dada realidade (ROCHA, 2012) e permitem atentar para os inúmeros acontecimentos que participam da formação do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

A proposta é seguir os atores e observar suas *traduções* – apropriação singular que cada ator faz da rede e na rede, o que permite qualquer ator interpretar as ações, os anseios e as linguagens dos demais atores, enfatizando os movimentos e deslocamentos que ocorrem na rede (RHEINGANTZ et al., 2012). Em prol das conexões, a dicotomia sujeito-objeto se desfaz: o objeto torna-se agente e o observador passa a ser também um ator ou *mediador* (RHEINGANTZ, 2013).

No decorrer da cartografia e do processo de interação do pesquisador com a rua, foram adotados os seguintes passos¹²: (1) a escolha por uma *porta de entrada*, em que tomou-se como base as experiências anteriores do observador no *coletivo-lugar*, atrelado às mudanças de usos e funções da rua desde sua origem até o seu presente momento; (2) a identificação dos *porta-vozes*, ou seja, dos atores que falam pela rede: primeiramente, foram identificados os grupos que atuam na Rua do Lavradio e, em seguida, os atores que seriam seguidos – visitantes, expositores, antigos e atuais moradores e comerciantes de antiguidades. Os *porta-vozes* foram identificados em função das *controvérsias* observadas no decorrer das entrevistas. A escolha dos atores seguidos teve como objetivo dar voz aos atores pouco ouvidos na rede, já que membros da Associação, proprietários de restaurantes, bares, estabelecimentos comerciais, empresas, dentre outros, têm sido evidenciados em algumas matérias publicadas sobre o *coletivo-lugar* Rua do

¹¹ Assim como os fundamentos teóricos da pesquisa, ao adotar a *cartografia de controvérsias* consideram-se os pressupostos da pesquisa *Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade*, projeto coordenado pelo professor Paulo Afonso Rheingantz. Processo CNPq nº. 303365/2010-2.

¹² Cf. Trannin; Pedro (2007 apud PEDRO, 2010).

Lavrado; (3) o acesso ao que materializava a rede – informações de textos, artigos publicados, notícias de revistas e jornais, mapas etc.

Além do método da *cartografia de controvérsias* foram utilizados os instrumentos de análise tipomorfológica da avaliação pós-ocupação para conhecer características físicas e espaciais da rua – atores não humanos. Durante esta análise foram realizados levantamentos, tais como: uso e ocupação do solo, gabarito das edificações, tipologias arquitetônicas, aspectos da paisagem, sistemas das vias próximas ao local e legislação de proteção ao patrimônio.

A aplicação das entrevistas semiestruturadas foi realizada para obter as *traduções* dos atores humanos com relação ao lugar. Por meio desta ferramenta foi possível obter um panorama da atitude e da percepção dos atores que se relacionam com o ambiente, ressaltando as características positivas e negativas que os usuários possuem sobre o local.

Todas as informações foram apreendidas não só a partir da imersão no local, mas também de forma indireta, por meio de notícias de revistas e jornais.

A estratégia metodológica adotada permitiu esboçar um conjunto de relatos e entender os aspectos estruturadores que se relacionam com o sentido de *lugar* e *atribuibilidade* da rua. Por meio das diferentes narrativas dos atores – humanos e não humanos – foi possível minimizar, ou até mesmo diluir a hierarquia entre ambos. A diversidade de *traduções* apresentadas pelos atores humanos evidencia a complexidade das relações, bem como as inúmeras *controvérsias* presentes na dinâmica de movimento do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

Espera-se, com isso, ressaltar os movimentos da Rua do Lavradio, assim como os atores que participam da dinâmica do lugar, mas que nem sempre compartilham de maneira homogênea e convergente os significados e materializações da rua. Almeja-se, ainda, evidenciar a importância da abordagem *sociotécnica*, por envolver o meio urbano, os edifícios que o constituem e as pessoas que dele se utilizam; ou seja, a subjetividade e a materialidade que se fazem presentes nas relações entre humanos e não humanos e que participam da construção do sentido de *coletivo-lugar*.

A dissertação foi estruturada em duas partes. A primeira parte divide-se em três capítulos, nos quais são apresentadas as bases conceituais que norteiam a pesquisa, assim como as estratégias metodológicas.

No capítulo 1 – ***A construção do sentido de lugar*** – apresentam-se alguns argumentos sobre as relações pessoa-ambiente – Fischer (1994); Tuan (1980) e as bases conceituais a respeito da construção do sentido de *lugar* – Norberg-Schoulz (1976), Tuan (1983) e Santos (2006; 2009). Além disso, explora-se o entendimento de *lugar* a partir da atualidade e suas implicações – Castello (2005) e Montaner (2001).

No capítulo 2 – **Arquitetura e Teoria-Ator Rede** – exploram-se os fundamentos de *coletivo e rede-sociotécnica* e suas possíveis aplicações na Arquitetura e Urbanismo, sobretudo seus possíveis desdobramentos a partir da visão de Latour (2012) e Law (1992), que propõem que a sociedade deve ser vista como uma rede heterogênea, constituída de humanos e não humanos.

No capítulo 3 – **Estratégias Metodológicas** explora-se o entendimento da *cartografia de controvérsias*, bem como a noção de *tradução*, com base em Latour (2001), Law (1992), dentre outros autores. Apresentam-se, ainda, os processos realizados para a análise das características formais do ambiente construído e para a aplicação das entrevistas semiestruturadas, que visam compreender como os atores se relacionam com o ambiente, ressaltando as *controvérsias* sobre o local.

A segunda parte da pesquisa estrutura-se em três diferentes *collages* (FUÃO, 2011): passado, presente e perspectivas de futuro. De acordo com Fuão (2011), a *collage* é um processo de produção de novos objetos, formas e imagens, provenientes da associação de objetos e figuras existentes. Deixa o mundo falar através de seus signos e fragmentos. “É uma linguagem, uma conversa que grita contra a ordem das coisas, de seus conceitos e significados, de suas intolerâncias e preconceitos. É uma antilinguagem, uma linguagem de violação de códigos” (FUÃO, 2011, p.9).

A *collage* depende de certos materiais, instrumentos e, ainda, de algumas etapas que devem ser realizadas durante o procedimento. Com base em Fuão (2011), na primeira etapa – RECORTE – foram selecionados os movimentos que se pensava utilizar, recortando-os conforme se tinha interesse e de acordo com a problemática da pesquisa. Como resultado, surgiram os FRAGMENTOS. Na fase seguinte – ENCONTROS – foi feita a associação destes movimentos de acordo com a temporalidade (passado, presente e perspectivas de futuro). Finalmente, na última etapa, os elementos foram unidos através da COLA. Ressalta-se, contudo, que esta última etapa, apesar de sugerir certa imobilidade, não pretende congelar os movimentos, uma vez que estes são constantes dentro da rede. Existem, ainda, outras possibilidades de encontros. As *collages* apresentadas são, portanto, apenas mais uma forma de traduzir a rede.

A primeira *collage* – **Origem e formação do coletivo-lugar** (capítulo 4) – refere-se à origem e formação do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, em que é apresentada uma descrição da rua, para que seja compreendida sua evolução histórica e urbana.

A segunda *collage* – **O coletivo-lugar na atualidade** (capítulo 5) – refere-se ao momento atual da rua e busca entrelaçar humanos e não humanos por meio de um conjunto heterogêneo de *traduções*. Neste capítulo, apresentam-se as informações relevantes sobre os aspectos físico-morfológicos da rua e sobre o processo de interação do pesquisador com a rua e seus usuários.

As *traduções* e narrativas buscam evidenciar as *controvérsias* que dão o sentido de *lugar* à Rua do Lavradio, tendo como base as diversas questões em movimento.

Na terceira *collage* – ***Cenários futuros do coletivo-lugar*** (capítulo 6) – apresentam-se as perspectivas de futuro do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, quais as mudanças desejadas, bem como as expectativas dos atores com relação à rua e ao que está sendo produzido pela rede através de seus movimentos.

Nas ***Considerações Finais*** retomam-se os objetivos da pesquisa e os resultados das estratégias metodológicas, bem como a importância da abordagem. Ressalta-se que, sob a ótica da Teoria Ator-Rede, o ambiente construído passa a ser visto como algo que tem agência e faz parte do social, o que contribui para se compreender melhor as relações pessoa-ambiente.



1. A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE *LUGAR*

Este capítulo refere-se às bases teóricas sobre a construção do sentido de *lugar*. Baseia-se nos princípios teóricos que fazem referência às relações pessoa-ambiente, às experiências produzidas no ambiente construído e suas possíveis traduções a partir da atualidade. Na sequência do capítulo são abordadas algumas compreensões de diferentes campos do conhecimento que se relacionam com o entendimento de *lugar*. Além disso, são apresentadas significações dos termos *ambiente* e *espaço* que de alguma forma se aproximam da noção do primeiro termo.

1.1. A EXPERIÊNCIA COM O *LUGAR*

A palavra *experiência*, do latim *experientia*, define-se segundo o dicionário eletrônico Houaiss (2009), como “(1) experimentação, experimento (método científico); (2) qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos; (3) forma de conhecimento abrangente, não organizado, ou de sabedoria, adquirida de maneira espontânea durante a vida; prática [...]”. Logo, ao se tratar das relações pessoa-ambiente, entende-se que os indivíduos, quando interagem com o meio em que vivem, adquirem conhecimentos, criam valores e percebem sua existência no mundo. Ou seja, *experienciam* o mundo. Alguns ambientes tornam-se acolhedores, atrativos, ou até mesmo, hostis devido às atividades que neles ocorrem, aos valores neles depositados ou por meio das diretrizes projetuais de arquitetura. O sentimento de afeto ou aversão pelo ambiente também é produzido pela familiaridade e tende a sofrer variações devido ao tipo de relação pessoa-ambiente (TUAN, 1980).

As influências do ambiente no comportamento humano – evidenciadas por algumas disciplinas das ciências humanas, como a antropologia, a sociologia e a psicologia – demonstram que para se ter compreensão da interação que ocorre entre ambos, faz-se necessário observar o ser humano em sua relação com o ambiente que, em sua totalidade, configura-se como algo complexo, vivo, dinâmico e diversificado (ALCANTARA, 2008). Assim, torna-se relevante entender a complexidade, bem como as *controvérsias* pertinentes aos processos de formação e da experiência humana com o *lugar*.

Para o psicólogo Gustave-N Fischer (1994), a relação pessoa-ambiente é um processo ininterrupto em que os ambientes são moldados através de um grupo de pessoas, que na tentativa de se adaptar ao meio onde desenvolvem suas atividades, acabam por realizar alterações em seus ambientes. Essas alterações provocam mudanças na maneira como esse grupo percebe e se relaciona com o meio, tornando-se necessário considerar para qualquer análise a ser feita, o contexto social, bem como a herança cultural das pessoas que habitam determinado ambiente. Segundo Fisher (1994), o ambiente “é essencialmente o espaço

organizado nas nossas sociedades” (FISCHER, 1994, p. 10), onde não se podem “dissociar características físicas e dimensões sociais de um lugar” (FISCHER, 1994, p.10). Para este autor, o espaço arquitetônico não se reduz às suas propriedades materiais, pois conta uma história individual e social, dizendo do grupo e ao grupo qual a sua maneira de viver socialmente em um lugar, de habitar e de trabalhar. Os elementos físicos de um ambiente possuem significados e sinalizam informações que podem interferir na maneira como cada indivíduo se comporta.

No entanto, atualmente, as relações pessoa-ambiente e a produção do ambiente construído têm sofrido reflexos devido às mudanças:

A atualidade pode ser caracterizada pelos efeitos das novas tecnologias que transformam o mundo em um só lugar, ilimitado, imaterial, atemporal; que provocam significativa redução no processo de entendimento do homem sobre o que está à sua volta; que resulta no surgimento de novos modos de territorialidade e na instabilidade da preservação das diversidades culturais, do singular, do simbólico, e dos lugares. As tecnologias da informação e a realidade virtual transformam radicalmente nosso entendimento e experiência de cidade: ao mesmo tempo em que nos tornamos habitantes de uma cidade sem território, nossos lares se transformam em recipientes do mundo. [...] O ambiente construído e seus elementos de conexão simbólica [...] configuram um ambiente relativamente segregado, afastam a arquitetura da história e da cultura locais e a tornam refém da abstração produzida pelas novas tecnologias da informação. A discussão dos conflitos e contradições gerados por este processo e seus reflexos sobre o ambiente construído sugerem duas posturas nas relações pessoa-ambiente: a necessidade de recuperar a qualidade dos ambientes urbanos e de suas funções elementares de proteção e de identificação; e a busca pela reintegração do homem com seu ambiente físico. (RHEINGANTZ et al., 2012, p. 19).

A partir do campo de conhecimento denominado *Ciência, Tecnologia e Sociedade* (CTS)¹³, questiona-se a predominância das ciências e das tecnologias como conhecimento absoluto e incontestável, em detrimento do mundo social. O contexto social revela-se como um processo de produção da ciência, composto por pessoas, arquiteturas, animais, máquinas, textos, ou seja, tudo aquilo que não é apenas humano. Os objetos adquirem um papel relevante e atuam como *mediadores* de praticamente todas as relações entre as pessoas (LAW, 1992).

Esta compreensão transforma o entendimento das relações pessoa-ambiente, que passa a ser vista como um *coletivo*¹⁴ que reúne ciência e sociedade, sujeito e objeto, natureza e cultura (LATOUR, 2001). Ao adotar esta perspectiva no campo da Arquitetura e Urbanismo, evidencia-se que se deve considerar a associação entre humanos e não humanos nas relações pessoa-

¹³ O campo de estudos denominado de CTS surgiu em torno de 1980 tendo como principal objetivo compreender, revisar e decidir a respeito das consequências da ciência e da tecnologia na sociedade atual. Apresenta duas principais vertentes – a norte-americana e a europeia. As duas tradições apresentam como foco superar a ideia tradicional que fundamenta a ciência e a tecnologia, promovendo a cooperação da sociedade nas decisões que conduzem o avanço tanto da ciência, quanto da tecnologia. Evidencia-se que as soluções dos problemas sejam democráticas, superando a manipulação da ciência da tecnologia.

¹⁴ O entendimento deste termo será melhor explorado no capítulo 2 – *Arquitetura e Teoria Ator-Rede*.

ambiente, uma vez que a experiência humana supera a separação entre ambos. Trata-se de ressaltar também o ambiente construído como algo que tem agência e faz parte do social.

A rua deixa de ser um simples plano de fundo e cenário de significados e de materializações dos grupos ou atores humanos que nela estão inseridos e passa a ser mais um ator-rede. Nesse sentido, buscou-se na pesquisa contemplar tanto humanos quanto não humanos, de modo a melhor captar e traduzir as distinções, convergências e *controvérsias* do ambiente, já que nem sempre o ambiente urbano é compartilhado de forma homogênea e convergente. Muitas vezes, o que se configura como um ponto de atração e apreciação para uns, para outros é visto como ruptura ou rompimento. Além disso, considera-se que algumas compreensões a respeito do entendimento de *lugar* ainda se fazem presentes e podem também ser exploradas.

1.2. O ENTENDIMENTO DE *LUGAR*

A construção do sentido de lugar perpassa por diversas áreas. As diferentes compreensões relacionadas com a qualidade do ambiente construído têm evidenciado o debate sobre o tema.

Ressalta-se que as noções de *ambiente* e *espaço*, aqui traduzidas, se aproximam e fazem parte de um mesmo repertório de significações daquilo que se entende como *lugar*. Por este motivo, esta seção também apresenta o entendimento desses dois termos com base em teorias de autores de diferentes campos do conhecimento.

O arquiteto norueguês Christian Norberg-Schulz (1976), baseado em Heidegger e em uma abordagem fenomenológica, reflete sobre a noção de *lugar*. Inspirado na filosofia grega, Norberg-Schulz (1976) demonstra que o *lugar* apresenta um caráter intrínseco. Trata-se do *genius loci*¹⁵, definido como *espírito do lugar*, que se expressa como uma força presente no espaço capaz de evocar sensações e sentimentos. O *lugar* configura-se como campo existencial que abrange as relações básicas entre o homem e o seu meio e divide-se em dois elementos: o *espaço*, que é a terra (orientação) e o *caráter*, que é o céu (identificação). O *espaço* indica a organização tridimensional dos elementos que formam o *lugar*, enquanto o *caráter* refere-se à sua atmosfera geral e é também determinado pela constituição formal e material do *lugar* e inclui a função do tempo.

Norberg-Schulz (1976) utiliza, ainda, para se referir às relações entre o homem e o *lugar*, a palavra *habitar*. De acordo com ele, “quando o homem habita, está simultaneamente localizado no *espaço* e exposto a um determinado *caráter* ambiental” (NORBERG-SCHULZ, 1976, p.455). Conforme o autor, a finalidade da arquitetura é habitar e fazer um *espaço* tornar-se um *lugar*. O

¹⁵ Do latim *genius loci*, é um conceito romano que significa *espírito do lugar*. Para os gregos cada ser tinha o seu espírito guardião. Esse *genius* acompanhava as pessoas e os lugares, desde o nascimento até a morte, conferindo-lhe características, essência e vida.

lugar deve ser compreendido como unidade de experiência, já que “é um fenômeno qualitativo “total”, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista a natureza concreta” (NORBERG-SCHULZ, 1976, p.445). A vida cotidiana e as ações humanas habituais que não ocorrem em um espaço homogêneo e neutro, mas em um espaço qualitativo, repleto de diferenças, representam essa natureza concreta. (NORBERG-SCHULZ, 1976, p.458).

Em outra perspectiva, o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (1983) considera que as noções de *espaço* e *lugar* não podem ser definidas uma sem a outra. *Espaço* é um termo abstrato para traduzir um conjunto complexo de ideias: o que começa como *espaço* indiferenciado pode transformar-se em *lugar* desde que dotado de significado e valor.

Significa, portanto, perceber a importância do ambiente como potência que produz valores e afetos distintos que se constituem somente nas relações que compartilha com as pessoas, ou seja, quando existe uma interação entre o ambiente e aqueles que dele se utilizam. Ainda de acordo com Tuan (1980, p.5), *topofilia* é “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal”. Conforme o autor, os espaços pensados e construídos pelos indivíduos determinam as relações sociais, afetam o comportamento e desenvolvem a percepção das pessoas.

Para Milton Santos, geógrafo brasileiro, não existe uma diferença entre as noções de *espaço* e *lugar*. O autor defende que “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, p.39). Estes dois sistemas interagem e transformam o *espaço*: o sistema de objetos condiciona as ações e o sistema de ações cria objetos novos ou se concretiza sobre objetos preexistentes. Santos (2006) ressalta que, ao se considerar o *espaço* como o resultado dessa união, deve-se criticar a ideia epistemológica da modernidade de buscar somente contribuir a partir de conceitos puros:

Já que a realização concreta da história não separa o natural e o artificial, o natural e o político, devemos propor um outro modo de ver a realidade, oposto a esse trabalho secular de purificação, fundado em dois polos distintos. No mundo de hoje, é frequentemente impossível ao homem comum distinguir claramente as obras da natureza e as obras dos homens e indicar onde termina o puramente técnico e onde começa o puramente social. [...] Seguindo a proposta de Michel Serres, indaga-nos Latour (1991, p. 73) por que, então, em nossa construção epistemológica não preferimos partir dos híbridos, em vez de partir da ideia de conceitos puros? (SANTOS, 2006, p.65).

De acordo com Santos (2006), o *espaço* é um composto de formas e da vida que as anima. Estas formas expressam heranças que simbolizam as contínuas relações dispostas entre indivíduo e natureza. O *espaço* é uma construção horizontal, modelo singular sobre a qual ações passadas são sucedidas por ações recentes. Expressa-se, ainda, como um composto de mercadorias em

que o valor unitário é função do valor que a sociedade confere a cada parcela da paisagem. Por meio de seu uso e através de variadas partes, o *espaço* é uno e múltiplo.

O autor salienta ainda que, com as mudanças nas potencialidades dos locais, estabelece-se a *guerra dos lugares*. Os *lugares* devem utilizar e produzir melhorias para atrair atividades de emprego e de lucro. As estruturas e os equipamentos (recursos materiais) e os serviços (recursos imateriais) são utilizados para que os lugares permaneçam atrativos. Os símbolos herdados ou elaborados evidenciam suas qualidades e ressaltam a imagem do *lugar* como um ímã.

O *espaço* traduz-se, conforme Santos (2009), como “a acumulação desigual de tempos” (SANTOS, 2009, p.9). A atualidade do *espaço*

é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como *tempo*, não porém como *espaço*; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social (SANTOS, 2009, p.14).

O papel e o conteúdo da sociedade transformam-se a cada período histórico e “os lugares – combinações localizadas de variáveis sociais – mudam, de papel e de valor, à medida que a história vai se fazendo” (SANTOS, 2009, p.57). A divisão da sociedade “é o resultado de uma seletividade histórica e geográfica, que é sinônimo de *necessidade*. Essa necessidade decorre de determinações sociais, fruto das necessidades e das possibilidades da sociedade em um dado momento” e “pelas formas preexistentes, portadoras de uma funcionalidade precisa” (SANTOS, 2009, p.61). Por isso, a ideia de *lugar* na atualidade assume um peso muito variável, sendo interpretada de maneiras distintas.

1.3. O ENTENDIMENTO DE *LUGAR* NA ATUALIDADE

O entendimento de *lugar* pode variar de acordo com a escala. Em pequena escala, pode ser entendido como a essência do espaço interior que se concretiza na forma, nos aspectos materiais e nos valores simbólicos. Em grande escala, pode ser entendido como *genius loci*, ou seja, como paisagem característica. Além disso, este entendimento pode ser visto como a relação entre estas duas escalas: a *pequena* escala do interior e a grande escala da implantação (MONTANER, 2001).

De acordo com Montaner (2001), a revalorização do entendimento de *lugar* relaciona-se com o princípio de retomar a história e a memória como valores do *espaço*, desprezado pelo estilo

internacional. Segundo este autor, os entendimentos de *espaço* e *lugar* podem ser separados claramente.

O espaço moderno baseia-se em medidas, posições e relações: é quantitativo; desdobra-se mediante geometrias tridimensionais; é abstrato, lógico, científico e matemático; é uma construção mental. [...] Ao contrário, “o lugar é definido por substantivos, pelas qualidades das coisas e dos elementos, pelos valores simbólicos e históricos; é ambiental e está relacionado fenomenologicamente com o corpo humano” (MONTANER, 2001, p. 31-32).

Para Montaner (2001, p.44), o *lugar* da atualidade caracteriza-se como “intensos focos de acontecimentos, concentrações de dinamismo, torrentes de fluxos de circulação, cenários de fatos efêmeros, cruzamentos de caminhos, momentos energéticos”.

Conforme o autor, na atualidade existem diferentes tipos de lugares: (1) os *espaços midiáticos* – a arquitetura atua como um *contêiner* neutro, configurada por objetos, equipamentos e máquinas que modificam os interiores, tornando-os dinâmicos, tais como os museus que induzem as experiências pela comunicação artificial; (2) os *não lugares*¹⁶ – lugares que dificultam que as pessoas criem vínculos afetivos devido ao pouco tempo de permanência, tornando os indivíduos anônimos, como por exemplo os aeroportos, os hotéis, os hipermercados, os locais de consumo e lazer como shoppings; (3) o *espaço virtual* ou *ciberespaço* – proporciona experiências sem um espaço físico concreto, como a internet ou telefone. É também utilizado por profissionais como arquitetos, designers, engenheiros, músicos etc., para projetar e criar no computador. A arquitetura passa a ser um espaço genérico em que se valorizam a experiência e a informação, transformando “o foco forma-função para as conexões, relações entre ambientes que alteram as noções de limite e fronteira a partir da noção de interação e não delimitação entre coisas, lugares e pessoas, derivadas da lógica da interface” (VIANNA; RHEIGANTZ, 2011, p.50).

De qualquer modo estes entendimentos, segundo Montaner (2012), estão em contínua transformação, pois, “espaços, antiespaços, lugares e não lugares entrelaçam-se, complementam-se, interpenetram-se e convivem” (MONTANER, 2001, p. 50).

Em *Repensando o lugar no projeto urbano: variações na percepção de lugar na virada do milênio (1985-2004)*, Lineu Castello (2005) observa que “a construção deliberada de lugares traz efeitos favoráveis à qualificação das cidades contemporâneas” (CASTELLO, 2005, p.1). Para o autor, as cidades, na virada do milênio, caracterizam-se pela crescente oferta de lugares de variadas configurações: cenários históricos, restaurantes, shoppings, locais de entretenimento etc. Tais lugares, muitas vezes, copiam as qualidades de outros ambientes ou criam aquilo que é visto como a qualidade de um espaço urbano.

¹⁶ Cf. Marc Augé (1994) os *não lugares* são locais da supermodernidade, do excesso e do anonimato que não criam identidade nem relação com o usuário, pois as pessoas pretendem permanecer nestes lugares por pouco tempo. Opõem-se ao lugar das culturas que se baseiam na noção de permanência e unidade. Relacionam-se com o consumismo, o entretenimento e o transporte rápido. A identificação dos usuários é realizada através do passaporte, do cartão de embarque, da credencial, do cartão de crédito etc.

Este autor diz que *lugar* é um espaço detentor de qualidade que é percebido pela população por meio de estímulos ambientais que motivam experiências humanas. Tais estímulos são “emitidos a partir de fatos ambientais que guardam relação não só com a natureza objetiva e material dos elementos do ambiente, como igualmente com sua natureza subjetiva – imaterial e imponderável” (CASTELLO, 2005, p.15).

De acordo com Castello (2005), a percepção de um lugar pode acontecer de várias maneiras: (1) *por uma narrativa* – comentários de uma pessoa devido à satisfação de frequentar; (2) *pela fama* – somatório de várias narrativas; (3) *por dons naturais* – possui estímulos naturais, um panorama; (4) *por associação a um prédio histórico* – prédios que por sua histórica marcam um local; (5) *por associação a atos políticos* – manifestações cívicas e comícios; (6) *por associação a tradições locais* – feiras, eventos tradicionais; (7) *pela construção que se faz de uma emoção* – como exemplo, a paixão popular dos torcedores levada aos estádios; (8) *pela oferta de uma fruição sensorial, de um refrigério* – favorece o deleite sensorial; (9) *pela construção de uma fantasia, uma ilusão, uma imagem* – estar em contato com locais frequentados por grandes celebridades; *pela oferta de conveniências, de utilidades práticas, de facilidades tecnológicas* – facilidades oferecidas pelo local. Estas categorias podem ser agrupadas, assim, a partir da apreensão de estímulos de natureza *sócio-cultural, morfológico-imagética* ou *fruitivo-funcional*. (CASTELLO, 2005).

A partir desse entendimento, a pesquisa parte da premissa de que **a Rua do Lavradio, por ser um local de reconhecido valor histórico-cultural, deve ser um exemplo de criação do lugar em virtude de seus reconhecidos processos de transformação, que guardam as marcas dos diversos tempos e das atividades que nela se desenvolvem.**

Castello (2005) traça, ainda, alguns tipos de lugares: (1) *lugar da Aura* – ressalta a dimensão espacial e a natureza objetiva, física e morfológica do lugar, em que a aura é obtida através das qualificações paisagísticas, naturais, fruitivas e sensoriais. É estimulado por elementos do *imaginário espacial*; (2) *lugar da Memória* – ressalta a dimensão popular e as interações entre pessoa-ambiente por envolver fenômenos subjetivos que absorvem histórias de um lugar (ficções e contos populares). Qualifica-se por meio da memória coletiva, evoca as formas construídas de acordo com os padrões arquitetônicos existentes em diferentes períodos históricos e invoca lendas. É estimulado por elementos do *imaginário temporal*; (3) *lugar da Pluralidade* – é compartilhado pelos dois anteriores. Ressalta os contatos interpessoais e é estimulado por elementos do *imaginário social* local. Portanto, para o autor:

A Pluralidade assume um papel de fenômeno determinante, condição *sine qua non* na constituição do lugar, visto que, sendo o lugar uma construção social, sua pluralidade é o que necessariamente estará a lhe garantir a dimensão social indispensável em sua experiência. E Aura e Memória, por seu lado, intervêm

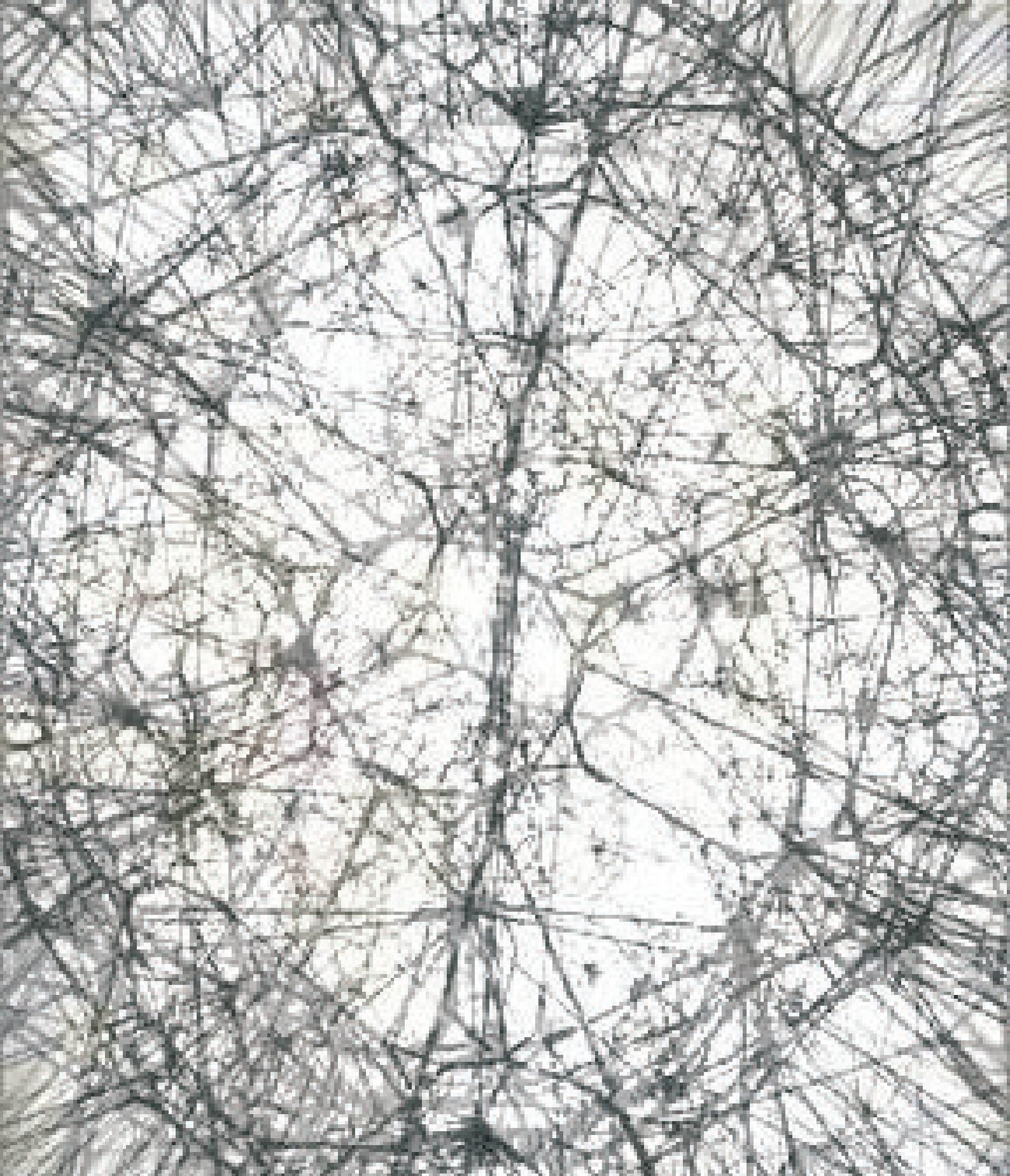
nesta constituição, visto habilitarem a formação das *imagens* mentais por ressaltarem os elementos do imaginário espacial e temporal que povoam as mentes dos usuários. São estes últimos os fenômenos intervenientes que evocam imagens, consubstanciam a imaginação, acionam a faculdade de trazer à lembrança imagens percebidas – ou de formar novas imagens através da combinação de ideias – pelas quais o lugar comunicará sua existência (CASTELLO, 2005, p.22).

Ainda para Castello (2005), um dos lugares da atualidade é o *lugar da urbanidade*. Refere-se ao potencial que o espaço possui para permitir experiências pluriculturais, trocas sociais e o intercâmbio de informação. Proporciona às pessoas possibilidades de trocas, escolhas, intercâmbios e maneiras de viver; resulta da intensidade dos acontecimentos urbanos diários, das experiências, dos eventos, da dinâmica das relações sociais e econômicas, dentre outras. O autor traduz a urbanidade como “a qualificação vinculada à dinâmica das experiências existenciais conferida às pessoas pelo uso que fazem do ambiente urbano público, através da capacidade de intercâmbio e de comunicação de que está imbuído esse ambiente” (CASTELLO, 2005, p.36).

Além disso, na atualidade, a ideia de situação ou ocasião transforma a noção de tempo. A ocasião ocorre através de dada condição – um híbrido. A noção de continuidade é sucedida pelo tempo imediato. O espaço permite variados eventos e a experiência humana, que ocorre no lugar no instante de agir e refletir. Com o entendimento de *lugar* em ação, não existe mais hierarquia: lugar, situação e pessoa interferem-se reciprocamente. Esse entendimento de espaço e tempo altera a concepção da arquitetura e as relações entre seus ambientes (VIANNA; RHEIGANTZ, 2011).

Considerando os autores supracitados, acredita-se que todo *lugar* guarda um espírito particular, pois associa materialidade e subjetividade. A prática humana no ambiente engloba vivências pessoais, sensações e sentimentos de cunho particular e qualitativo (RHEIGANTZ et al., 2012).

Portanto, a *qualidade do lugar* na Rua do Lavradio apresenta-se como um entrelaçamento de várias associações e está relacionada com “valores, sensações e concepções relativas ao conjunto de atributos físico-formais do lugar, bem como as atividades e ações que ali são exercidas” (RHEINGANTZ et al., 2012, p.20). A rua passa a ser um híbrido que motiva diferentes experiências e associações entre atores humanos e não humanos.



2. ARQUITETURA E TEORIA A TOR-REDE

Este capítulo refere-se a alguns dos entendimentos que vêm sendo explorados pelo grupo ProLugar relacionados com a Teoria Ator-Rede (TAR) nos pressupostos da pesquisa *Tecendo a Qualidade do Lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade*¹⁷.

As principais discussões que vêm sendo desenvolvidas pelo grupo têm por objetivo explorar o tema *qualidade do lugar* como uma *rede sociotécnica* formada a partir de um *coletivo* que reúne ciência e sociedade, sujeito e objeto, natureza e cultura (LATOURE, 2001). Pretende-se, com isto, reunir um conjunto de narrativas de diferentes atores humanos e não humanos com o intuito de produzir relatos que ampliem e enriqueçam o entendimento de *qualidade do lugar*.

Para dar conta deste propósito cada pesquisador ou ator deve dar voz e traduzir esse conjunto heterogêneo de narrativas. As pesquisas que vêm sendo realizadas pelo ProLugar têm explorado as bases conceituais da TAR e suas possibilidades de aplicação na Arquitetura e Urbanismo com ênfase na percepção ambiental e na avaliação pós-ocupação do ambiente construído (RHEINGANTZ et al., 2012).

2.1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS SOBRE A TEORIA ATOR-REDE

Alinhadas com o paradigma moderno, as ciências cognitivas e a sociologia passaram a enquadrar o estudo da subjetividade no campo daquilo que é imaterial e inerente à centralidade humana, esquecendo-se de que os objetos e os dispositivos técnicos também fazem parte da prática das relações humanas (BRUNO, 2010).

Nos anos 1980, surge um campo de investigação, genericamente denominado *Ciência, Tecnologia e Sociedade* (CTS), que entende o conhecimento científico e tecnológico como uma construção que transgride as fronteiras arbitrárias entre o técnico e o social (CUKIERMAN, 2007). Um de seus principais expoentes, o sociólogo francês Bruno Latour, tem se dedicado a estudar os modelos engendrados pela sociologia tradicional e a questionar a separação entre ciência e sociedade, sujeito e objeto, natureza e cultura (LATOURE, 2001). O autor questiona o entendimento do social como um adjetivo aplicado a um estado de coisas estáveis e expõe a ideia de que o social deve ser visto por sua fluidez e pelo efeito de seus movimentos, ou seja, como algo que só pode ser entendido a partir dos seus traços e rastros (LATOURE, 2012).

Associado com Michel Callon e John Law, Latour enuncia a Teoria Ator-Rede¹⁸ (TAR), que não é uma teoria que possa ser aplicada a alguma coisa, pois seus ensinamentos não são previamente transmitidos (LATOURE, 2012). A TAR argumenta que a sociedade e as organizações não

¹⁷ Coordenado pelo professor Paulo Afonso Rheingantz e vinculado ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Processo CNPq nº. 303365/2010-2).

¹⁸ Do inglês Actor-Network Theory (ANT).

existiriam se estas fossem apenas sociais. Trata-se de uma teoria diferente, porque sugere que a “sociedade, as organizações, os agentes, e as máquinas são todos *efeitos* gerados em redes de certos padrões de diversos materiais, não apenas humanos” (LAW, 1992, p.2). Assim, uma rede social é formada não apenas por seres humanos, mas pela interação dos humanos com outros materiais. Animais, textos, dinheiro, máquinas passam a constituir o social e formam o que os fundadores da TAR denominam de *rede sociotécnica* (LAW, 1992).

A noção de *rede sociotécnica* pode ser compreendida mais como “um traço deixado por uma conexão ou uma série de conexões do que como algo de forma, tamanho e conteúdo definido” (ROCHA, 2012, p. 18). Não é uma trama fixa e não está reduzida a um único ator, mas engloba diversos elementos ou atores, suas alianças, conexões, negociações, deslocamentos. Possui diversas entradas e desenvolve-se por várias direções (FREIRE, 2006) e serve como um instrumento para seguir as associações que formam o social e entender que não existe apenas um único percurso e uma só verdade a seguir, mas sim, que existem múltiplos caminhos a serem percorridos (CARVALHO, 2012).

Na tradução de Pedro (2010),

O conceito de redes sociotécnicas envolve a ideia de múltiplas conexões que nos permite acompanhar e delinear a produção dos fenômenos. Trata-se de uma configuração altamente instável e dinâmica, com trocas intensas entre os vários pontos, conexões e atores. Na rede, cada elemento é simultaneamente um ator, cuja atividade consiste em fazer alianças e arregimentar outros atores; uma rede capaz de, a partir de seus movimentos, redefinir e transformar seus componentes (PEDRO, 2010, p. 81).

Considerando tais proposições, os não humanos passam a ter a mesma relevância do que os humanos nas narrativas produzidas. Quando alinhadas com a TAR, as ciências sociais incorporam os artefatos técnicos e materiais, além dos simbólicos ou mentais, o que facilita compreender as relações estabelecidas entre os diversos atores envolvidos e, conseqüentemente, renova os estudos da subjetividade (BRUNO, 2010).

Com relação ao entendimento de ator, é importante ressaltar que ele participa da composição de outras redes, já consolidadas no campo em questão, e é definido por aquilo que ele faz. Para Latour (2012), um ator¹⁹ é tudo aquilo que tem agência, que deixa traço e que é capaz de produzir transformações na ação da *rede sociotécnica*.

Na medida em que ele é “*um efeito de rede* que participa da composição de outras redes” (PEDRO, 2010, p. 81-82), diferencia-se do entendimento de “ator social” da sociologia tradicional. Na TAR,

¹⁹ Em vez da palavra ator (*actor*), Latour propõe o uso da expressão *actant* para incluir não humanos na definição, já que o termo ator, em inglês, limita-se às pessoas. O vocábulo *actant* é traduzido por alguns autores como actante.

[...] um ator é uma rede de certos padrões de relações heterogêneas, ou um efeito produzido por uma tal rede. O argumento é que pensar, agir, escrever, amar, ganhar dinheiro – todos atributos que nós normalmente atribuímos aos seres humanos, são produzidos em redes que passam através do corpo e se ramificam tanto para dentro como para além dele. (LAW, 1992, p. 5)

O objeto passa a ter reconhecida a sua capacidade de agir no coletivo no qual ele é ao mesmo tempo um *ator*, que faz alianças e arregimenta outros atores, e uma *rede*, que redefine e transforma seus componentes a partir de seus movimentos (PEDRO, 2010) – o que explica a designação *ator-rede* com hífen.

2.2. ATORES HUMANOS E NÃO HUMANOS REUNIDOS EM UM COLETIVO

Este conjunto dinâmico e instável de atores pode ser entendido a partir da noção de *coletivo* (fig. 1) que enfatiza que humanos e não humanos estão sempre ligados a uma rede social, configurada a partir de um conjunto de elementos materiais e imateriais que assumem suas identificações na medida em que interagem entre si (RHEINGANTZ et al., 2012).

O coletivo

distingue-se em primeiro lugar de sociedade, termo que nos remete a uma má distribuição de poderes; acumula em seguida os antigos poderes da natureza e da sociedade num só lugar antes de se diferenciar novamente em poderes vários (consideração, organização, acompanhamento) (LATOUR, 2004, p. 372-373).

Segundo Latour (2004), o termo não remete a uma unidade pronta, mas a um procedimento para *coligar* as associações dos atores.



Figura 1 – Esquema gráfico apresentando a ideia de *coletivo*.
Fonte: Elaborado pela autora.

Por isso, a compreensão de *coletivo* pressupõe uma divisão de responsabilidade entre os atores, pois humanos e não humanos “não cessam de se afetar, de trocar ‘propriedades’, de ‘traduzir’, desviar a ação do outro, de ocupar uma posição mais ou menos ativa, de, enfim, se redefinirem e se transformarem continuamente” (BRUNO, 2010, p.14).

Desta forma, atores humanos e não humanos devem ser considerados com a mesma importância seguindo o *princípio de simetria* e de modo a reagrupar o *coletivo*. Seguir, portanto, este princípio, não significa negar a existência de uma relação de poder entre os atores envolvidos no *coletivo*, mas sim, reconhecer que existem outras entidades, além dos humanos, que são capazes de produzir efeitos na rede.

2.3. O LUGAR COMO COLETIVO

Rever o entendimento de *lugar* a partir da ideia de *coletivo* requer desviar o foco do ambiente construído e seus aspectos morfológicos ou edilícios para as relações envolvendo todos os atores humanos e não humanos. Também implica substituir a ideia de *representação* por *mediação*, pois, não se pode definir o agenciamento dos atores por suas entradas, saídas, causas e consequências (LATOURETTE, 1994).

O entendimento de *mediação* nega a ideia de que o sujeito (humano) age sobre um objeto (não humano) de modo que o primeiro atue para produzir uma reação no segundo (relação de causa e efeito); de que o sujeito tenha uma relação hierárquica sobre o objeto. Retoma-se, assim, a ideia dos híbridos quando se entende que "a mediação seria o processo de criação de elos entre dois agentes, constituindo um composto híbrido que não existia antes e que desloca os objetivos, funções e intenções previamente estabelecidas" (BRUNO, 2010, p.11).

Para registrar as *mediações*, os observadores recorrem à *tradução*²⁰, que significa deslocamento, traição, ambiguidade. Traduzir exige “ligar-se a” e supõe percepção, interpretação e apropriação. Admite deslocar-se de um lugar para outro e supõe tanto a ‘possibilidade de equivalência’ quanto de ‘transformação’ (LAW, 1992). Cada ator é capaz de ‘decodificar’ os anseios, ações, linguagens, identidades e desejos de outro ator (PEDRO, 2010).

A noção de *lugar* como um *coletivo* ou *rede sociotécnica* não deve ser entendida como uma moldagem concebida exclusivamente pelos humanos, uma vez que inclui a materialidade do ambiente, atravessado por ações, experiências, discursos, narrativas, acontecimentos culturais, sociais, políticos e temporais (VIANNA; RHEINGANTZ, 2011). Numa perspectiva alinhada com a

²⁰ Este termo será melhor abordado no capítulo 3 – *Estratégias Metodológicas*.

TAR é necessário redistribuir o conjunto de atores, de modo a configurar um *coletivo-lugar*²¹ que, ao se reconhecer como uma *rede sociotécnica*, se constitui a partir das relações que são produzidas por um conjunto de pessoas, artefatos e técnicas, diluindo as fronteiras entre sujeito e objeto:

Compreender um fato, um objeto ou *lugar* a partir do seu *coletivo* significa abordar a sua complexidade examinando pontos heterogêneos – técnicos, sociais, culturais, políticos – que o constituem e suas relações – interações que os constituem como tal. Assim, qualidade do (coletivo) lugar, por ser uma relação ou experiência vivenciada no lugar, pode ser entendida como uma grande narrativa a ser descrita em sua dinâmica complexidade desde sua base; como um conjunto heterogêneo e dinâmico de relações entre humanos (sociedade) e não humanos (natureza) (VIANA; RHEINGANTZ, 2011, p. 54, grifo nosso).

Logo, observar o *coletivo-lugar* é atentar para os atores que atuam em sua construção, como a rede se formou, quais atores participaram do processo, que dispositivos foram utilizados, como as alianças foram estabelecidas e como as *controvérsias*²², que surgiram em meio a diversas falas, foram contornadas (VIANNA; RHEINGANTZ, 2011, p.55).

No campo da arquitetura trata-se de considerar que não há hierarquias entre os atores envolvidos na rede e evitar determinar, previamente, quais os caminhos a serem percorridos. Por princípio, todos os atores são influenciados e modificados pela rede, ao mesmo tempo em que também a influenciam e modificam.

Na tentativa de explicar aos arquitetos a aplicabilidade da TAR, Rheingantz (2010; 2012) propõe que a *urbanidade* – que de acordo com os dicionários significa condição ou qualidade de ser urbana, permanência na cidade, civilidade, boas maneiras – deve ser entendida não mais como uma qualidade da morfologia do ambiente construído, mas como uma relação que se produz no *coletivo-lugar* envolvendo humanos e não humanos, e redistribuindo seu conjunto, uma vez que o entendimento de lugar não deve ser reconhecido apenas por sua materialidade e como uma moldagem dos humanos:

O *sentimento de Urbanidade* contém (mas não se limita) a materialidade de um lugar e não deve ser entendido como uma moldagem concebida exclusivamente pelos humanos. A *natureza da Urbanidade* resulta da relação entre natureza – o mundo das coisas em si – e sociedade – o mundo dos homens em si. [...] Urbanidade pode ser entendida como um conjunto de narrativas a serem traduzidas em sua dinâmica complexidade. Em lugar de uma grande história e uma única narrativa, *Urbanidade* implica reunir e cultivar diversas narrativas menores tecidas por meio de um fio ou tecido múltiplo, mas comum. Narrativas de múltiplas histórias que difundem, por todas as direções, elaborações e interações, que se mantêm coesas como um tecido de fibras. Urbanidade implica produzir formas descentradas e não singulares de ser e conhecer (RHEINGANTZ, 2010, p.1-2).

²¹ Para não confundir com o entendimento clássico de *lugar*, os pesquisadores do ProLugar passaram a utilizar a palavra composta *coletivo-lugar*.

²² Este termo será melhor abordado no capítulo 3 – *Estratégias Metodológicas*.

Ao reduzir ou até mesmo eliminar a assimetria entre humanos e não humanos do paradigma moderno, a TAR possibilita reunir as narrativas dos diversos atores que atuam na construção do *coletivo-lugar*: as características físicas do ambiente, os moradores e frequentadores, os autores, os administradores, o poder público, os incorporadores, os gestores, os agentes financiadores, os materiais e sistemas, ou ainda, os elementos da paisagem. Com isso, o pesquisador assume a condição de *mediador* e passa a atuar como mais um ator-rede, reduzindo a hierarquia em relação aos outros atores.

Adotar a TAR no estudo de caso da Rua do Lavradio, localizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro, possibilita seguir os atores, mapear os diferentes pontos de vista, interagir de maneira direta com a rua e entender seus processos de transformação.

As associações e agenciamentos entre os diversos atores – humanos e não humanos – transformam a rua ou ambiente urbano em um *coletivo-lugar* que produz experiências e *traduções* singulares. Estas *traduções*, uma vez reunidas, enfatizam os movimentos que são produzidos na rede.

A rua, seus planos urbanísticos, edifícios e usos, dentre outros, são também atores-rede, assim como seus atributos físicos e morfológicos. Desse modo, ressalta-se a importância da abordagem *sociotécnica*, por envolver diversos atores, contribuindo para uma reflexão sobre a relevância dos aspectos que se fazem presentes nas relações pessoa-ambiente ou humanos-não humanos e que participam da construção do sentido de *lugar*.



3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Este capítulo refere-se às estratégias metodológicas adotadas ao longo da pesquisa. Foi elaborado em consonância com os fundamentos teórico-conceituais apresentados no capítulo 2 – *Arquitetura e Teoria Ator-Rede*, buscando um entrelaçamento entre fundamentação e métodos, com o objetivo de testar a aplicabilidade da Teoria ator-Rede no campo da Arquitetura e Urbanismo.

A pesquisa se deu por meio de duas etapas entrelaçadas e concomitantes: a etapa teórica e a experiência. Na etapa de fundamentação teórica foram estudadas publicações sobre a história e a evolução urbana da Rua do Lavradio, assim como sobre as noções de *lugar* e de *coletivo*, *tradução* e *cartografia de controvérsias* provenientes da Teoria Ator-Rede. No trabalho de campo, foi realizado um mapeamento dos relatos a partir de derivas naturais e da interação do pesquisador com o ambiente de modo aberto e consciente (ALCANTARA, 2008; ALCANTARA, 2010). Os percursos foram realizados sem um roteiro predeterminado, visando observar a dinâmica da rua em seus diferentes momentos e atividades. Para demonstrar o processo de experiência do pesquisador no lugar, foram feitos registros, tais como anotações, croquis e fotos.

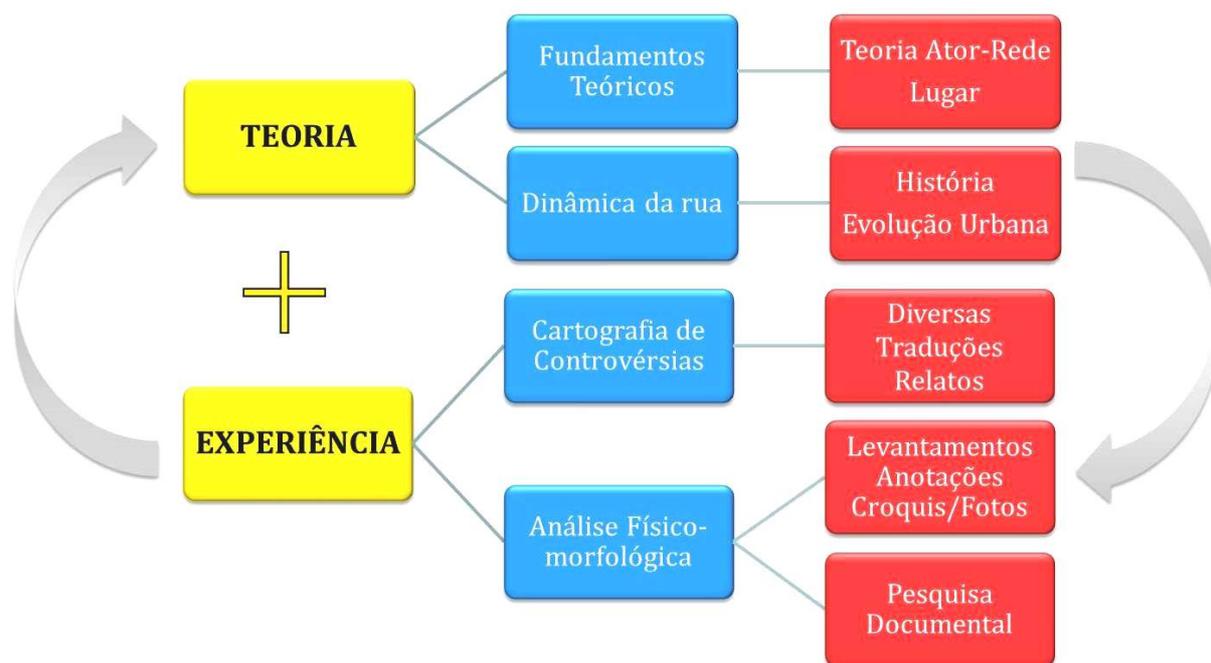


Figura 2 – Esquema gráfico apresentando as etapas da pesquisa.
Fonte: Elaborado pela autora.

Neste capítulo, inicialmente são apresentados os princípios da *cartografia de controvérsias*, estratégia metodológica privilegiada na pesquisa. A seguir, são apresentadas as premissas adotadas como ponto de partida para a realização dos levantamentos referentes aos aspectos físicos e morfológicos. Por fim, são apresentadas as diretrizes adotadas nas entrevistas realizadas com os usuários do local.

3.1. CARTOGRAFIA DE CONTROVÉRSIAS: TRAÇOS E RASTROS DO COLETIVO-LUGAR

Para acompanhar os traços e rastros deixados pelo *coletivo-lugar*, a pesquisa utilizou como principal estratégia metodológica a *cartografia de controvérsias* com vistas a compreender a dinâmica complexidade dos processos de transformação da Rua do Lavradio, seus embates e as instabilidades produzidas neste percurso.

Tal como propõe Latour (2012), o caminho percorrido na pesquisa de campo pode ser comparado ao dos cartógrafos. Antes de fazer o retrato da geografia estudada, o cartógrafo deve seguir as paisagens de maneira lenta e cuidadosa e atentar para suas curvas e desvios. Este retrato será sempre provisório e temporário, já que as paisagens são, constantemente, modificadas por novos acontecimentos.

No âmbito das ciências sociais, a *cartografia*²³ deve ser vista como um mapeamento que reúne os movimentos e agenciamentos produzidos pelos atores de uma rede e que supera um desenho puramente estático (ROCHA, 2012).

A *cartografia* investiga um processo não linear, evitando a aplicação de regras abstratas no acompanhamento dos efeitos sobre o objeto, o pesquisador e o conhecimento (PASSOS; BARROS, 2010). Não opõe pesquisa e intervenção, teoria e prática, pois a base existencial da atividade de investigação – o ato cognitivo – não deve ser entendida como um exercício de abstração sobre dada realidade (ALVAREZ; PASSOS, 2010).

A *cartografia*, diferentemente dos mapas e suas representações estáticas, “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem [...] e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros mundos” (ROLNIK, 2007, p.23). A autora recomenda que, ao abordar cartografias psicossociais, o cartógrafo deva estar imerso nas intensidades de seu tempo e atento às linguagens e estratégias que encontra na existência humana, sendo sua tarefa básica falar pelos afetos que pedem passagem:

[...]o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia. (ROLNIK, 2011, p.65)

²³ Este método foi inicialmente proposto por Deleuze e Guattari (1995) para acompanhar um processo, em detrimento da representação de um objeto. A *cartografia* é um método que vem sendo utilizado em pesquisas que envolvem o estudo da subjetividade e acontece “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real”, sendo cada caso construído particularmente. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.21 apud PASSOS et al., 2010, p.10)

O pesquisador passa a habitar um território ainda não conhecido e esta sua experiência deve ser entendida como **um saber que surge a partir do fazer**. Essa atitude exige do cartógrafo um processo de aprendizado e de composição de um território existencial em uma condição de aprendiz-cartógrafo. Por isso, a experiência e o caminho do cartógrafo vão sendo construídos durante o processo, adotando uma atitude de atenção e espreita. (ALVAREZ; PASSOS, 2010)

Ao habitar um território e entender um *lugar* como *coletivo*, faz-se necessário mapear diferentes pontos de vista, compreender a dinâmica da *rede sociotécnica* e seguir os atores. Em meio às diversas falas dos atores, surgem inúmeras *controvérsias*.

As *controvérsias* devem ser alimentadas na medida em que são colocadas em evidência pelos atores. Elas ocorrem a partir de explicitações, agenciamentos, embates, silenciamentos, jogos de poder e evidenciam o processo de produção de uma determinada *construção de realidade* (ROCHA, 2012).

De acordo com Pedro (2010), uma *controvérsia* refere-se a diferentes pontos de vista, que podem ser produzidos a partir de uma disputa ou uma discussão. Em sua cartografia, as incertezas ou *controvérsias* devem ser sempre consideradas fatores positivos.

O pesquisador terá como principal tarefa

[...] traçar as conexões existentes entre as controvérsias e o processo de tradução das mesmas, ao invés de decidir como resolvê-las. Com isso, a pesquisa deixa de seguir um modelo dado e predefinido, onde a dinâmica do campo deve ser encaixada, mas se delinea em um processo que é mais fluido e instável, onde o próprio movimento de produção de redes e modelos que mais tarde podem ou não se estabilizar é seguido, observando-se o princípio de simetria. (ROCHA, 2012, p. 20-21)

Nesta pesquisa, a *cartografia de controvérsias* foi adotada com o propósito de atentar para os inúmeros acontecimentos que participam da formação do *coletivo-lugar* estudado, assim como forma de identificar os atores humanos e não humanos e a complexa estrutura envolvida nas relações entre ambos.

Por meio da experimentação é que os processos foram definidos, uma vez que era necessário seguir os atores, deixando-os falar e entender a rede tal como ela se faz e é produzida.

A exemplo de Trannin; Pedro (2007 apud PEDRO, 2010), durante o processo foram adotados os seguintes passos: (1) a busca por uma *porta de entrada*; (2) a identificação dos *porta-vozes*; (3) o acesso ao que possibilitava “materializar” a rede²⁴ (fig. 3).

²⁴ Trannin; Pedro (2007 apud PEDRO, 2010) sugerem uma quarta etapa que seria *mapear as ligações da rede*, que significa delinear as relações que se estabelecem entre os diversos atores, ressaltando suas articulações, os seus efeitos de sinergia, de encadeamento ou de repercussão; as cristalizações ou limitações da rede. No entanto, no processo de pesquisa limitou-se a realizar apenas os três primeiros passados, já que as reflexões realizadas pelo ProLugar para compreender a Teoria Ator-Rede (TAR) estão em fase de desenvolvimento.

Como *porta de entrada*, foram escolhidas as experiências anteriores do observador no *coletivo-lugar*, atrelado às mudanças de usos e funções da rua. Ao recuperar a cartografia do passado, foi possível rastrear seus usos e funções desde sua origem e formação, até o seu momento atual, assim como delinear suas perspectivas de futuro. A partir da *porta de entrada* e da participação no *coletivo-lugar* para identificar os aspectos físicos morfológicos – atores não humanos – foi possível perceber as questões que estão em movimento e identificar as *controvérsias*.

Em seguida, foram identificados os atores que falam pela rede. Em um primeiro momento, foram reconhecidos os possíveis grupos que atuam na Rua do Lavradio. Após a identificação dos grupos, foram escolhidos os atores que seriam seguidos, dentre eles visitantes, expositores, antigos moradores, comerciantes de antiguidades. A escolha dos grupos teve como principal motivo dar voz aos atores que são pouco ouvidos na rede, em contraposição aos membros da Associação, proprietários de bares e restaurantes, grandes proprietários.

Após a escolha dos grupos, a identificação dos atores *porta-vozes* que participam do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio aconteceu durante a realização das entrevistas, em função das *controvérsias* que foram emergindo. Nesse processo foram apontadas as falas discordantes e os atores que sintetizam outros atores. O pesquisador, ao buscar as *traduções*, assou a atuar como *mediador* da rede, reunindo diferentes narrativas sobre o ambiente estudado. Este processo será melhor descrito no capítulo 5 – *O Coletivo-Lugar na Atualidade*.



Figura 3 – Esquema gráfico apresentando os passos da pesquisa.
Fonte: Elaborado pela autora.

As informações foram apreendidas não só a partir da imersão no local, por meio das *traduções* dos atores humanos e não humanos, mas também por tudo o que pudesse objetivar a rede. Textos, documentos, artigos publicados, notícias de revistas e jornais, mapas foram utilizados para registrar os traços deixados pelos deslocamentos. Ao longo da pesquisa, estes materiais tornaram-se elementos importantes do processo, uma vez que colocavam em evidência algumas questões que foram apontadas pelos atores humanos em suas *traduções* sobre o *coletivo-lugar*.

No decorrer deste processo, as visitas foram realizadas em dias e horários diversos, para compreender o ambiente em suas particularidades e dinâmicas distintas. Durante este período surgiram muitas dúvidas, pois o caminho a ser percorrido foi sendo construído juntamente com o fazer da pesquisa.

Todas estas informações foram estruturadas em três *collages* (FUÃO, 2011), referentes ao passado, ao presente e às perspectivas de futuro, o que originou a segunda parte da dissertação. A *collage*

é um processo de produção de novos objetos, formas e imagens, provenientes da associação de objetos e figuras existentes. É um procedimento que tem seu produto originário de fusão associativa de formas e ideias, sendo um modo de deixar o mundo falar através de suas imagens, signos e fragmentos. É uma linguagem, uma conversa que grita contra a ordem das coisas, de seus conceitos e significados, de suas intolerâncias e preconceitos. É uma antilinguagem, uma linguagem de violação de códigos (FUÃO, 2011, p.9).

A exemplo de Fuão (2011), para realizar o processo das *collages*, na primeira etapa – RECORTE – foram selecionados os movimentos que se tinha interesse em utilizar como movimento da rede. As seleções foram feitas considerando suas importâncias distintas e de acordo com o problema da pesquisa. A partir destas escolhas surgiram diferentes FRAGMENTOS. A associação e montagem dessas partes – ENCONTROS – foram feitas de modo a aproximar todos os movimentos de acordo com a temporalidade à qual cada um estava inserido (passado, presente e perspectivas futuras). Por fim, uniram-se todos os elementos por meio da utilização da COLA, para fixar cada fragmento a outro.

Como resultado deste processo, foram realizadas três diferentes *collages*: a primeira *collage* – *Origem e formação do coletivo-lugar* – apresenta como se originou o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, onde são apresentados os principais aspectos da evolução histórica e urbana da rua e do entorno. A segunda *collage* – *O coletivo-lugar na atualidade* – busca refletir sobre o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio a partir do entrelaçamento entre humanos e não humanos na atualidade. Apresenta informações sobre as características espaciais do ambiente construído, que representam os atores não humanos e relaciona o processo de interação do pesquisador com a rua e seus usuários, evidenciando as *traduções* dos atores humanos escolhidos como *porta-vozes* da rede e as *controvérsias* que dão o sentido de *coletivo-lugar* à Rua do Lavradio. A terceira *collage* – *Cenários futuros do coletivo-lugar* – apresenta as perspectivas de futuros, os desejos de

mudanças e expectativas dos atores humanos sobre a rua. Evidenciam-se os movimentos possíveis e o que está sendo produzido pelo *coletivo-lugar* Rua do Lavradio. .

Apesar da imobilidade provocada pela etapa da cola, considera-se que os movimentos não foram congelados, pois a rede é dinâmica e seus movimentos são constantes, o que também sugere outras possibilidades de encontros. As *collages* apresentadas são apenas mais uma forma de apresentar a problemática da pesquisa, sem, contudo, negar a existência de outras *traduções*.

Na medida em que a pesquisa era desenvolvida, alimentava-se o caminho das incertezas. Buscou-se, assim, mostrar os efeitos das transformações, das alianças estabelecidas e das múltiplas visões dos atores do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

3.2. TRADUZIR: PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO DO COLETIVO-LUGAR

De acordo com Pedro (2010), para designar o processo de negociações na *rede sociotécnica* e, simultaneamente, o que nela circula, os sociólogos das ciências e das técnicas têm utilizado a noção de *tradução*, que segundo Law (1992) refere-se a como um ator faz parte da rede, como ele se associa para transformá-la, ao mesmo tempo em que também ele se transforma. Devido à importância do termo *tradução*, a Teoria Ator-Rede é também denominada *Sociologia da Tradução* (LAW, 1992).

Por meio de uma *tradução*, qualquer ator pode interpretar as ações, as linguagens e os anseios dos demais atores da rede, dando ênfase às transformações e à continuidade dos deslocamentos que nela ocorrem:

Nos movimentos de composição das redes, os atores estão permanentemente traduzindo suas ações, linguagens, identidades e desejos, tendo em vista as mesmas manifestações em outros atores. [...] Tradução não significa apenas a mudança de um vocabulário para outro, mas, antes de tudo, um deslocamento, um desvio de rota, uma mediação ou invenção de uma relação antes inexistente e que, de algum modo, modifica os atores nela envolvidos – logo, que modifica a rede. É importante, portanto, ressaltar, que as traduções são sempre imperfeitas, pois significam a apropriação local que cada ator faz do que circula na rede. Portanto, não há traduções “certas” ou “erradas”, nem qualquer tradução deve ser tomada como “indiscutível” (PEDRO, 2010, p.82-83)

Conforme Law (1992, p.7) a “tradução é um verbo que implica transformação e a possibilidade de equivalência, a possibilidade de que uma coisa (por exemplo, um ator) possa representar outra (por exemplo, uma rede)”. A partir desse entendimento, o ambiente construído pode ser *traduzido* como uma rede configurada por um conjunto heterogêneo e dinâmico de experiências, implicando deslocar-se de um lugar para outro. (RHEINGANTZ, 2010)

Ao incorporar as noções de *coletivo-lugar* e de *tradução* em suas pesquisas, o grupo ProLugar passou a entender a realidade observada como o resultado de um processo de associações entre

sociedade e natureza ou humanos e não humanos, cujas relações recíprocas impossibilitam o acesso a uma realidade “lá fora” (LATOURE 2001) ou exterior ao observador, uma vez que nem a realidade nem o observador podem ser predeterminados, estáticos e imutáveis. Em vez do

observador assumir uma postura abstrata e desincorporada, ele deve assumir uma postura mais aberta e atenta para o significado das relações pessoa-ambiente ou humanos-não humanos, entendido como um “coletivo” de homens, coisas e técnicas [...] (RHEINGANTZ; FONSECA, 2009, p. 49).

Rheingantz (2010), alinhado com a TAR, observa que a história da ciência não se resume a uma história social ou a uma história das coisas da natureza, mas nas associações entre ambas; e sugere explorar as possibilidades de agrupar um conjunto de diferentes narrativas, com a finalidade de contornar as deficiências presentes no entendimento de *qualidade do lugar*, configurada a partir de um *coletivo* de homens, coisas e técnicas.

Em vista disso, o pesquisador passa a acompanhar ou mapear o processo de constituição da *rede sociotécnica*: “o trabalho de fabricação dos fatos, dos sujeitos, dos objetos; fabricação que se faz em rede, através de alianças entre atores humanos e não humanos” (FREIRE, 2006, p.57).

Sobre este método, Latour (2012) fala da dificuldade de abandonar as explicações sociais em favor da TAR e levanta alguns questionamentos a respeito das aflições imbuídas no processo, sugerindo que a solução para superar as dificuldades é apegar-se à decisão de alimentar incertezas. Latour (2012) ressalta, ainda, a complexidade da escrita e diz que um relato deve ser entendido como uma narrativa, uma descrição, na qual os atores agem e não somente observam. Para o autor, descrever é uma realização máxima e requer habilidade.

Estes entendimentos permitiram reduzir a assimetria e reequilibrar os papéis dos atores implicados com a qualidade do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, complementado por um conjunto de instrumentos de análise tipomorfológica, da avaliação pós-ocupação²⁵.

3.3. ASPECTOS FÍSICO-MORFOLÓGICOS

Durante o processo de reconhecimento do local estudado, foram levantadas informações relevantes sobre sua realidade físico-morfológica, como forma de apresentar aspectos espaciais que contribuem para o entendimento de *qualidade do lugar* no *coletivo* Rua do Lavradio.

²⁵ Ao realizar a pesquisa *Abordagem Experiencial e Revitalização de Centros Históricos: Os Casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego*, Alcântara (2008) utilizou como estratégia metodológica os fundamentos da *abordagem experiencial* (AE) e seu desdobramento prático – a *observação incorporada* (OI). Tais abordagens enfatizam uma maior aproximação do pesquisador com os usuários e com o ambiente, de modo que as explicações da experiência produzidas privilegiam o papel do pesquisador como intérprete das narrativas coletadas e analisadas. A partir da *cartografia de controvérsias* e ao reconhecer um lugar como *coletivo-lugar* com base na TAR, entende-se que o pesquisador é, ele próprio, um ator ou um efeito das redes que, ao atuar como *porta-voz* e *mediador*, reduz ou elimina qualquer tipo de hierarquia entre os demais atores envolvidos, de modo a incorporar diferentes narrativas – inclusive as dos não humanos – ao entendimento de *qualidade do lugar*.

Esta análise teve por objetivo levantar as características formais do ambiente construído, evidenciando suas transformações urbanísticas, bem como sua evolução espacial. A exemplo de Alcantara (2008), buscou **refletir sobre a configuração do lugar como uma resultante do entrelaçamento entre humanos e não humanos**. Este procedimento corrobora a proposição de que natureza e cultura se misturam no seu cotidiano (LATOUR, 2001) e reforça a impossibilidade de separação dos aspectos objetivos (formais, espaciais, morfológicos) e subjetivos (sociais, culturais e experienciais) no entendimento de *qualidade do lugar*.

Por meio da observação direta foram realizados levantamentos de campo e mapeadas informações bibliográficas disponíveis em fontes primárias e secundárias (livros, trabalhos acadêmicos e artigos publicados em jornais e revistas). A observação baseou-se nos seguintes aspectos:

(a) Aspectos históricos e de evolução urbana – contextualização histórica do lugar, identificação do patrimônio cultural e projetos existentes.

(b) Aspectos formais e funcionais – gabarito das edificações, características gerais de uso e ocupação do solo, hierarquia e sistemas das vias próximas ao local e legislação urbanística.

(c) Aspectos urbanísticos – tipologia arquitetônica predominante, mapeamentos de figura-fundo.

(d) Aspectos ambientais e paisagísticos – características geográficas locais e cobertura vegetal.

As informações foram sistematizadas através de registros gráficos e mapas, após os levantamentos de campo. Os resultados dessas análises apresentam o entrelaçamento entre humanos e não humanos na configuração do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

Importante enfatizar que, apesar de terem sido adotados procedimentos ‘tradicionais’ da Análise Morfológica²⁶ – que se baseia em critérios e classificações consolidados – os aspectos morfológicos do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio são considerados atores, uma vez que foram feitas diferentes narrativas, em que estes atores se mostram presentes. Estas narrativas foram produzidas com o objetivo de ressaltar o *coletivo-lugar* sem fazer uma classificação prévia que pudesse separar sociedade, natureza e cultura. A intenção principal era associá-las e explorar as possibilidades de rever os diferentes dilemas e *traduções* presentes na *qualidade do coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

²⁶ Como bases conceituais de morfologia e de desenho urbano para esta análise foram utilizados os referenciais teóricos de Alexander et al. (1980), Ashihara (1982), Lamas (2000) e Del Rio (1990) e as bases de análise propostas por Alcantara (2008) e grupo de pesquisa Sistema de Espaços Livres (SEL), que contribuem para que sejam identificados os aspectos geradores de qualidade dos lugares.

3.4. ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Para mapear as *traduções* dos atores humanos, bem como cartografar as *controvérsias* foram realizadas entrevistas semiestruturadas ²⁷. Este instrumento (apêndice I) foi utilizado como um roteiro de tópicos relacionados pelo observador em decorrência do problema da pesquisa e devido às restrições de tempo e à dificuldade de registro das *traduções*.

No entanto, reconhecendo que o principal objetivo da pesquisa era seguir os atores e deixá-los falar, tal como propõe a Teoria Ator-Rede, outras perguntas eram realizadas. As entrevistas possibilitaram mapear e entender as diferentes visões dos atores-respondentes relativas ao *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, os aspectos que foram considerados positivos e negativos, bem como identificar as *controvérsias* surgidas a partir das suas opiniões, como será apresentado no capítulo 5 – *O Coletivo-Lugar na Atualidade*.

Neste sentido, a entrevista foi sendo trabalhada como uma conversa ou relato verbal, produzida a partir de um conjunto de questões abertas que possibilitam reunir informações sobre o que as pessoas acreditam, pensam, sentem, conhecem, fazem, e esperam (ZEISEL, 1981).

Quando utilizada como elemento facilitador, a *empatia* (THOMPSON, 2001) pesquisador-respondente cumpre papel relevante no entendimento e na apreensão da experiência do outro.

Dentre os diversos atores-respondentes, destacam-se *trabalhadores, moradores e visitantes* (DEL RIO, 1991; ALCANTARA, 2008). Estes grupos foram escolhidos com intuito de dar voz aos atores que, em geral, são pouco ouvidos na rede, uma vez que algumas matérias anteriormente publicadas sobre a Rua do Lavradio privilegiam alguns atores como, por exemplo, membros da Associação Polo Novo Rio Antigo, proprietários de bares e restaurantes, proprietários de grandes estabelecimentos comerciais, empresas etc²⁸.

Ao buscar reduzir ou até mesmo eliminar hierarquias entre os atores, foi possível acompanhar e mapear os movimentos e efeitos produzidos pela rede.

²⁷ As entrevistas estão na posse do autor e ficarão disponíveis para a consulta.

²⁸ O processo de aplicação das entrevistas será melhor explorado na segunda *collage* – *O coletivo-lugar na atualidade*, na seção 5.1, onde é apresentado o período de interação do pesquisador com o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.



**4. PRIMEIRA *COLLAGE*:
ORIGEM E FORMAÇÃO DO *COLETIVO-LUGAR***

Este capítulo refere-se à origem e formação da Rua do Lavradio, de modo a compreender sua evolução histórica e urbana desde sua fundação até os dias atuais. Trata-se de apresentar as informações relevantes sobre o desenvolvimento histórico da rua, como forma de contextualizar o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio no tempo passado.

4.1. LOCALIZAÇÃO

A Rua do Lavradio encontra-se localizada no bairro da Lapa, na região central da cidade do Rio de Janeiro. Inicia-se na Rua Visconde do Rio Branco (prolongamento da rua da Carioca), próximo a Praça Tiradentes, e termina na Rua Riachuelo. É cortada pelas ruas do Senado (prolongamento da Rua Pedro I), da Relação (prolongamento da Avenida República do Chile), do Resende (prolongamento da Rua dos Arcos) e Avenida Mem de Sá.

A Lapa tornou-se oficialmente um bairro em 17 de maio de 2012, de acordo com a lei nº 5.407. O limite do bairro foi estabelecido pela subdivisão do Bairro Centro²⁹ (figs. 4 e 5).



Figura 4– Limite do bairro da Lapa.
Fonte: Imagem do Google Earth editada pela autora.



Figura 5 – Centro do Rio de Janeiro com destaque para o bairro da Lapa.
Fonte: Ortofoto do armazém de dados (IPP) editado pela autora.

O bairro sempre foi reconhecido como reduto da boemia carioca e da vida noturna. Nele inserem-se diversos grupos de pessoas que buscam, em sua maioria, entretenimento e diversão. A relevância da área deve-se aos inúmeros processos de transformação que ocorreram, e ainda acontecem, na região.

²⁹ Este bairro insere-se na Área de Planejamento I e refere-se à Região Administrativa II.

Na região verificam-se também problemas como o abandono de algumas edificações e o consumo e tráfico de drogas ilegais.

4.2. DINÂMICA HISTÓRICA

A Rua do Lavradio entre morros e alagadiços

A Rua do Lavradio, antes denominada Rua do Marquês de Lavradio, teve seu início no século XVIII, mais precisamente em 1771, durante o governo do vice-rei Marquês de Lavradio³⁰.

Esta região, então conhecida como Campo da Cidade, era formada, em meados do século XVIII, por terras com grandes alagadiços, cercada por divisas naturais³¹ e apresentava problemas de água potável, o que só se resolveu com a construção dos Arcos da Lapa³². Nessas áreas existiam, ainda, lavouras e engenhos que por longos anos mantiveram-se isolados em função de suas localizações.

Alguns caminhos, de grande relevância para o escoamento e transporte da produção agrícola, faziam a ligação da área central a estas terras. Destacavam-se os caminhos de Mata-Cavalos ³³ (atual Rua do Riachuelo) e de Mata-Porcos (atual Rua Frei Caneca) que desviavam das barreiras formadas pelas lagoas do Desterro (atual Rua dos Arcos) e da Sentinela (local de encontro das ruas do Riachuelo e Frei Caneca) (RABHA; PINHEIRO, 2007).

A expansão da cidade e o surgimento da Rua do Lavradio

No início do século XVIII, a cidade se desenvolveu rapidamente devido ao grande movimento na zona portuária, quando o Rio passou a ser o centro abastecedor e escoadouro da produção aurífera. A centralidade urbana se estendeu. As áreas situadas depois dos contornos da cidade começaram a ser conquistadas, atravessando o limite que seguia pela Rua da Vala (atual Rua Uruguaiana).

³⁰ D. Luís d'Almeida Portugal Soares D'Eça Alarcão de Melo e Silva Mascarenhas, Lisboa, 1769-1779. Governou a cidade durante nove anos. A tradição oral afirma que o próprio Marquês residiu na rua no atual prédio da sociedade Brasileira de Belas Artes.

³¹ De um lado, lagoa do Boqueirão, lagoa do Desterro, morro das Mangueiras e morro e lagoa de Santo Antônio, de outro lado morro e alagadiços de Pedro Dias (Senado).

³² Os Arcos da Carioca, atualmente Arcos da Lapa, foram construídos pelos escravos que utilizaram tijolos, pedra, areia, cal e óleo de baleia. Possui uma fileira dupla de arcos, com 64 metros de altura e 270 metros de comprimento. Os escravos eram os responsáveis por buscar a água no rio Carioca, que nascia no Silvestre. A água canalizada chegou ao Morro do Desterro em 1721, entretanto, os brejos e lagoas existentes entre a cidade e o morro exigiram que fosse construída uma ponte para o transporte das águas, ligando os morros de Santa Teresa e de Santo Antônio. O encanamento em direção à cidade foi iniciado em meados do século XVII. As obras demoraram a ser concluídas e geraram diversas controvérsias. Em 1723, foi inaugurado o primeiro chafariz, localizado no Largo da Carioca. Tal fato permitiu a expansão da cidade e garantiu a satisfação da população.

³³ Estrada ou Caminho de Mata-Cavalos circundava o Morro de Santo Antônio, os alagados e o morro de Pedro Dias (Senado). Deixava os Arcos Velhos e alcançava a Lagoa da Sentinela (posteriormente, Bica dos Marinheiros), permitindo o acesso aos engenhos dos jesuítas. Seu nome está relacionado ao incidente de que muitos obstáculos prejudicavam o percurso dos animais, levando-os, algumas vezes, até a morte.

Por determinação de Portugal, após 1763, o Rio de Janeiro passou a capital e sede do vice-reino do Brasil, o que exigiu mudanças na configuração urbana da cidade. O crescimento progressivo da população e a precariedade nas condições de saúde e higiene levaram os vice-reis a reparar a área urbana. A ampliação do número de acessos, que teve seu início com a continuação da Rua do Piolho (Rua da Carioca)³⁴ até a Lagoa da Sentinela, foi o ponto de partida para aumentar as conexões do centro ao interior.

Por determinação do Marquês de Lavradio, então vice-rei, foram tomadas muitas medidas de urbanização, como a abertura de uma conexão transversal que ampliasse a ligação do centro urbano até as terras que estavam mais distantes. A construção da Rua do Lavradio facilitou essa comunicação, proporcionando o acesso direto da área central à Estrada de Mata-Cavalos, à Lapa e à Santa Teresa³⁵.

Inúmeras áreas foram drenadas no fim do século XVIII, dentre eles as lagoas da Sentinela, da Pavuna (atual Largo de São Francisco) e do Desterro. A Rua do Resende (atual Rua do Senado) foi aberta em 1790 para homenagear o vice-rei Conde de Resende, que em 1791, delimitou e aterrou o Rossio Grande³⁶ (atual Praça Tiradentes) e abriu a antiga Rua Nova de São Lourenço (atual Rua dos Inválidos). Em 1796, surgiu a atual Rua do Resende.

No decorrer do século XVIII, o Rio de Janeiro experimentou uma surpreendente mudança devido aos lucros da exportação de ouro e do trabalho escravo: edificou conventos, seminários, igrejas, fortes, promoveu melhorias nas ruas, nos calçamentos e no abastecimento de água, e regulamentou processos para que fossem edificadas construções no Centro da cidade. Assim, a região central cresceu e se aproximou da Rua do Lavradio e do entorno, ainda pontilhados por chácaras.

A valorização da Rua do Lavradio

No início do século XIX, com a crise do ouro, a cidade estava em decadência³⁷. Entretanto, a vinda da família real, em 1808, transformou as condições de vida e a hierarquia de classes da Colônia.

³⁴ Primeiramente, esta rua foi nomeada de Caminho do Quebra-Canelas, por ser curva e estar nos declives dos morros, cujos lotes eram irregulares. Posteriormente, sua denominação passou a ser de Rua Nova do Conde da Cunha ou Caminho Novo (início da Rua Frei Caneca). Era a mais ampla via da cidade já no início do século XIX. Em 1871, a extensão entre a Rua da Carioca e o Campo de Santana recebeu o nome de Rua Visconde do Rio Branco, que permanece até os dias atuais.

³⁵ As condições de circulação e acesso entre os morros de Santo Antônio e Pedro Dias não eram adequadas. A abertura da Rua do Lavradio data de 1771 e seu alinhamento, de 1777. No lado direito da Rua do Lavradio, diversos terrenos foram doados, fazendo fronteira com a propriedade do Convento de Santo Antônio. A propriedade de Pedro Dias Paes Leme, que ficava no lado esquerdo, foi dividida entre os herdeiros, em 1783, depois de sua morte. O aterramento das áreas entre o Morro de Pedro Dias e os Arcos da Carioca ocorreu em 1778.

³⁶ A atual Praça Tiradentes teve seu início na separação do Campo de São Domingos, no século XVII. Denominava-se Rossio Grande em 1690. Por volta de 1718, passou a se chamar Campo dos Ciganos. Depois de 1747, ficou conhecida como Campo da Lampadosa, devido à construção da Capela de Nossa Senhora da Lampadosa. Com a chegada de um pelourinho na região, em 1808, passou a ser denominada de Campo do Polé. Em 1821, virou Praça da Constituição. Recebeu o nome de Praça Tiradentes, em 1890, pois acreditava-se que Joaquim José da Silva Xavier – mártir da Independência do Brasil – tenha sido enforcado próximo a esta região.

³⁷ A escassez das reservas auríferas em Minas Gerais, no final do século XVIII, provocou a crise econômica do Brasil: os recursos para melhorias urbanas foram interrompidos. O capital para dar continuidade às obras terminou. Os impostos cobrados à colônia pela corte portuguesa inflacionaram os preços dos alimentos e a quantidade de desempregados na cidade aumentou.

Na estrutura urbana, os grandes lotes das chácaras foram divididos em propriedades com frentes estreitas e grande profundidade (fig. 6).

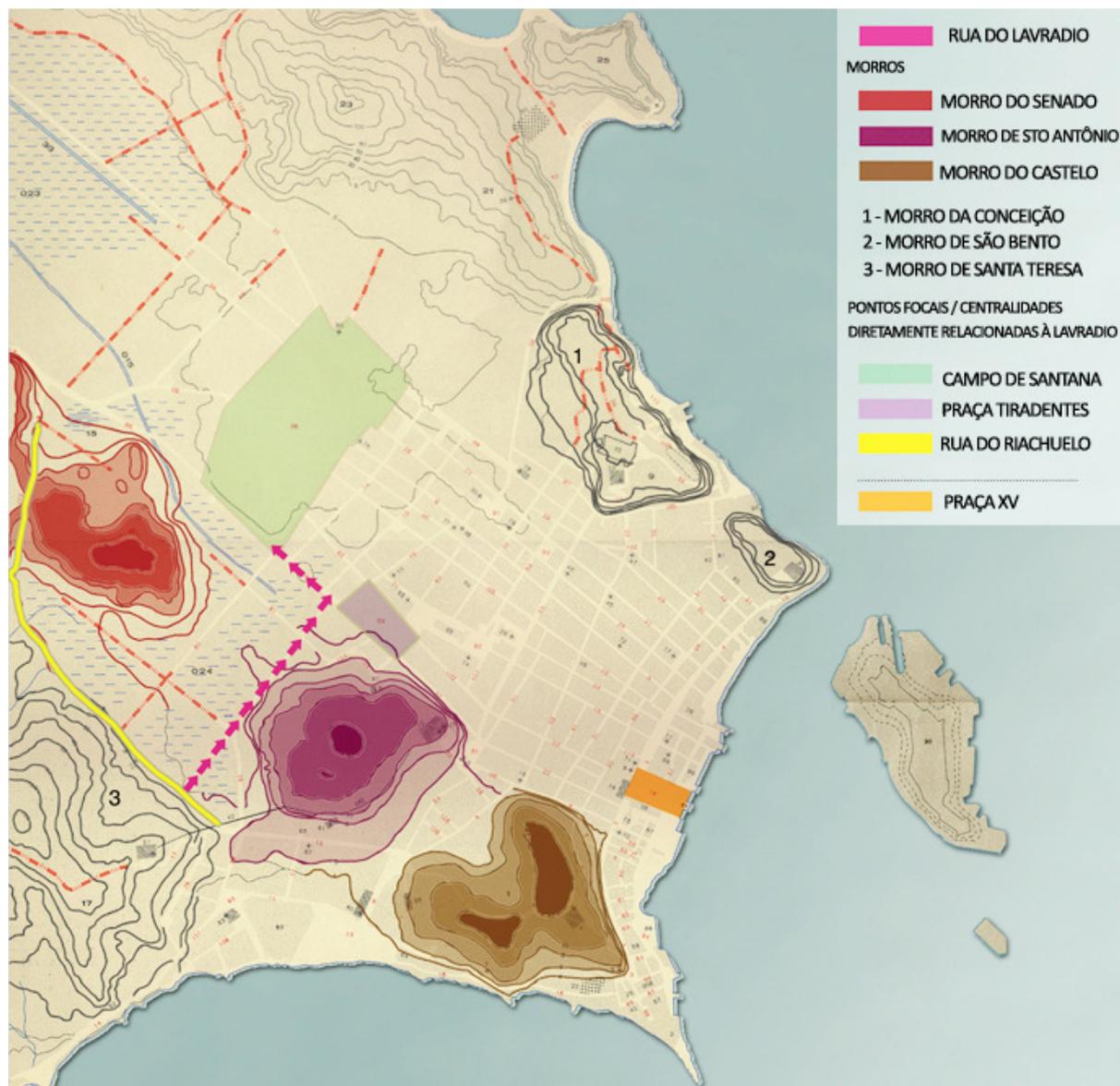


Figura 6 – Rua do Lavradio ligando a Estrada de Mata-Cavalos ao Campo de Santana, 1808.
Fonte: Imagem digitalizada da dissertação de Clarissa Fontes Paes, 2012, editada pela autora.

Ao redor do Largo do Rossio (Praça Tiradentes) e nas ruas próximas à Academia de Belas-Artes, apareceram teatros³⁸, cafés e o comércio de pequeno porte, além dos palacetes. O lazer e a moradia de personalidades importantes constituíram-se como os outros usos do local. Devido à ligação da Praça Tiradentes ao Campo de Santana por meio do transporte público³⁹ e à presença

³⁸ A ópera e o teatro foram entretenimentos que ganharam muito destaque nesta época. Antes disso existiam apenas algumas experiências teatrais. Com a chegada da corte, os atores passaram a ser profissionais e os locais para espetáculo passaram a ter programação.

³⁹ A partir de 1837, ambas as localidades tornaram-se mais frequentadas devido à inauguração da primeira linha de ônibus de tração animal, que ligava a Praça Tiradentes a Botafogo.

de grandes terrenos que permitiam construir residências com quintais, houve um processo de transformação urbana naquela região.

A Rua do Lavradio exerceu um importante papel na área política e social da cidade. Juntamente com a Rua dos Inválidos, tornou-se uma das ruas mais valorizadas do início do século XIX, devido à regularidade de traçado e ao calçamento em mármore artificial. Com as ruas do Resende e do Senado, tornou-se local de moradia dos nobres. Na Rua do Lavradio, em especial, localizavam-se elegantes casarões de representantes importantes da administração pública⁴⁰. A rua começou a ser reconhecida como um símbolo da vida social e da boemia.

Os primeiros negociantes franceses e de outras nacionalidades que chegaram à cidade após a queda de Napoleão, em 1814, se estabeleceram na Rua do Lavradio. Isto provocou grande mudança no comportamento social da população, devido aos novos hábitos e às atitudes mais liberais, principalmente no modo de vestir-se, nas ideias, na diversão e na política⁴¹. Esta ocupação acarretou, ainda, novas transformações de uso: a região deixou de ser apenas residencial e passou a abrigar atividades comerciais – farmácias, armazéns e pequenas manufaturas. A relevância que aos poucos ia sendo adquirida fez com que a rua passasse a ser conhecida como uma nova freguesia da cidade.

Diversos usos chegam até a Rua do Lavradio

A partir de 1868, surgiu como alternativa o transporte feito por bondes sobre trilhos movidos por tração animal, fazendo com que a localidade mudasse sua configuração. Em 1875, a função de moradia dos palacetes foi sendo substituída por outras atividades, como escolas e oficinas. Além disso, casas de saúde estabeleceram-se, principalmente na Rua do Riachuelo.

Devido à proximidade com a Praça da Constituição (atual Praça Tiradentes)⁴², outros tipos de moradores – artistas, professores de canto, dança, piano, entre outros – passaram a habitar a Rua do Lavradio. Surgiram, também, atividades comerciais e os mais variados tipos de estabelecimentos, tais como consultórios médicos, escritórios, pequenas instituições⁴³. Alguns prédios e sobrados tornaram-se local de trabalho (armazéns, lojas etc.) e moradia. As antigas residências dos nobres transformaram-se em pensões e ofereciam serviços voltados ao gosto

⁴⁰ Em 1808, a Lavradio possuía 67 casas do lado direito e 25 do lado esquerdo, totalizando 92 casas. A procura por terrenos aumentou, nesta mesma época, devido à existência da sede do Tribunal da Relação. Ali residiam o Cônsul de Baden, Eduardo Laemmert, e o Marquês de Cantagalo. Nas ruas vizinhas moravam o Visconde do Rio Seco e o embaixador britânico.

⁴¹ Neste momento, reatavam-se as relações entre Portugal e França. A influência dos hábitos europeus, principalmente os da cultura francesa, além de incidir sobre esses aspectos, colaborou, ainda, para que o comércio se expandisse pelo Rio de Janeiro.

⁴² Residiam na rua o ator João Caetano dos Santos e sua mulher Estella Sezefreda dos Santos. Mesmo pertencendo à classe trabalhadora, a população existente na rua era educada e culta.

⁴³ Instituições tais como a Imperial Sociedade Auxiliadora das Artes Mecânicas, Liberais e Beneficente, as sociedades beneficentes Paulista José Bonifácio, dos Filhos da Luz, do Comércio e Artes e da Estrela do Rio, a União dos Proprietários de Estalagens e Casas de Alugar Cômodos, a União dos Seculares Empregados de Igreja, e a sede do Templo Maçônico Grande Oriente.

européu. Com isso a rua passou a ser reconhecida como um dos logradouros mais movimentados da cidade.

A partir da metade do século XIX, a Praça da Constituição firmou-se como o local dos teatros, animando o cenário noturno⁴⁴. A Rua do Lavradio passou a ser um reflexo da praça, pois, nela existiam inúmeros locais de entretenimento e casas de show. Dentre os teatros, destaca-se o Teatro Apolo (fig. 7), que foi aberto em 1890 e parou de funcionar em 1916 com o falecimento de seu proprietário, Celestino da Silva. Foi doado à prefeitura para que, após a morte de Celestino, abrigasse uma escola para as crianças da vizinhança. Além deste, existiam o Édén Lavradio – inaugurado em 1895 pela atriz e empresária Pepa Ruiz; o Politheama Fluminense – que exibia óperas a preços populares, espetáculos circenses e companhias líricas, mas cujas atividades foram irrompidas em 1894 após um incêndio; o High Life – aberto em 1900 e substituído pelo Teatro Follies Bergères, que foi fechado em 1904 por falta de segurança.



Figura 7 – Teatro Apolo, sem data.

Fonte: Imagem digitalizada do livro *Rua do Lavradio*, 2007.
Autor: Augusto Malta.

O palacete (atual loja maçônica Grande Oriente do Brasil) também teve sua história ligada ao teatro. Em 1826, Vítor Porfírio Borja começou a construir o Teatro do Porfírio voltado a espetáculos de dramas e comédias. As obras já estavam em andamento, quando Vítor desistiu do projeto por falta de recursos. José Clemente Pereira concluiu a obra e alterou a função do casarão, que se tornou sede da maçonaria (GERSON, 2000).

⁴⁴ Esse período durou até 1930. Foi iniciado pelas apresentações de Eleonora Duse, em 1885, e de Sarah Bernhardt, em 1886. Inicialmente as casas de show eram frequentadas, praticamente, apenas por homens – costume que mudou a partir da *Belle Époque*, no início do século XX. Aproximadamente 18 casas de show existiam no entorno da Tiradentes, entre 1880 e 1930. A maior parte da movimentação noturna da cidade, até o fim do século XIX, estava limitada à Praça Tiradentes e às ruas próximas. Apesar da expansão da cidade, o centro do Rio de Janeiro permanecia denso devido à grande quantidade de escravos libertos pela Abolição e à chegada de mais imigrantes europeus à cidade. Os teatros, que antes eram frequentados apenas pela classe mais abastada, nessa época já eram diversão da burguesia, que incorporou essa atividade aos seus costumes. Contudo, esse público – formado por empregados de comércio, estudantes, intelectuais e pequenos funcionários – assistiam aos espetáculos nas galerias dos teatros, pois não podiam pagar pelos ingressos mais caros e nem usar vestimentas elegantes.

Em, 1894 o movimento de pessoas da área se acentuou com a Praça Tiradentes concentrando todos os tipos de trabalhadores, compradores, visitantes e pessoas em busca de diversão. Os bondes elétricos, principal meio de transporte coletivo da época, faziam ponto de parada nessa região.

Depois de parar de funcionar como aqueduto Carioca, os Arcos da Lapa assumiram, em 1896, a função de viaduto para levar os bondes até Santa Teresa (fig. 8).

No final do século XIX, fábricas, carpintarias, tipografias, além dos bares, circos e teatros instalaram-se na Rua do Lavradio. A localidade começou a ser muito frequentada por operários, com a mudança de direção da classe média (VILLAÇA, 1998). Com isso, em lugar de residências requintadas, surgiram pensões e casas de cômodos⁴⁵.

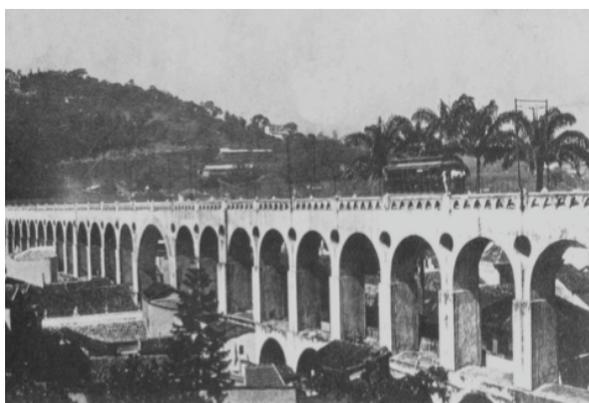


Figura 8 – Bonde sobre Arcos da Lapa na década de 1900.
Fonte: Imagem digitalizada do livro *Cidade em movimento*, 2003. Acervo: Arquivo Geral da Cidade do RJ.

Além das peças teatrais, surgiam os circos. A diversidade de espetáculos e a vida cultural, mundana e noturna, caracterizavam a urbanidade na virada do século XIX. No início do século XX, com a produção da cerveja nacional⁴⁶, as mais diferentes classes passaram a frequentar a Rua do Lavradio. Surgiram por toda a cidade os chamados *chopes-berrantes* – ambientes descontraídos e barulhentos que ofereciam shows e viviam lotados. O maior número dessas cervejarias concentrava-se na Rua do Lavradio, ligada à Praça Tiradentes e à Lapa.

O prefeito Pereira Passos transforma a cidade

Na virada do século XX, houve uma significativa piora em relação aos cuidados sanitários que prejudicavam a cidade. As dificuldades sociais se agravaram – pequenas casas instalaram-se nas encostas dos morros, a população aumentou. Os surtos de epidemias por conta da falta de higiene e de água nas ruas e as moradias insalubres preocupavam a sociedade e atrapalhavam os negócios.

⁴⁵ As famílias deslocaram-se em direção à Tijuca, Laranjeiras e adjacências.

⁴⁶ Até a Independência do Brasil, em 1822, Portugal não permitia que fosse consumida outra bebida além de vinho. A cerveja só passou a ser consumida na cidade no início do século XX.

Constatava-se, portanto, que a cidade estava despreparada para atender às propostas do novo regime e que, apesar da beleza da paisagem, sua imagem era incompatível com o que se esperava da capital da recém instaurada República Federativa do Brasil. Era urgente resolver os problemas relacionados à saúde pública, garantir o movimento portuário e, ainda, realizar grandes obras de remodelação dos espaços públicos para torná-la bonita, espaçosa, moderna e civilizada. (RABHA; PINHEIRO, 2007, p.91).

Em 1902, para que a cidade se apresentasse como a capital do regime republicano, Rodrigues Alves realizou diversas obras urbanísticas com a ajuda de Pereira Passos, prefeito da cidade (ABREU, 2008).

Durante sua gestão, de 1902 a 1906, o Largo da Lapa foi arborizado, o lampadário construído e o Passeio Público recuperado (fig.9). Foram abertas a Rua Gomes Freire e da Avenida Mem de Sá. Tais obras implicaram o parcelamento das chácaras existentes, provocando a demolição de várias edificações em ambas as ruas. Na Rua do Lavradio, as demolições se concentraram junto à Rua Riachuelo.



Figura 9 – Arcos da Lapa, 1906.

Fonte: Imagem digitalizada do livro *Augusto Malta e o Rio de Janeiro: 1903-1936*, 2009. Autor: Augusto Malta.

Dentre outras realizações, com fins higienistas e de embelezamento da cidade, Pereira Passos construiu um porto moderno, promoveu a vacinação obrigatória para a população⁴⁷ contra a febre amarela e outras doenças, impediu a criação de animais – porcos e vacas – no contorno urbano, proibiu moradores de rua de pedirem esmolas, desapropriou diversas casas, retirando os trabalhadores da área central. A imagem da cidade do Rio de Janeiro aos poucos foi transformada:

A proposta, entretanto, não se restringia à transformação urbanística da cidade, nem à erradicação das epidemias, pretendia-se também influir na estrutura e nos valores da sociedade, revolucionar os costumes e criar uma nova

⁴⁷ O que provocou, por sua vez, a Revolta da Vacina.

mentalidade de progresso. (...) A cidade, que vivia momentos de efervescência cultural e de alegria nas ruas, parecia não querer mudar seus hábitos mundanos. Afinal, florescia no Rio uma era que foi chamada *Belle Époque* brasileira — na verdade, carioca — que reproduzia, a seu modo, a atmosfera liberal e boêmia que caracterizou a vida parisiense no período dos 35 anos (1879-1914) que antecederam à Primeira Guerra Mundial (RABHA; PINHEIRO, 2007, p.87-88).

Durante este período de quase 25 anos⁴⁸, a Lapa se configurava como mais um polo de cultura e diversão. A noite animada garantia diversas opções para empresários, políticos, intelectuais⁴⁹, sambistas e malandros. Este último grupo tornou-se figura emblemática do local devido ao seu modo peculiar de falar e vestir, além das histórias por eles contadas.

O local também funcionou como reduto de pequenas lojas de móveis, roupas, bebidas e gêneros alimentícios. As atividades industriais foram representadas pela Fundação Progresso, localizada na Rua dos Arcos, que funcionou até o ano 1970 como fábrica de cofres e fogões. A Lapa detinha um caráter dual: de dia, era habitada por comerciantes, carregadores e caminhoneiros e de noite era cenário para os boêmios.

A Rua do Lavradio, que antes interligava o Campo de Santana e a Rua do Riachuelo, passou a conectar a Praça Tiradentes à Lapa. Porém, em 1891, a rua começou a ser afetada pelo desmonte do Morro do Senado, realizado nos governos federal e municipal. Além disso, a rua sofreu com a constante ameaça de demolição do Morro de Santo Antônio, o que só se efetivou nas gestões de Dulcídio Cardoso (1952-1954) e Alim Pedro (1955-1956).

A Praça Tiradentes em contraste com a Avenida Central

Com a instalação de novos estabelecimentos na Avenida Central, os teatros mais ilustres da Praça Tiradentes (fig.10) deixaram de ser os principais polos de diversão. Com a renovação urbana no início do século XX, a Praça Tiradentes não era mais uma novidade e passou a ser de uso comum.



Figura 10 – Praça Tiradentes como local de atividades culturais da cidade, 1928.

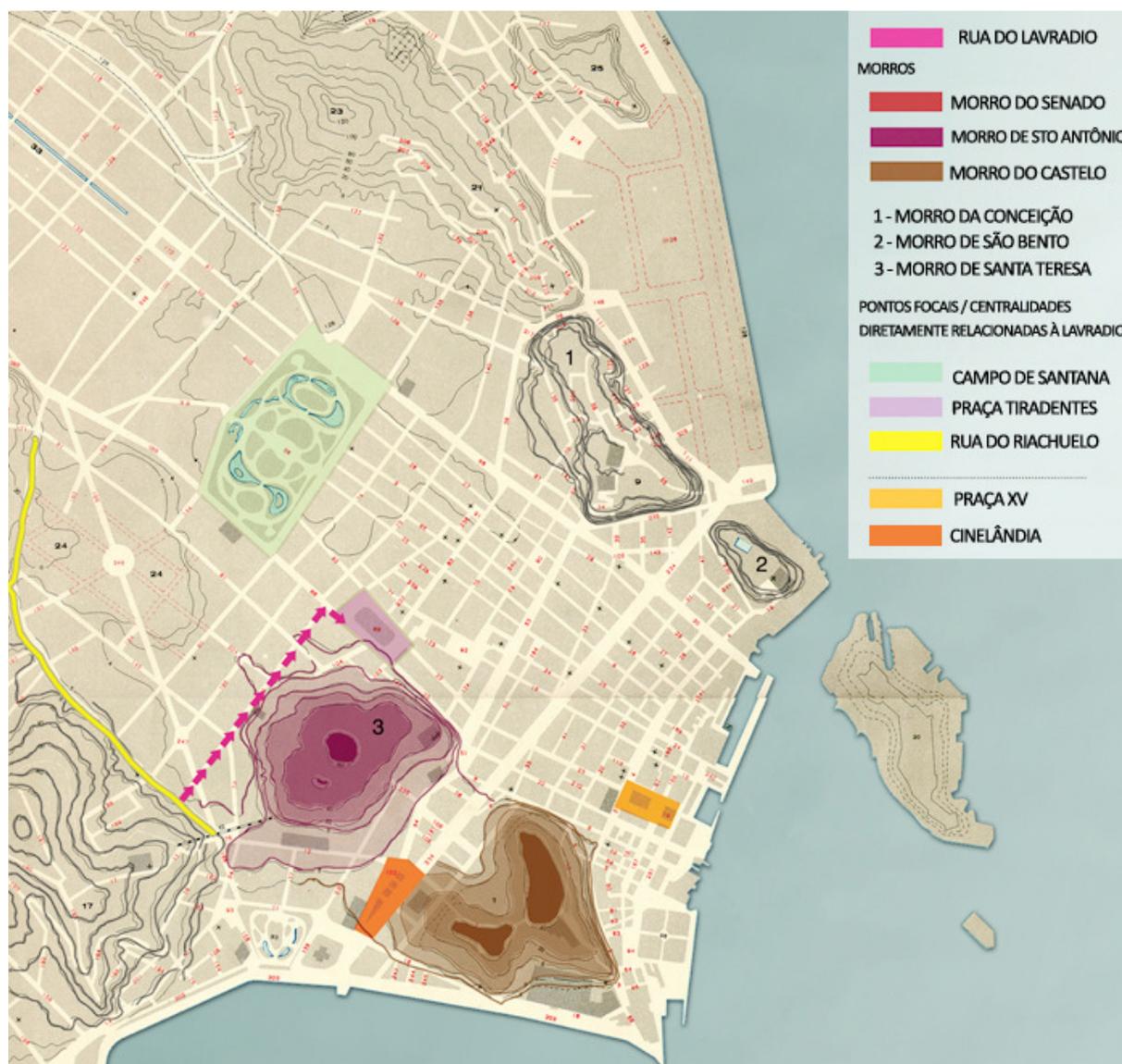
Fonte: Imagem digitalizada do livro *Rua do Lavradio*, 2007. Acervo: Arquivo Geral da Cidade do RJ.

⁴⁸ Período entre os governos dos presidentes Rodrigues Alves e Washington Luis, deposto em 1930, com o fim da República Velha.

⁴⁹ Na época, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Villa-Lobos, dentre outros.

A Lapa começou a ser vista como um local perigoso, pela presença de boêmios e malandros. As residências foram sendo substituídas por cabarés e prostíbulos, além de apresentarem aspectos de decadência.

Embora com aspectos sociais e construtivos bem diferentes, a cidade se apropriou da Praça Tiradentes e da Cinelândia como eixos de diversão⁵⁰ (fig. 11). Com a construção do Theatro Municipal na Avenida Central (Avenida Rio Branco), a Cinelândia passou a concorrer com a Praça Tiradentes.



--Figura 11 - Rua do Lavradio ligando a Praça Tiradentes à Lapa, 1910.

Fonte: Imagem digitalizada da dissertação de Clarissa Fontes Paes, 2012, editada pela autora.

⁵⁰ Na Praça Tiradentes, os edifícios, em sua maioria, eram antigos e baixos. O comércio varejista localizava-se no térreo. Na parte superior, ficavam oficinas e pequenas fábricas. Os bares e restaurantes não eram requintados. No período diurno, a praça apresentava bastante movimento, pois servia de passagem para as pessoas que vinham dos bairros da Zona Norte e iam em direção ao Centro. A Cinelândia detinha os prédios mais altos e modernos, projetados para cinemas de grande porte, hotéis refinados e ambientes com entretenimento à noite, juntamente com o Theatro Municipal, a Escola de Belas-Artes e a Biblioteca Nacional. Conectava o Centro aos bairros da orla sul, local em que existiam as maiores edificações construídas no Rio de Janeiro.

Devido aos atos de repressão à prostituição no entorno da Lapa e à decadência dos teatros da Praça Tiradentes, a Rua do Lavradio começou a entrar em um período de ostracismo e esquecimento.

A demolição do morro e a criação da Esplanada de Santo Antônio

Na década de 1920, persistiu um dilema do poder executivo quanto a realizar a preservação ou a demolição do Morro de Santo Antônio (figs. 12 e 13). Apesar da empresa responsável pela derrubada do morro levar em conta a preservação da igreja e do convento, a prefeitura assinou acordo que acabou por mudar o plano de demolição.

Um novo plano elaborado por Alfred Agache, arquiteto e urbanista francês surgiu no final da década de 1920. Para Agache, apenas os arcos e o Convento de Santo Antônio deveriam ser mantidos. O restante poderia ser demolido. Porém, por conta de mudanças políticas, o plano e suas diretrizes passaram por um processo de reavaliação. O desmonte do Morro de Santo Antônio significava “a derrubada das edificações religiosas, a mudança da população que morava no local e a ruptura de toda uma simbiose construída por muitos anos de convivência entre a Rua do Lavradio e o próprio morro” (RABHA; PINHEIRO, 2007, p.93).



Figuras 12 e 13 – Morro de Santo Antônio, 1914.

Fonte: Imagem digitalizada do livro *Rua do Lavradio*, 2007. Acervo: Arquivo Geral da Cidade do RJ e Imagem digitalizada do livro *Augusto Malta e o Rio de Janeiro: 1903-1936*, 2009. Autor: Augusto Malta, respectivamente.

Na década de 1930, o arrasamento do morro foi apontado pelo prefeito Henrique Dodsworth como ação de grande importância, pois, o morro configurava uma barreira que dificultava a ligação entre as zonas norte e sul da cidade e impedia a expansão do Centro. Como o processo jurídico não se resolvia, a prefeitura propôs, em 1937, um novo projeto para a área.

Apenas em 1955 – ano previsto para realização do Congresso Eucarístico – a situação foi resolvida. A realização do projeto teve como justificativa gerar novas áreas que pudessem ser

construídas, melhorar a ventilação da área central e, sobretudo, criar vias amplas e modernas para a mobilidade urbana.

Em 1957, o morro de Santo Antônio deixou de existir no cenário carioca⁵¹. Em contrapartida, surgiram na paisagem os edifícios que não podiam ser vistos pela presença do morro. Sobreviveram ao desmonte o Convento de Santo Antônio e a Igreja Ordem Terceira de São Francisco, tidos como exemplares da arquitetura colonial carioca.

A derrubada do Morro de Santo Antônio (fig. 14) possibilitou a construção das “avenidas Norte-Sul, alternativa viária para o desvio do trânsito da Avenida Rio Branco para a Glória e a Almirante Barroso, prolongada para conectar-se à Rua da Relação, destinada a facilitar a circulação para a Zona Norte. As vias foram implantadas, ainda que parcialmente” (RABHA; PINHEIRO, 2007, p.106).

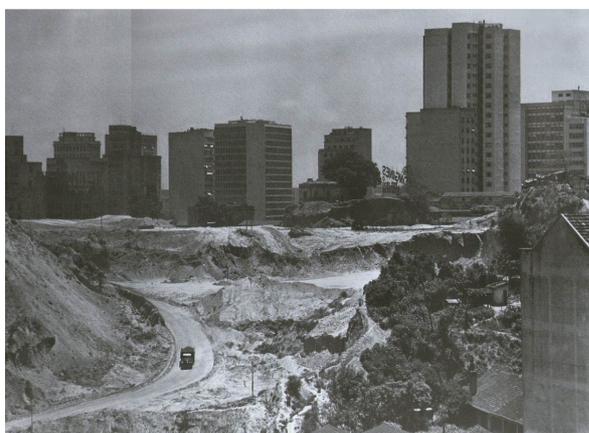


Figura 14 – Derrubada do Morro de Santo Antônio na década de 1950.

Fonte: Imagem digitalizada da *Coleção Rio de Outros Tempos*, vol.8. Acervo O Globo, 2012.

Segundo Paes (2012), ao governo militar interessava implantar na área um núcleo administrativo de âmbito nacional e que desse continuidade ao projeto de transformar a cidade na nova capital federal.

A Esplanada de Santo Antônio foi idealizada ao longo de décadas utilizando diferentes diretrizes projetuais. No entanto, o projeto executado contempla lotes de grandes dimensões que, no decorrer do tempo, foram disponibilizados pela prefeitura para uso corporativo⁵².

A morfologia urbana da área alterou-se com a construção da Avenida República do Chile, no início da década de 1960. Sua implantação originou um corte expressivo no tecido urbano existente e uma desigualdade ao contrastar pequenos sobrados – que se reuniam em um *continuum* urbano – com torres dispostas isoladamente e no centro dos terrenos (PAES, 2012)(fig. 15).

⁵¹ As terras retiradas do arrasamento foram utilizadas na construção do aterro do Flamengo, local onde seria construída uma *parkway* junto à Baía de Guanabara.

⁵² Cf. Paes (2012) a respeito dos projetos de intervenção idealizados para a Esplanada de Santo Antônio.



Figura 15 – Cinelândia como polo de diversão, 1960.

Fonte: Imagem digitalizada da dissertação de Clarissa Fontes Paes, 2012, editada pela autora.

Por abrigar edifícios das sedes da Petrobras e do BNDES, importantes empresas para o desenvolvimento econômico do país, a Avenida República do Chile transformou-se em uma das principais vias empresariais da área central (figs. 16 e 17). Este processo de transformação influenciou diretamente na Rua do Lavradio:

Tendo sido rompida em sua continuidade, logo foi transformada numa fronteira aberta, numa "boca banguela", com brechas ampliadas para que o novo traçado viário modernista pudesse avançar. Entretanto, sua ruptura não conseguiu promover o avanço das forças de transformação e não foram ultrapassados os limites da área que estava comprometida diretamente com o projeto de reurbanização. A possibilidade de contaminação pelo progresso não ocorreu. (RABHA; PINHEIRO, 2007, p.106).



Figura 16 – Avenida Almirante Barroso e Avenida República do Chile, sem data.

Fonte: Imagem digitalizada da *Coleção Rio de Outros Tempos*, vol.8. Acervo O Globo, 2012.

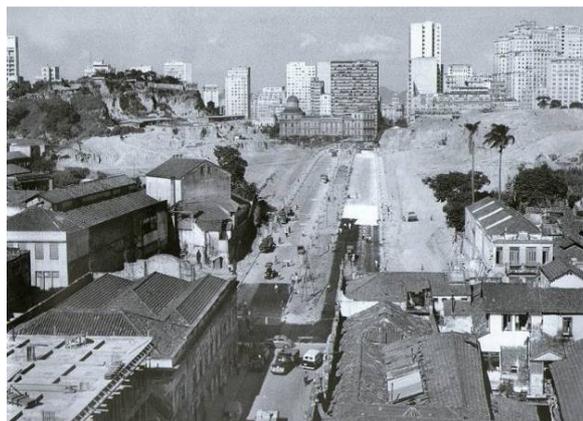


Figura 17 – Avenida República do Chile e Rua do Lavradio, aproximadamente 1960.

Fonte: Imagem digitalizada da *Coleção Rio de Outros Tempos*, vol.8. Acervo O Globo, 2012.

Tanto o desmonte do Morro do Senado, quanto o desmonte do Morro de Santo Antônio (considerados marcos da reorganização urbanística), apesar de terem provocado melhorias no sistema viário da cidade, produziram uma ruptura na relação existente entre estes dois espaços urbanos e os demais espaços da região:

A demora na reocupação da esplanada resultante do arrasamento do morro, ainda não finalizada até os dias de hoje, provocou uma ruptura urbana difícil de ser remendada, tanto pela escala das edificações ali instaladas quanto pelo desequilíbrio hierárquico entre as novas vias implantadas e as ruas vizinhas, entre elas a Lavradio (PINHEIRO, 2007, p.118).

A Rua do Lavradio passou por um período de instabilidade. Houve um aumento do número de brechós, de prostíbulo e uma aceleração no processo de degradação dos edifícios históricos, quando não sua total perda. A rua sofreu um processo de gradual abandono.

O surgimento dos antiquários

Por volta de 1950, com a extinção do mercado de móveis localizado na Praça Onze, a Rua do Lavradio passou a ser conhecida como a *Rua dos Antiquários*. As inúmeras transformações ocorridas pela abertura da Avenida Presidente Vargas obrigaram os comerciantes a se transferir para a Lapa, nas imediações da Rua do Lavradio, ocupando os antigos e desvalorizados casarões. Com isso o comércio de antiguidades passou a ser o uso predominante na rua. Em 1960, ocorreu a mudança da capital federal para Brasília e a criação do Estado da Guanabara, que perdurou até 1975, quando houve sua fusão com o Estado do Rio de Janeiro. A antiga capital federal, transformada em município e capital do estado, passou por um longo processo de esvaziamento de poder político e econômico que, associado com a expansão urbana em direção à Zona Sul e, posteriormente, à Barra da Tijuca, ocasionou o empobrecimento do Centro. Com a falta de ações e de investimentos públicos, a região central passou por um contínuo processo de decadência,

que se refletiu diretamente na Rua do Lavradio – já então consolidada como a *Rua dos Antiquários* (FRÓES, 2007).

Apesar da decadência do Centro, a partir da década de 1980, a comercialização de antiguidades na Rua do Lavradio ganhou força com a abertura dos brechós. Mas a mistura com cortiços, depósitos de materiais recicláveis, banheiros coletivos, pensões, botequins etc. dificultou o processo de transformação da rua.

Em 1988, foi inaugurado o Antique Center – centro de antiguidades com diversos boxes de diferentes comerciantes – por Ricardo Caputi e Marcelo Vasconcelos no sobrado de nº 28 da rua. No nº 22, os mesmos comerciantes abriram o Art Center, posteriormente adquirido por Plínio Quintão Fróes. Em 1997, Lou Vicente inaugurou o Emporium 100, fechado em 2002, que durante o dia funcionava com o comércio de antiguidades e à noite se transformava em bar com apresentações de música ao vivo. Essa iniciativa fez com que muitos outros comerciantes locais também passassem a abrigar em suas lojas um duplo uso: comércio e diversão. O Rio Scenarium, inaugurado em 2001, foi um dos expoentes desse processo (PAES, 2012).

A preservação do patrimônio: o Projeto Corredor Cultural

Antes da década de 1970, as marcas da degradação dos ambientes públicos e privados se faziam cada vez mais presentes na região central da cidade. A atividade econômica também apresentava sinais de estagnação. Porém, a região central abrigava edificações importantes ligadas à cultura, às artes e ao entretenimento – museus, igrejas, bibliotecas, palácios, teatros, cinemas, parques, praças, dentre outras⁵³.

O Centro sofreu um rápido processo de transformação: obras desenfreadas, demolições de edifícios antigos e construções de novos arranha-céus. Isto prejudicou o desenvolvimento dos espaços públicos e privados, impedidos “da fruição, do hábito de flunar, ou apenas da contemplação, pela fúria incontida da renovação” (PINHEIRO, 2007, p.122). O local passava, naquele momento, por várias transformações como a transferência de moradores para outros locais em busca de mais qualidade de vida; o deslocamento do setor comercial e de serviços para outros bairros; o desaparecimento do uso habitacional, provocado pela atividade imobiliária privada – atraída por crescimento acelerado e pelo valor de bairros distantes; e a redução das atividades ligadas à esfera pública com a mudança da capital para Brasília. Entretanto, a partir da década de 1970, surgiu um novo olhar sobre as cidades, sobre a conservação dos lugares, da

⁵³ Existiam ainda conjuntos históricos arquitetônicos preservados, como o conjunto de travessas e becos da Praça Quinze, a Rua da Carioca, a área do Saara, a Rua do Lavradio e seu entorno. No entanto, somente o que era classificado como monumento incontestado – de alto valor artístico – possuía proteção. O restante era caracterizado pelas leis de proteção, como construções desprovidas de valor, não sendo necessário ser preservado.

memória, da cultura e da vida urbana. Iniciava-se um movimento para a construção de uma política de preservação do Centro, que marcaria,

[...] o ingresso, no mundo do patrimônio, de outros níveis de poder que passariam, a partir de então, a dividir com a esfera federal a tarefa de proteger o imenso patrimônio cultural do Brasil, federalizando a questão. Coube, portanto, aos estados e aos municípios (ainda que timidamente no início) definir suas leis e instrumentos específicos e as instituições às quais caberiam a seleção e a proteção dos bens declarados de interesse para a preservação. Caberia também a eles, seguindo o caminho inicialmente trilhado pelo órgão federal, estabelecer os novos conceitos a partir dos quais selecionariam os bens culturais que passariam a integrar seus acervos protegidos e definiriam como conservá-los. [...]A partir da destruição do Palácio Monroe se intensificariam os processos para salvar o patrimônio cultural do Centro do Rio e, por extensão, de toda a cidade. O movimento inicial de reação teve origem no próprio poder público municipal, com a criação de uma equipe de técnicos e intelectuais destinada a estudar e propor medidas para um projeto de preservação e revitalização do Centro da cidade, que se chamou desde o início, em 1979, Corredor Cultural (PINHEIRO, 2007, p. 118-119; p.121).

O Projeto do Corredor Cultural teve seu início e desenvolvimento durante a gestão do prefeito Israel Klabin. O plano surgiu com objetivo de preservar o patrimônio da cidade e revitalizar o Centro, evidenciando o valor monetário e o significado arquitetônico, paisagístico e estético presentes naquela região da cidade. Os proprietários de imóveis e comerciantes tornaram-se peças-chave desse processo, aceitando e cumprindo seus instrumentos formais e legais. Ainda em vigor na atualidade, a diretriz básica previa a manutenção das fachadas e telhados das edificações preservadas. Como incentivo, o governo isentava de imposto predial aqueles dispostos a conservar a integridade e a aparência dos seus imóveis.

O Corredor preserva a volumetria das edificações, as fachadas, quantas houver e a sua cobertura. [...] a isenção de IPTU é concedida para os imóveis que fazem o trabalho de conservação com qualidade, feita com base em sua conservação; sua continuidade só ocorrerá se suas condições internas forem boas.[...] Muita gente questiona o quanto todas essas isenções vão pesar nos cofres públicos. Entendo que até mesmo que houvesse um comprometimento muito grande desses recursos que deixariam de entrar nos cofres públicos, ainda assim a causa seria justa e válida. Valeria a pena sacrificar outros bairros em favor do Centro da cidade que é a referência; apesar das novas centralidades que surgem, o Centro continua sendo o "centro" de todos os bairros. Contém a história, a bagagem, a memória, os fantasminhas que rondam, que outros não têm. (Maria Helena McLaren em entrevista realizada por Denise de Alcântara em 2003).

O Corredor Cultural foi consolidado pela lei municipal nº 506 de 17 de janeiro de 1984, consagrado como instrumento legal de preservação do Centro da cidade. Posteriormente, em 1987, a lei nº 1.139 substituiu a anterior, acrescentando novas divisões e alterando parcialmente o texto original. O Projeto de Alinhamento (PA) 10.290 e o Projeto de Loteamento (PAL) são

complementos essenciais às leis⁵⁴. Quatro áreas fazem parte da divisão do Corredor: Lapa-Cinelândia, Praça Quinze, Largo de São Francisco e imediações e Saara (fig. 18).

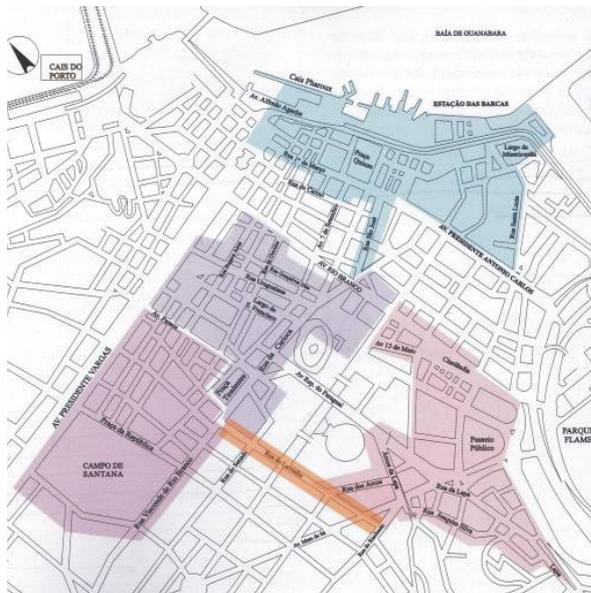
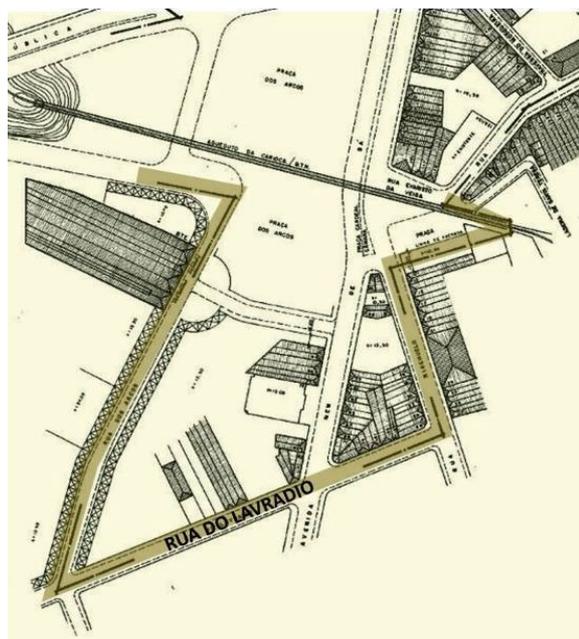
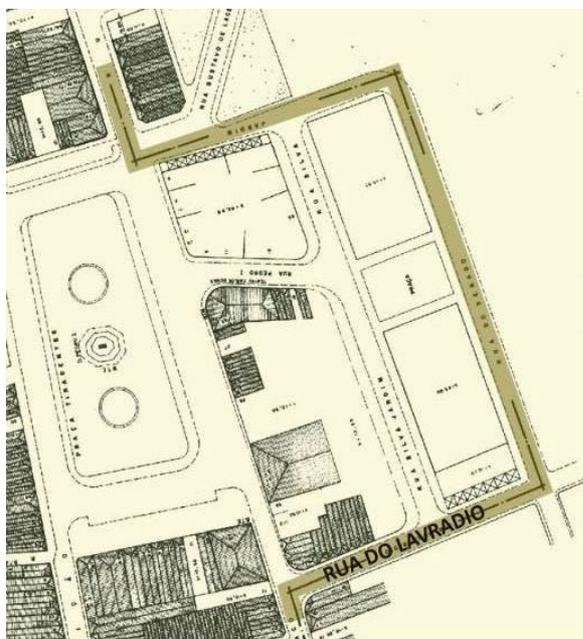


Figura 18 – Limites do Corredor Cultural e Rua do Lavradio em destaque. Note-se que somente as extremidades da via faziam parte da área original de abrangência do projeto.

Fonte: Imagem digitalizada do livro *Como recuperar, reformar ou construir seu imóvel no Corredor Cultural*, 2002, editada pela autora.

No caso da Lapa, a diversidade de estabelecimentos e de usos determinou um importante incentivo de preservação da Região Central. Entretanto somente trechos da Rua do Lavradio faziam parte da área de abrangência inicial do Projeto do Corredor Cultural, o que promoveu a proteção de apenas quinze edificações no lado ímpar, na primeira e na última quadra (figs. 19 e 20).



Figuras 19 e 20 – Limites Corredor Cultural na Rua do Lavradio.

Fonte: Imagem digitalizada de parte do Projeto de Alinhamento 10.290, editada pela autora.

⁵⁴ O PA é constituído por quatro plantas que delimitam o Corredor Cultural, as zonas de preservação, renovação e reconstituição; as praças públicas e áreas não edificadas, os imóveis tombados, os gabaritos e os alinhamentos.

Novas perspectivas de desenvolvimento

Nos anos de 1990, várias edificações, protegidas pelo Projeto e pelo patrimônio histórico, já se encontram restauradas ou recuperadas. Em 1993, sob o comando do prefeito César Maia, foi criada, a subprefeitura do Centro – responsável por comandar os setores públicos existentes no local, propor e supervisionar um planejamento de obras para recuperar os espaços públicos.

A iluminação pública da área central sofreu melhorias, sobretudo, para evidenciar a arquitetura de alguns monumentos importantes. Ocorreu ainda a reurbanização de praças, algumas protegidas por grades para evitar sua degradação. O comércio informal foi transferido e concentrado em locais específicos, garantindo a limpeza e a melhor circulação dos transeuntes.

Entre o ano 1984⁵⁵ e 2000, diversos edifícios históricos, dentre eles, a Fundação Progresso e o Circo Voador, tiveram seu uso alterado, aproveitados para a criação de espaços voltados para a cultura. Como parte do projeto Habitar o Centro, a partir de 2002, também foram promovidos novos locais de moradia na região central.

Um importante motor da revitalização da Lapa foi o Circo Voador que se instalou na Lapa em 1983, passando a promover novos artistas, eventos de rock, espetáculos circenses e atraindo um grande público jovem. Entre 1996 e 1999, o circo suspendeu suas atividades. Foi reaberto pelo, até então, prefeito Cesar Maia após a realização de um concurso público que originou vários projetos arquitetônicos. Após sua reinauguração, o Circo ficou conhecido como um dos locais culturais mais importantes da cidade.

A revitalização promovida pelo Circo Voador trouxe outras atividades: trupes de teatro de rua, casas de show com música ao vivo, rodas de samba, novos e diversificados restaurantes e bares. O Circo consolidou-se como um espaço de integração entre o público e o privado e, juntamente com a Fundação Progresso, passou a ser um dos destinos culturais mais importantes da cidade.

Área de Proteção do Ambiente Cultural (Apac): o projeto sul do Corredor Cultural

Além do Corredor Cultural, a Área de Proteção do Ambiente Cultural da Cruz Vermelha (Apac), conhecida como projeto sul do Corredor Cultural, protege o patrimônio existente na Rua do Lavradio, além de manter relação com os bairros de Santa Teresa e Cidade Nova. Seu decreto de delimitação – nº 11.883 de 30 de dezembro de 1992 – autorizou a transformação de uso das edificações e estimulou o aproveitamento e a conservação de construções tombadas ou preservadas.

O principal objetivo da Apac é proteger conjuntos arquitetônicos que tenham importância para aquela região, considerando a relevância do conjunto e não o valor particular de cada

⁵⁵ Data em que o Paço Imperial foi restaurado e mudou sua função para centro cultural.

construção. No lado par da Rua do Lavradio, 65 construções foram preservadas pela Apac. Além disso, algumas construções foram tombadas pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), dentre elas, a Escola Celestino Dias, no nº 56, a Sociedade Brasileira de Belas-Artes no nº 84, o a Maçonaria, no nº 97 e uma vila, no nº 122.

O início da transformação da Rua do Lavradio

Apesar dos projetos de recuperação do Centro no princípio dos anos 1990, a Rua do Lavradio, funcionava como local de moradia de baixa renda, depósitos, brechós e como passagem de pedestres. Não existiam incentivos por parte do governo,

[...] as calçadas eram estreitíssimas, com cerca de 80 centímetros de largura, a iluminação era precária, o asfalto completamente esburacado, o esgoto aflorava pelos bueiros e o sistema de drenagem de águas pluviais não funcionava. [...] Os prédios [...] apesar de preservados por lei municipal, acompanhavam os padrões da rua: malconservados, invadidos e alguns abandonados (PINHEIRO, 2007, p.141).

A Rua do Lavradio e as áreas vizinhas (figs. 21 e 22) também enfrentavam problemas com as fortes chuvas que provocavam enchentes e transbordamento da rede de esgotos:

[...] o maior problema da rua ocorria durante as chuvas, quando as galerias antigas não tinham capacidade de absorver em pouco tempo altos índices pluviométricos. Agregue-se a isso o fato de a rede de esgoto, tão antiga quanto a pluvial, encontrar-se completamente danificada e interligada com a rede de drenagem. Assim, mesmo em tempo seco, os bueiros da Lavradio algumas vezes se transformavam em verdadeiros chafarizes de esgoto doméstico e águas servidas. Nas ocasiões de enchentes, os usuários dos prédios improvisavam pequenos "diques", anteparos de madeira para impedir a água, que podia alcançar mais de meio metro ao entrar nos prédios, como em Veneza, por ocasião do fenômeno da *acqua alta*, apenas sem o mesmo charme da bela cidade dos canais (PINHEIRO, 2007, p.149-150).



Figura 21 – Enchentes na Rua do Lavradio, 1940.
Fonte: Imagem digitalizada do livro *Rua do Lavradio*, 2007. Acervo: Arquivo Geral da Cidade do RJ.



Figura 22 – Enchentes na Rua do Senado, sem data.
Fonte: Imagem digitalizada do livro *Augusto Malta e o Rio de Janeiro: 1903-1936*, 2009. Autor: Augusto Malta.

A situação de inércia parecia que iria permanecer por muito tempo, pois os usuários da rua já haviam se habituado à situação (fig. 23). Devido ao estado da rua, acreditava-se que não haveria

problemas, protestos ou reclamações por parte dos usuários, quanto à transferência do terminal de ônibus do Largo de São Francisco para o lugar.

Com o projeto de transferência do terminal, parte da população, não aceitando essa iniciativa, recorreu junto ao Ministério Público do estado contra a determinação da prefeitura. Esta, no entanto, ganhou a ação judicial e o terminal foi instalado (fig. 24). Apesar disso, a reivindicação fez com que a prefeitura se associasse à comunidade da rua para transformar a Rua do Lavradio, permitindo que, por meio da preservação e de sua relevância histórica, a rua se inserisse na história do patrimônio da cidade do Rio de Janeiro.



Figura 23 – Rua do Lavradio esquina com a Rua Visconde do Rio Branco, 1990.

Fonte: Imagem digitalizada do livro *Projeto de Revitalização da Praça Tiradentes e Arredores*, 2005.



Figura 24 – Terminal de ônibus após sua transferência para a Rua do Lavradio, 1992.

Fonte: Jornal *O Dia* – 4/12/2012. Acervo: Agência O Dia.

O surgimento da Feira Rio Antigo

A Feira Rio Antigo teve seu início no primeiro sábado de outubro de 1996 quando um grupo⁵⁶ de comerciantes de móveis e objetos antigos, inconformados com a situação da área, se reuniu com o intuito de promover uma atividade que permitisse não só atrair consumidores e visitantes, mas que também chamasse atenção para o estado deplorável no qual a rua se encontrava. Os comerciantes uniram-se, então, na Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo (Accra)⁵⁷, dando início à organização do evento⁵⁸.

Conforme o arquiteto Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, então subprefeito do Centro, alguns membros da associação levaram até ele o projeto, visando a autorização para que a feira pudesse ser realizada:

⁵⁶ Conforme Marques (2002), este grupo, ao realizar uma exibição em dois sobrados, acabou por desfazer a tradição local em que os filhos eram herdeiros do comércio de antiguidades iniciado pelos pais. Na ocasião foram vendidos móveis e artefatos antigos, objetos de decoração e de arte. Posteriormente, o grupo passou a produzir a feira a cada mês.

⁵⁷ Atualmente esta associação passou a ser denominada Associação Polo Novo Rio Antigo.

⁵⁸ De acordo com Marques (2002), ao citar Plínio Quintão Froés, ex-presidente da Accra e atual proprietário do Rio Scenarium, quem deu origem à Accra foi o “Zé das Nega”, comerciante da antiga Casa da Borracha, localizada entre as ruas Gomes Freire e do Senado. Em seguida, após as primeiras exposições, os comerciantes da rua se interessaram em se reunir em uma associação para organizar o evento.

Um belo dia, lá pelo ano de 1996, adentra o prédio da subprefeitura do Centro, Rua da Constituição nº 34, um grupo apresentado pela chefe de gabinete Natércia Rossi como muito especial e raro naquele ambiente de gente reclamando, demandando, protestando, às vezes contra ações, ou não ações da prefeitura no Centro. Era mesmo, como foi anunciado, o grupo representante das 12 lojas de antiguidades existentes na Rua do Lavradio: elegante, simpático, educado e gentil. Nada beligerante, o que era de estranhar, pois a experiência de mais de trinta anos lidando com associações de moradores e outras, já havia mostrado que os encontros com representantes "comunitários" eram sempre tensos e pautados por conotações políticas.[...] Na Lavradio não, as pessoas pareciam normais, realmente interessadas em fazer algo pelo espaço em que se estabeleceram e onde conviviam pacífica e civilizadamente. Nenhum rancor ou animosidade prévia, apesar do episódio do terminal de ônibus. Nenhuma desconfiança. Apenas a vontade de construir algo juntos e positivo, para eles e para a cidade [...]. Todos os presentes eram proprietários de antiquários na rua, à exceção do Alberto, que possuía o Restaurante Alibi na Rua do Senado. Sua postulação: apoio para a realização de uma feira de rua de objetos antigos. Sua necessidade: licença para realizar a feira, limpeza da rua antes da montagem da feira, fechamento para o tráfego de toda a rua e, finalmente, se possível, a presença da Guarda Municipal. Do resto, eles cuidariam: a logística de montagem e desmontagem, o controle dos expositores, algum evento musical ou de animação teatral, a divulgação etc. Não pediram tampouco apoio financeiro. Quase um milagre na ex-capital federal acostumada ao assédio dos pedidos de favorecimento desde os tempos da monarquia. Para não dizer que nada, muitas foram as necessidades supridas pela bravíssima administradora regional, Olga Bronstein: reuniões de trabalho, esclarecimentos, soluções para alvarás com problemas, contatos com os órgãos de tráfego, de segurança, de limpeza, e até com uma maravilhosa baiana, autêntica, importada de outra rua para abrilhantar a feira com sua presença rendada e seus acarajés maravilhosos. Tudo começou assim, tão simples como descrito. A parceria deu certo: em outubro de 1996, inaugurou-se a Feira da Lavradio e com ela uma nova era para os antiquários, para os moradores, para a rua e para a cidade. (PINHEIRO, 2007, p.142;147).

Os próprios comerciantes divulgavam a feira. Sendo promovido a cada primeiro sábado do mês, das 11 às 17 horas, o evento começou a atuar como ação de resistência e apropriação do espaço público, como referência da história e da cultura local e como mola propulsora para a revitalização da área.

Em junho de 2001, surgiu na feira a Rede de Agentes Culturais (RAC), reunindo cerca de trinta expositores cadastrados – antiquários, livreiros, expositores e artistas plásticos. A associação foi presidida até outubro de 2001 por Lou Vicente, proprietária do Empório 100 (MARQUES, 2002).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) patrocinou a feira em 2006⁵⁹. O Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes (Sindrio), o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a Companhia de Bebidas das Américas (Ambev) e a Cerveja Sol também patrocinaram eventos organizados pela associação.

⁵⁹ Segundo a Associação Polo Novo Rio Antigo.

O apoio dos jornais na divulgação da feira – dentre os quais, a coluna de Danusa Leão no *Jornal do Brasil* – contribuiu para aumentar o número de frequentadores, o que passou a ser visto pelos comerciantes como positivo, diante do cenário de esvaziamento da área central.

Para fazer parte da feira como expositor, o comerciante apresentava seus produtos à associação e participava primeiramente como convidado da feira para que a Accra pudesse avaliar suas mercadorias. Os artefatos apresentados deveriam corresponder ao perfil das peças que eram expostas na feira (MARQUES, 2002).

A distribuição espacial não seguia uma ordem uniforme dos expositores. Além disso, não havia um limite de espaço a ser ocupado por cada comerciante, nem a separação dos artigos por setor (figs. 25 e 26).



Figuras 25 e 26 – Início da Feira Rio Antigo, sem data.
Fonte: Acervo da autora.

Cada expositor se apropriava da rua de modo a ocupar o espaço necessário para mostrar suas mercadorias. Em geral, os móveis e objetos antigos ficavam expostos na rua ou nas calçadas em frente às lojas (MARQUES, 2002). O espaço urbano transformava-se em um grande cenário de decoração (figs. 27 e 28).



Figuras 27 e 28 – Feira Rio Antigo, 2003.
Fonte: Acervo de Denise de Alcantara.

Durante a feira eram colocadas tendas coloridas no 1º quarteirão, perto da Rua Visconde do Rio Branco, de modo a facilitar sua visualização pelos visitantes (MARQUES, 2002).

A feira comercializava objetos de arte, utensílios, livros raros, móveis antigos e, ainda, esculturas e telas com motivos locais (figs. 29 e 30). Cerca de dez expositores da RAC participavam da feira e suas barracas eram identificadas com a cor branca e colocadas em linha na terceira quadra da rua, predominantemente do lado oposto ao Ciep José Pedro Varela (MARQUES, 2002).



Figuras 29 e 30 – Objetos e móveis expostos no início da Feira Rio Antigo, sem data.
Fonte: Acervo da autora.

Os comerciantes, muitas vezes, promoviam shows de choro e MPB com apresentações com artistas antigos e cantoras do rádio (figs. 31 e 32).



Figuras 31 e 32 – Cantoras na Feira Rio Antigo, sem data.
Fonte: Acervo da autora.

Para entreter o público também eram organizadas apresentações de samba de gafieira e de tango envolvendo dançarinos e visitantes interessados em se divertir com a dança (figs. 33 e 34).



Figura 33 – Apresentação de dança na Feira Rio Antigo, 2003.

Fonte: Acervo de Denise de Alcantara.



Figura 34 – Atrações da Feira Rio Antigo, sem data.

Fonte: Acervo da autora.

Como no início da feira existiam poucos bares e restaurantes, alguns comerciantes de antiguidades começaram a montar pequenas barracas para vender alimentos. Estas barracas, muitas vezes, ficavam colocadas juntamente com os artefatos expostos para a venda. Além destas pequenas barracas notava-se a presença do comércio ambulante (figs. 35 e 36).



Figura 35 e 36 – Barracas de alimentação para os visitantes, sem data.

Fonte: Acervo da autora.

A Feira Rio Antigo tornou-se um evento importante na Rua do Lavradio. Sua ambiência fez da rua um polo de atração de visitantes, capaz de resgatar a história, a memória e a importância da preservação dos espaços públicos.

Projeto de Recuperação e Reurbanização da Rua do Lavradio

Com a consolidação da feira em 1999⁶⁰, foi iniciado o Projeto de Recuperação e Reurbanização da Rua do Lavradio, visando recuperar os espaços públicos e a infraestrutura local. O projeto foi coordenado pela Empresa Municipal de Urbanização (Riourbe), sob a responsabilidade dos arquitetos Carlos Porto, Vera Dodsworth e Elvira Rossi e contou com o apoio do ex-subprefeito

⁶⁰ Durante a administração do prefeito Luiz Paulo Conde.

da Zona Central, arquiteto Augusto Ivan Pinheiro e do escritório Lopes, Santos e Ferreira Gomes Arquitetos Associados.

A iniciativa de realização da obra ocorreu quando,

o grupo de comerciantes, liderado por Plínio Fróes, um dos proprietários, ao lado de Nelson Torzecki da loja Antique Center e, depois do ultra bem-sucedido Rio Scenarium, chegou à subprefeitura do Centro com uma demanda mais ousada: reurbanizar a rua desde a infraestrutura subterrânea até as calçadas, as pistas de veículos e a iluminação. Levaram, inclusive, um arquiteto, José Humberto Bertarelli, o Pepe, que esboçara o desenho de como deveria ser a rua no futuro. O projeto final acabou por não ser igual ao apresentado, mas a rua encontrou seu futuro. Foi lá que surgiu, das cabeças privilegiadas de Lou Vicente e de Leffê Almeida, o Emporium 100, um misto de antiquário-bar com música popular brasileira ao vivo nos fundos da loja, invenção que virou moda na rua e que induziu o sisudo senhor Mário Carnevale a dividir o espaço de sua barbearia com uma galeria de art-naif, repleta de quadros de sua mulher, Salete. A Empresa de Urbanização da Prefeitura do Rio – Riourbe, subordinada à Secretaria Municipal de Obras, ficou encarregada de, junto à subprefeitura, estabelecer as diretrizes para o projeto executivo, que foi fartamente discutido entre os técnicos e os usuários da rua, agora, além dos antiquaristas, já mobilizados: as diretoras das escolas locais, os raros moradores, os donos de botequins e de restaurantes, e quantos mais quisessem participar (PINHEIRO, 2007, p.148).

A intervenção municipal se restringiu ao espaço público. O casario, apesar de monitorado para prever possíveis abalos, permaneceu sem reformas. Conforme relatório da subprefeitura do Centro (1999), foram realizadas obras de drenagem e saneamento, construção de passeios e canteiros, plantio de árvores e tratamento paisagístico; construção de galerias subterrâneas para o cabeamento de energia, instalação de réplicas do mobiliário urbano – postes, lixeiras e novos equipamentos como telefones públicos; foram instalados frades de ferro para impedir o estacionamento de veículos nas calçadas. Também foram criadas três praças, a primeira homenageando a cantora Emilinha Borba, na esquina da Rua do Senado, a segunda ao lado da Maçonaria, na esquina da Avenida República do Chile e a terceira em frente ao Ciep. Para facilitar o passeio e o comércio, foi proibido o tráfego de veículos na quadra delimitada pela Rua do Senado e pela Rua Visconde do Rio Branco⁶¹.

O projeto da Rua do Lavradio foi pensado para a função que o local possui: um ambiente para se flunar em busca de algum objeto antigo para se guardar em casa, um móvel de que se necessita, uma luminária para se colocar ao lado do sofá para ler. Foi proposto também para as crianças que ali frequentam suas escolas e ainda para seus pais e professores. A rua foi idealizada para a fruição de um passeio só para ver os prédios, para sentar nas mesas dos bares e restaurantes ao ar livre para ouvir música à noite e nos dias da feira de antiguidades, quando todo o espaço é apropriado pelos frequentadores. Pequenas praças foram incluídas para funcionar como área de lazer e descanso, e para amenizar o impacto do espaço monumental e moderno da Esplanada de Santo Antônio sobre a tessitura delicada da rua antiga. Os postes são antigos

⁶¹ Para reduzir o risco da circulação de pedestres, especialmente no horário de saídas escolas.

como a rua, mas não pertenciam a ela. Foram copiados daqueles existentes na Avenida Atlântica e que em sua origem formavam o famoso "colar de pérolas" de Copacabana. Pastiche? Diriam os puristas. Sim, mas foram alvo de grandes discussões com os representantes da rua e com os órgãos de patrimônio, até serem finalmente adotados. A Rua do Lavradio está acostumada com cópias, nem tudo ali que parece antigo o é em realidade, mas ninguém engana ninguém (PINHEIRO, 2007, p.151).

Inúmeros problemas – especialmente a falta de recursos e a mudança do governo municipal – fizeram com que a obra da Rua do Lavradio ficasse paralisada durante algum tempo. Para reduzir os efeitos da paralisação na atividade comercial, a Accra, com a colaboração do vereador Paulo Cerri, solicitou ao prefeito César Maia, verbas para dar continuidade às obras. Em 2002, concluídas as obras de revitalização da Rua do Lavradio surgiram novas formas de apropriação e uso do espaço público, a serem exploradas no próximo capítulo.



5. SEGUNDA *COLLAGE*:
O COLETIVO-*LUGAR* NA ATUALIDADE

Neste capítulo, são apresentados os percursos do pesquisador e sua interação com a Rua do Lavradio. Busca-se refletir sobre o *coletivo-lugar* na atualidade a partir do entrelaçamento entre humanos e não humanos, na tentativa de que não haja separação entre as subjetividades e as materialidades. Os percursos do pesquisador foram realizados utilizando as estratégias metodológicas apresentadas no capítulo 3 – *Estratégias Metodológicas*.

5.1. IMERSÃO DO PESQUISADOR NO COLETIVO-LUGAR

O período de interação com o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio foi importante para o entendimento dos atores não humanos, juntamente com as opiniões, anseios e expectativas dos atores humanos. A experiência nele vivenciada produziu diversas *controvérsias*.

Na seção 5.2, evidenciam-se os aspectos físico-morfológicos da Rua do Lavradio, que representam os atores não humanos⁶² e que contribuem para a *qualidade do lugar*. Os levantamentos de campo foram realizados por meio da observação direta e a partir de informações existentes – bibliografia e fontes secundárias (artigos de jornais e revistas). Tais levantamentos permitiram compreender a rua em seus diversos aspectos, evidenciar desde características positivas do lugar até os problemas existentes na rua. Por meio de diferentes cartografias, foi possível apresentar algumas *controvérsias* produzidas pelos diversos atores que participam deste *coletivo*.

Ao considerar as diretrizes propostas pela Teoria Ator-Rede, as *traduções* foram produzidas por meio de narrativas que evitam uma classificação prévia dos aspectos físico-morfológicos⁶³. Deste modo, são apresentadas quatro narrativas: *Tecido urbano, rupturas e continuidades, Tipologias e traços históricos, Estado de conservação e segurança e Dinâmica de usos, apropriações e processos de transformação*. Essas narrativas entrelaçam os diversos atores, evidenciando que não se pode separá-los, uma vez que o que se almeja mostrar é a relação existente no *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

A seção 5.3 refere-se à interação do pesquisador com os atores humanos. As *traduções* foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, além de diálogos informais, que também ofereceram pistas importantes sobre o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio. Nelas são identificadas diversas *controvérsias* e diferentes opiniões dos atores humanos, o que justifica a densidade do presente capítulo. Na medida em que os atores produziam seus relatos, novas perguntas eram inseridas dentro do contexto apresentado, para que se pudesse explorar o princípio básico da

⁶² É importante compreender que não apenas as características espaciais desempenham a função dos não humanos.

⁶³ Os fundamentos da morfologia e do desenho urbano – Alexander et al. (1980), Ashihara (1982), Del Rio (1990), Lamas (2000), Alcantara (2008), grupo de pesquisa Sistema de Espaços Livres (SEL) – foram utilizados para orientar as narrativas e identificar os aspectos geradores de qualidade dos lugares. Também foram utilizados registros gráficos, fotografias e mapas.

TAR: deixar os atores falarem. Para evidenciar o diálogo estabelecido com os atores, as perguntas inseridas aleatoriamente durante as conversas aparecem escritas entre colchetes e em negrito nas *traduções*.

Para escolher quais atores humanos seriam entrevistados, em um primeiro momento foram identificados os possíveis grupos que atuam na Rua do Lavradio. Os principais grupos identificados foram: visitantes e expositores da Feira Rio Antigo, proprietários de lojas de antiguidades, proprietários de bares e restaurantes, trabalhadores em geral, moradores. Embora cada ator tenha seu papel dentro da rede, os grupos formados encontram-se divididos segundo diferentes expectativas que se relacionam diretamente ao poder econômico, às divergências devido às mudanças e à distribuição espacial.

Entendendo que os textos e matérias já publicados sobre a Rua do Lavradio têm se caracterizado por um discurso bastante assimétrico em favor de um conjunto restrito de atores – basicamente, membros da associação, proprietários de bares e restaurantes, proprietários de grandes estabelecimentos comerciais, empresas etc. – a escolha dos atores que seriam seguidos, após identificação dos grupos, teve como principal motivo dar voz aos atores que, de alguma forma, são pouco ouvidos na rede. Por isso, deu-se preferência por entrevistar visitantes, expositores, antigos moradores, trabalhadores, comerciantes de antiguidades, que atuaram e alguns que ainda trabalham na rua⁶⁴. Ainda assim, alguns destes atores não puderam ser entrevistados, mas, por serem considerados *porta-vozes*, buscou-se mencioná-los indiretamente.

A identificação dos atores que participam do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio como *porta-vozes* somente ocorreu durante o processo de imersão e de realização das entrevistas. Em lugar da importância dos relatos dos atores, a escolha dos *porta-vozes* foi se delineando em função das *controvérsias* que emergiram sobre a Rua do Lavradio.

O processo de imersão iniciou-se na Feira Rio Antigo. O primeiro grupo de entrevistados reuniu cinco visitantes do local, pessoas que frequentam a feira interessadas em apreciar as mercadorias, fazer compras, obter lazer e distração proporcionados pelo ambiente e pelas performances dos artistas de rua e usufruir dos serviços oferecidos pelos bares⁶⁵. Nos dias de feira foram entrevistados, ainda, nove expositores que são vendedores que comercializam

⁶⁴ Cada respondente foi identificado pelo tipo de relação que mantém com a rua, seguido de uma numeração que corresponde à ordem de entrevistados. Iniciava-se uma nova numeração a cada dia em que eram realizadas as entrevistas. Os entrevistados são respondentes tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino. No entanto, a fim de manter a identidade dos respondentes preservada, adotou-se nas *traduções* o gênero masculino para se referir a cada entrevistado.

⁶⁵ Os que visitam a feira para comprar antiguidades estão inseridos em um grupo seletivo e fazem parte de uma classe social mais elevada. São, geralmente, colecionadores, apreciadores de arte, arquitetos, decoradores etc. Em geral, este público visita a rua tanto durante a semana, quanto nos dias de feira, para garimpar, buscar mercadorias específicas. Além desses visitantes, participam da feira, famílias, crianças, pessoas de diferentes classes sociais. Na pesquisa, as entrevistas foram realizadas com pessoas da própria cidade em vez de turistas.

diferentes tipos de mercadorias, principalmente artesanato. A escolha tanto dos visitantes, quanto dos expositores que foram entrevistados ocorreu de maneira aleatória.

Também foram entrevistados três antigos comerciantes de antiguidades da rua: dois que se deslocaram e que hoje mantêm suas lojas em ruas vizinhas e um que não atua mais nesse segmento comercial desde que a valorização econômica da área provocou o fechamento de algumas lojas, transformando-as em bares e restaurantes. Além destes, realizaram as entrevistas dois comerciantes de antiguidades que ainda mantêm seus estabelecimentos comerciais na rua e que, juntamente com os demais atores, participam da dinâmica da rua, desde seu período de declínio, até o momento de revitalização atual. Quanto aos residentes, foram entrevistados um atual morador e dois ex-moradores, que também trabalharam na rua durante muitos anos e hoje atuam como expositores da feira, identificados como antigos moradores. Todos esses atores foram escolhidos devido ao conhecimento prévio do observador em saber que estes atores conhecem e/ou atuaram na dinâmica da rua. Buscou-se ainda entrevistar duas pessoas que trabalham na Rua do Lavradio, escolhidas aleatoriamente.

Na impossibilidade de entrevistar o presidente da Associação Polo Novo Rio Antigo – Isnar Manso – foi entrevistada como *porta-voz* da associação, uma pessoa responsável por seu funcionamento e organização, identificada como representante da Associação.



Figura 37– Esquema gráfico apresentando a quantidade de entrevistados.
Fonte: Elaborado pela autora.

Durante o trabalho de campo, as dificuldades decorrentes da pouca familiaridade do observador com os procedimentos da Teoria Ator-Rede foram contornadas na medida em que iam surgindo.

À proporção que aumentava a familiaridade com a dinâmica da rua, surgiram alguns impedimentos: o reduzido número de moradores associado com a recusa de alguns deles de não aceitarem participar das entrevistas impossibilitaram o desejado equilíbrio no número de

entrevistados; outros visitantes e trabalhadores não quiseram falar a respeito da rua, alegando que o tempo de que dispunham não seria suficiente para falarem sobre o lugar.

Ainda assim, considera-se que o conjunto de atores escolhido e seus relatos são representativos da heterogeneidade de *traduções* e da dinâmica da *rede sociotécnica* ou *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

5.2. OS ATORES NÃO HUMANOS E SUAS NARRATIVAS

O *coletivo-lugar* Rua do Lavradio é um contexto *sociotécnico* (fig. 38) relevante da cidade, que permite significativas possibilidades de diálogos e *controvérsias* e evidencia as distintas relações entre os atores humanos e não humanos que ali se estabelecem ou transitam.



Figura 38– Contexto onde se insere a Rua do Lavradio, 2012.
Fonte: Acervo da autora.

Passa a ser, assim, uma rede articulada em torno de inúmeros atores, que atuam de acordo com suas associações, criando um *coletivo* único que se evidencia em diferentes particularidades.

5.2.1. Tecido urbano, rupturas e continuidades

A Rua do Lavradio, com aproximadamente setecentos metros de extensão, interliga-se a importantes vias do Centro, como as avenidas República do Chile e Mem de Sá e às ruas Visconde do Rio Branco e Riachuelo, que apresentam trânsito intenso de veículos.

Como pode ser visto no mapa da figura 39 e pelas observações e levantamentos realizados, a Rua do Lavradio apresenta, durante a semana, um fluxo moderado de veículos. O maior tráfego, proveniente da Rua do Riachuelo e da Avenida Mem de Sá, concentra-se no trecho compreendido entre a Rua da Relação e a Avenida Mem de Sá. A partir daí o fluxo é dividido

tanto para a Avenida República do Chile, quanto para a continuação da própria Rua do Lavradio – interceptada por um canteiro central.

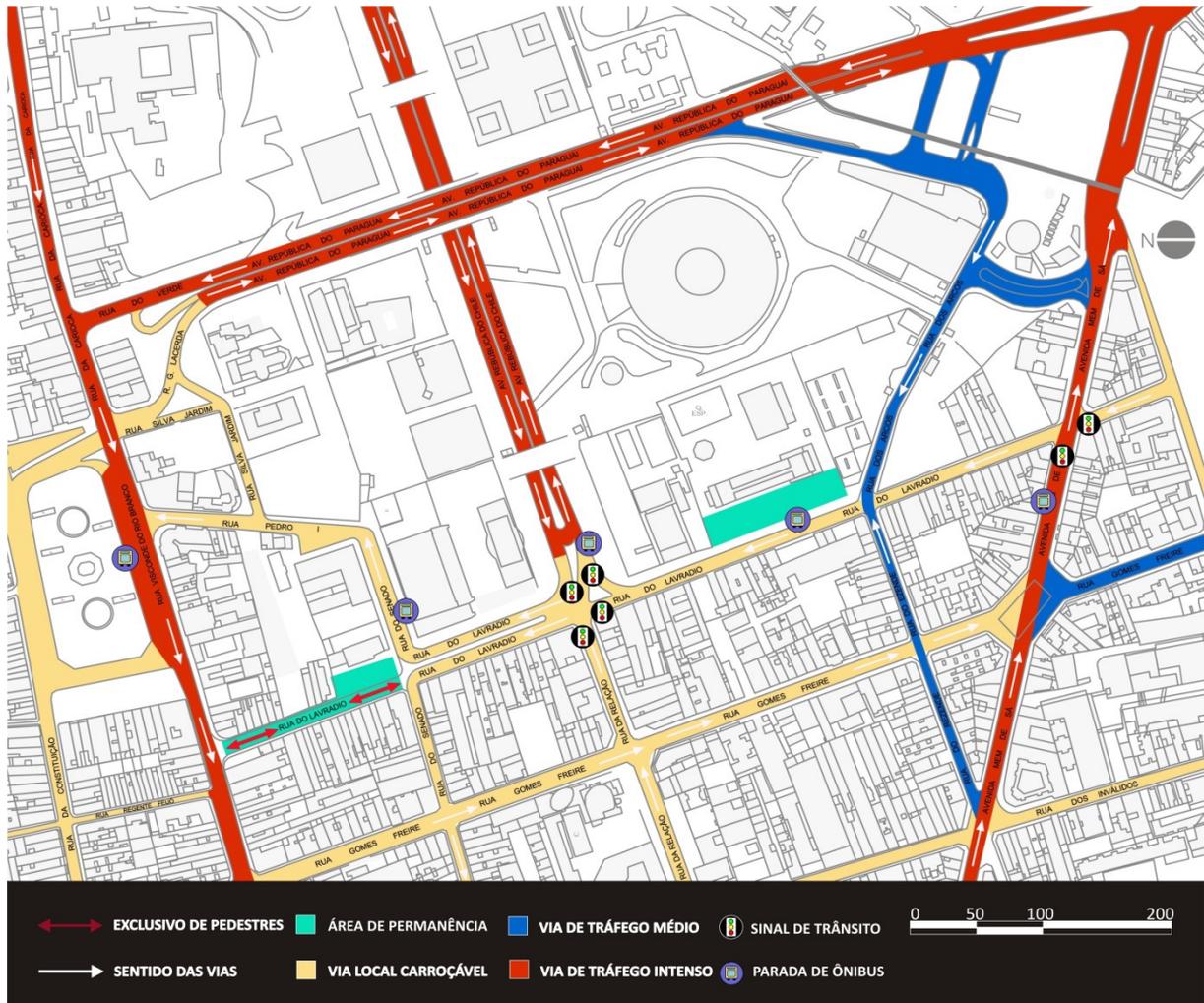


Figura 39 – Malha viária no entorno da Rua do Lavradio.
Fonte: Planta cadastral editada pela autora.

Nos finais de semana, há uma forte redução do fluxo de veículos em todas as vias, em virtude do esvaziamento do Centro (fig. 40).



Figura 40 – Trânsito mais intenso durante a semana, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

No entorno da Rua do Lavradio existem vários pontos de ônibus e um grande número de táxis que atendem aos trabalhadores e empresários da região (figs. 41 e 42).



Figura 41 – Terminal de ônibus na Rua do Senado, 2012.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 42 – Embarque e desembarque para táxis na Rua do Lavradio, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

O tecido urbano é conformado, tanto por vias de traçado tradicional, quanto por novas vias criadas com a demolição parcial do Morro de Santo Antônio. Os processos de transformação urbanos ali produzidos têm influenciado e promovido uma grande diversidade de ambientes urbanos.

As edificações existentes na primeira quadra da rua, localizada entre as ruas Visconde do Rio Branco e do Senado, apresentam-se, em sua maioria, preservadas (figs. 43 e 44). A conservação das edificações realizada pelos proprietários, a permanência do traçado original da via, com acesso restrito de veículos automotores, e os usos que ali se estabelecem, promovem neste trecho uma ambiência acolhedora, atraindo a presença das pessoas (PAES, 2012).



Figuras 43 e 44 – Primeira quadra da Rua do Lavradio com acesso restrito de veículos automotores, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

A segunda quadra está delimitada no lado par pelas ruas do Senado e da Relação e no lado ímpar pela continuação da Rua do Senado e Avenida República do Chile. O projeto de reurbanização,

concluído em 2002, substituiu o antigo terminal de ônibus urbanos por um canteiro central arborizado, que dividiu a rua em duas pistas: uma que dá acesso à Rua do Senado e cruza a Avenida Gomes Freire e a outra que dá acesso à Rua Pedro I e, na sequência, à Praça Tiradentes (figs. 45 e 46).



Figuras 45 e 46 – Segunda quadra da Rua do Lavradio dividida pelo canteiro central, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

Esta quadra ressalta a quebra de continuidade no ritmo das edificações devido às mudanças na morfologia urbana e à diferença tipológica existente entre os dois lados da rua.

A Avenida Chile (figs. 47 e 48), projetada e construída sobre o vazio deixado pelo desmonte do Morro de Santo Antônio, evidencia uma ruptura não apenas com seu traçado modernista e suas torres de estilo internacional, mas por apresentar símbolos do Estado e do poder econômico na cidade, representados pela Petrobras, pelo Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) e pela Caixa Econômica Federal, e do poder religioso, simbolizado pela Catedral Metropolitana São Sebastião do Rio de Janeiro.



Figuras 47 e 48 – Avenida Chile com seus edifícios de grande porte com circulação de veículos no fim de semana e durante a semana, 2012 e 2013, respectivamente.
Fonte: Acervo da autora.

As ruas da Relação e do Resende delimitam a terceira quadra do lado de numeração par, enquanto a Avenida República do Chile e a Rua dos Arcos delimitam o lado de numeração ímpar.

Vários sobrados permaneceram preservados no lado par da rua, que apresenta lotes e calçada mais estreitas. O lado ímpar é composto por três grandes lotes: o primeiro, ocupado por uma praça cercada com gradis, o segundo pelo templo maçônico Grande Oriente do Brasil, e o terceiro por um Ciep e uma praça pública, que se une a uma larga calçada criada deste lado da rua (figs. 49 e 50).



Figuras 49 e 50 – Terceira quadra da Rua do Lavradio com a diferença entre a largura das calçadas e com a presença da arborização no lado ímpar da rua, 2013.

Fonte: Acervo da autora.

A quarta quadra situa-se entre as Ruas dos Arcos, do Resende e a Avenida Mem de Sá. As construções existentes no lado par datam de diferentes períodos históricos, possuem tipologias e estilos distintos e não apresentam espaços livres, configurando um *continuum* edificado. No lado ímpar, devido às demolições dos antigos edifícios, os terrenos passaram a ser utilizados como estacionamentos, configurando vazios urbanos (figs. 51 e 52).



Figuras 51 e 52 – Quarta quadra da Rua do Lavradio, com o lado par densamente edificado e o lado ímpar apresentando vazios urbanos, 2013.

Fonte: Acervo da autora.

A quinta e última quadra da rua localiza-se entre a Avenida Mem de Sá e a Rua do Riachuelo. Nesta quadra, os edifícios mantiveram-se preservados em suas características originais em ambos os lados da rua (figs. 53 e 54). Neste trecho a proporção é equilibrada entre a caixa da via e a altura das edificações, o que, juntamente com as fachadas no alinhamento frontal do lote e o

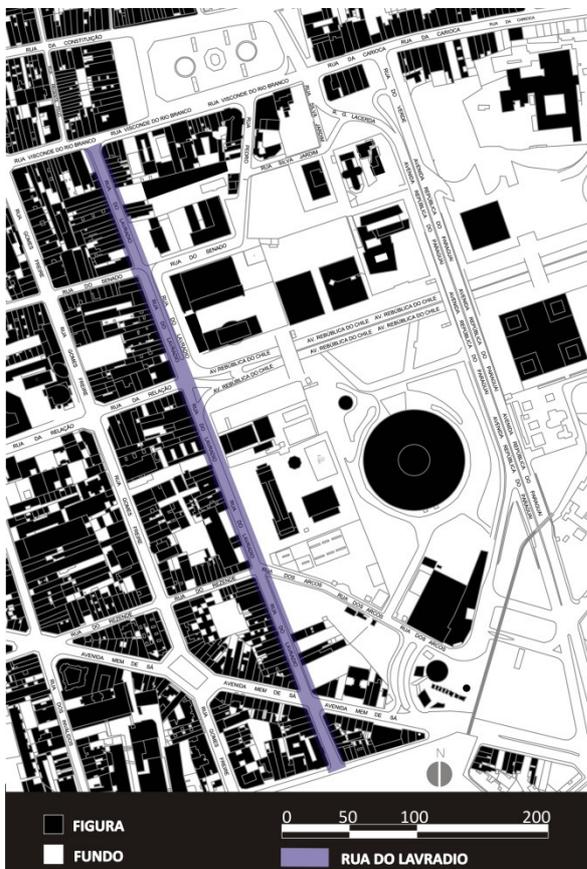
ritmo das aberturas, reforçam a identidade e o significado do conjunto e favorecem o conforto e bem-estar dos usuários (ALEXANDER et al., 1980).



Figuras 53 e 54 – Quinta quadra da Rua do Lavradio e o conjunto de edificações preservadas, 2012 e 2013, respectivamente.

Fonte: Acervo da autora.

De modo geral, é possível verificar que a rua atua como um limite, uma borda que separa dois lados opostos e contrastantes do tecido urbano: o traçado tradicional histórico, mais densamente ocupado, e o traçado modernista, representado pela Esplanada de Santo Antônio, com grandes lotes e edifícios isolados em centro de terreno (figs. 55 e 56).



Figuras 55 e 56 – Mapa de figura e fundo e mapa de fundo e figura, respectivamente.

Fonte: Plantas cadastrais editadas pela autora.

5.2.2. Tipologias e traços históricos

As construções existentes na Rua do Lavradio datam de épocas distintas e, juntamente com as edificações do seu entorno, contribuem para configurar um contexto diversificado da arquitetura, seja no estilo, seja na tipologia⁶⁶.

A exemplo dos quarteirões do entorno imediato, o lado par abriga o maior número de edifícios protegidos pelo patrimônio histórico. Em sua maioria, as construções – apesar de manterem várias das características do período eclético – foram alteradas ao longo do tempo. De modo geral, os edifícios são

[...]em sua maioria antigos, alguns remontando a meados do século XIX, têm estrutura básica que obedece aos padrões de arquitetura neoclássica: ombreiras de portas e janelas em granito, ornatos típicos do ecletismo na parte superior das platibandas realizados em estuque, sacadas em ferro com desenhos *art-nouveau* na maioria dos casos e altura variando de dois a três pavimentos. Alguns dos sobrados mais elegantes e elaborados ostentam em suas fachadas revestimentos de belos azulejos importados de Portugal, Bélgica e outros países europeus (PINHEIRO, 2007, p.133).

As fachadas e calçadas estreitas são marcadas pela regularidade na distribuição dos vãos de portas e janelas, denotando pés-direitos altos. O esquema de três a quatro portas por edificação no nível da calçada repete-se no andar superior (figs.57 e 58). Os nichos, as reentrâncias, os ornatos, as cores e os vãos e aberturas ritmados enriquecem as fachadas que produzem um conjunto edificado interessante e dinâmico (ALEXANDER et al., 1980).



Figuras 57 e 58 – Rua do Lavradio, lado ímpar da primeira quadra e lado par da terceira quadra, 2013.

Fonte: Acervo da autora.

A segunda quadra apresenta maior variedade de estilos e tipologias. No lado par, as construções apresentam-se pouco alteradas. Destacam-se os edifícios nº 56, da Escola Municipal Celestino da Silva (Antigo Teatro Apolo de 1921), em estilo eclético (fig. 59), e nº 84, do palacete neoclássico da Sociedade Brasileira de Belas-Artes, projeto do arquiteto francês Grandjean de Montigny .

⁶⁶Cf. Mahfuz (1995).



Figura 59– Escola Municipal Celestino da Silva, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

No entanto, observa-se um edifício de 13 andares, pertencente à TV Brasil (fig. 60), cuja tipologia arquitetônica contrasta com o perfil de gabarito baixo daquele lado da rua. Já no lado ímpar, a presença do edifício da empresa Oi Telefônica e da torre Rio Metropolitan Center (fig. 61), rompem, definitivamente, com a sintaxe original do lugar (ALCANTARA, 2012).



Figura 60 – Sociedade Brasileira de Belas-Artes ao lado do edifício da TV Brasil, 2013.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 61 – Edifício da Oi Telefônica e ao Fundo a torre Rio Metropolitan Center, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

Na terceira quadra, destacam-se o edifício da Associação Beneficente Luso-Brasileira no nº 100 (fig. 62), o edifício residencial Morro de Santo Antônio (1929) no nº 106 – com apartamentos duplex, de autoria do arquiteto Marcelo Roberto (fig. 63), e a vila residencial de 1893 no nº 122.



Figura 62 – Antiga Associação Beneficente Luso-Brasileira, 2008.
Fonte: Acervo de Luiz Neves.



Figura 63 – Edifício residencial Morro de Santo Antônio, 2008.
Fonte: Acervo de Luiz Neves.

Com a demolição do Morro de Santo Antônio e a criação da Esplanada, um trecho no lado ímpar teve algumas edificações demolidas e substituídas por torres e edifícios modernistas, restando deste lado poucos sobrados antigos (figs. 64 e 65). Destaca-se, ainda no lado ímpar, o Templo Maçônico no nº 97, em estilo neoclássico de 1842 (fig. 66).



Figuras 64 e 65 – Sobrados da Rua do Lavradio, lado ímpar da quarta quadra, 2008 e 2013, respectivamente.
Fonte: Acervo da autora.



Já o Ciep José Pedro Varela, no nº 133, cujo projeto é do arquiteto Oscar Niemeyer, exemplifica a arquitetura moderna presente na rua (fig. 67). Além disso, do lado ímpar, encontram-se os edifícios da Esplanada de Santo Antônio, que marcam o estilo internacional, mencionado anteriormente.



Figura 66 – Templo Grande Oriente do Brasil, 2013.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 67 – Ciep José Pedro Varela, 2008.
Fonte: Acervo da autora.

O contraste do traçado urbano e das tipologias arquitetônicas denota a pluralidade da rua e sinaliza as *controvérsias* geradas pelas transformações urbanas, em períodos históricos distintos, e pelas necessidades impostas pelo desenvolvimento da cidade.

Por um lado, percebe-se uma ambiência propícia ao flunar e também à permanência, em função das dimensões de vias e das tipologias edilícias, que propiciam uma sensação de proteção e acolhimento ao caminhante e garantem a integração do conjunto com a paisagem de fundo e com o céu (ASHIHARA, 1982). Em contrapartida, alguns edifícios bem mais altos destoam do conjunto, como é o caso do edifício que abriga o Tribunal Regional do Trabalho, no nº 132, erigido de forma impositiva e contrastante sobre dois sobrados ecléticos (fig. 68). Nota-se, ainda, a presença de outros edifícios recentes, como um Centro Comercial no nº 162 (fig. 69).



Figuras 68 e 69– Tribunal Regional do Trabalho e Centro Comercial, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

A partir das controvérsias físico-espaciais apontadas, pode-se dizer que a Rua do Lavradio atua como uma barreira que ainda resiste ao desenvolvimento econômico e retarda seu avanço para o outro lado da Esplanada (fig. 70).



Figura 70– Contraste entre os dois lados da Rua do Lavradio, 2012.
Fonte: Acervo da autora.

Assim como as tipologias e estilos edíficios, também o gabarito da rua (fig. 71), na qual predominam edíficios de dois e três pavimentos, apresenta forte desigualdade tanto em relação ao número de pavimentos quanto aos pés-direitos das edificações.

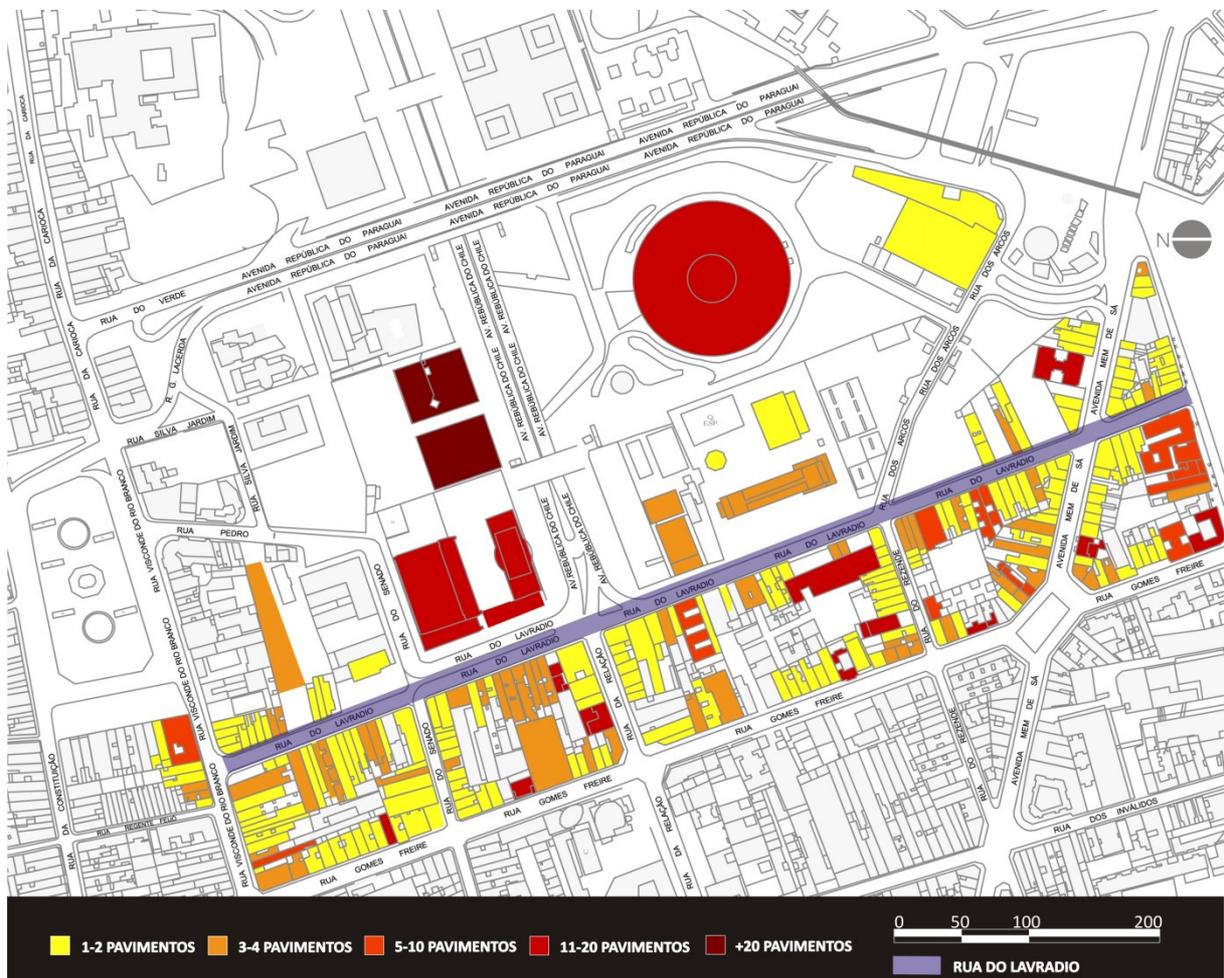


Figura 71– Mapa de gabarito.
Fonte: Planta cadastral editada pela autora.

Tal desigualdade gera perfis (*skylines*) com grandes distinções de massa e volume edificado (fig. 72).

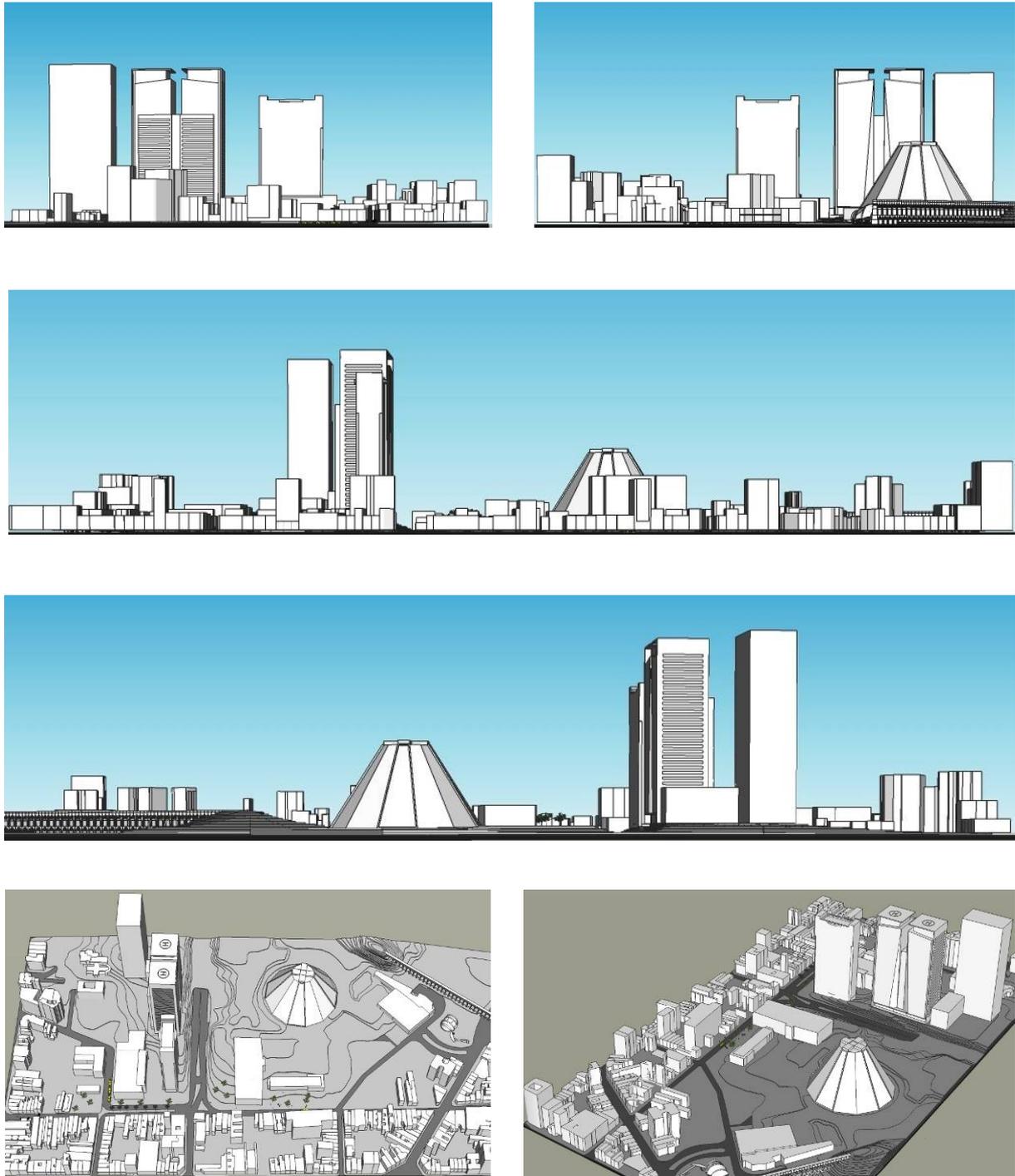


Figura 72– Perfis da rua demonstrando as rupturas no tecido, nas tipologias e volumes edificados.
Fonte: Modelo tridimensional elaborado pela autora e pela bolsista Beatriz Ferrão.

As diferentes linguagens presentes na paisagem da Rua do Lavradio expressam as heranças e os interesses dos diversos tempos e sua leitura “contribui para entender, de maneira sucinta, o que foi o percurso da cidade no século XX desde a completa liberdade para renovar, que persistiu ainda nos anos 1980, até o surgimento e a efetivação das políticas de proteção ao patrimônio [...]” (PINHEIRO, 2007, p.133).

5.2.3. Estado de conservação e segurança

Conforme apresentado na seção 4.2, a Rua do Lavradio encontra-se sob a proteção das leis do Corredor Cultural e da Apac Cruz Vermelha. No entanto, a legislação de proteção e preservação da área não garante a boa conservação dos sobrados, nem a qualidade dos espaços livres. Vários sobrados de importância histórica encontram-se em ruínas e em alguns restam apenas partes da fachada. Existem ainda edifícios desocupados ou subutilizados como depósitos e áreas de estacionamento. Isto acontece não só na Rua do Lavradio, mas também no entorno imediato. Tal fato coloca em evidência o descuido e o descaso com o patrimônio edificado.

Um exemplo ocorrido, em maio de 2012, foi o desabamento parcial do sobrado nº 90, pertencente ao clube Cordão do Bola Preta, interditado pela Defesa Civil desde março do mesmo ano por estar localizado na esquina da Rua da Relação, local de considerável movimento de pedestres e de veículos (figs.73 e 74).



Figura 73 – Edifício antes do desabamento, 2012.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 74 – Edifício no dia do desabamento, 2012.
Fonte: Jornal *O Dia* - 16/5/2012.

Segundo a reportagem publicada no jornal *O Dia*, de 16 de maio de 2012 (anexo 1.2), apenas o segundo andar, desativado devido a rachaduras, ruiu. Uma vistoria realizada pela Defesa Civil no mês de março e outra pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea) em abril, concluíram sobre o risco de desabamento do imóvel, o que resultou em sua interdição. Segundo a reportagem, a visita realizada pelo Crea foi feita sob pressão dos moradores locais. Nela foram identificados problemas na estrutura do telhado e a necessidade de escoramento para evitar o risco de desabamento. A mesma matéria informa que, na ocasião, o restaurante vizinho Marizé Gourmet também foi interditado, acarretando a perda de clientes diante do risco de desabamento.

Após o desabamento, uma nova legislação foi criada para conceder à iniciativa privada o direito de uso de propriedades municipais abandonadas e em mau estado de conservação. A prefeitura tem como objetivo garantir a conservação de edificações degradadas por meio de novos usos. Os

futuros proprietários desses imóveis serão isentos de IPTU por cinco anos. Aqueles que não realizarem as intervenções para recuperar os imóveis terão o aumento progressivo do imposto predial e pagarão multas caso não cumpram os acordos (anexo 1.3).

Porém, até o presente momento, nenhuma medida foi tomada com relação ao edifício do clube Cordão do Bola Preta e a edificação encontra-se fechada com aspecto de abandono.

Outro imóvel que estava em estado de conservação precário, mas que começou a ter sua parte frontal recuperada é a vila residencial no nº 122, composta por um sobrado de três pavimentos e uma sequência de casas. A vila, por estar praticamente em ruína, colocava em risco a vida dos moradores e transeuntes (figs. 75 e 76).



Figuras 75 e 76 – Vila residencial antes e durante a reforma, 2012 e 2013, respectivamente.
Fonte: Acervo da autora.

A reportagem publicada no jornal *O Globo*, de 15 de maio de 2012 (anexo 1.1), indica que a vila, interdita pela Defesa Civil desde 2009, havia sido invadida por moradores de rua. Outra reportagem do jornal *O Dia* de 6 de abril de 2013 (anexo 1.16), ressaltou que, apesar da proximidade da vila com a Polícia Civil e com o Quartel-General da Polícia Militar, o local tem sido utilizado como ponto de vendas e consumo de drogas, gerando instabilidade e falta de segurança para os proprietários dos imóveis do entorno. Mesmo com expressivo número de pessoas que transitam pelo local e da presença de policiais na praça em frente ao Ciep, o tráfico de drogas é ativo no local, sobretudo no período noturno (anexos 1.7 e 1.15).

As intervenções, que buscam melhorar o estado de conservação das edificações, têm sido pontuais e visam os interesses de seus proprietários, conforme evidencia a primeira quadra, que abriga bares e restaurantes em sobrados, em sua maioria, bem conservados. Além disso, foram realizadas reformas em alguns edifícios, como o sobrado do nº 110, restaurado para servir de passagem entre a Rua do Lavradio e a Rua Gomes Freire (figs. 77 e 78).



Figuras 77e 78 – Sobrado nº 110 antes e após a reforma, 2008 e 2012, respectivamente.
Fonte: Acervo da autora.

Apesar de o projeto de revitalização da prefeitura ter sido concluído em 2002, o estado geral de conservação dos sobrados, bem como a limpeza e a conservação deficientes indicam problemas na qualidade dos serviços prestados pelas empresas que atuam no local.

Em termos gerais, o descaso do poder público com o patrimônio edificado produz um ambiente urbano não apenas desprovido de qualidades, mas também inseguro em função da presença de moradores de rua e das ocupações irregulares dos sobrados em toda a região da Lapa (anexo 1.14). Tal situação tem levado a diretoria do Polo Novo Rio Antigo a se reunir com o comando do 5º BPM para melhorar o policiamento para a área (anexo 1.17).

5.2.4. Dinâmica de usos, apropriações e processos de transformação

A Rua do Lavradio faz parte da associação comercial denominada *Polo Cultural e Gastronômico do Novo Rio Antigo* e insere-se tanto no *Quarteirão Cultural da Rua do Lavradio*, quanto no *Quarteirão Cultural e Gastronômico da Avenida Mem de Sá e Adjacências*. Estas delimitações (fig. 79), estabelecidas por decretos específicos, ditam a dinâmica espacial e as condições de utilização da rua.

Conforme indicado no mapa de uso do solo (fig. 80) e na tabela (apêndice II), a rua é composta por atividades com predominância de uso comercial ou de serviços nas edificações. A variedade de usos permite que o espaço seja apropriado pelos usuários de diferentes maneiras e em horários distintos. Esta dinâmica de usos estabelecida pelos atores – tanto humanos quanto não humanos – garante o sentido de coletividade e, conseqüentemente, de *urbanidade*, apesar dos problemas de conservação e segurança apontados acima.

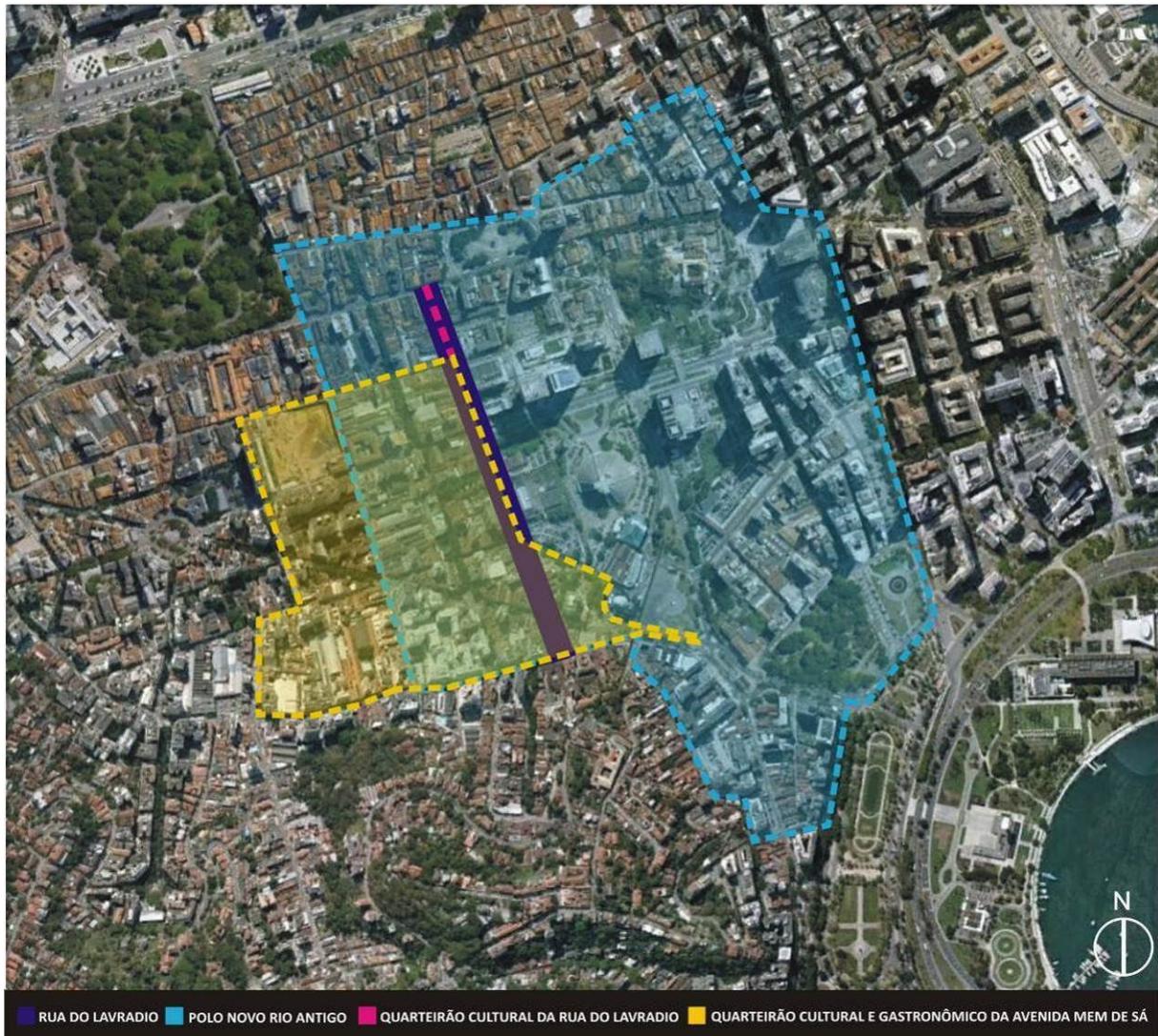


Figura 79 – Rua do Lavradio e limites dos Quarteirões Culturais e do Polo Gastronômico.

Fonte: Imagem original do Google Earth editada pela autora.

Podem ser verificados usos comerciais como lojas de móveis antigos, antiquários, bares e restaurantes, casas de shows, dentre outros. Além disso, usos corporativos, educacionais, religiosos estão presentes ao longo da rua e no entorno imediato. Finalmente, o uso residencial, tanto temporário quanto permanente, faz-se presente em menor número.

No Quarteirão Cultural – trecho entre a Rua Visconde do Rio Branco e a Rua do Senado – encontram-se o Rio Scenarium, bar e casa de show noturna indicado pelo *Guia Michelin* como atração turística, e o Santo Scenarium, restaurante e bar que funciona nos períodos diurno e noturno – ambos de propriedade de Plínio Quintão Froés. Além destes, existe o bar Mangue Seco, que também oferece música ao vivo. Todos estes bares são ambientes temáticos e frequentados por pessoas de maior poder aquisitivo, especialmente turistas.

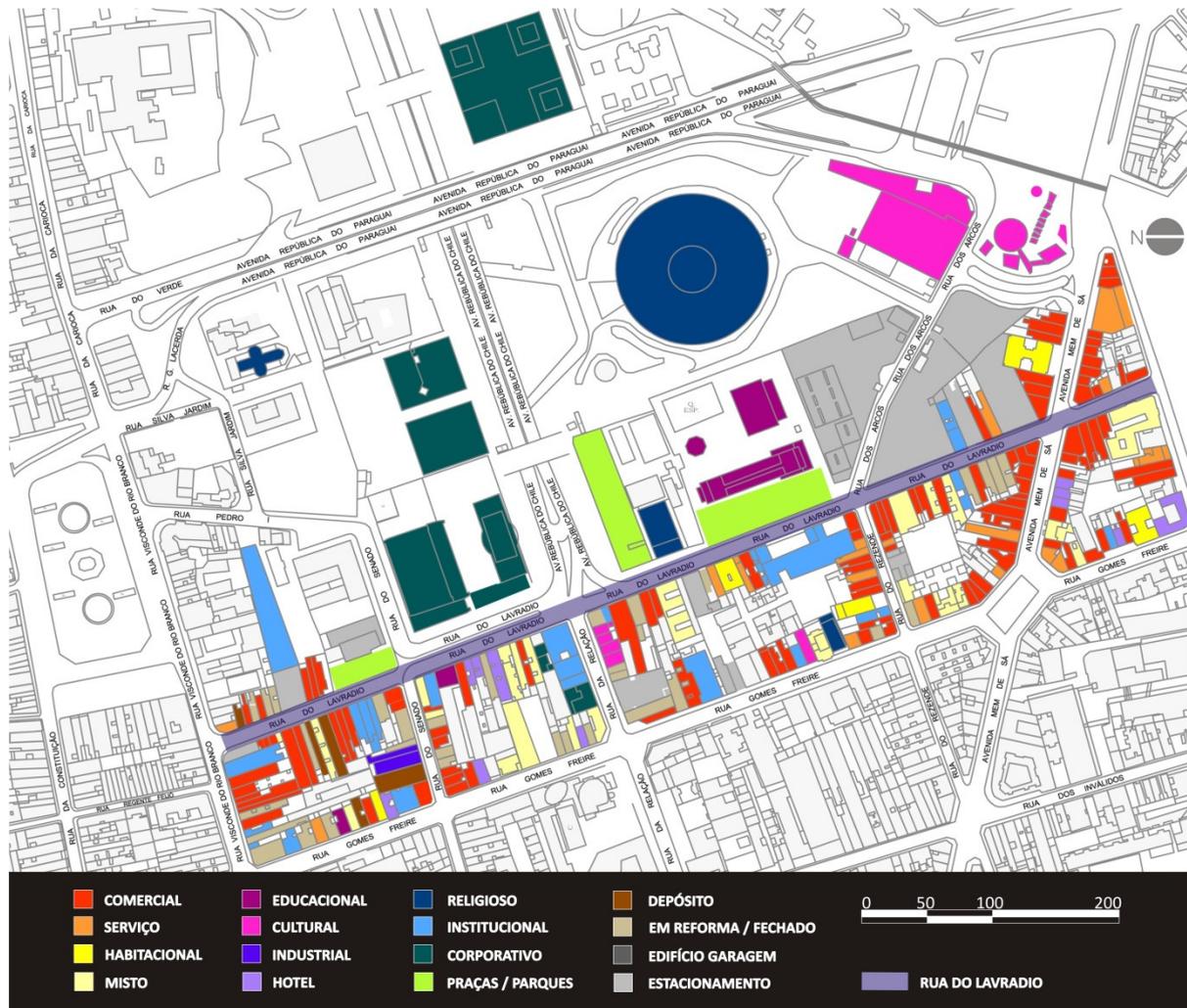


Figura 80 – Mapa de uso do solo.
Fonte: Planta cadastral editada pela autora.

Os estabelecimentos Nova Esperança e o Cantinho do Senado, localizados nas esquinas da Rua do Senado, também funcionam como misto de bar e restaurante, porém com uma aparência menos requintada. Nas esquinas da Rua do Resende existem ainda dois estabelecimentos comerciais: o Tribunal Sucos, lanchonete e restaurante cujo nome faz referência ao Tribunal da Regional do Trabalho (TRT) e o Bar da Nina, que funciona como boteco antigo do local. Em geral, estes estabelecimentos permanecem abertos durante o dia e à noite e atendem também aos trabalhadores e executivos provenientes das torres da Esplanada e do TRT.

As duas últimas quadras da Rua do Lavradio, juntamente com a Avenida Mem de Sá, possuem alguns bares e restaurantes bastante frequentados, como o Bar da Boa, o Aldeia da Lapa, o Carioca da Gema, o Boteco da Garrafa, o Antônio's Bar, o Bar Brasil, entre outros. A abertura destes bares, apenas no período noturno, garante a agitação boêmia da Lapa e confere a este trecho da Rua do Lavradio uma ambiência noturna movimentada, bem distinta da diurna, quando a rua funciona mais como via de passagem.

Durante a semana, o movimento noturno da Rua do Lavradio é reduzido. A partir de sexta-feira, esta movimentação se intensifica, quando os próprios trabalhadores da região promovem *happy hours* após o expediente. O movimento estende-se até o domingo com um público de visitantes e turistas. O uso de mesas e cadeiras nas calçadas permite que as pessoas se apropriem do espaço público para realizar suas refeições ao ar livre e, ao mesmo tempo, tenham um momento de lazer. Este movimento ocorre principalmente nos trechos do Quarteirão Cultural (figs. 81 e 82) e nas quadras próximas à Avenida Mem de Sá.



Figuras 81 e 82 – Restaurantes do Quarteirão Cultural durante o dia e a noite, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

Alguns restaurantes no estilo *self-service*, como o Sabor Restaurante e o Restaurante Mingle, em geral, funcionam apenas nos dias de semana e nos dias de feira. Outros restaurantes mais sofisticados, como o Marizé Gourmet e o Demi-Glace são frequentados por pessoas de classe média alta e servem alta gastronomia. Notam-se, ainda, usos destinados a alimentação rápida (*fastfood*) como o Subway e o Mega Mate.

Além de serviços de alimentação, a rua continua abrigando diversos antiquários⁶⁷ (figs. 83 e 84), como o Empório Dona Carlota, o Scenarium Antique, o Ateliê Belmonte, o Flanar Antiguidades, o Mobix, o Armazém 161, o Móvelia, dentre outros. Algumas lojas, durante a semana, expõem seus móveis na calçada, mas o grupo de compradores de antiguidades é relativamente reduzido e restrito. A presença dos antiquários, também, pode ser notada pelos veículos de carga e descarga que geralmente ficam parados em frente a estas lojas para fazer o transporte das mercadorias.

⁶⁷ Cabe ressaltar que muitas lojas não funcionam apenas vendendo antiguidades. Muitos estabelecimentos comercializam réplicas de objetos antigos. Outros misturam artefatos modernos, antigos e réplicas. Nesta pesquisa, consideram-se como antiquário todas as lojas que de alguma forma mantêm relação com o passado e com a história.



Figuras 83 e 84 – Lojas de móveis antigos e antiguidades na primeira e na quarta quadras, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

Durante a semana, no período da manhã, outros usos conferem maior dinâmica ao local. A presença de edifícios corporativos, como o Tribunal Regional do Trabalho, na própria rua, e a companhia telefônica Oi, o Rio Metropolitan Center e as torres Ventura na Avenida Chile, atraem um expressivo número de frequentadores aos bares e restaurantes, especialmente na hora do almoço e no final da tarde (figs. 85 e 86). À noite e nos finais de semana, o movimento diminui consideravelmente e a rua passa a servir mais como via de passagem.

O movimento das ruas desperta o interesse de vendedores ambulantes que se concentram, em sua maioria, na terceira quadra. O movimento de veículos também é considerável, principalmente de táxis que embarcam e desembarcam as pessoas em frente ao TRT.



Figuras 85 e 86 – Transeuntes em frente ao TRT e em frente ao Rio Metropolitan Center, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

O colégio José Pedro Varela (Ciep) e a escola estadual Celestino da Silva concentram um grande número de alunos nos horários de entrada e saída das aulas, em geral, crianças e jovens que moram nos arredores da rua. Além destes equipamentos de uso educacional, são observados outros usos destinados a comércio e serviços. Dentre estes, encontram-se uma loja de chaves e fechaduras (Sobradão das Chaves), uma loja de artigos de higiene pessoal (Casas Granada), uma

padaria (Padaria Nova Aymoré – fig. 87), uma loja de roupas (Fernatti – fig. 88), uma loja de artigos de mecânica (Mecânica Dremauto), uma loja de artigos para produção de pipoca (Rainha da Pipoca). Há também serviços de polícia (Polícias Militar e Civil), uma galeria de arte e exposição (Zannidezanine), uma barbearia (Barbearia Enigma), uma marmoraria (Marmoraria Gramar), uma floricultura (Clube das Flores), agência bancária (Banco Santander), dentre outros. Existem, ainda, hotéis (Hotel Castelo, Hotel Casa Branca e Hotel Lavradio) e associações e instituições (Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Junta Comercial do Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Belas-Artes, Centro Técnico de Artes Cênicas, Vigilância Sanitária da Prefeitura).



Figuras 87 e 88 – Diferentes tipos de usos na Rua do Lavradio: padaria e loja de roupa, 2012 e 2013, respectivamente.

Fonte: Acervo da autora.

O uso habitacional, ainda que escasso, faz-se presente na rua. Os edifícios multifamiliares Morro de Santo Antônio (nº 106) e Victor (nº 206) são alguns exemplos deste tipo de uso na rua. A vila (nº122), anteriormente mencionada, e outros sobrados apresentam sinais – como panos pendurados nas janelas – de que servem de moradia à população de baixa renda.

No entorno, a Rua Visconde do Rio Branco apresenta usos variados, como hotéis, papelarias, lojas de material de construção etc. O tráfego de veículos é intenso, principalmente durante a semana, pois esta via liga a Praça Tiradentes à Cidade Nova e aos principais eixos viários da cidade. O fluxo de pedestres, no entanto, é moderado.

Na Rua do Senado existem, ainda, antiquários, hotéis, fábricas e serviços em geral. O edifício corporativo Centro Empresarial Senado, formado por quatro torres, destaca-se por sua grandiosidade e por romper com o padrão tipológico tradicional de maneira abrupta. Este tipo de arquitetura, segundo Luiz Fernando Janot, pode ser chamada de “espetaculosa” – junção de espetacular e horrorosa (anexo 1.11). A Rua da Relação abriga instituições, restaurantes, estacionamentos, dentre outros, e apresenta uma forte variedade, não apenas nos usos, mas

também, na tipologia edilícia, configurada tanto por construções mais antigas, quanto por novos edifícios.

A Rua dos Arcos apresenta-se em sua maior extensão como um corredor de passagem, cujos lotes confrontantes configuram vazios urbanos. Estes são utilizados como estacionamentos e atendem aos trabalhadores e aos frequentadores dos diversos locais de entretenimento, como o Circo Voador e a Fundação Progresso, que ficam junto aos Arcos da Lapa.

A Avenida Mem de Sá, juntamente com a Rua do Riachuelo, é marcada pela presença de inúmeros bares e restaurantes que trazem intensa vida noturna para a área. Durante o dia, grande parte destes bares encontram-se fechados. A Rua do Riachuelo, por sua vez, concentra um grande número de edifícios residenciais, como o Cores da Lapa, inaugurado em 2008, até estabelecimentos comerciais e de serviços em geral.

Apropriações e usos dos espaços livres

Conforme já mencionado, a rua é utilizada de diferentes maneiras, o que permite diversos tipos de apropriação dos espaços livres. Os vazios deixados por demolições ou por desmoronamento de edificações, por exemplo, são utilizados como estacionamentos ou como espaços livres de edificações, muitas vezes sem uso específico. Mesmo com a presença destes estacionamentos, há um grande número de carros que estacionam ao longo dos meios-fios, formando uma barreira física que dificulta a circulação dos pedestres (figs. 89 e 90).



Figuras 89 e 90 – Estacionamento de veículos privado e carros estacionados ao longo da rua durante a semana, 2012 e 2013, respectivamente.

Fonte: Acervo da autora.

Existem três pequenas praças que foram criadas no Projeto de Revitalização da Rua do Lavradio. A praça Emilinha Borba, inaugurada em 2006, localiza-se na esquina Rua do Senado⁶⁸. A praça

⁶⁸Uma importante obra de arte desta praça é um painel feito por Belmiro de Almeida, artista impressionista brasileiro do final do século XIX. O painel, em estilo pontilhista, foi feito através da colagem de mosaicos coloridos e mostra uma andorinha sobrevoando o Centro do Rio de Janeiro (PINHEIRO, 2007). Recentemente, a praça também foi presenteada pelo empresário Plínio Fróes com um busto que homenageia o Marquês de Lavradio.

é aberta somente nos dias em que ocorrem eventos no Quarteirão Cultural, tais como a Feira Rio Antigo e a Mostra Gastronômica. Nestes dias, a praça recebe um grande número de visitantes, pois é utilizada pelos expositores que comercializam suas mercadorias (figs. 91 e 92). Sua manutenção está sob a responsabilidade da Associação Polo Novo Rio Antigo



Figuras 91 e 92 – Praça Emilinha Borba durante o final de semana e nos dias da Feira Rio Antigo, 2012.
Fonte: Acervo da autora.

Uma segunda praça encontra-se ao lado da Maçonaria, na esquina com a Avenida República do Chile. Esta praça fica constantemente fechada e não há indícios de que as pessoas utilizem o local para qualquer tipo de atividade (figs. 93 e 94).



Figuras 93 e 94 – Praça localizada ao lado do Templo Maçônico, 2012 e 2013.
Fonte: Acervo da autora.

A terceira praça, localizada em frente ao Ciep, nos dias de semana serve de ponto de transporte do TRT e é utilizada pelos estudantes no início e término dos horários de aula, pelos próprios pais que aguardam os filhos saírem da escola e pelos moradores. Nela encontra-se uma banca de jornal que também atrai movimento de pessoas (figs. 95 e 96). Embora seja bastante frequentada, seu mobiliário urbano encontra-se em mau estado de conservação e sua limpeza é precária.



Figuras 95 e 96 – Praça em frente ao Ciep durante os dias de semana, 2013.
Fonte: Acervo da autora.

À exceção dos dias de feira, nos demais fins de semana a praça é frequentada apenas por moradores da região, principalmente os da vila localizada em frente à praça. Observa-se, ainda, a presença de moradores de rua. Nos dias de feira, o espaço livre da praça é apropriado pelos expositores que montam ali suas barracas (figs. 97 e 98).



Figuras 97 e 98 – Praça em frente ao Ciep durante o final de semana e nos dias da Feira Rio Antigo, 2012.
Fonte: Acervo da autora.

A Feira Rio Antigo

Uma das principais atividades realizada pela Rua do Lavradio é a Feira Rio Antigo, que completou 16 anos em 2012. Desde sua formação, a feira continua sendo realizada todo o primeiro sábado do mês, das dez às 18:30 horas, com objetivo de expor e vender diversas mercadorias, além de promover a cultura e diversão (fig. 99). Além da Feira Rio Antigo, atualmente ocorre, todo terceiro sábado de cada mês, a Mostra de Antiguidade e Gastronomia (fig.100). Nesta mostra, restaurantes da rua servem pratos especiais. Há, ainda, apresentações musicais, como jazz e chorinho. Este evento tem, entretanto, um caráter mais intimista e um público mais seletivo, pois é organizado apenas pelos bares e lojas da primeira quadra da rua.



Figuras 99 e 100 – Cartazes de promoção da Feira Rio Antigo e da Mostra de Antiguidades e Gastronomia. Fonte: Acervo de Denise de Alcantara e acervo da autora, respectivamente.

A Feira Rio Antigo atua como elemento de revitalização da Rua do Lavradio e promove sua visibilidade junto a um público diverso. Sua organização e normas – que devem ser cumpridas pelos expositores, lojistas e demais participantes da feira – são de responsabilidade da Associação Polo Novo Rio Antigo.

A subprefeitura do Centro colabora com a feira por meio da Secretaria Municipal das Culturas, da Guarda Municipal e da Comlurb. O Sebrae e a Polícia Militar também atuam como colaboradores da logística.

De acordo com uma pesquisa realizada pela associação (anexo 5.3), a feira é vista como um evento de grande porte que recebe de 15 a 17 mil pessoas por dia. Este número pode atingir entre 18 a vinte mil visitantes no mês de novembro, já que neste mês celebra-se o Dia da Cultura e várias atividades culturais extras são realizadas, tais como blocos, apresentações e desfiles. O número de empresários que participam da feira atinge cerca de quatrocentos comerciantes associados, dentre bares, restaurantes, expositores de artesanato e antiquários. Os comerciantes realizam algumas ações para o melhor funcionamento da feira, como o fechamento da rua, a presença de segurança particular, limpeza etc.

Pessoas de diferentes classes sociais e faixas etárias visitam a feira, além de turistas, que se misturam ao público carioca (figs. 101 e 102). Nos dias de feira, a rua permanece fechada ao fluxo de veículos, ficando aberta apenas no trecho entre a Rua da Relação e a Avenida República do Chile.



Figuras 101 e 102 – Visitante nos dias da Feira Rio Antigo, 2012.
Fonte: Acervo da autora.

Bares e restaurantes contratam músicos que fazem apresentações e atraem um grande público. Mesas e cadeiras são dispostas nas calçadas e na rua, o que dificulta, de certa forma, a circulação de pessoas e gera aglomerados humanos (figs. 103 e 104). O apreço do público pela gastronomia oferecida e o entretenimento proporcionado por bares e restaurantes têm favorecido para que o movimento da feira seja cada vez mais intenso.

Ao longo dos anos, o perfil da feira vem sendo alterado. A venda de produtos artesanais, atualmente em maior número, aumentou a oferta de mercadorias, mas, de certa forma, descaracterizou o comércio de antiguidades que, anteriormente, era ativo. Há uma diversidade de produtos expostos que variam desde artesanato, roupas, bijuterias, até obras de arte (figs. 105 e 106).



Figuras 103 e 104 – Apropriação da rua por bares e restaurantes nos dias da Feira Rio Antigo, 2012.
Fonte: Acervo da autora.

A mudança do perfil de produtos comercializados na feira atraiu expositores de outras localidades e a feira deixou de ser exclusiva dos comerciantes locais. Como é grande o número de expositores, as mercadorias são dispostas em barracas, cujo tamanho é padronizado. Cada

expositor paga um valor específico⁶⁹ pela barraca. A organização espacial é feita de modo a colocar o maior número de barracas possível e leva em conta os critérios estabelecidos pelo regulamento da feira (anexo 5.2).



Figuras 105 e 106 – Barracas e mercadorias ao longo da Rua do Lavradio nos dias da Feira Rio Antigo, 2012.
Fonte: Acervo de autora, 2012.

Os espaços, que antes eram ocupados por um grande número de antiguidades, hoje, estão reduzidos e alguns comerciantes de antiguidades aderiram ao uso das barracas. Outros expõem suas mercadorias ao longo da rua, o que se infere que ocorre não apenas em função das dimensões de algumas peças, mas também por uma ação de resistência por parte dos comerciantes ao novo modelo da feira (fig. 107 e 108). Observa-se, ainda, a presença de vendedores ambulantes que não são cadastrados na associação, mas que vendem os mais diversos tipos de bebida e comidas (fig. 109 e 110).



Figuras 107 e 108 – Antiguidades distribuídas ao longo da Rua do Lavradio nos dias da Feira Rio Antigo, 2012.
Fonte: Acervo da autora.

⁶⁹ Para participar da feira, cada expositor paga um valor de sessenta reais por mês. O pagamento é realizado de três em três meses, para a associação, totalizando um valor de cento e oitenta reais.



Figuras 109 e 110 – Mercadorias distribuídas ao longo da Rua do Lavradio e vendedores ambulantes nos dias da Feira Rio Antigo, 2012.

Fonte: Acervo de autora.

Atrações para o entretenimento dos visitantes são organizadas ou acontecem de modo informal. A cada feira há novas atrações, como grupos musicais (figs. 111 e 112), instrumentistas (figs. 113 e 114), grupos de dramatizações e performances (fig.115), artistas de rua que se apropriam do local (fig. 116), dentre outros, que surgem para incrementar o comércio.



Figuras 111 e 112 – Apresentação de hip-hop com violino e divulgação de grupo musical, 2012.

Fonte: Acervo da autora.



Figuras 113 e 114 – Artistas realizando apresentações de música instrumental, 2012.

Fonte: Acervo da autora.



Figuras 115 e 116 – Grupo de capoeira e artista de rua realizando performance urbana, 2012.
Fonte: Acervo da autora.

Nota-se, ainda, uma pequena expansão da feira em direção às ruas próximas, como as ruas do Senado, do Resende e dos Arcos. Essa apropriação ocorre por conta dos estabelecimentos vizinhos que aproveitam o movimento intenso de pedestres para incrementar o comércio (figs. 117 e 118). De alguma forma, isto reflete a popularidade da feira e a vontade de alguns comerciantes de participar do evento.



Figuras 117 e 118 – Ruas do Resende e do Senado nos dias da Feira Rio Antigo, respectivamente, 2012.
Fonte: Acervo da autora.

Em 29 de agosto de 2012, ocorreu uma reunião no estabelecimento Rio Scenarium, na qual Isnard Manso, presidente do Polo Novo Rio Antigo, discursou perante o prefeito Eduardo Paes e alguns membros da associação (anexo 1.6). Neste evento, foram solicitadas as seguintes medidas: legalização da feira; benefícios fiscais para todo o Centro Histórico; criação de uma unidade de ordem pública para atender a região da Lapa, Lavradio, Gomes Freire, Largo Albino Pinheiro, Rua da Carioca, Praça Tiradentes, Cinelândia e arredores; melhoramentos dos serviços de limpeza, segurança e ordenamento urbano da Lapa e, por fim, fechamento da Rua Álvaro Alvim para os pedestres. Após esta reunião, o funcionamento da Feira Rio Antigo foi legalizado, pelo decreto nº 36176 de 29 de agosto de 2012.

Processos de transformação dos usos

Considera-se que a Rua do Lavradio vem passando por intensos processos de transformação, envolvendo diferentes usos, formas e apropriações. Pode-se inferir que isto, de alguma forma, remete à própria evolução da rua, que sofreu várias alterações desde a época de sua abertura.

Na atualidade, as muitas lojas de antiguidades que iniciaram a revitalização da rua, conforme discutido na seção 4.2, vêm sendo substituídas por bares e restaurantes. Este processo tem sido visto por muitos como uma descaracterização da rua (anexo 1.4).

A reportagem da revista *O Globo*, do dia 10 de outubro de 2012, relata o fechamento do Antiquário AO Faz Tudo, localizado na esquina da Rua do Lavradio com a Rua Visconde do Rio Branco (anexo 1.9). O imóvel era dividido entre o antiquário, que ficava com apenas 1/6 da área do estabelecimento, e o bar Rio Scenarium, que detém o restante do espaço, devido a uma concessão feita pelo governo do estado. No entanto, o antiquário recebeu uma ordem de despejo depois de um longo processo de negociação:

Insatisfeito com o valor cobrado pelo aluguel, Álvaro [proprietário do estabelecimento] decidiu parar de pagar e foi discutir a cifra na Justiça. A dívida é estimada em R\$ 100 mil. De outro lado, o Rio Previdência deu início a uma reintegração de posse. Em maio passado, Álvaro foi informado que teria de sair dali, com as 23 mil peças que mantém em restauro [...]. Em dezembro de 2010, o decreto 42.751 incluiu o imóvel na lista de 103 com "baixo potencial de geração de renda". Todos passaram, então, para a jurisdição da Secretaria de Cultura. Foi negociada a possibilidade de, em troca da dívida, os funcionários da casa darem aulas de restauro a pessoas carentes, que trabalhariam em peças do patrimônio do estado. Mas o que era possibilidade não virou fato. Em 2011, o imóvel foi novamente transferido ao Rio Previdência pela Secretaria de Planejamento. O órgão informa que a medida foi tomada porque foi constatada "viabilidade comercial" do espaço. A ideia é reforçar a carteira de imóveis do fundo, usada como garantia para pagamento de aposentadorias e pensões de servidores. O patrimônio do fundo, por lei, deve gerar receita. O destino do imóvel será o leilão[...] (Revista *O GLOBO*, 10/10/2012, p.18-19).

Não apenas o antiquário AO Faz Tudo, mas muitas outras lojas de antiguidades foram fechadas ou mudaram de endereço. O aumento significativo no valor da venda e aluguel dos imóveis tem dificultado a permanência desta atividade na rua.

Em contrapartida, o número de estabelecimentos destinados a bares e restaurantes teve um crescimento expressivo, o que tem sido visto como fonte de produção de renda e o fim do processo de abandono dos imóveis. A Rua do Lavradio, no presente momento, abriga cerca de quinze antiquários e vinte e um bares e restaurantes.

Com um apelo cada vez maior sobre a criação de estabelecimentos destinados ao entretenimento naquela área, locais, como, por exemplo, a Praça Tiradentes, podem ser afetados.

A reportagem do jornal *O Globo*, do dia 4 de setembro de 2012 (anexo 1.8), lança um olhar sobre as mudanças de perfil da Praça Tiradentes. Após o projeto de revitalização que retirou suas grades, a Praça Tiradentes está em busca de uma nova vocação, mas que, ao mesmo tempo possa representar seu passado. A reutilização de algumas edificações históricas em estado de abandono tem entusiasmado aqueles que têm apostado na revitalização da praça. A expectativa é de que as alternativas de uso para os edifícios e a presença de um novo público renovem a vida noturna na Praça Tiradentes:

[...]Isnard Manso, presidente da associação Polo Novo Rio Antigo e fundador do Centro Cultural Carioca, continua acreditando na área: há um ano, ele abriu o Gaspar, bar e braseiro que hoje ajuda a movimentar a região também à noite. O negócio funciona próximo ao Teatro João Caetano, num casarão de três andares que também abriga a companhia de dança de Isnard. “A praça está à espera de empresários mais audaciosos, que ajudem a mudar a ocupação do local” – afirma Isnard, que defende incentivos fiscais para atrair novos empreendimentos. [...]Ele é do time que acredita na velha praça — a dos teatros, cafés e restaurantes, movimento que teve seu apogeu no século XIX. O empresário Plínio Fróes, do Rio Scenarium, abrirá, no fim do ano que vem, um cabaré na Tiradentes, voltado para o Teatro de Revista e com papel também de casa noturna. O negócio abrangerá dois casarões interligados, que já tiveram suas fachadas recuperadas. As obras, que incluem refazer toda a parte interna, praticamente em ruínas, custarão R\$ 1 milhão. “Não vamos repetir nenhuma receita do que fizemos até hoje e vamos evocar o passado da Praça Tiradentes. Para isso, nada melhor do que desenvolver a vocação da praça no passado, que era dos cabarés e do Teatro de Revista.” O empresário ainda adquiriu um terceiro imóvel, que ele pretende usar para eventos fechados. Mas o mais novo investimento anunciado é o da transformação do Hotel Paris em cinco estrelas. Para repaginar o antigo ponto de prostituição, os irmãos François-Xavier e Jacques Dussol gastarão R\$ 10 milhões. Perto dali, o Centro de Referência do Artesanato, do Sebrae, prepara-se para expandir sua área para o Solar do Visconde do Rio Seco, a mais antiga construção da praça (do final do século XVIII), tombada pelo Iphan, e há anos desocupada pelo estado. Numa estimativa do Sebrae, que tem agora a concessão do endereço, serão gastos R\$ 50 milhões nas obras de recuperação, que começam no ano que vem e ficam prontas para a Copa de 2014 (Jornal *O GLOBO*, 4/9/2012, p.11).

O diretor do Espaço Acústica, Marcos Corrêa, também declara que a região, junto com a Rua do Lavradio, tem potencialidade para atrair empreendimentos no âmbito da cultura. Para ele, a Praça Tiradentes precisa ser utilizada, principalmente durante o período noturno:

Hoje é impossível fazer qualquer coisa na Praça Tiradentes numa quarta-feira – diz Corrêa que, aos poucos, vê os ambulantes invadirem a praça nas noites de festa, na falta de estabelecimentos noturnos (Jornal *O GLOBO*, 4/9/2012, p.11).

A prefeitura, apesar disso, pretende que a região tenha aspectos diversificados. Washington Fajardo, arquiteto e presidente do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, relata na mesma reportagem que a prefeitura está se empenhando para que a noite não seja a única a despertar o interesse das pessoas. Segundo o arquiteto, os dois escritórios de design e um de advocacia que foram instalados na praça, contribuíram para a ocupação da praça durante o dia:

A gente não pode deixar que a Praça Tiradentes reproduza o modelo da Lapa, onde a setorização noturna traz muitos problemas de gestão urbana e afasta a população fixa. A praça tem potencial de manter a diversidade de usos, de atrair mais gente para morar, além de empresas e comércios — diz Fajardo (Jornal *O GLOBO*, 4/9/2012, p.11).

Em uma reportagem anterior, de 20 de agosto de 2012, Washington Fajardo havia relatado para o mesmo jornal, que o município almeja estimular a ocupação daquela área, especialmente, durante o dia, pois, a prefeitura não quer que ocorra a “lapanificação” da Praça Tiradentes (anexo 1.5).

Outra discussão aparente é a questão do uso habitacional não só para a Rua do Lavradio, mas também para a Lapa como um todo. Em entrevista, Augusto Ivan de F. Pinheiro declarou que “[...] o perfil que a Rua do Lavradio possui hoje repele o uso habitacional. A vocação do entorno, mais voltada ao universo empresarial e de negócios, interfere diretamente no caráter do uso do solo” (PAES, 2012, p. 132).

No entanto, a matéria do jornal Extra, do dia 6 de janeiro de 2013, relata que, com a chegada do Porto Maravilha e o processo de revitalização do Centro, o bairro passa a ser uma zona atraente para o uso habitacional e a Lapa é, também, aposta desta valorização (anexo 1.10).

Com relação às mudanças de uso, pode-se dizer que a Rua do Lavradio possui alguns vestígios de seu passado. Rastros que vão sendo resgatados por interesses de grupos específicos que atuam na área na tentativa de que o processo de revitalização, já iniciado, não seja interrompido (CASCO, 2007).

Tal como vem ocorrendo na Praça Tiradentes, a ocupação dos espaços, bem como a compra e aluguel dos imóveis, só é possível por aqueles que de alguma forma possuem uma grande fonte de renda. Os agenciamentos ocorrem com o principal objetivo de crescimento econômico dos grupos que participam da rede, em detrimento da preservação dos espaços, da memória, da cultura e da história. Este processo engendra no imaginário urbano a imagem de que criar novos usos garante, de alguma forma, a recuperação, não só da rua, mas da Lapa como um todo.

Contudo, estas transformações refletem apenas mudanças pontuais e temporárias, ao passo que novas necessidades e realidades vão sendo produzidas.

5.3. OS ATORES HUMANOS E SEUS RELATOS E *TRADUÇÕES* SOBRE O *COLETIVO-LUGAR*

À exceção dos comerciantes que não mais exercem suas atividades na rua, as entrevistas iniciavam com uma pergunta: “Você poderia/saberia me informar em que lugar nós estamos?”. Confirmando a diversidade e a dinâmica de uma *rede sociotécnica*, as respostas foram significativamente diferentes.

A expressão *Rua do Lavradio* foi dita por muitos usuários. Em vários relatos ela foi complementada com expressões como: “Centro da cidade”, “Centro do Rio Antigo” e “perto da Lapa”. Isso evidencia que a rua é reconhecida por sua denominação, pela área do entorno e por sua história.

Com relação à sua localização, alguns respondentes disseram que a rua pertence ao bairro do Centro, enquanto para outros a rua insere-se no bairro da Lapa. Essa ambiguidade reforça a imagem da rua como caminho de conexão e passagem entre a Praça Tiradentes e o setor boêmio da Lapa.

Aspectos identificadores da Rua do Lavradio

Os aspectos característicos ou identificadores da rua utilizados nos relatos e nas *traduções* dos respondentes foram significativamente diversificados. A pergunta “Em sua opinião, que aspecto ou elemento melhor caracteriza ou identifica este lugar?” mostrou que alguns respondentes caracterizam a rua e o seu entorno, atualmente, pela presença de bares e restaurantes, pela vida boêmia e pela gastronomia:

Hoje os bares, a gastronomia, a boemia [caracterizam a rua]. No passado era o comércio de antiguidades e objetos antigos. (Antigo comerciante da rua 1 – 19/9/2012)

A boemia [caracteriza a rua]. Você já veio à noite aí? Vem! Sexta e sábado pra você ver. Ali, qualquer dia da semana tá cheio. Os bares botam as mesas pra fora à noite... (Antigo comerciante da rua 2 – 06/10/2012)

Tem o famoso [Rio] Scenarium, né. Que todo munda sabe que o [Rio] Scenarium é conhecido quase no mundo todo, segundo dizem. O restaurante [Rio] Scenarium caracteriza a Rua do Lavradio. Como tem também outros restaurantes bons. Tem o Manguê Seco, caracteriza muito. Coisa mais assim, pra noite. Os bares que tem lá [...] quando tem feira é que funcionam mais. Não digo o [Rio] Scenarium, que é todo dia, né. (Antigo comerciante da rua 3 – 06/10/2012)

Mesmo com o enfraquecimento do comércio de antiguidades, alguns respondentes apontaram as lojas de antiguidade como a principal característica que identifica a rua:

Na minha opinião, o que caracteriza aqui são peças de antiguidades. É uma feira que considera, valoriza, né, todas as peças de antiquários. (Expositor 6 – 19/9/2012)

Antiguidades, né? As lojas de antiguidade. A feira do sábado, do primeiro sábado do mês. (Trabalhador 3 – 17/1/2013)

O que identifica esse lugar é o seu comércio tradicional, os antiquários que são uma atividade que já existe aqui há mais de oitenta anos. (Comerciante 1 – 19/1/2013)

Mesmo reconhecendo que algumas edificações estão malconservadas ou em estado de abandono, outros respondentes atribuíram maior relevância à arquitetura da rua, tendo como exemplo o casario antigo. Além disso, foram ressaltados os edifícios mais recentes e monumentos do entorno, como os Arcos da Lapa:

Aqui, em geral, as pessoas procuram mais os Arcos da Lapa como um ponto de referência, ou até mesmo, a Praça Tiradentes que fica bem próxima da Rua do Lavradio. Aqui tem vários pontos, tem a Catedral também, tem o prédio da Petrobras. (Expositor 7 – 1/9/2012)

O casario antigo. As fachadas, porque a Rua da Lavradio é a primeira rua residencial do Rio de Janeiro, então tem toda uma história. E acho que a parte arquitetônica marca bastante. Apesar de estarem assim bem...Alguns casarões antigos estão bem danificados e tal, mas ainda assim, acho que essa parte arquitetônica chama muito atenção e marca muito. (Representante da Associação – 17/1/2013)

O casario. Tem outras coisas também, o antiquariato, os restaurantes. Nessa quadra de cá, que é o início da rua, os restaurantes mais sofisticados e lá pro final da rua, perto dos Arcos da Lapa, os restaurantes mais boêmios. (Comerciante 2 – 19/1/2013)

As coisas antigas, os prédios antigos, a arquitetura, né? Que foi tombado, que estão preservando, tudo caracteriza essa rua aqui. (Antigo morador e atual expositor 3 – 19/1/2013)

A Feira Rio Antigo, concomitante com diversos aspectos, também foi citada por alguns atores como uma atividade que identifica o lugar:

De dia, [no] primeiro sábado de cada mês, é a feira e no sábado de tarde. Agora à noite é só boemia..., cerveja, a festa e o lugar que eu moro também. (Visitante 6 – 4/8/2012)

Ah olha, antes da feira, o casario, a parte do Rio Antigo. Depois vem a feira. A feira também é um elemento que identifica o bairro, a rua... A Feira Rio Antigo. (Antigo morador e atual expositor 1 – 2/2/2013)

Alguns respondentes ressaltaram a história do local, a tradição e a cultura da rua :

[O que caracteriza este lugar é] o resgate da cultura do Rio. E do que é o Rio de Janeiro. (Visitante 5 – 4/8/2012)

Pra mim é uma rua histórica; uma rua histórica que estava esquecida e foi redescoberta com o passar desses últimos anos, da última década de 90 e da década de 2000 agora. Foi redescoberta a boemia da Lapa. (Trabalhador 1 – 17/1/2013)

Elementos físicos que lembram a Rua do Lavradio

Na tentativa de estabelecer pontos que servem de referência para o lugar foi realizada a seguinte pergunta: “Você poderia listar cinco objetos ou elementos físicos que mais lembram este lugar?” As respostas obtidas evidenciaram a importância de alguns elementos físicos – atores não humanos:

As ruas, paralelepípedos, as casas, os prédios, os prédios pequenos. (Visitante 3 – 4/08/2012)

O Império, a Colônia. Teve muitas construções. É isso que você diz? Te remove, assim, para o Rio antigo, que tem muitas construções antigas, né, muitos casarios, essa construção colonial. Tem muita coisa que tá aí. Essa aqui mesmo tá arriscada até cair, oh. Vai até entrar em obra por que são tudo antigo. Isolaram aqui, porque vão fazer até obra aí, oh. (Expositor 4 – 1/9/2012)

É como eu te falei... Tipo, a Avenida Chile, os Arcos da Lapa, Rio 40º que é um restaurante bem conhecido atualmente, o prédio da Petrobrás e esse prédio da OI, também que faz parte, que é tipo uma torre. (Expositor 7 – 1/9/2012)

O prédio Bauhaus, a loja embaixo, que era onde eu estava abrigado, que era uma referência. Quando se falava da rua, falava-se daquela loja. Porque era uma loja que tinha seis, oito portas. Tinha muitas portas. E...os táxis, que vinham com o pessoal da Zona Sul ou quem tava a fim, o ponto de referência era a loja. Da loja, que é o número 106 que é o prédio da Bauhaus, o visitante, o comprador caminhava. Tanto que com isso a gente vendia até mais, porque a loja era muito grande, tinha 600m² e a variedade era enorme. (Antigo comerciante da rua 1 – 19/9/2012)

A Escola Nacional de Belas-Artes, que tem lá. Me parece... Se não me engano, que aquilo era a casa do Marquês de Lavradio onde funcionava a Escola Nacional de Belas-Artes. Tem também um colégio público ali. Tem a Maçonaria. A Maçonaria que é um prédio antigo. Aliás, eu já estive ali dentro e tem coisas muito bonitas ali na Maçonaria. (Antigo comerciante da rua 3 – 6/10/2012)

Em primeiro lugar é os Arcos da Lapa. Os restaurantes são tradicionais também como o Bar Brasil. O o... também na Rua da Carioca. É o..., aquele que tem cento e dez anos, como é o nome dele? Eu já vou lembrar. O Flanar Antiguidades que está estabelecido há trinta e oito anos. É o Bar Luiz na Rua da Carioca. É... a Feira de antiguidades que acontece uma vez por mês há quinze anos. E um antiquário famoso que já se foi, do nosso amigo, Manel Zinguer Antiquário. (Comerciante 1–19/1/2013)

Na atualidade é o bar Rio Scenarium, né, que é um ponto de encontro muito bom. E pra lembrar, a Praça Tiradentes que é um marco histórico daqui, dessa área aqui. Na Rua do Lavradio, deixa eu ver..., tem esse Colégio Celestino também que é onde o Silvio Santos estudou. O que eu mais lembro é isso, o Rio Scenarium e a Praça Tiradentes que é muito conhecida aqui. Ah sim, e o Celestino, o colégio Celestino que é um dos prédios mais antigos aqui da rua. (Trabalhador 1 – 17/1/2013)

O Correio da Manhã, a Maçonaria. Depois acho também a Catedral, a Catedral pode ser incluída, a Catedral do Rio de Janeiro. Ah, o final de Santa Teres. Olha só: o final da Rua do Lavradio e o início de Santa Teres. Tem um prédio ali que é histórico, mas agora eu esqueci o nome do prédio. A Rua Visconde do Rio Branco, com aqueles casarios também ali é bem representativo do bairro todo. A Visconde do Rio Branco com os teatros. A Praça Tiradentes. (Antigo morador e atual expositor 1–2/2/2013)

Os elementos físicos citados foram as construções de valor histórico, como a Escola Nacional de Belas-Artes, o Templo Maçônico e o Colégio Celestino da Silva, e ainda, edifícios mais recentes, como o Ciep e as construções de grande porte, como a Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, a Petrobras e a Oi Telefônica. Além disso, foram citados alguns bares e restaurantes, como o Rio Scenarium, o Bar Brasil e o Bar Luiz, na Rua da Carioca, dentre outros. Algumas lojas de antiguidades, elementos do entorno, como os Arcos da Lapa e a Praça Tiradentes e ruas adjacentes, dentre elas a Avenida República do Chile e as ruas Gomes Freire, Riachuelo e Visconde do Rio Branco também foram apontadas.

Nota-se ainda que, apesar do desabamento da construção pertencente ao clube Cordão do Bola Preta, conforme mencionado na subseção 5.2.3, dois expositores citaram o edifício como um elemento que lembra a Rua do Lavradio. O edifício, apesar de não estar sendo utilizado para as suas atividades, foi reconhecido por esses respondentes, o que evidencia sua importância histórica e as atividades que foram ali exercidas.

O [Rio] Scenarium, o restaurante, né? A escola Celestino, seria isso? Os bares, o colégio, a delegacia ali, que aparece sempre, né? O Ciep, que as coisas mais antigas, eles estão sempre, por exemplo, aqui...Fizeram obra há pouco tempo. O Bola Preta, que é ali na esquina... (Expositor 1 – 1/9/2012)

Tem o Bola Preta, né? Tem aqui ao lado a Rua Gomes Freire. A Rua Riachuelo também, o Circo Voador e a Praça Tiradentes. (Expositor 2 – 19/9/2012)

Alguns respondentes citaram, além dos elementos físicos, as atividades da rua. Um antigo comerciante relatou sobre os hábitos que existiram na rua e a descaracterização da rua a partir da derrubada do Morro de Santo Antônio e a construção da Avenida Chile:

A compra e venda de móveis antigos. A rua histórica que era antigamente onde existiam os grandes sapateiros, as modistas, as costureiras que faziam roupas. Era um ponto de apoio das famílias que vinham fazer compras no Centro. Era um lugar bem frequentado. A alta sociedade antiga, do tempo de viradas do império pra , virada do século XX pra cá. Era uma rua muito bem frequentada. De 1980, não... de 1990 pra cá é que começou a descaracterização, né. Passou a ter os bares, os restaurante. Muitos sobrados foram demolidos pra dar lugar aquele... onde era o morro de Santo Antônio. Eles derrubaram o morro todinho pra dar passagem pra Avenida Chile, a partir desse momento acabou a Rua do Lavradio. (Antigo comerciante da rua 2 – 6/10/2012)

No entanto, o representante da Associação ressaltou que – além dos elementos físicos e da arquitetura – a rua, devido ao processo de revitalização, atualmente oferece aconchego e é frequentada por diversas pessoas, apesar de alguns incidentes:

Tem a Sociedade de Belas-Artes que era a casa do Barão de Lavradio. Tem o Bar Nova Esperança que até hoje a conta de luz dele vem em nome da baronesa... Baronesa de quê? Baronesa do Flamengo! E ele nunca deixou tirar. A conta de luz ainda vem no nome dela, que é uma coisa bacana, né. Ele até mandou fazer um banner disso. E isso atrai até alguns turistas. [...] Isso, a parte arquitetônica e tal... Mas hoje a rua, por conta dessa revitalização toda, o que me atrai muito é esse aconchego que a rua oferece, no final da tarde, com mesas e cadeiras na rua, com pessoas, com gente bonita, com turistas. Todo mundo se divertindo, bebendo, comendo e com segurança, né. Têm incidentes? Tem, qualquer lugar tem. Ninguém tá livre de nada, mas são coisas pontuais. (Representante da Associação – 17/1/2013)

Na maioria dos casos, mais de um aspecto ou elemento foi citado e alguns se sobrepuseram. As diferentes percepções dos atores – apontadas tanto nos aspectos que caracterizam o lugar, quanto nos elementos que mais lembram a rua – referem-se às imagens que cada ator tem da rua e a diversidade de atores não humanos que participam do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, conforme mencionado na seção 5. 2.

Fatores de atração e relacionados com a experiência na Rua do Lavradio

Quando questionados sobre o que os atraía e por que frequentavam a Rua do Lavradio, diferentes fatores foram mencionados. Alguns respondentes citaram sua relação com o trabalho, enquanto outros falaram da possibilidade de associar atividades de lazer, diversão e distração ao trabalho:

A gente vem trabalhar. À noite pelo barzinho, pelos bares de uma maneira geral. (Expositor 1 – 4/8/2012)

Eu venho porque venho expor meus trabalhos e gosto dessa troca de energia de pessoas diferentes. Venho ver os trabalhos. É uma feira que...você está sempre vendo novidades. Até pra gente que

trabalha com trabalho artesanal. Você cria porque você está vendo coisas diferentes, cores diferentes, informações. Tem de tudo. (Expositor 4 – 1/9/2012)

[O que me atrai é] minha profissão: recuperar móveis, restaurar móveis. [...] Desde quando eu venho aqui, foi para trabalho. (Trabalhador 1–17/1/2013)

O que me atrai neste lugar é que eu gosto de trabalhar mais ou menos ao ar livre, não é shopping. É uma coisa que você lida com o público. É um comércio como existia antigamente nas merceariaszinhas, armazéns, onde o cliente senta e negocia com você o preço das mercadorias. (Comerciante 1 – 19/1/2013)

A atmosfera, a carga histórica e a arquitetura do lugar também foram mencionadas como elementos que atraem os usuários. Ressalta-se, neste caso, um híbrido de fatores que permite diversas trocas entre humanos e não humanos. Conforme o capítulo 1 – *A construção do sentido de lugar* – é no entrelaçamento das diversas narrativas, das experiências ali produzidas, da satisfação de frequentar, dos prédios que por sua história marcam um local e da feira (CASTELLO, 2005) que ocorre o sentido de *coletivo-lugar* da Rua do Lavradio:

[O que atrai é] o tipo de música, “o chorinho”. O tipo de comida, bem carioca mesmo. Feijoada! Acho que isso atrai até o público de fora. Tu vê que tem muito estrangeiro, muito gringo. Acho que eles ficam assim... Quando vêm em excursão, alguma coisa, eles já pedem até pra avisar o dia da feira em hotel. [...] Eles gostam dessas feiras, assim né, culturais. (Expositor 1–1/9/2012)

A arquitetura, a antiguidade. Esse contexto cultural e o gastronômico também. (Expositor 6 – 1/9/2012)

Bom, eu acho interessante. [Tem] gente bonita, gente diferente, a cultura. É divertido, tem coisas bonitas. (Visitante 5 – 4/8/2012)

O que atrai nesse lugar é a carga histórica que ele tem. Essa foi a primeira rua residencial da cidade. Quando a cidade foi fundada, não havia essa separação de residência e comércio. Essa foi efetivamente a primeira rua residencial da cidade. Aqui veio morar o governador, que era o Marquês de Lavradio. A casa dele está preservada até hoje e está sendo restaurada. E moraram muito titulares do Império brasileiro aqui nessa rua, como o Duque de Caxias, a Baronesa do Flamengo, a Condessa de Belmonte. Músicos da orquestra sinfônica moraram aqui. E depois, com o início do século XX, é que ela passou a misturar comércio e moradia. (Comerciante 2 – 19/1/2013)

Poxa, são tantas coisas que me atraem aqui. Eu não sei... porque essa rua tem um diferencial que não dá pra explicar pra você o que que é assim, exatamente, né. Primeiro, que quando você vem trabalhar num lugar, e você gosta do seu trabalho, tudo fica mais agradável, e aí tudo se torna melhor. Então pra mim... Não sei, eu acho que é essa parte da noite, assim... essa coisa do público, dessas pessoas. Eu gosto, né. Eu gosto de ficar ali, sentada, tomando cerveja, batendo papo. A gente se encontra, os amigos. Todos os meus amigos eu trago pra cá. Porque eu acho que eles... todo mundo que eu trago aqui, gosta muito daqui. Querem sempre voltar. Que eu falo da rua... Só que muitas pessoas que não sabem dessa nossa revitalização, dessa revitalização toda que aconteceu aqui. Tem medo de vir pro lado de cá, porque acha que a Lapa ainda é aquela coisa, aquela história de violência. [...] Mas melhorou bastante. Aí, quando eles chegam aqui que eles se deparam com isso, aquela multidão de gente, assim, todo mundo sentado, comendo, bebendo ao ar livre, sem ter aporrinhão, um pouco de segurança... Eles gostam muito. Eu acho que isso me atrai bastante. (Representante da Associação – 17/1/2013)

Para alguns respondentes, alguns edifícios, sobretudo o Rio Scenarium, não só caracterizam e lembram a Rua do Lavradio, mas também contribuem para atrair pessoas para rua. A representatividade deste bar e restaurante mostra sua importância dentro do *coletivo-lugar Rua do Lavradio*:

Ah, o que atrai... O [Rio] Scenarium é uma coisa muito importante. Vem muito turista de tudo quanto é canto. Esse [Rio] Scenarium [...] era um aquário, vendia negócio de peixe. Depois passou [a ser] máquina Singer, depois que veio o [Rio] Scenarium. O [Rio] Scenarium deve ter uns 15 anos mais ou menos. Eu é que tô [aqui] há 56 anos. (Morador 1 – 6/10/2012)

Olha, eu gosto muito da Escola Nacional de Belas-Artes, também como eu gosto muito do [Rio] Scenarium. A casa noturna [Rio] Scenarium. Porque por dentro tem coisas muito bonitas, tem coisas interessantes ali dentro. A decoração está muito bonita mesmo. (Antigo comerciante 3 – 6/10/2012)

[O que você acha que atrai as pessoas ao Rio Scenarium?] *É porque o que ele tem de bom, é tipo, as músicas, né, antigas. E dentro dele as coisas que ele tem lá de acervo. E ele tem um acervo muito grande de coisas antigas. Trabalhei lá. Eu sei que ele tem um acervo muito grande. Ele tem muita coisa que você não vê assim em qualquer loja. E a música brasileira que ele gosta de sempre manter isso, ele nunca muda. Sempre chorinho, esses negócios. Sempre música popular brasileira. Que é muito bom por sinal, a nossa música. (Trabalhador 1 – 17/1/2013)*

Os antigos comerciantes e moradores falaram da rua com saudosismo. Um deles mencionou a saudade como um fator que o atrai para a Rua do Lavradio. Outro, indignado com as transformações que vêm acontecendo, respondeu que nada o atrai na atualidade.

A localização, a cultura e a beleza da rua também foram ressaltadas como aspectos positivos pelos respondentes, o que se infere que sejam também fatores de atração:

[Positivo] acho que é a localização. A diversão que é fácil também, a quantidade de pessoas. O clima rio antigo. (Expositor 1 – 4/8/2012)

Um aspecto positivo é que a rua é lindíssima. É a primeira rua reta. Tem calçada de um lado, do outro não tem. [...] A rua é bonita. Do início da rua você vê o final da rua. O casario é interessante embora tenha se perdido muito. (Antigo comerciante da rua 1 – 19/9/2012)

[...] aqui é um lugar que tem muita cultura. É um berço da cultura do Rio de Janeiro, a Lapa. É a arquitetura dos prédios, é a clientela que vem aqui como se fosse... nós chamamos de caçador de tesouro, que vem vasculhar a loja à procura de um objeto valioso pra comprar por uma bagatela [...]. [Outro aspecto positivo] é a facilidade que eu tenho da mobilidade. Mobilidade de ir e vir pro meu trabalho [...]. (Comerciante 1 – 19/1/2013)

[Positivo é] a beleza da arquitetura, a carga histórica que a rua tem. O fato de ser um atrativo turístico [são fatores positivos]. Inclusive aqui na rua, segundo o Guia Michelin, estão localizadas a loja mais bonita do Centro do Rio e a casa noturna mais bonita do mundo. E o Michelin não é um guia qualquer. E nem ninguém sabe quando eles vêm fazer essa pesquisa, porque eles vêm anonimamente. Então, esses dois títulos são muito importantes, né. São bem positivos. (Comerciante 2 – 19/1/2013)

Lembranças e memórias sobre a Rua do Lavradio

Alguns atores que sempre tiveram em contato direto com a rua, sobretudo, moradores, relataram alguns acontecimentos e lembranças por meio de seus vestígios de memória,

evidenciando sua relação com o ambiente e os fatores que os fazem se sentirem atraídos pela rua. Um antigo morador falou da sua experiência com a rua e sobre as mudanças ocorridas:

[...] Eu gosto daqui, eu gosto dessa rua aqui. Ah porque desde criança... Eu sou de Belém, aí vim pra cá, vim pra Lavradio. [Você se lembra quando foi?] Ah, eu tô com 45. Foi assim, tipo...Eu cheguei aqui eu tinha uns 3 anos. [O que você se lembra? Como era a rua?] Quando cheguei aqui eu lembro que não tinha a Catedral, ainda estavam construindo a Catedral. A rua não era assim, né, urbanizada, toda... Era bem antiga. Acho que foram conservados os imóveis que te falei. Passavam os ônibus aqui na rua. Aí essas coisas depois foram mudando, né... Quando cheguei aqui estavam construindo a Catedral. [Você morou aqui durante quanto tempo?] Morei uns 25 anos. [Mudou muito desde o tempo em que você morou para hoje em dia?] Foi conservado e teve essa mudança, né, que construiu a Catedral. Mudou, mudou. A característica da rua mudou, ela não era assim. Esse pedaço aqui não era estreito. A calçada mudou. Fizeram essa obra. Teve uma mudança na rua. [Por que você vem à Rua do Lavradio?] Ah é, trabalho com antigo, mobiliário e conheço muita gente aqui. Morei aqui. Tenho meus amigos, minhas amigas que eu revejo aqui. [Seus amigos são moradores?] São. São moradores daqui... [Você gostaria de falar algo do tempo em que você morou aqui?] O tempo que eu morei aqui foi muito bom. Eu penso em voltar a morar de novo aqui. [...] Agora tô morando em Nilópolis. Gosto de Nilópolis também, mas penso um dia voltar a morar aqui no Lavradio, que foi um dos anos que eu passei, eu gostei de morar aqui. [Por que você gostava de morar aqui?] Porque eu gosto de mexer com isso. Eu trabalhava, minha família tinha loja e tal. E a gente trabalhou com isso durante muitos, muitos anos. E aqui é perto do Centro, perto de tudo, aqui. Então eu gostei de morar aqui. Penso voltar morar aqui. O único problema dessa rua que eu acho é o problema dessa chuva. Quando chove dá esse transtorno. Mas o resto... não tem o que falar, não. E a iluminação também, e a onda de assalto. [...]. (Antigo morador e atual expositor 3 – 19/1/2013)

Outro antigo morador relatou que ele se lembrava de como era sua vida quando sua mãe morou na rua. De acordo com o respondente, o comércio da rua foi alterado e vários edifícios foram demolidos. O antigo morador disse também que, durante muitos anos, trabalhou na rua e que por isso ela sempre fará parte da sua memória:

Ah... mamãe morou trinta anos aqui... Eu tenho... É minha memória, né, da juventude. Vi mamãe abrir um negócio aqui, ficar anos aqui, sabe? Trinta anos. Isso faz parte da minha história. Acho que resumindo, faz parte da minha história [...]. [Esta rua] sempre me atrai. Porque faz parte. As minhas lembranças estão aqui. Em qualquer lugar que eu esteja, acho que do mundo, eu vou lembrar da Rua do Lavradio. Eu chegando aqui próximo, eu estando aqui próximo, eu vou vir à Rua do Lavradio. [Que tipo de lembranças?] De trabalho, de estudo. Daqui eu saía pra escola. Eu morei aqui. Trabalhei na Rua do Lavradio, muitos anos. [Como era a rua quando você morou aqui?] Derrubaram alguns prédio. Alguns prédios foram derrubados... Bastante até. Esse lado de cá derrubaram muitos, né [...]. Mudou muito. O comércio mudou. Naquele início tinha padaria, é ... galinheiro, venda de galinha e de ovos. Agora é mais lojas de móveis antigos, modernos e a Feira Rio Antigo, né. (Antigo morador e atual expositor 1 – 2/2/2013)

Para um morador, a rua melhorou expressivamente, pois era abandonada, perigosa e estava em estado precário de conservação. Segundo ele, o período de conclusão das obras do projeto de reurbanização foi bastante difícil, pois as obras ficaram paralisadas durante muito tempo. O morador disse, ainda, que houve uma valorização da rua e que hoje ela é frequentada por turistas:

[O que você acha da Rua do Lavradio?] Essa rua melhorou 99%. Quando eu vim pra aqui, dava até medo de passar de noite aqui. Era um chiqueiro aqui. Tinha que andar assim, oh! Foi naquele intervalo, do Conde e César Maia, quando começou a obra... Mas no intervalo da prefeitura, o Conde perdeu para o César Maia. Eles não se cruzavam. O César Maia não queria terminar a obra. Foi uma luta, os moradores, os comerciantes, esse menino aqui do [Rio] Scenarium. O [Rio] Scenarium agora

*que cresceu, né?! Era uma lojinha baixa. Aqui, pra andar aqui dentro, tinha que botar uma tábua. Aqui ninguém passava. Aqui era um chiqueiro. Ninguém passava daquele lado de lá. Agora é o Manguê Seco. Aqui não passava ninguém, tinha até medo. Aqui, nesse aqui, era uma camisaria. Do lado era o clube da Marinha. Na esquina lá era um restaurante. Depois pra lá era um negócio de uma padaria. Do lado de lá era o Detran, do estado. Aqui era atendimento de delegacia. Eu conheço o Lavradio como a palma da mão. Aqui era o morro de Santo Antônio, agora que tem um monte de prédio. Primeiro veio aquele prédio, depois que veio aqueles dois. Era o morro de Santo Antônio, não passava ninguém. Quem apressou essa rua aqui foi Brizola. Leonel de Moura Brizola. [...] Esta rua está muito famosa. Ficou muito famosa mundialmente. Já é conhecida pelo mundo afora. Porque o [Rio] Scenarium também valorizou muito essa rua aqui. Porque aqui ninguém passava. **[Por que essa rua se valorizou?]** Porque a população cresceu muito. Vem muito turista de noite aqui, que não vinha ninguém. Dava até medo de passar aqui dentro. Era um corredor, era um perigo, era uma rua abandonada. Andava assim, tudo cheio de lama. [...](Morador 1 – 6/10/2012)*

A Rua do Lavradio como local de comercialização de antiguidades (Rua dos Antiquários)

Apesar da redução significativa do número de antiquários e da progressiva transformação da feira, a imagem do comércio de antiguidades continua sendo associada à Rua do Lavradio por alguns atores humanos. Ao responder à pergunta “Você reconhece este lugar como a *Rua dos Antiquários?*”, as opiniões foram controversas e diversificadas.

Muitos respondentes reconhecem a Rua do Lavradio como a *Rua dos Antiquários*, sobretudo, devido à forma como ela é divulgada e à presença das lojas que comercializam móveis e objetos antigos:

É, pode ser [Rua dos Antiquários]. Porque é...eu só conheço aqui e a Praça XV. (Visitante 3 – 4/8/2012)

Sim, sim. É justamente por ela resgatar toda uma infraestrutura. Quer dizer, dentro do Rio, um pedaço do Rio Antigo que tem que se preservado. (Visitante 5 – 4/8/2012)

Conheço. É porque é assim que é divulgado mesmo. E tem os antiquários que ficam de dia, durante a semana, que eu já vi. (Visitante 6 – 4/8/2012)

*Sim, já foi mais. Mas é. Em dia de feira, as lojas também colocam pra fora os móveis e tudo. Mas, é bem conhecida como Rua dos Antiquários. **[E o motivo?]** Não sei o motivo, sinceridade. Eu moro aqui, mas não sei por que essa rua ficou conhecida como Rua dos Antiquários. **[Mas você mora aqui na Rua do Lavradio?]** Não, eu moro na Rua dos Inválidos. Eu moro no Centro há vinte anos, mas eu não sei o porquê essa rua ficou como coisas antigas. Não sei te dizer. (Expositor 1 – 1/9/2012)*

Sim. Porque aqui se concentra os antiquários. Tem aqui, tem ali. Você chega, pra você conseguir algumas coisas antigas, a rua mais indicada é essa aqui do Centro. Rua do Senado com Rua do Lavradio. Onde tem mais espaço pra você conseguir elementos antigos. (Expositor 2–1/9/2012)

Sim, porque tem muitas lojas que vendem antiquários. Tem uma parte da feira... Porque essa feira começou assim como antiquário, aí depois que abriu pra artesanato. Mas ainda tem muito. Para aquele lado lá, tem muito antiquário, tem muita coisa antiga. (Expositor 4 – 1/9/2012)

[...] É porque antes de acontecer as feiras dos artesões, antigamente só vendia antiquário. Agora que evoluiu mais. (Expositor 7 – 1/09/2012)

*Conheço. Porque nós somos um dos primeiros expositores. Aqui não tinha quase expositor nenhum. Só tinha os antiquários. **[Você trabalha nessa feira desde quando?]** Foi bem no início mesmo. Tá*

fazendo 15 anos. Acho que tem uns 14 anos com a gente nesta feira, já... ou 13. (Expositor 8 – 1/9/2012)

Conheço. Porque tem várias lojas de antiquários e todo mundo procura as locações de objetos antigos. (Trabalhador 3 – 17/1/2013)

Os comerciantes de antiguidades relataram o início desta atividade na rua e sua situação atual. Para eles, o comércio de antiguidades atualmente está descaracterizado e apresenta sinais de declínio. Para eles, o comércio de antiguidades perdeu espaço para lojas de mobiliário de design moderno e para a vida boêmia dos bares e restaurantes, portanto, a rua não pode ser mais reconhecida como *Rua dos Antiquários*:

[Você reconhece este lugar como a Rua dos Antiquários?] *Não mais, acabou. Hoje tem outra atividade que são os bares e restaurantes. [Por que sofreu essa transformação?] Coisa do progresso. [Em que ano você chegou na rua?] Há quatro anos atrás, 2009 mais ou menos. [A feira já estava consolidada?] Já tinha descaracterizado, já era camelódromo. [E antes disso você ouvia algum comentário sobre essa rua?] Antigamente a característica da rua era antiguidades. Era referência. Tanto lá, quanto aqui. [Você trabalhava com antiguidades em algum lugar antes?] Aqui, na Rua dos Inválidos. [Então, essa região já tinha esse comércio?] É, é a característica da região. (Antigo comerciante da rua 2 – 6/10/2012)*

[O que você acha da Rua do Lavradio?] *Olha, a Rua do Lavradio logo no início foi uma maravilha, que era tudo dos antiquários. Atualmente virou mais rua dos restaurantes. Eu acho que perdeu aquele charme que ela tinha de ser conhecida como Rua das Antiguidades. [Você reconhece este lugar como a Rua dos Antiquários?] [...] Acho que não tô acreditando mais que fosse Rua dos Antiquários. Agora até essa feira que faziam todo primeiro sábado, agora misturou tudo. É alternativa, é artesanato. E o pessoal quando vem pra cá, já não vem, assim, pra ver as antiguidades. Já vem pra feijoadada, pra samba, pra oba-oba. (Antigo comerciante da rua 3 – 6/10/2012)*

[...] Ela já foi [Rua dos Antiquários], não é mais. Porque agora não há só antiquários que caracterizam essa rua. Há lojas de mobiliário de design moderno, moderníssimo até. Há restaurantes sofisticados, há bares. [Você saberia explicar como foi o processo de transformação da rua?] Sim. Quem iniciou o projeto foram os antiquários. Os antiquários é que lutaram para a reurbanização da rua, para fazer as obras de infraestrutura: de água, esgoto, eletricidade. Foram os antiquários que lutaram por tudo isso. Mas com a rua pronta, houve uma certa valorização e outros tipos de comércio passaram a serem atraídos pra cá [...] (Comerciante 2 – 19/1/2013)

Um trabalhador falou da importância dos antiquários na Rua do Lavradio. Segundo o respondente, não deveria haver uma diminuição do número de antiquários, pois, para ele, terminar com um antiquário significa acabar com parte da história:

[Qual a importância dos antiquários?] *Porque todo antiquário relata um pouco da história, certo? Porque são coisas antigas. Tem coisas aqui que foi... por exemplo, ele já teve... Tem as estantes que são da CBD, da antiga CBD, Confederação Brasileira de Futebol. Ele tem três estantes que foram da Confederação Brasileira de Futebol. Teve uma cristaleira que foi do Marechal Deodoro da Fonseca, entendeu? A história... Porque se você perder esses antiquários, você vai ter que ir sempre num museu saber de uma história, e nem tudo tem no museu. A verdade é essa. Então eu acho que você acabando com os antiquários, você vai tá acabando com um pouco da história que você vai ter do seu próprio país e daqui da rua. Eu acho isso, porque... aos poucos tá acabando. (Trabalhador 1 – 17/1/2013)*

Outros atores reconhecem que houve um enfraquecimento no comércio de antiguidades e consideram que a rua passa por um processo de mudanças. Em seus relatos são observadas algumas falas que evidenciam suas dúvidas quanto à imagem da Rua do Lavradio como *Rua dos Antiquários*. Isto demonstra que o fator da comercialização de antiguidades e a imagem da rua são questões em movimento, ou seja, ainda não foram completamente estabilizadas, abrindo margem para novas realidades serem produzidas:

[Como você chegou até a Rua do Lavradio?] *Por ela ter uma tradição eu já frequentava. Tinha paixão pela antiguidade, antigo, seja em termo de móveis, de objetos. E eu comecei a desenvolver uma atividade paralela a minha profissão. [...]* **[Como você ficou sabendo que ali era um local de vendas de antiguidade? Já existia essa tradição quando você instalou a sua loja ali?]** *Já, já existia essa tradição. Já era bem conhecida como um espaço que vendia esse tipo de objeto.* **[E quando você chegou lá, existiam muitos vendedores de antiguidades?]** *Tinha muito mais do que tem hoje.* **[E existiam bares na região? Bares? Não, nenhum. Você tinha bares que eram bares. Não era um misto de bar e loja que comercializava móveis e objetos antigos, antiguidades. [...].] **[Você acha que a rua passou por um processo de transformação?]** *Passou, embora esteja no imaginário das pessoas que ali é um local ainda, concomitante ao funcionamento dos bares, da gastronomia, é um lugar que vende antiguidades. Embora o que se venda lá hoje não se compara com o o final da década de 80, antes de ser instalada a feira.* **[Você disse que na época que você tinha sua loja lá, existiam muitos antiquários. Você acha que estes antiquários se deslocaram para qual região?]** *Uns fecharam, abandonaram como eu. Eu não tenho ideia. Não tenho conhecimento de uma loja ali instalada, nesse tipo de comercialização que tenha se transferido para outro lugar. Eu não tenho informação nenhuma a respeito disso.* **[Você reconhece a Rua do Lavradio como a Rua dos Antiquários?]** *Eu estou contaminado com essa ideia, pra mim seria. Mas acho que qualquer rua, ou uma outra rua em um lugar interessante, agora na Gamboa, poderia se transformar numa rua mono comercial, no caso de antigo e antiguidades que fosse dentro de um centro antigo. (Antigo comerciante 1 – 19/9/2012)***

Sim [Reconheço a Rua do Lavradio como Rua dos Antiquários]. É porque ela foi o comércio mais forte e tradicional. A Rua do Lavradio 15 anos atrás, nós tínhamos pelo menos trinta lojas. Trinta antiquários que infelizmente hoje estão sucumbindo. Infelizmente pra casas de shows, pra restaurantes. **[E por que você acha que este movimento está acontecendo?]** *Tá acontecendo por causa de movimento, com a chegada dos grandes prédios públicos como o TRT, como a Petrobras. E então os donos de restaurantes e casas de shows estão visualizando que é um bom espaço para captação de grana, de dinheiro. E infelizmente tá acabando com esse comércio charmoso que é os antiquários, como também a carvoaria que tinha aqui também e acabou..., oficina mecânica. (Comerciante 1 – 19/1/2013)*

Por enquanto [Reconheço a Rua do Lavradio como Rua dos Antiquários], sim. Porque tá virando muito restaurante. E eu queria que continuasse antiquário ao invés de restaurante. (Trabalhador 1 – 17/1/2013)

É antiquário. Porque é uma rua muito famosa. Tem muitas coisas de antiguidades. Essa rua vende mais coisas de antiguidades. **[Quando começou o comércio de antiguidade você já estava aqui?]** *Sim. [...]* *De uns tempos pra cá vem até um pouco que mudando, né. Se tornou um pouco de... um corredor gastronômico, boêmio. A Lavradio... Gomes Freire, tudo tá... O Centro todo tá virando um bairro boêmio, eu penso. Então já não é só Rua dos Antiquários. (Antigo morador e atual expositor 1 – 2/2/2013)*

O representante da associação em seu relato observou que, apesar da redução no número de antiquários, a Rua do Lavradio ainda pode ser considerada como *Rua dos Antiquários*. Para o respondente, a redução no número de antiquários é devido à quantidade de vendas, que é

restrita. Segundo o representante da associação existem aproximadamente trinta antiquários na Rua do Lavradio e seu entorno:

*Olha, ainda sim [a Rua do Lavradio pode ser reconhecida como Rua dos Antiquários]. Já foi mais né, mas ainda sim. Porque o mercado de antiguidade caiu bastante, né. Eles reclamam muito. Muitos antiquários fecharam as portas. É... Mas eu acho que mesmo não tendo um número, assim, grande de lojas abertas, as que ainda sobrevivem, as pessoa ainda têm a Rua do Lavradio como Rua dos Antiquários, entendeu? E tem a feira. A feira é de antiguidade, né. [...]. **[Por que você acha que houve essa redução?]** Olha, segundo informações aí dos antiquários, por que a gente acaba... Uns desistiram, foram para outros ramos porque não estavam conseguindo se manter. Porque as vendas caíram muito e não estavam conseguindo comprar peças boas. Porque isso tudo... antiguidades é sorte de você conseguir uma pessoa que está vendo uma peça boa e conseguir repassar aquela peça. Então eles foram migrando para outros ramos. **[Você sabe o número de antiquários existentes na rua hoje?]** Oh, eu posso te falar mais ou menos. Pode colocar uns vinte. Lavradio e arredores, aqui. Porque pega a Rua do Senado aqui também... Pode colocar uns trinta. (Representante da Associação – 17/1/2013)*

De acordo com a tabela de levantamento de usos realizada (apêndice II), existem atualmente 15 antiquários na Rua do Lavradio e seis antiquários na primeira quadra da Rua do Senado, totalizando 21 lojas que vendem antiguidades. Existe ainda na Rua Gomes Freire um estabelecimento que mistura bar, restaurante e antiquário. Nas demais quadras das ruas não foram identificadas lojas destinadas a esse tipo de comércio.

Estes quantitativos apontam que houve uma redução no número de antiquários, se comparados com o levantamento realizado por Marques (2002), onde existiam vinte antiquários na Rua do Lavradio.

A migração dos bares e seu funcionamento na Rua do Lavradio

Conforme mencionado anteriormente, alguns respondentes avaliaram negativamente a boemia, na medida em que diversos bares e restaurantes estão ocupando o espaço, até então, ocupado pelos antiquários. Um antigo comerciante falou sobre a especulação imobiliária, que, segundo ele, é prejudicial ao desenvolvimento do comércio de antiguidades, uma vez que as pessoas que realizam este tipo de atividade, em geral, são pessoas que não são grandes empresários. O respondente manifestou insatisfação, ainda, com o movimento de criação do Quarteirão Cultural:

*Negativo hoje, [é o] excesso de bares, porque a rua é curta e ele toma os espaços da loja que poderia funcionar com antiguidade, antigos e brechós. O preço, não é um preço para esse tipo de comércio, porque o comerciante ali não era um empresário milionário e fica inviável. Eu saí por causa da cobrança, da valorização, da especulação imobiliária. De quatro mil reais, pagar vinte mil reais de aluguel? [...] **[Você disse que saiu da loja por conta da especulação imobiliária. Você se lembra em que ano você deixou a loja?]** Lembro. Estamos em 2012, foi uns quatro ou cinco anos atrás. **[Então, foi mais ou menos nessa época que começou o movimento de especulação imobiliária?]** Não, começou antes. Um pouquinho antes. **[Hoje em dia, o primeiro quarteirão da rua é considerado o Quarteirão Cultural e Gastronômico. Você se lembra quando e por que começou esse movimento de tornar esse quarteirão o Quarteirão Gastronômico?]** Eu não concordo, mas enfim. Não! Com certeza não. Eu sei que havia um movimento daquele que ficou à*

frente de toda e qualquer atitude de manifestação da rua, que é o Plínio... Não sei quais são os interesses. Porque depois, a partir de determinado momento, eu me desinteressei por essas questões políticas e culturais onde a política e o financeiro falavam mais do que o cultural. Não tem nada contra. Cultura tem que dar dinheiro. Gastronomia tem que dar dinheiro. Mas não podemos esquecer que aquilo é do povo. (Antigo comerciante da rua 1 – 19/9/2012)

[...] [Negativo] é realmente essa tomada dos espaços por restaurantes que é um ao lado do outro e [...] essa ganância dos novos inquilinos, empresários que não se preocupam com a cultura, o patrimônio. Só visam mesmo ganhar dinheiro. (Comerciante 1 – 19/1/2013)

Outros respondentes consideraram que a presença de bares e restaurante é positiva, porque traz a vitalidade para a área e permite que as construções sejam reformadas, além de atrair pessoas para o local:

[Como é o movimento noturno aqui?] *É maravilhoso. Já fecho aqui, já sento ali na frente, né. Porque tem o Rio Scenarium que atrai muito público e tem os outros bares, né, com música ao vivo, né. Tem o Santo Scenarium que tem jazz. O Rio Scenarium funciona de terça à sábado, então todos os dias tem movimento aqui na rua. Aí, a partir de quinta-feira esse movimento começa a aumentar. E aí no terceiro sábado a gente tá com outro evento também, é Mostra de Antiguidade e Gastronomia, mas é só nesse Quarteirão Cultural aqui, né. Porque aqui é o Quarteirão Cultural da Rua do Lavradio. Que agora é fechado ao trânsito e só para pedestre. A gente tem um decreto do César Maia, é... nos deu, liberando aqui o quarteirão pra pedestre apenas, com mesas e cadeiras na rua pra gente fazer os eventos e tal. **[O movimento começa a partir de que horas?]** A partir das 18 horas. É happy hour, né. A pessoa vem porque tem música ao vivo aqui no Mangue Seco. O Rio Scenarium começa a funcionar sete horas com happy hour também. Aí o bar ali da esquina começa a botar as mesas e cadeiras na rua e aí as pessoas já começam a vir e sentar e curtir. Fica bacana. (Representante da Associação – 17/1/2013)*

[Positivo] Eu acho que agora é os bares que eles melhoraram, fizeram reforma. Aqui tá bem melhor, que essa rua antigamente era horrível, muito suja e agora tá mais limpa. Eles estão melhorando. O Centro tá melhorando. [...] agora, eles estão vendo o Centro, né... Antigamente era só zona sul, agora estão vindo pra cá. [...] como houve essa reforma dos bares, antigamente era muito pé-sujo, né? Os bares ficou mais bonito. [...] coisas antigas eles reformaram, ficou um outro ambiente, então, traz um outro tipo de público. [...] esse prédio da OI, depois que inaugurou também. Porque a rua com pouca empresa, poucas coisas, ela fica muito abandonada, então acho que depois que houve isso tudo, a rua não tá tão abandonada como era antes, entendeu? Devido as empresas que vieram pra cá. Os restaurantes, as empresas que vieram, essas reformas que eles estão fazendo. Isso é o ponto positivo. Eu acho que a divulgação melhor da feira tá trazendo mais gente pra cá. Quando tem um show de chorinho, que agora tá muita música, então quando tem ao vivo, acho que chama mais as pessoas. (Expositor 1 – 1/9/2012)

Um expositor disse que, apesar de os bares terem trazido benefício para a área, o número de assaltos aumentou significativamente:

Sexta e sábado... Sexta-feira tem muito assalto mesmo por causa dos bares. Veio esse progresso, essa melhoria, os bares melhoraram. Foi muito bom, mas em contrapartida teve esse negócio de assalto. (Antigo morador e atual expositor 3 – 19/1/2013)

Outros respondentes consideraram a necessidade de equilibrar o consumo de bebida alcoólica com a qualidade de vida das pessoas e o funcionamento dos bares com o dos antiquários:

Eu acho assim, tem que ter horário pra fechar, não adianta ficar até tarde, sabe? É que às vezes eu venho pra feira e ainda tem gente virada, bêbeda. E eu acho que isso traz perigo. Acho que gente bêbada é perigoso. (Expositor 3 – 1/9/2012)

[O que você acha dos movimentos dos bares?] Não sou contra, não sou contra. Só que eu acho que ao invés de você acabar com um, você tinha que manter e abrir outro. Entendeu? Não sou contra. Porque você abre mais emprego, mas em compensação você também tá tirando emprego de quem já estava trabalhando com antiquário. Não sou contra. É muito bom, bom é. Mas... é que nem começou com motorista: Ah, botar só motorista e tirar cobrador. Você tirou uma pessoa de emprego. Acabou com o emprego de uma pessoa. Aqui tá sendo a mesma coisa. Do mesmo modo que você abre um bar, você acaba com o antiquário. Então, se você tinha três pessoas trabalhando, você não vai ter mais aquelas três, porque você não sabe se a pessoa que tá dentro do bar vai querer aquelas três pessoas que estavam trabalhando, entendeu? Bom é, mas até um certo ponto. Acho que negativo [...] acabar com um e não manter. Só isso mesmo, de acabar com antiquário e abrir bar. É o principal, né, acho que tem que manter os dois, né. Eles lá abriram casa de show lá, mas mantem o antiquário deles. (Trabalhador 01 – 17/01/2013)

De acordo com o levantamento de Marques (2002) existiam dezesseis estabelecimentos entre bares, restaurantes e lanchonetes na Rua do Lavradio. Atualmente nota-se que existem vinte e um estabelecimentos destinados a este tipo de comércio, o que infere que houve um aumento deste tipo de atividade na rua.

Dois respondentes quando questionados sobre os pontos negativos da rua, mostraram-se indiferentes e consideraram que o movimento dos bares e restaurantes que vem ocorrendo faz parte da vida boêmia:

Pontos negativos, na minha visão, eu não vejo, assim, coisa negativa. Na minha visão. Porque isso tudo é boemia com eu falei contigo. Boemia e tal...ali na Riachuelo. Eu não vejo nada de negativo. Na minha maneira de ver né. Eu estou dizendo: eu. É minha tese. Cada um tem uma tese. (Expositor 02 – 01/09/2012)

*Acho que é muito relativo. Não vejo nem um[ponto] negativo nem positivo. Foi descaracterizado, não existe mais. **[Existe ponto positivo?]** Pra mim nenhum. **E negativo?** Todos! Por que a frequência é outra, não é para comprar antiguidades. É boemia. Ao entardecer já fica cheio, né. (Antigo comerciante da rua 02 – 06/10/2012)*

A Feira Rio Antigo

Outro ator que tem produzido controvérsias no coletivo-lugar Rua do Lavradio é a Feira Rio Antigo. A imagem da Rua do Lavradio é, hoje, muito atribuída a esta feira. Suas mudanças de perfil e descaracterização foram apontadas pelos respondentes. De acordo com os entrevistados, atualmente, a feira está mais diversificada e comercializa artesanato:

Bom, eu tô com muita pena, é porque está um pouco descaracterizado por conta dos artesões. Isso aqui foi um projeto feito em cima do que seria uma feira de antiguidades, mas o que está acontecendo é que tem muito artesanato. E isso está descaracterizando um pouco este contexto da feira. [...]
[Fazendo uma comparação entre o que era antigamente e como está hoje, o que você acha?]
*Bom, estou do outro lado, né? Muito melhor aqui. A gente aproveita de tudo. Aproveito tanto como estando como comprador, como tá fazendo parte da feira. É, esse lado aqui está muito melhor. **[Mas você acha que a feira como um todo modificou muito desde os anos que você frequentava?]** Oh, teve um período que ela era só antiquário. É... aí nesse ponto modificou. Porque o projeto foi em cima disso de peças de antiguidades. Agora tem essa influência muito grande do artesanato. Trouxe mais gente, muito mais gente e isso descaracterizou um pouco este projeto. A mudança que eu vejo é em cima disso. Mas assim, com relação a vendas, acho que ficou mais atrativo, ficou melhor. (Expositor 6 – 1/9/2012)*

[O que você se lembra da feira? Como ela era no passado e como ela é agora? Para você, o que mudou?] Mudou. Ah... Tá mais diversa, né. Tá mais diversificada. Porque antes, aqui, só tinha mesmo é... Era evidente, os antiquários. Tanto os expositores aqui, que eram poucos os que tinham produtos que não eram de antiquários, né, não antiguidades. E as lojas ficavam abertas. Tanto que, por exemplo, aqui mesmo que era interessante, é que tinha assim banheiro. O rapaz expunha, né, várias coisas, que as pessoas tiravam as fotos. Então a feira tinha esse chamativo mesmo com antiguidades, então ela perdeu um pouco essa característica. Por quê? Eu tô dizendo, porque eu fui umas das primeiras expositoras, eu e meu esposo. Aí, o que que aconteceu? Por ter assim, no início, ter tido uma divulgação boa, coisa que não está tendo agora... Porque tinha música ao vivo, coisa que está sendo difícil ter, de boa qualidade, coisa que também mudou muito. Tá rodando muito CD, coisa que não rodava tanto... Vinha muito artista global, da Record. Então, a feira perdeu essa característica, mesmo até por causa da infraestrutura. Isso no meu julgamento, que é uma coisa, também que nós até colocamos para a comissão da feira. Porque, por exemplo, os banheiros são horríveis. São os banheiros dos restaurantes que eu não sei se vocês foram, são de péssima qualidade[...].(Expositor 08 – 1/9/2012)

Olha, a feira deveria ser só de coisas antigas. Só de mobiliário. O sentido era pra isso. Aí agora misturam, botaram artesanato, botaram outras coisas que não têm nada a ver com feira, né, com o Rio Antigo. Isso aí eu acho que não deveria ter. Deveria ter só mobiliário, só móveis antigos, peças, louças antigas. (Antigo morador e atual expositor 1 – 19/1/2013)

Um antigo morador relatou que participou do processo de implantação da feira. Segundo o respondente, o processo teve seu início com os comerciantes que se reuniram com o intuito de melhorar as vendas e aumentar o movimento dos visitantes na rua:

[Você tinha uma loja na Rua do Lavradio?] Na Rua do Lavradio, é... 106. **[Você ficou quanto tempo?]** Ah, nessa loja, fiquei uns 15 anos. **[Quando você começou com a loja, você morava aqui?]** Morava. Eu morei aqui trinta anos aqui na rua, entendeu? **[Ainda não existia a feira?]** Quando comecei, quando eu abri, não! Não existia. Tem bem mais de 15 então... Porque a feira já deve ter uns 12 pra 15 anos [...]. **[Tem dezesseis anos]** 16 anos, olha só! Eu sou uma das fundadoras da feira. **[Como foi esse processo?]** Alguns comerciantes se reuniram, começaram a conversar: vamos fazer alguma coisa, o comércio tá muito fraco, precisamos reagir, precisamos atrair o público pra cá, mostrar a Rua do Lavradio.... Fazer alguma coisa! Aí, cada um dá uma opinião e depois isso tudo foi condensado e surgiu a feira, foi assim. De reunir meia dúzia de comerciantes, chegar à conclusão de que precisava ser feita alguma coisa. Movimentar a rua, chamar a atenção pro comércio e aí surgiu a feira, assim. **[O perfil da feira mudou?]** Completamente. Mudou, mudou. Era de mobiliário e de objetos antigos. E aí ela deu uma mudada. Eles abriram muito, né, pra artesanato e tal. Aí a feira, eu acho que se desvirtuou muito. **[Eles quem?]** A organização da feira. Depois eu mudei, eu fui... eu me mudei em 2000, fui pra Búzios. Fiquei lá oito anos. Esses oito anos, é... eu vejo que cada feira, ela está sendo muito descaracterizada. (Antigo morador e atual expositor 1 – 2/2/2013)

Os antigos comerciantes imprimiram negação em suas respostas quanto ao atual modelo da Feira Rio Antigo. Para eles, a feira perdeu seu objetivo inicial, que era comercializar peças e móveis antigos. Os comerciantes recordaram que a feira, quando surgiu, tinha uma dimensão pequena, o público era composto por frequentadores interessados em comprar antiguidades e eram realizadas diversas atividades culturais:

[A feira está] péssima. Predomina artesanato. Não era esse o objetivo. [E qual era o objetivo?] O objetivo era vender... Tanto que o nome mudou. **[Houve uma mudança de nome?]** Eu acho que sim, talvez tenha surgido com esse nome, mas o que se via na prática era antigo e antiguidades. Isso ficou durante uns dois anos. A feira era pequena, tinha muita atividade cultural, muita! E só vendia durante esse primeiro ano, esse segundo ano, só antigo, antiguidade e brechó. Só! Depois houve a expansão. **[E**

quem organizava a feira? *Tinha associação, a gente pagava. Mas como eu disse, eu me afastei dessa política. Mas quem estava à frente que se falava era o Plínio. [Então, desde o início, o Plínio atua como um dos administradores da feira?] Ao modo dele. É um empresário bem-sucedido. Esse valor tem que se dar a ele. É um empresário bem-sucedido. (Antigo comerciante da rua 1 – 19/9/2012)*

[A feira está] horrível, péssima! Tá totalmente descaracterizado. A Feira virou um camelódromo. Tem bijuteria de Romanel, artesanato de papel. Isso nunca foi antiguidade. Acho que os organizadores estão pensando mais nos que eles arrecadam com o aluguel das barracas do que propriamente com feira. Descaracterizou completamente. Eram móveis, agora é camelódromo. Tem dia que não sobra espaço para colocar mais uma barraca que eles querem colocar. E caro, né. [Você tem alguma recordação ou algo que foi vivido que foi legal ou não foi legal?] Nenhum. Nada. Tenho dos tempos antigos. Há bastante tempo atrás que a gente fazia as feiras e havia realmente público para antiguidades, hoje não. Hoje não tem público nem para o camelódromo. As pessoas vão ali para comer, beber, ouvir música, sambar. (Antigo comerciante da rua 2 – 6/10/2012)

[Você se lembra de algum fato marcante na Rua do Lavradio?] *Uma lembrança boa tem. Tem quando era feira somente dos antiquários, das lojas que trabalhavam com antiguidades. Eu também fazia aquela feira. Atualmente, eu não faço mais. Eu tenho essa lembrança boa. [...]. [A feira então é uma lembrança boa?] Boa! Muito boa! Era outro tipo de gente que vinha pra feira comprar nas lojas de antiguidades. (Antigo comerciante da rua 3 – 6/10/2012)*

O representante da associação e um atual comerciante de antiguidades justificaram por que a Feira Rio Antigo foi aberta ao comércio de artesanato:

[A Feira Rio Antigo] foi aberta ao artesanato porque a gente não tinha um número suficiente de antiquários para compor a feira. Porque era para ser só de antiguidades. Mas não tem. A gente não tem um número de antiquários. Ai, abrimos para o artesanato. (Representante da Associação – 17/1/2013)

A feira, ela começou como sendo uma feira de antiguidades, mas a rua é muito grande e não se consegue encher a rua inteira com antiquários, por conta do tamanho da rua, que é muito grande. Então, começou a se misturar artesanato e antiquário. [E você acha que isso é positivo ou negativo?] É positivo pra manter a feira, porque só com os antiquários, a feira não poderia ser mantida. Porque a rua ficaria, praticamente, com muitas lacunas vazias. (Comerciante 2 – 19/1/2013)

Um ponto negativo levantado por alguns respondentes é o valor cobrado pela venda de mercadorias e os preços abusivos dos bares e restaurantes:

Negativo é o preço, que eu já vi que as coisas são carinhas. (Visitante 6 – 4/8/2012)

É Scenarium, que vem o pessoal da Barra pra cá, porque é lugar caríssimo, só entra gente com grana. Não é qualquer um que entra ali, também não. Muita gente do Centro não frequenta ali, porque as coisas são caras. Tipo assim, uma cerveja dez conto. Entendeu? Pra você sair para ir pra lá passar uma noite, você só, você tem que trazer uns trezentos reais. Então, não é o nível da galera, entendeu? Então o pessoal opta o quê? Pra ir pra Lapa, que você fica nos quiosques, nos ambulantes, entendeu? Mas aqui já é umas pessoas mais selecionadas, por ter um poder aquisitivo, entendeu? ... As coisas são caras. (Expositor 1 – 1/9/2012)

Um expositor relatou que a taxa cobrada para que possam trabalhar na feira é bastante elevada e que a organização da feira tenta proibir a participação de vendedores ambulantes na feira, apesar do discurso que visa à inclusão social:

[Negativo] *da feira em si, o valor dela que eu acho muito alto. Sessenta reais para expor, sem uma barraca, que, por exemplo, eu tive que tirar a lona. [É sessenta reais o quê?] Por feira. Tive que tirar a lona porque o vento aqui, principalmente neste pedaço que nós estamos, a barraca, ela tomba. As barras são muito frágeis, porque as da Feirarte não... elas são de ferro, elas resistem mais a esse tranco do vento. [E o que mais? Pontos negativos aqui da rua em si?] Acho as coisas caras. A comida em si, cara; a bebida. Tanto que eles proibem ambulantes. [E você acha que esse aumento dos preços da alimentação aqui da rua tem algum motivo específico?] Eu acho que vende [...]. [A feira] geralmente é bem cheia. As pessoas acho que não se incomodam de pagar. Tanto que eles proibiram ambulantes de venderem cerveja. Às vezes faz, mas eles colocam segurança e a pessoa não pode botar... [Mas eles quem?] A comissão da feira. Tem segurança na feira. [...] E outra coisa negativa, [...] nós não temos, assim é... participação! Não tem uma gestão participativa. Você expõe, se você for selecionado. Porque o que o que aconteceu? Quando nós estávamos expondo aqui no início, para ter uma ideia: tem essa parte aqui do Lavradio e tem o outro lado que é cortado pela Rua da Relação [...] e continua a Rua do Lavradio, em que fica o Ciep. Aqui não tinha barraca, a gente tinha que trazer o cavalete. A gente pagava, acho que começou com quinze ou dez reais, alguma coisa assim. [Era] só o lugar, tinha que trazer o cavalete. Aí, o que aconteceu? Teve um pessoal de lá, um outro rapaz de lá, da segunda parte do Lavradio, que ele fazia a feira duas vezes por semana. Pedia autorização e conseguia. Duas vezes por semana não, duas vezes por mês. [...] Aí, o que que aconteceu? [...] O Plínio conseguiu na justiça embargar o outro lado. Aí eles passaram a fazer aqui com barraca. Queriam botar, acho que trinta reais na época. Nós chamamos, claro. Porque lá era nove, né... Como que passou para trinta? Porque eles queriam cobrar o chão. [...] Ele conseguiu fazer com que o outro não continuasse, politicamente, né, óbvio. Não continuasse a fazer a feira dele. [...] Teve uma mudança, que eles queriam colocar só produtos estilizados. Eles queriam tirar o camelô, o povão em si, entendeu? [...] E a gente ficou sabendo que o Sbrae, [...] eles estavam fazendo mudança na feira, que eles iam aumentar para sessenta reais que era trinta. Ia aumentar para sessenta para inibir de uma certa forma e expulsar o pessoal que vendia coisa mais em conta, entendeu? Mas só que nunca teve assim, ao meu ver, coisa mais em conta. E mesmo assim, essa questão de elitizar, como eles estavam querendo fazer, dizendo que iam fazer, para mim era uma forma impopular. Porque, se você reparar, no papel, o discurso é outro: Ah, ajudamos não sei quantas famílias... [Mas que papel é esse? Tem um documento que fala sobre isso?] [...] Foi em um papel de campanha que o Agostinho fez, que ele falou que ele foi um dos que protagonizou a feira, pensou na revitalização do espaço, dos antiquários, aquela coisa toda. Aí fala justamente que é isso, essa feira sustenta muitas famílias. Mas aqui no decreto, por exemplo, você vê: [...] produtos culturais, provenientes de projetos culturais ou produção resultante de inclusão social. Inclusão social é o quê? Tu tá pensando numa pessoa que tá numa questão aí econômica, né?! Só que se você bota uma feira num valor de sessenta reais, pode ser pouco pra muita gente aqui, porque vende quinhentos, mil reais. Mas, por exemplo, no meu caso, até agora eu vendi, para você ter uma ideia, [...] não chegou a duzentos reais, mas eu já paguei sessenta reais. [...] Quer dizer, eu fiquei com quanto? A feira é cara. Então, o que eu faço? Eu não compro as coisas aqui. Compro uma água no mercado, um refrigerante, entendeu? Pra sair. Porque o refrigerante aqui estava oito reais! Então, assim é uma coisa absurda mesmo. Não sei se eles fazem esse preço em um dia normal, num dia sem ser de feira mesmo. Nem sei se o preço do refrigerante é esse preço mesmo ainda. Mas a gente tenta burlar assim. Vai num quilo ali do Llargo de São Francisco. Porque se for se alimentar aqui, não dá. Você manter a feira, tem a passagem, tem o seu gasto. Se você vender ou não vender, você tem que pagar os sessenta reais. E sendo que, pelo que eu já até vi, algumas empresas públicas entram com incentivo. Que incentivo é esse? Que não seja econômico? Da onde sai esse dinheiro? (Expositor 8 – 1/9/2012)*

Nota-se que as disputas pelo espaço ocupado pelos expositores é constante, pois existe uma superlotação de barracas na feira. Cada expositor deve pagar adiantado o valor referente a três meses, independentemente se irão participar da feira nesse período. Observa-se que existe uma tentativa de manter o domínio e controle do espaço público urbano, tanto por parte dos expositores, quanto pela organização da feira.

Para um expositor, a feira sofreu poucas mudanças, exceto as reformas que foram realizadas nas fachadas de algumas construções:

[A feira mudou] *mais ou menos, não tem muita diferença não. Os expositores são sempre os mesmos. Tem expositores aqui que têm mais de 17 anos. Desde quando começou, tem vinte anos se eu não me engano essa feira, eu não vi muita diferença, não. Vejo assim as reformas de fachadas nos prédios, mas assim, muita diferença não, vejo não.* (Expositor 1 – 1/9/2012)

Apesar das *controvérsias* relacionadas às transformações e movimentos da feira, outros respondentes consideram a feira um fator positivo e não acham que tais transformações são fatores negativos. Segundo estes respondentes, a feira tem um grande público, sobretudo de pessoas de classe média, alta e turistas, o que favorece as vendas:

[Positivo na feira é que] *você acha coisa legal vendendo. Ah, positivo é ter isso como um diferencial aqui, turismo também na Lapa. É... os shows, passear em lugares diferentes.* (Visitante 6 – 4/8/2012)

Positivo é a feira, a comunicação, pessoas de alta camada social que vêm aqui comprar, por ela ser divulgada. (Expositor 2 – 1/9/2012)

[...] *é uma feira que a gente consegue vender bem.* (Expositor 4 – 1/9/2012)

[...] *a feira, em si, é uma delícia, a gastronomia, as pessoas em geral.* (Expositor 6 – 1/9/2012)

É um lugar que famílias se encontram, é um lugar que as pessoas sempre estão comemorando algum tipo de evento, aniversários, tá entendendo? (Expositor 7 – 1/9/2012)

Positivo [é que] abriram muitos bares. Teve essa feira agora, né. A Feira do Rio Antigo também. Essa feira tem uns dez ou 12 anos. Tem essa feira. Então, essa feira foi muito bom. Trouxe muita gente. É um programa muito bom todo mês ter essa feira. O ponto positivo isso aí, trouxe essa feira pra cá. (Antigo morador e atual expositor 3 – 19/1/2013)

O representante da associação relatou que a Feira Rio Antigo é um evento sólido que foi criado há 16 anos. O representante falou ainda sobre a dinâmica da feira, a constante movimentação de pessoas neste dia e quais os procedimentos adotados para seu pleno funcionamento:

No dia de feira, que é um sábado, o primeiro sábado do mês, o movimento aqui da rua chega a ser de vinte mil pessoas, o público passante. Que a gente tem quatrocentos expositores da feira e a feira acontece todo primeiro sábado, de dez às 19 horas. Aí rola de tudo, assim: tem samba, tem show ao vivo, tem artista de rua que aparece esporadicamente, sem ser contratado e acabam dando um outro tchã na feira. A rua fica toda colorida e cada expositor cuida do seu espaço, varre, ajuda a limpar, ajuda a cuidar. E nesse dia o movimento triplica quase, ou quadriplica porque é muita gente. Os bares não dão vazão, de tanta gente. Ficam filas, filas enormes. [Pessoas] querendo almoçar e não tem mesa. [...] A feira foi criada já tem 16 anos que a gente faz esse trabalho aqui. Ele, né, faz esse trabalho aqui, porque eu cheguei em 2006. A feira já existia. A feira só acontecia num trecho aqui da rua. Aí depois resolveram expandir até a Mem de Sá por conta do número de expositores. E a feira acaba sendo um evento. É um evento sólido. Já faz parte do calendário cultural da cidade. O Eduardo Paes liberou o decreto da feira. A associação que administra tudo, que organiza tudo, toda a parte de montagem, de banheiro químico, segurança particular, tudo é a associação que paga para que a feira aconteça. E a feira é super bem frequentada. Ela é super bem divulgada na mídia, né... Sai sempre no Globo, no Extra, enfim, em vários meios de comunicação. (Representante da Associação – 17/1/2013)

Frequentedores da Rua do Lavradio

Alguns respondentes apontaram a diversidade de pessoas que frequentam a feira como um ator que atua positivamente. Segundo estes respondentes, a rua é frequentada por pessoas de classes sociais distintas, artesões, comerciantes de antiguidades, famílias, casais:

Aqui é uma rua muito eclética, aqui tem todas as tribos que chamam. Aqui vem todo mundo, aqui não tem como falar. O nome é grupo. [...] aqui tem muito artesão, né, e pessoas que vendem antiguidade. Mas assim, o público e o pessoal de maneira geral é muito eclético, é gente do nível mais baixo até pessoas que têm grana, entendeu? Aqui é muito diversificado o público. (Expositor 1 – 19/9/2012)

Positivo é o público que vem e prestigia. Acho que a música é bem bacana. (Expositor 3 – 1/9/2012)

Por incrível que pareça, assim, é o que a gente vê muito aqui, são casais, família! Marido e mulher, filhos que compõem esse cenário aqui, assim. A questão que eu estou falando é profissional. São famílias. E isso que é gostoso. A relação entre os profissionais que tão aqui trabalhando. (Expositor 6 – 19/9/2012)

Pontos positivos são as pessoas que são atraídas pela Rua do Lavradio, devido à feira de antigamente e devido às lojas que ainda têm. Na Rua do Lavradio ainda têm umas lojas da minha época. Ali tem o Gilberto. Como que é o nome da loja dele? Tem muita luminária...Tem outras lojas que ainda são conhecidas, de antiguidades. (Antigo comerciante da rua 3 – 6/10/2012)

*É lugar de passeio de família, de pessoas descoladas. **[Tem um público específico?]** Tem um público específico daqui. São pessoas descoladas, que gostam de história, que gostam de uma boa bebida, uma boa comida. (Comerciante 2 – 19/1/2013)*

Mas ao falar sobre os pontos negativos, dois expositores lembraram a respeito dos moradores de rua e das pessoas indesejadas que são atraídas para a região devido ao tráfico e ao consumo de drogas:

É que acaba a gente meio querendo meio que amenizar, mas aqui o que incomoda bastante mesmo são os mendigos, que tem bastante. (Expositor 1 – 4/8/2012) ⁷⁰

⁷⁰Ao entrevistar este ator, duas pessoas, que o acompanhavam, fizeram uma inserção com relação aos pontos negativos. A primeira fez o seguinte relato: *Tem uns pontos que eu acho que acontece aqui na Lapa, como ela tá se tornando... é um ponto turístico. Mas ela tá indo assim, já de uma forma muito... Sabe quando é brasileiro? Ai já encarece demais? Quer dizer, o próprio carioca, ele já não mais pode mais competir tanto. Se ele vem pra Lapa, ele fica rondando a Lapa. Ele não pode mais usufruir dos barezinhos, ficar sentado. Porque você vai em um barzinho desse, você pega uma cerveja por quanto, né? Antigamente, você comprava uma cerveja por cinco, quatro reais. Hoje você compra por seis, oito reais uma cerveja. Quer dizer, eu acho que essa coisa que tá se tornando uma coisa muito turística, eu acho que prejudica para as pessoas que moram no Rio de Janeiro. Pra turista...né. Eu não sei, acho que de repente se equilibrasse essa coisa para que todo mundo usufruísse... Porque é um lugar lindo. É um lugar em que nós gostaríamos de estar sempre. Mas eu gostaria de vir para a Lapa, por exemplo, de curtir a Lapa como ela é linda, esse clima, essa liberdade de expressão que tem. Você pode vir do jeito que você quiser, você vê todos os tipos de amores, toda a forma de amor, que eu acho superbonito. Mas você tem que ficar nas ruas andando. Você não pode usufruir de entrar de repente no Rio Scenarium. Você vai no Rio Scenarium, você tem que tirar as calças pra você ir no Rio Scenarium, entendeu como que é? Você vai ali comer no boteco da esquina... Eu amo aquele boteco. Antigamente, há quatro anos atrás, eu conseguia almoçar lá. Hoje eu não posso mais. Então as coisas ficam muito caras. Até mesmo o trabalho que é feito aqui no Rio de Janeiro. Ah, comida de boteco, vocês foram em alguma comida de boteco? Você vai no comida de boteco e você pensa assim: pô, eu vou lá e vou comer um negocinho, um petisco bem legal... Você não consegue. Se você não tiver cinquenta reais, você não senta. Entendeu como que é? Então eu acho que isso fica complicado. Isso dificulta, né... usufruir de repente do lugar. A segunda acrescentou dizendo: *Insegurança, eu acho aqui insegurança...Muito inseguro, eu acho. De noite aqui, você tem ficar aqui à noite, ficar todo mundo. Porque você não pode se aventurar numa rua qualquer que não tenha movimento. Ai já é um risco próprio, você pode ir, mas é por conta e risco seu. É exatamente isso que a gente fala, você não pode estar seguro dentro de um bar desses, de um lugar legal e você estar nas ruas. E na rua você encontra mendigos. Você não anda ali. Se você entrar ali, de repente tem uma muvuca ali, o pessoal andou...Você vai querer por exemplo, tem capoeira, roda de capoeira. Se você se aproxima muito, tem sempre alguém mexendo no seu bolso. É risco, você tem que ficar com medo. Você vai, mas tem cuidado.**

*Droga, traficantes, um monte de trombadinhas. Não sei nem como se fala mais hoje em dia. Trombadinha, né? Não é nem mais trombadinha, porque não te empurram e te roubam. Trombadinha trombava e roubava. Acho que tem muito malandro, mas no mau sentido. **[Além dos visitantes da feira, quais são os outros grupos que atuam na rua?]** Políticos, agora por causa da propaganda eleitoral. Ambulantes, muitos. Mas é família, também. Tem muita família e casal de namorados. (Expositor 3 – 1/9/2012)*

Os comerciantes que não trabalham mais na rua observaram que as pessoas que participam da dinâmica da rua e da feira não frequentam o local com o interesse de realizar compras, o que reflete negativamente no comércio. Para eles, em geral, as pessoas frequentam a rua por motivos de trabalho e em busca de entretenimento. O Tribunal Regional do Trabalho, segundo os comerciantes, é uma das principais atividades da rua durante a semana e as pessoas que o frequentam não fazem parte do grupo de compradores de antiguidades:

[...] A instalação do TRT [foi negativa], porque é um público que em sua totalidade ele não está interessado em olhar vitrine, não tá interessado naquele tipo de comércio. Ele vai ao tribunal brigar por uma questão financeira. Então, ele passa chapado. E no início da instalação daquele, do tribunal, o que se via era as lanchonetes superlotadas, todo mundo tomando seu cafezinho porque já tinha viajado milhões de vezes. Passava muita gente e nem olhava pra dentro. O que se vendeu ao visitante que foi ao TRT resolver alguma coisa, ínfimo, quase zero. E o funcionário que lá trabalhava - 0,1. Não é o público. Isso são os aspectos negativos. (Antigo comerciante da rua 1 – 19/9/2012)

[Qual a principal atividade da rua durante a semana?] Do tribunal. **[E esse público participa da feira?]** Não! Pessoas pobres. Estão correndo atrás de alguma coisa que o patrão não pagou. **[A feira tem um público específico?]** São turistas, baixa renda e a própria cidade. É uma diversão agora. É como você ir ao shopping olhar... **[Tem um incentivo para que as pessoas visitem?]** Existe a propaganda, a divulgação, mas o público alvo de antiguidades não existe mais. (Antigo comerciante da rua 2 – 6/10/2012)

[O público, é um público diferente?] É mistura, tá muito misturado. Vem muita gente agora pra oba-oba, pra samba. É feijoada, é não sei o quê. Tá tudo bem, todo mundo tem o direito de se divertir. É um público que, assim, quase não traz nada, assim, pras lojas. Quer dizer, não traz nada assim... Eles entram, querem olhar, mas por curiosidade. Tá tudo bem, mas financeiramente é ponto negativo. (Antigo comerciante da rua 3 – 6/10/2012)

Associação Polo Novo Rio Antigo

A Associação Polo Novo Rio Antigo foi criada em 2005. É formada por empresários do setor comercial, gastronômico, cultural e de entretenimento. Busca realizar mudanças urbanas a partir de iniciativas privadas e do poder público. O representante da associação falou sobre o processo de revitalização da rua a partir do desenvolvimento da feira e do seu trabalho junto à associação:

[...] Eu trabalho aqui na rua há sete anos, mas a sensação que eu tenho é que eu trabalho há 40 anos, que é a minha idade. Porque eu acabei me envolvendo muito aqui na rua. Eu conheço todos os comerciantes. Eu trabalho na Associação Polo Novo Rio Antigo. A gente faz um trabalho aqui de revitalização do Centro Histórico, junto, paralelo ao poder público, né. Então toda essa revitalização aqui do Centro Histórico do Rio, inclusive da Rua do Lavradio, se deve a esse nosso trabalho, né. E isso já vem acontecendo há 15 anos, mais ou menos, essa revitalização toda. Porque tem a feira que a gente organiza aqui na rua. Por conta da feira, do início da feira, a revitalização começou a acontecer naquela época de 95, mais ou menos. Não, 98, por aí. Tem 16 anos. Depois começou a obra na rua, porque a rua era completamente degradada, né. Com enchente. Quando chovia, enchia tudo. Tinha

ponto de ônibus. Tinha muita prostituição, né. É, tinha muito prostíbulo aqui. Hoje não tem mais nenhum. Tem enchente? Tem. Mas bem menos do que naquela época. E na época também o poder público não tinha verba total pra poder fazer a revitalização da rua. Os comerciantes é que colaboraram, cada um da forma que podia, e contribuíram pra poder as obras serem concluídas. (Representante da Associação – 17/1/2013)

Muitos atores que participam da feira demonstraram em seus relatos que confundem o papel da Associação Polo Novo Rio Antigo e suas funções perante a Rua do Lavradio. Ao responderem a pergunta “Você tem algum conhecimento/envolvimento com associações ou atividades comunitárias na Rua do Lavradio?”, muitos respondentes disseram que não têm envolvimento com a associação. Alguns expositores disseram que apenas pagam a associação, mas que não participam das reuniões:

*Não. **[Nem dessa feira?]** Não, só com a organizadora. Mas a gente fala muito pouco com ela. A gente só paga. Eles não fazem reunião. Não fazem nada, não. **[E essa feira é organizada por quem?]** Pela responsável chamada Joana, que é da associação aqui da feira. A gente tem muito pouco contato. A gente só tem contato quando ela vem. Ou quando ela manda a secretária dela cobrar. Só. A gente não tem contato nenhum. Eles não fazem reunião. Não faz nada. E quando mandam o papel dizendo o valor. Ela não fala com a gente, não. **[E esse valor é pago mensalmente?]** Trimestral. Você paga trimestral justamente para segurar a vaga. Você vindo ou não, tá pago. Se você faltar, você perde o dinheiro. (Expositor 1 – 19/9/2012)*

Não. Só pago a minha mensalidade e tenho o meu espaço garantido. (Expositor 2 – 1/9/2012)

Não. Tô muito desligada daí. (Antigo morador e atual expositor 1– 2/2/2013)

*Não, não. **[Mas conhece alguma associação?]** Tem a associação lá. Inclusive a que organiza a feira, que eu não sei onde enfia o dinheiro. A última feira que eu fiz custava sessenta reais. Tinham trezentas barracas. O cara pra montar e desmontar ganhava trinta reais por dia. E por ai vai... Puro artesanato! Pra quem gosta de bater papo em bar, ouvir música, é o lugar ideal. (Antigo comerciante 1 – 19/9/2012)*

[...] Alguma coisa houve que eu não faço mais parte. Até agora eu ainda nem sei por que que houve esse negócio da Associação dos Antiquários do Rio de Janeiro. Mas agora parou [...]. Então vai ver que eu nunca mais fui procurado para fazer parte. (Antigo comerciante da rua 3 – 6/10/2012)

Um dos expositores ressaltou, ainda, que tentou participar das reuniões, mas não obteve sucesso:

Então, não tem a participação de reunião. Eu já quis participar de reunião e falou que não pode. [...] nós quisemos montar uma associação, fazer alguma coisa pra fazer frente a esse autoritarismo que às vezes acontece. [...] Não. Eu não consegui participar. Foi brechado. Mesmo as reuniões por email, que eu pedi pra fazer, realizar, para que a gente pudesse tá expondo a nossa situação, é...não foi aceita essa reunião. Infelizmente. (Expositor 8 – 1/9/2012)

Um dos atuais comerciantes lembrou como a associação teve seu início e como ocorreu seu processo de desenvolvimento até os dias atuais. Segundo este comerciante, a Associação Polo Novo Rio Antigo, atualmente, não tem mais interesse em manter os antiquários. Para ele, a região foi transformada em local de gastronomia e a Feira Rio Antigo só é realizada para atrair

pessoas para consumirem nos bares e restaurantes. O comerciante relatou, também, que devido a sua oposição ao crescimento dos restaurantes, ele deixou de ser sócio da associação. Para ele existe uma máfia dos restaurantes, tendo como expressão máxima o Quarteirão Cultural, que é uma privatização do espaço:

Tenho. Inclusive eu fui mentor em 91 da Accra, Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo. Eu fui o mentor e um dos fundadores. Inclusive fui o mentor dessa feira que acontece uma vez por mês aqui, há quinze anos atrás. [Você poderia explicar como foi esse processo?] Esse processo foi exatamente pensando na segurança, que nessa época o governo de estado e o município, queriam tirar os homens da Praça Tiradentes pra jogar pra Rua do Senado e nós não vimos isso com bons olhos, porque ia trazer exatamente rotos e ia trazer camelôs e os camelôs guardavam rotos. Os caras ficavam assaltando celulares, essas coisas todas, carteira, e os camelôs escondiam e nós não queríamos esse tipo de gente aqui. Então foi quando nós, comerciantes, nos reunimos e foi quando eu dei ideia de fundar a associação exatamente pra poder ter mais força. Então nosso propósito foi esse. [E hoje em dia essa associação virou Polo Novo Rio Antigo?] Exatamente. Eles transformaram em Polo Novo Rio Antigo, área de gastronomia, né, e cultura, porque realmente os antiquários não interessam a eles. Só interessa a feira exatamente pra trazer público, que é pra consumir nos bares e restaurantes. [Então essa associação, a Accra, não existe mais?] Inclusive como eu era opositor a esse desenvolvimento de restaurantes, eu deixei até de ser sócio, que nem a minha mensalidade eles recebiam mais. Porque se formou uma máfia de dono de restaurantes, inclusive privatizando o espaço. Você vê que hoje, aquela quadra ali é fechad. É uma privatização do espaço. (Comerciante 1 – 19/1/2013)

Outro comerciante relatou como é fazer parte da associação. O respondente contou que as reuniões ocorrem em um intervalo de tempo de 15 dias. Nas reuniões, empresários, comerciantes e moradores debatem as questões mais relevantes e quais medidas podem ser adotadas perante os órgãos públicos para o melhor desenvolvimento da região:

Sim. Eu faço parte do Polo Novo Rio Antigo. [Como é o processo de participar dessa associação?] Todos os empresários, comerciantes, moradores... Todos é modo de falar, porque nem sempre todos podem participar das reuniões, que são quinzenais. De quinze em quinze dias, sempre numa segunda-feira à tarde, a reunião dos empresários, comerciantes, moradores se faz em uma das casas do Polo, pra discutir e ver o que que pode ser melhorado. Discutir o que que tá acontecendo, falar de toda essa área para ver o que que pode se fazer pra melhorar e as injunções junto à polícia, às Forças Armadas, ao governo de modo geral, pra que a área se desenvolva de uma maneira boa. (Comerciante 2– 19/1/2013)

Segurança e policiamento da Rua do Lavradio

A questão da segurança é um dos assuntos abordados que mais gerou *controvérsias* entre os atores entrevistados. Ao responderem a pergunta “Você considera este lugar seguro?”, alguns atores, apesar de ressaltarem a segurança particular oferecida pelos bares e restaurantes e nos dias de feira, não consideram a rua e o bairro ambientes seguros, principalmente, durante o período da noite e nos finais de semana:

[...] acho que faltava mais policiamento. Mais policiamento. Os guardas municipais se preocupam muito com os ambulantes. Acho que não tem nada a ver. Os caras podem ficar aqui numa boa. Não atrapalham a gente os ambulantes, pelo contrário, eu acho que até afasta esse pessoal. Aqui tem muita gente de rua. Acho que o policiamento aqui é muito importante e não tem.[...] Tem até um policiamento. Assim, aonde fico, é tranquilo. Por quê? Por causa dos bares, tem a segurança dos bares e tem PM que para aqui atrás. Mas acho que lá embaixo, o pessoal sofre mais. O ponto que eu fico é

seguro, mas acho que no decorrer da feira inteira não é. Tem os pontos, entendeu? Aqui o movimento à noite não tem não. Aqui é deserto. Não tem nada. Só tem ali aquelas partes dos bares. (Expositor 1 – 1/9/2012)

Não, absolutamente não. Porque é cheio de malandro. Aqui tem comunidade. Não é nem pela comunidade. Tem de tudo, né. A Lapa não é segura e é suja. [...] Segurança é o ponto principal, e é muito... Limpeza péssima. Segurança é péssima. (Expositor 3 – 1/9/2012)

[...] a Lapa ela tá, assim, meio que abandonada. Teve até uma reportagem essa semana na televisão que ali perto da Lapa, dos Arcos da Lapa, é muito consumo de drogas, muita gente viciada. A gente chega aqui de manhã, a gente pega cada coisa, sabe? O ambiente não é muito bom, assim, dessas pessoas, né. Não pessoas que vêm visitar a feira. Pessoas que tão aí da noite, de sexta pra sábado. Tem muita... Se bem que na nossa feira, a gente tem uma segurança. Tem segurança e tal, mas o ambiente... De dia ainda vai, mas de noite, quando dá seis horas, sete horas, a gente se manda, porque fica feia a coisa por aqui. (Expositor 4 – 1/9/2012)

Não, nenhum lugar do Rio de Janeiro à noite, no Centro, é seguro. Ali eu não frequento mais, deve ser um pouco mais seguro porque os bares estão funcionando. Onde há pessoas, né, a violência, os assaltos é menor. Isso é óbvio. (Antigo comerciante da rua 1 – 19/9/2012)

Mais ou menos, não muito [seguro]. Eu já assisti muitos assaltos de dia. Assaltos a advogados, a pessoas que passavam. (Antigo comerciante 2 – 6/10/2012)

Não [é seguro]. É muito morador de rua, e os assaltos na Lapa que acontecem, inclusive nos finais de semana. E os arrombamentos em lojas comerciais, que estão acontecendo muito. (Atual comerciante 1 – 19/1/2013)

Eu não vou dizer que eu considere seguro não, mas... Tem horas que você fica tranquilo, agora tem outras horas que eu não acho muito, principalmente à noite, devido à falta de iluminação. (Antigo comerciante da rua 3 – 6/10/2012)

Não [é seguro]. A noite? De maneira alguma. Porque eu vejo... Durante o dia mesmo, principalmente nos finais de semana. Sábado de manhã tá lotado de crackudo. (Antigo morador e atual expositor 1 – 2/2/2013)

Não, não considero [seguro]. Principalmente à noite, né. Sexta e sábado. Fica perto da Lapa, aí os bares fica cheio e nessa muvuca toda sempre tem assalto. (Antigo morador e atual expositor 1 – 2/2/2013)

Nota-se que existe uma certa instabilidade quanto à segurança, sobretudo, em função do horário. No decorrer do período de imersão do pesquisador na rua, observou-se a presença de uma viatura da Polícia Militar na praça Emilinha Borba, localizada em frente à vila residencial, nº 122. A vila é considerada ponto de venda e consumo de drogas, conforme apresentado na subseção 5.2.3, o que demonstra mais uma *controvérsia* a respeito do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

Um expositor relatou, ainda, que a rua apresenta uma sensação de segurança devido ao policiamento, que pode ser visto em alguns locais de modo esporádico:

Setenta por cento [é seguro]. Existe uma sensação de segurança, né. [Por que existe essa sensação de segurança?] É porque o mundo funciona dessa forma. [Mas o que te traz essa sensação de segurança?] Às vezes passa, tipo assim, uma viatura da PM, tá entendendo? Passa uns guardas. De uma certa forma passa uma sensação de segurança. (Expositor 7 – 1/9/2012)

Em contrapartida, quando questionados se consideravam o local seguro, alguns atores disseram que a rua é segura, porque eles nunca sofreram qualquer tipo de incidente e porque o movimento de pessoas e seguranças particulares na rua, sobretudo nos dias de feira, reflete uma certa segurança:

Considero [a rua segura]. Porque ate então nunca vi nenhum problema e é próximo ao batalhão da polícia. (Visitante 3 – 4/8/2012)

Sim [considero a rua segura]. Eu acho que, a princípio, eu não acho o Rio de Janeiro tão inseguro quanto se pinta, né, então...Eu acho que ...Nunca tive... Às vezes que eu vim aqui, nunca vi nada demais. Nunca tive problema nenhum. Não vejo nada que me deixe com receio. (Visitante 5 – 4/8/2012)

Sim [considero a rua segura]. Acho que estou acostumada com esse lugar, assim... por aqui. Acho que tá mais policiado também. Eu não vi nenhum polícia por aqui, mas enquanto tem gente tá bom, tranquilo. Mas lugares que eu passei, tinha polícia. (Visitante 6 – 4/8/2012)

Eu nunca vi nada. Porque tem os seguranças, né. Isso realmente tem. Eu nunca sofri nenhum... Eu não tenho visto passar os seguranças como passavam, os seguranças da feira. Eu nunca vi nada, mas a minha colega foi assaltada. Passaram aqui e pegaram o dinheiro dela, das férias, como se diz, né. Então, levou quase todo. Eu considero. Muita gente fala que não, mas eu sim. (Expositor 8 – 1/9/2012)

Sim [considero a rua segura]. Bom, eu morei aqui direto dois anos e de vez em quando eu ainda durmo aqui. Eu tenho um apartamento aqui no terceiro andar, então de vez em quando eu ainda durmo aqui. Nunca tive o menor problema com segurança, nenhum. (Comerciante 2 – 19/1/2013)

*Aqui é seguro. Eu moro aqui muitos anos e eu nunca vi ninguém roubar nada aqui, até hoje. Até aparece. Mas isso aí tá tranquilo. Eu nunca escutei ninguém... **[Aparece de vez em quando uma mão boba?!]**. É... mas isso aí é normal... O cara tá desesperado, tá desempregado. Mas é muito difícil. (Morador 1 – 6/10/2012)*

Bom, eu considero [a rua segura]. Porque nunca tive problemas aqui, não. Pra mim tá sempre bom, nunca tive problemas aqui não, na rua. Trabalho aqui há 14 anos. Nunca fui assaltado, nunca fui nada aqui, agredido, nada disso e nem minha família, que também tá aqui esse tempo todo comigo. (Trabalhador 1 – 17/1/2013)

*Então, aqui a gente sente que tem uma segurança maior que outras regiões. Até por conta desse nosso trabalho mesmo. Das nossas parcerias com o poder público, com polícia e com guarda municipal. E aí eu sinto mais segurança aqui na rua, mais segurança aqui do que em outra região do Rio de Janeiro, apesar dos problemas que a gente sabe que tem. [...] apesar como já falei, das deficiências, mas eu considero [seguro]. Olha, é que na verdade aqui a gente tem uma... Eles instalaram câmera, colocaram segurança particular na rua, né, então... **[Mas é em toda a rua?]** Não, nesse trecho. Alguns comércios, alguns empresários colocaram também em suas portas, né, segurança. Isso acaba ajudando um pouco. Você sabe que tem um segurança lá na porta do restaurante tal, aí você vai tranquila, porque o cara tá lá. Tem outro aqui, tem outro lá. Agora, referente à polícia, passa, né... O batalhão manda às vezes uma patrulha. Fica aqui na rua por causa do TRT, né. O TRT também acabou atraindo um pouco essa segurança aqui pra rua. Porque muitas pessoas circulam por aqui. Então, eu acho que na verdade essa segurança que a gente sente aqui é por causa dessa... Essa circulação de área de pessoas. O fluxo aumentou muito, então isso atrai também, né, bandido. Porque os caras sabem que aqui tem muita gente, vêm. [...] Então, fica sempre uma patrulha na rua. Tem os seguranças do TRT. Então a gente anda mais tranquilo aqui. Acho que é por conta disso. (Representante da Associação – 17/1/2013)*

Infraestrutura da Rua do Lavradio

Apesar do projeto de revitalização da Rua do Lavradio, concluído em 2002, muitos respondentes, quando questionados sobre os pontos negativos da rua, apontaram a falta de infraestrutura como um elemento negativo para o desenvolvimento da rua, ressaltando os problemas relacionados com a falta de iluminação, de banheiros químicos nos dias de feira, de limpeza, além das enchentes nos dias chuvosos:

[...] não tem muito lugar pra sentar não, também, que eu tô vendo. Tá cheio. É... Acho que tinha que ter mais show, também. Só vi um show ali no canto. (Visitante 6 – 4/8/2012)

Negativo: local para higiene. Sanitários, péssimo isso. A alimentação cara pra caramba, muito cara. Estrutura. (Expositor 6 – 1/9/2012)

É tipo assim, falta de banheiros químicos que não tem. Muitas vezes falta de policiamento, as vezes muitos moradores de rua, principalmente no final do evento,[...] e iluminação também é um pouco precária. (Expositor 7 – 1/9/2012)

[...] De noite pra mim é um dos pontos negativos. Porque de noite, dia a semana, é um pouco deserto e pouca iluminação que eu acho... de noite. (Antigo comerciante da rua 3 – 6/10/2012)

A enchente, que quando chove enche a rua. Os andarilho que andam falando palavrões na rua. [...] (Trabalhador 3 – 17/1/2013)

Ah, negativo tem a falta de... A gente tem muito problema com esgoto, né, porque não dá vazão. Com limpeza também, que não dá vazão, que eu acho que tinha que ser uma coisa mais constante. (Representante da Associação – 17/1/2013)

Em primeiro lugar, é enchente. Em segundo lugar, é a segurança, tem muitos locais comerciais sendo arrombadas. Terceiro lugar é a sujeira. [...] (Comerciante 1 – 19/1/2013)

*[...] Bom, mais aí eu vou citar um [ponto] negativo que é um negativo quase que do mundo inteiro, né? Uma certa insegurança, né, que existe hoje em dia no mundo inteiro. É... Eu acho que a iluminação não é conveniente. Acho também, o negativo também [que] não é um negativo só daqui, é um negativo da população do Rio de Janeiro, que é muito porca. É muito porca e mal-educada. Então, a Comlurb varre aqui a rua quatro vezes por dia e eu varro a minha calçada mais cinco vezes por dia. Quer dizer, se todos varrerem as calçadas com a mesma quantidade que eu varro, a rua é varrida nove vezes por dia. Porque as pessoas são muito porcas, jogam tudo no chão. Às vezes a lata do lixo tá do lado e jogam o lixo no chão. Mas isso é uma característica não daqui, é uma característica da população do Rio de Janeiro. **[E mais o que de negativo?]** Em alguns pontos da rua, precisa ser feito as obras de infraestrutura de água e esgoto. **[Mas já não houve um projeto que foi concluído em 2002?]** Só nessa quadra aqui, só na minha quadra. Aliás, desculpa. Só nessa quadra, não. Se eu não me engano, foi na rua quase que inteira, mas falta fazer as ligações das transversais com esses dutos de esgoto. (Comerciante 2 – 19/1/2013)*

Ah, negativo é que quando chove aqui tem esse problema de encher a rua, né. Da pessoa não poder passar. Esse pedaço daqui, nessa rua aqui é muito ruim. Também teve um pouco de assaltos. Aumentou um pouco o assalto. A iluminação também deveria ser mais forte, a iluminação. (Antigo morador e atual expositor 3 – 19/1/2013)

Um dos respondentes lembrou das obras de revitalização e apontou que as diversas melhorias realizadas na Rua do Lavradio atenuam os aspectos negativos. Para ele, houve uma melhora

significativa da rua, principalmente com o policiamento, as obras realizadas no asfalto, na iluminação – antes precária, no escoamento das águas pluviais e de esgoto:

*Melhorou muito, muito, muito aqui na rua o asfalto. Melhorou, sem sombra de dúvidas. A iluminação também era horrível. Hoje em dia, a rua ainda enche, mas é menos. O escoamento de esgoto melhorou. [...] É... o policiamento em tese melhorou também. A segurança melhorou. **[Essas melhoras vieram por quê?]** Por causa do projeto que o dono do Rio Scenarium fez [...]. Foi um projeto do Plínio Frões, junto com o pessoal do Rio Scenarium. São os sócios que eles têm lá. Eu peguei isso tudo, eu peguei isso tudo aqui. Era horrível. **[Como era antes desse projeto?]** Antes, aqui tinha ponto de ônibus. A rua não tinha mão pra você ir pra lá e pra cá. Era só uma mão, era só via. Aqui enchia tudo mesmo, não tinha escoamento. A rua não tinha escoamento igual é agora. Agora enche, mas tem o escoamento rápido, entendeu? Era camelô pra lá e pra cá o tempo todo. Ele melhorou com isso, reabrindo essas casas. O policiamento melhorou. A segurança melhorou aqui na rua. Nem se compara, o que era antigamente, aquela rua que tu via, assim: tudo feio, tudo derrubado, muitos prédios abandonados, que agora estão tudo ocupado, reformado. Melhorou muito, melhorou muito mesmo. Melhorou muito! Nem se compara. Graças a Deus! (Trabalhador 1 – 17/1/2013)*

Apesar disso, um antigo morador disse que considera que as obras realizadas pelo Projeto de Revitalização da Rua do Lavradio, foram intervenções que melhoraram apenas a parte estética:

Positivo, é que fizeram essa obra, ficou boa, né? A aparência, como eu tô te falando. Porque o problema da chuva, quando chove, dá uma chuva forte... (Antigo morador e atual expositor 3 – 19/1/2013)

Deste modo, observa-se que a infraestrutura da rua ainda precisa ser revista em alguns aspectos. Isto reflete alguns desejos de mudança para a rua, mencionados pelos atores respondentes, conforme será abordado no capítulo 6 – *Terceira collage: Cenários futuros do coletivo-lugar*.

Compreender a origem da Rua do Lavradio e suas transformações ao longo dos anos é entender que a cidade e seus ambientes são o resultado do entrelaçamento de materialidades e imaterialidades. Tramas formadas pelas redes de relações entre atores humanos e não humanos, evidenciadas na diversidade de um *coletivo-lugar*, que se transforma através de seus movimentos, do tempo e do espaço (CASCO, 2007).

Em linhas gerais, as *controvérsias* observadas acima estão, em sua maioria, relacionadas com a disputa de interesses e visões dos diversos grupos que hoje atuam na rua. Embora, para o pesquisador, não haja uma hierarquia entre os atores, fica evidente que existem grupos que têm maior representatividade dentro do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio e são reconhecidos, até mesmo, pelos demais atores. Estes grupos, de alguma maneira, centralizam as decisões sobre os caminhos a serem percorridos para o desenvolvimento da rua.

Estas *controvérsias* podem ser vistas como questões que trazem à luz certos aspectos. Em uma primeira instância, ressalta-se que estes aspectos estão relacionados à viabilidade de projetos e intervenções urbanas, à preservação do patrimônio, à atuação do poder público, ao crescimento do capitalismo, à especulação imobiliária e a relevância histórica e vocação da área.

Em menor escala, estes aspectos relacionam-se com: o papel da associação perante os demais atores, os usos e funções da rua – a tradição do comércio de antiguidades, a ocupação da região por bares e restaurantes, as transformações da Feira Rio Antigo – a experiência com o lugar, o associativismo, a falta de segurança, de conservação e de infraestrutura no local, a necessidade de desenvolvimento econômico e financeiro dos empresários, dentre outros.

Estes aspectos, ao serem (re)considerados por parte dos grupos que hoje atuam na rua, podem vir a configurar novos caminhos na valorização e no desenvolvimento da rua, uma vez que colocam em evidência os embates e as questões que ainda não foram estabilizadas no *coletivo-lugar* Rua do Lavradio .



6. TERCEIRA *COLLAGE*:
CENÁRIOS FUTUROS DO *COLETIVO-LUGAR*

A Rua do Lavradio consolidou-se como ambiente boêmio, gastronômico e turístico da cidade: um híbrido de tradição, história, memória, antiquários, edificações antigas e muitos outros aspectos que envolvem o lugar. É resultado de processos que geraram sua revitalização urbana e a proteção do patrimônio contra a degradação. (PINHEIRO, 2007).

No entanto, explorar esta imagem tem se tornado uma atividade lucrativa, tanto para os empresários que visam a expansão de seus negócios, quanto para o poder público, que se volta cada vez mais para o marketing turístico.

Acredita-se que, apesar do desenvolvimento econômico e da Rua do Lavradio sempre ter demonstrado uma vocação para atividades relacionadas ao entretenimento e à boemia, o processo desenfreado deste tipo de atividade pode levar a uma descaracterização da área.

O uso do espaço público e os projetos de revitalização atendem, em geral, aos interesses privados e às demandas do capital, em detrimento de qualquer medida participativa dos moradores e daqueles que não possuem renda suficiente para estarem ativos neste processo.

A exemplo do que vem acontecendo com a região da Lapa, os elevados preços praticados nos bares e restaurantes – conforme mencionado pelos respondentes na seção 5.3 – indicam que, tanto a Rua do Lavradio, quanto a Lapa podem se transformar em áreas voltadas apenas para o lazer. Com isso, a infraestrutura e os serviços locais tendem a ser oferecidos, exclusivamente, para um público efêmero e de elevado poder aquisitivo, sobretudo turistas, deixando de atender à população residente.

Segundo reportagem publicada no Jornal *O Dia* em 2 de fevereiro de 2013⁷¹ (anexo 1.13), em função do incêndio da boate Kiss em Santa Maria (RS), a Secretaria Municipal de Ordem Pública e o Corpo de Bombeiros realizaram vistorias que resultaram na interdição de casas de show e boates que não atendiam às normas de segurança contra incêndio e colocavam em risco a vida de seus frequentadores.

Na reportagem, Isnad Manso – reeleito presidente da Associação Polo Novo Rio Antigo e proprietário do Centro Cultural Carioca, um dos bares interditados – fez a seguinte declaração:

Somos a favor da fiscalização, porém não concordamos com as ações radicais, que são feitas à noite, quando os bares estão lotados. Ainda mais próximo do Carnaval. É uma falta de respeito com o público e os funcionários” (Jornal *O DIA* 2/2/2013).

Na sequência dos fatos, a Associação decidiu pela criação de um órgão de legalização dos negócios. Ao *Jornal do Polo* (anexo 1.18), Isnad declarou que a medida de intervenção realizada

⁷¹ Na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, ocorreu um incêndio na boate Kiss, em Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul. O incêndio teve início durante um show, quando as faíscas de um artefato pirotécnico, aceso pelo vocalista da banda Gurizada Fandangueira, atingiram a espuma do teto da boate. O incidente resultou em 241 mortes. Na ocasião, a casa de show apresentava uma série de irregularidades: problemas quanto aos alvarás de funcionamento, superlotação e ainda problemas referentes ao projeto, como grades obstruindo a passagem das pessoas, material inadequado para isolamento acústico, apenas uma porta de entrada e ausência de rotas de saída sinalizadas para casos de emergência, e não havia ventilação adequada, devido à obstrução das janelas. Disponível em <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/05/tj-rs-mantem-processo-sobre-boate-kiss-em-santa-maria.html>> Acesso em 5/5/2013.

pelos órgãos públicos prejudicou a imagem do empresariado. Segundo o presidente da associação, o poder público não realiza a fiscalização dos estabelecimentos de maneira preventiva, por isso o Polo decidiu criar um órgão de legalização dos negócios:

[...] O impacto da tragédia sobre o nosso dia a dia foi além da autoavaliação da segurança em nossos estabelecimentos. Ações precipitadas dos órgãos responsáveis no formato "primeiro fecha, depois pergunta", com cobertura da imprensa, enfatizaram algumas falhas do empresariado sem dar o mesmo peso às falhas do Poder Público no quesito segurança. O número elevado de irregularidades levantadas pelas blitzes é resultado de um longo período sem fiscalização. A imagem de nossas casas e da cidade ficou arranhada e fomos atropelados por um sem fim de órgãos que saíram da inércia para a atividade em poucas horas. Por que não conseguimos estreitar o relacionamento do poder público e da iniciativa privada e tornar as fiscalizações educativas, preventivas e permanentes? É notório e público que a burocracia é um empecilho para todos os envolvidos. Como representante do Polo Novo Rio Antigo, sugerimos a realização de workshops para os empresários com palestrantes da Defesa Civil, Vigilância Sanitária e outros órgãos competentes. É tempo de discutir soluções que façam com que as casas se enquadrem no menor período possível. Ganharia a cidade – com soluções inteligentes nascidas de um pacto de cumplicidade entre iniciativa privada e poder público; ganhariam os cidadãos, que se sentiriam novamente seguros e tranquilos em nossos empreendimentos. A proposta do Polo é a criação de um órgão central que seja responsável pela legalização de um negócio. Através de nosso esforço e representatividade cultural, conseguimos apresentar essa ideia no encontro com o prefeito Eduardo Paes, no último dia 26 de fevereiro, onde levamos soluções e sugestões para a melhoria de nossos negócios. Queremos segurança, sim. Mas queremos também a confiança de continuar um trabalho exemplar, realizado a partir de um grande esforço há mais de 16 anos com foco na revitalização do Centro Antigo. (*Jornal do Polo – Isnard Manso, s/d*)

Vale observar que, na tentativa de adequar os imóveis às normas de segurança e uso, algumas casas de show da região da Lapa fecharam temporariamente. Este movimento sugere que é necessário que os imóveis estejam adequados para serem utilizados como bares, restaurantes e casas de show, para que também não haja uma redução, a exemplo do que vem acontecendo com o comércio de antiguidades.

Esta possível redução está diretamente ligada, não apenas ao uso inadequado dos sobrados, mas também à especulação imobiliária e às inúmeras dívidas adquiridas por estes estabelecimentos comerciais. (anexo 1.12).

Durante o período de interação do pesquisador com o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, alguns dos respondentes entrevistados apontaram algumas mudanças que eles gostariam que ocorressem na rua. Estas mudanças referem-se à melhoria da iluminação pública e às instalações de esgoto e do escoamento de águas pluviais, ao aumento do policiamento, com a presença de guardas municipais, e à instalação de banheiros públicos, sobretudo, nos dias de feira:

Poderia ter mais segurança, poderia ter guardas municipais, polícia mesmo para... Dois ou três seguranças da feira mesmo. Agora mesm, uma amiga minha, que tem uma barraca ali, levaram o celular dela. [Mas eu vi uns rapazes... essa segurança é privada?] É, é da feira. A gente não vê guarda municipal, fora da feira, do estado. A gente só vê... uns três. Eles não têm arma, não tem nada...

*É um segurança da feira que anda por aí. Se a gente tiver algum problema, a gente fala com eles, mas e daí?! **[Esse serviço de segurança, são vocês que contratam esse serviço?]**É... A gente paga sessenta reais pela feira e ela deve tirar para pagar esses rapazes.* (Expositor 4 – 1/9/2012)

Aqui transita muitas pessoas, tá entendendo? A questão de policiamento é muito fraca e os restaurantes, também aqui, muitas vezes não têm banheiro. Muitas vezes as pessoas próprias da feira querem ir nos restaurantes, usar o banheiro, eles não deixam. E essa questão do banheiro químico é muito importante pra gente. (Expositor 7 – 1/9/2012)

Eu acho mais, assim, guarda municipal estar mais frequente na Rua do Lavradio, como em toda essa parte da Lapa, desde a Praça João Pessoa e até aqui a minha rua. Porque de vez em quando... a parte negativa que eu acho é o pessoal que fica aí, esses mendigos que dormem na rua. Tem muito morador de rua. Quer dizer, tinha que ser mais bem cuidada nessa parte. (Antigo comerciante da rua 3 – 6/10/2012)

Colocar mais policiais, que é difícil ver um, tendo duas delegacias na rua. (Trabalhador 3 – 17/1/2013)

É exatamente isso, é a segurança. E a solução pra essas enchentes e pra rede de esgoto. Hoje a rede de esgoto não dá vazão atualmente. O comércio tá crescendo muito, os prédios estão crescendo e essa estrutura do esgoto não comporta esse volume de..., que nós temos atualmente. (Comerciante 1 – 19/1/2013)

[Quais são suas expectativas com relação à rua?] [...] *Que a rua seja mais limpa, seja mais bem iluminada. Quem venham lojas mais sofisticadas pra cá. E que o governo, de uma maneira geral, consiga educar a população para que ela deixe de ser tão mal-educada e tão porca.* (Comerciante 2 – 19/1/2013)

[Deve ser modificado] principalmente o problema da chuva. Principalmente isso. (Antigo morador e atual expositor 3 – 19/1/2013)

Acho que mais atenção do poder público, né, quanto à limpeza. Iluminação, parece. Eu não sei, eu não ando à noite. Mais cuidado, porque a violência está muito acentuada aqui no Centro. A violência tá espalhada por todos os cantos, parece. Mas parece que no Centro, as pessoas têm reclamado da violência. Tá no ponto negativo do bairro hoje. O morador, ele reclama. Quem vem só passear é uma coisa, vem apreciar o bairro à noite e volta para seus bairros, é uma coisa. Agora quem mora aqui parece que não gosta, queria que a coisa fosse mais organizada. (Antigo morador e atual expositor 1 – 2/2/2013)

Nota-se que o poder público tem investido, diretamente, em atividades voltadas à diversão, como a abertura de bares e casas de show, em detrimento da segurança e da melhoria da infraestrutura.

No entanto, com relação à infraestrutura, é provável que a segurança e a conservação da área sejam objeto de medidas preventivas, uma vez que a Associação Polo Novo Rio Antigo tem buscado soluções para a área. Cartas têm sido enviadas à prefeitura para informar sobre os problemas de segurança e ordenamento urbano e, ao governo, para mostrar a preocupação com a violência na área. A Comlurb também tem sido notificada sobre o acúmulo de lixo na Rua do Lavradio e sobre o depósito de resíduos em local irregular. (anexo 1.19)

Outras modificações desejadas para a Rua do Lavradio referem-se a aumentar o uso residencial:

Tá faltando mais residência, porque eu acho que quando as pessoas moram num lugar, o lugar é mais bem cuidado. Tá faltando mais lojas sofisticadas, também. [Mas por que lojas sofisticadas?] Pra elevar o nível do comércio. (Atual comerciante 2 -19/1/2013)

Almeja-se que a municipalidade incentive a moradia tradicional, a relação cotidiana com o lugar, para que a área seja mais utilizada pelas pessoas e melhor preservada. Contudo, segundo DUARTE (2009),

as chamadas “Leis de Mercado” não serão capazes de promover, por si só, a inclusão dos moradores na vertiginosa dinâmica assumida por aquele processo. Sem uma atuação clara e resoluta do Poder Público, a população tradicional da Lapa (ao que tudo indica) estará condenada a repetir na sua história um período semelhante àquele vivido no início do século, em que foi expulsa das áreas nobres da cidade. A Lapa que se vê na iminência de ser devassada, retalhada e exposta ao mercado para compra e venda. Caso as coisas se passem deste modo, aquilo que foi arduamente produzido, e a duras penas preservado como a identidade cultural libertária e transgressora da Lapa, corre o risco de desaparecer sem deixar vestígios (DUARTE, 2009, p. 13).

Com relação ao comércio de antiguidades, um antigo comerciante falou, ainda, que a função da rua é outra, atualmente, e que, por isso, não há nada para ser modificado neste sentido:

Nada [deve ser modificado], o mundo mudou; adquiriu uma outra função, um outro uso, não tem nada o que mudar, não. Vai o quê? Despejar as pessoas? Nem sabemos se as pessoas querem mais isso. Embora o imaginário seja isso: bar, boemia e comercialização de antiguidades. Brechó, antigo, isso tudo tem classificação. Brechó é uma coisa, antigo é outra, antiguidade é outra e que se misturavam ali. (Antigo comerciante 1 - 19/9/2012)

Um expositor e um morador disseram, ainda, que tanto o funcionamento da feira quanto o da rua são perfeitos e que a Rua do Lavradio é muito conhecida na Lapa:

[...] não vejo [nada para ser modificado]. Você já quer ir ao banheiro, já tem banheiro. [Então, você acha que tudo funciona perfeitamente aqui na feira?] É, com certeza. [...] tem uma organizadora, que organiza e tal... a feira. [...] (Expositor 2 - 1/9/2012)

Não, por enquanto não precisa modificar nada. Tá 100%. Não adianta falar, né... Não precisa modificar mais nada. Não atrapalha nada. Tá 100%. Essa rua ficou muito famosa. É a rua mais conhecida do Brasil e do mundo inteiro. Essa rua é muito querida, muito conhecida pra Lapa. Tem tudo a ver com a Lapa. Eu moro aqui há 56 anos. [Você acha que ela ficou conhecida por quê?] Pelo crescimento da população. O [Rio] Scenarium chama muito atenção mundialmente, no mundo afora. O Plínio é um mineiro. É meu amigo, é meu freguês há muitos anos [...]. (Morador 1 - 6/10/2012)

Contudo, outro antigo comerciante opinou que tudo deve ser mudado. Apesar disso, o comerciante disse que a rua jamais voltaria a ser como era antes:

[A mudança deve ser] total. Ali eu acho que não tem mais volta, não. Hoje é bar, restaurante, vida noturna e acabou. (Antigo comerciante da rua 2 - 6/10/2012)

Um trabalhador, no final de sua *tradução* sobre a rua, se expressou dizendo que a Rua do Lavradio irá gerar muitas oportunidades de emprego e a rua irá melhorar como um todo. Segundo o respondente, ele gostaria de ver bares e antiquários fazendo parte dos usos da rua:

Acho que aqui vai ser uma rua que vai dar bastante oportunidade de trabalho pra quem tá vindo trabalhar na copa do mundo e nas olimpíadas. Porque aqui, se Deus quiser, vai modificar tudo. Vai dar certo essa função dos bares e antiquários juntos, unidos, numa coisa só. Ah, porque [todo mundo diz] é bar e antiquário. Bar e antiquário nada, eles fecham o antiquário e abrem o bar. Então eu acho que vai dar pra unir os dois, de uma vez só, porque vai melhorar com isso tudo. E, se Deus quiser, eu estarei aqui para ver isso. (Trabalhador 1 – 17/1/2013)

No âmbito cultural, a associação está articulando a realização de um bailão itinerante nas ruas. O objetivo é aumentar o número de eventos da área de abrangência do Polo Novo Rio Antigo e ocupar as ruas, promovendo melhorias para comerciantes, moradores e turistas (anexo 1.20). Todavia, infere-se que esta medida está mais voltada ao entretenimento e diversão do público, assim como o aumento do número de frequentadores de bares e restaurantes, do que à valorização da memória e tradição do comércio de antiguidades.

Vale ressaltar que é necessário haver investimentos públicos para garantir que a rua se renove como lugar de memória, ampliando sua tradição do comércio de antiguidades. Um comerciante relatou que o poder público deveria investir na preservação da cultura, caso contrário, os antiquários instalados na rua irão desaparecer e a rua só terá casas de shows:

[Existe mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre a rua?] *Que as autoridades tomassem mais consciência de que aqui não precisamos só de investimento para abrir novas casas. Eles dão muito apoio nesse investimento, mas não dão na segurança e não dão na preservação da cultura. Você vê que o AO Faz Tudo existia há cem ano. Ele foi despejado, era uma coisa tradicional, era conhecida no mundo todo, o AO Faz Tudo. E o Rio Providência despejou, botou todo mundo pra fora por falta de pagamento. E hoje é o quê? É o depósito de uma casa de show, uma saída de uma casa de show. Realmente isso é esmagar a nossa cultura. **[O que você acha que vai acontecer com a Rua do Lavradio? Quais suas expectativas?]** A expectativa é que os antiquários vão sucumbir... vão pra periferia, vão sair do negócio. E essa região vai ser só de casa de show, de restaurante. Tá mudando o perfil, o que não é bom. Tá mudando. (Comerciante 1 – 19/1/2013)*

Quanto à Feira Rio Antigo e ao funcionamento dos bares e restaurantes, a redução dos valores das mercadorias também foi apontada como uma medida necessária para melhorar a feira e a região. Nota-se que há uma supervalorização dos preços cobrados pelas mercadorias. Segundo um expositor entrevistado, existe uma tendência dos bares de considerar o local como ambiente turístico:

*As coisas poderiam ser mais acessíveis, as coisas aqui são muito caras, porque eles estão achando aqui um lugar de turismo. Eles estão considerando aqui um lugar turístico. Por exemplo, aqui, você vai nesse bar aqui, nem é lá grandes coisas. Uma cerveja aqui está sete reais. E as pessoas gastam. **[Então, você acha que esta iniciativa de considerar esse lugar um lugar turístico vem dos próprios bares?]** Vem dos próprios bares. E com isso eles só se dando bem. Porque botam as cadeiras na rua, tá vendo? Isso aqui, daqui a pouco ninguém anda. Porque a maioria das pessoas vêm pra cá... a maioria das pessoas vêm pra cá pra olhar, comprar muito pouco. Eu acho, é a minha concepção. Eu acho que o pessoal vem pra cá pra comer e beber. Os bares ganham. Dia de feira, aqui, eu acho que eles tiram o prejuízo que tiveram durante a semana. O que dá dinheiro aqui é bar. Não adianta. Daqui a pouco, você vai passar, se você ficar até mais tarde aqui, passa umas duas, três horas...isso aqui tá entupido, né. Briga por lugar. Se você pegar uma cadeira aqui, você leva tiro. E como a gente fica em frente a eles. [...]. (Expositor 1 – 1/9/2012)*

Um visitante apontou como prioridade aumentar os shows, principalmente os shows voltados para um público menor, além dos locais com mobiliário para acolher os visitantes:

O show. Assim, pequenos, né. Mais cadeiras para sentar. Hum... Só. Acho que podia ter mais, não só num dia no mês. (Visitante 6 – 4/8/2012)

Com relação à dinâmica de organização do espaço da feira, um dos respondentes relatou que existe uma perspectiva de a associação transferir as barracas para as ruas vizinhas, para que a Feira Rio Antigo possa ter o mesmo perfil, adotado na sua fase inicial :

Eu espero nesse sentido. Que eles já falaram pra mim que iam organizar essa feira. Ia botar uma rua paralela a essa aí, só de artesanato. Eu espero que eles fazem isso, porque eles prometeram de fazer isso. A associação! A associação prometeu de organizar essa feira. Que no começo, ela era mais organizada. Agora, ela tá meio... tô sentido que tá fugindo do controle deles. Porque eles estão botando muito... Aí, a pessoa entra, bota artesanato. De mobiliário, já passa pra outra coisa. Isso eles prometeram, me falaram. Isso é que eu estou esperando dessa rua. (Antigo morador e atual expositor 3 – 19/1/2013)

Conforme apresentado na seção 5.3, segundo o representante da associação, uma das principais razões de terem sido inseridas barracas com expositores de artesanato na feira foi o insuficiente número de comerciantes de antiguidades.

Nesse sentido, vale questionar quais serão os comerciantes que irão participar da feira – caso haja uma mudança das barracas para as ruas vizinhas – já que houve uma redução do número de antiquários? Tal como relatou um respondente, é provável que, a curto prazo, a feira se mantenha com o seu perfil atual:

Eu acho que [a feira] vai permanecer assim por um bom tempo. Depois, eu não sei o que vai acontecer no futuro, mais adiante. Mas eu acho que, no momento, a curto prazo, ela vai continuar assim com esse perfil, sabe? A feira já não é mais feira de antiguidades, já é bastante misturada. Mas acho que as pessoas também vão gostar, o público... Eu acho que ela vai permanecer assim durante algum tempo, aí depois, mais adiante... (Antigo morador e atual expositor 1 – 2/2/2013)

De acordo com o representante da associação, deveria haver maior união dos comerciantes para o melhor desenvolvimento da rua e das atividades que vêm sendo implementadas:

*Olha, o que tá faltando aqui... É que, na verdade, eu acho que os comerciantes, se eles fossem mais unidos, a rua seria muito melhor, né?! [...] Esse trecho aqui, as vezes eu fico falando por esse trecho aqui, que é o que tá mais cuidado. Mas aí, o cara que tá aqui instalado, não vai sair daqui para cuidar do outro, lá no final da rua, né?! Então, acho que tinha que haver uma união maior. Se houvesse uma união maior junto aos empresários, aos comerciantes, a rua seria muito melhor. Entendeu? Em relação a tudo. Só que eles querem que um faça tudo. E ele não vai fazer. O cara que fez aqui, não vai fazer lá, não vai fazer na Cinelândia, não vai fazer na Praça Tiradentes, se o negócio dele tá aqui, não é verdade? [...] Então, é complicado. Eu acho que essa união é muito importante, dos empresários. Se houvesse mais associativismo. **[Não foi essa união que trouxe a revitalização?]** Pois é, mas eles podiam ser mais. É, realmente foi essa união que trouxe toda essa revitalização. Mas hoje, meio que deu uma descambada isso, né. Alguns empresários, você vai visitar... Porque aí, eu como trabalho aqui na associação, fico ouvindo muitas coisas: “ Ah, mais aí a associação não faz nada..”. Não! A associação faz num todo. Se você participa das reuniões ativamente, se você vai nas plenárias e passa os problemas que tão acontecendo à frente do seu comércio e tenta resolver junto com a associação, vai ser resolvido. Agora, você vai lá numa plenária, expõe o problema e some, entendeu? Então, é difícil*

isso. Mas aí, é, realmente, por conta dessa união que aconteceu tudo aqui. Mas eu acho que tinha que ter mais um... Eu acho que o gás deles acabou um pouquinho, mas ainda assim a gente consegue alguma coisa. (Representante da Associação – 17/1/2013)

Apesar do representante da associação ter ressaltando o associativismo como uma das medidas que trariam melhoras para o local e que as mudanças não devem estar sob a responsabilidade de uma única pessoa, não existe qualquer perspectiva de que os expositores participem das reuniões promovidas pela associação para comunicarem suas necessidades.

Outras mudanças desejadas para a rua foram a conservação dos edifícios e a importância da preservação da arquitetura. Para alguns respondentes, evitar o abandono das edificações, da rua, e do entorno, assim como manter a tradição e a memória deveriam ser as prioridades a serem realizadas na rua:

O básico, que é a segurança e a conservação dos prédios. Eu acho uma pena esse abandono. Eu acho que a arquitetura, por ser antiga, mas também tem, sei lá, parece tem uma essência, uma coisa que você sente, né, que muitas pessoas já passaram por aqui e... tem vida própria. Memória! A gente tem que preservar a nossa tradição, conservando, porque se não vai tudo pro beleléu. (Expositor 1 – 4/8/2012)

Eu acho que aquilo que muito mexe... Eu gosto que quando você está resgatando coisa antiga, você tem que preservar isso. Mas se você começar a modernizar [...]. (Visitante 5 – 4/8/2012)

Nota-se, ainda, que as intervenções urbano-arquitetônicas que vêm sendo realizadas na Rua do Lavradio e seu entorno, também precisam ser melhores avaliadas e debatidas. Embora não tenha sido mencionado por nenhum dos respondentes, o edifício do Tribunal Regional do Trabalho – TRT, apresentado na figura 68, mesmo estando no lado protegido pela Apac Cruz Vermelha, sofreu uma intervenção que evidencia a falta de comprometimento de instâncias do poder público com o contexto histórico daquela área.

A *controvérsia* resultante da presença deste edifício coloca em cheque o papel dos órgãos responsáveis pelo patrimônio histórico e pela preservação. Ressalta-se que, muitas vezes, tem sido mantida a lógica de mercado, em detrimento da preservação do patrimônio e da integridade da área como um todo. Sendo assim, observa-se que existe a possibilidade de a rua perder parte de seus edifícios para que sejam instaladas edificações de grande porte, que pouco se relacionam com o contexto urbano da rua.

Considera-se que é necessário que as futuras intervenções sejam realizadas para salvaguardar o patrimônio histórico da Rua do Lavradio, tendo em vista que a rua guarda traços de períodos distintos de ocupação e construção da cidade. Por este motivo, devem ser criadas medidas de intervenção que se comprometam com o contexto histórico e urbanístico da área, para que não se perca a continuidade do espaço urbano.

Considerando todos os argumentos apresentados, bem como as mudanças desejadas pelos atores para o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, observa-se que a rua vem se mostrando uma região que apresenta diversas questões a serem estabilizadas.

As expectativas dos atores com relação à rua, em conjunto, referem-se a discussões, cujos movimentos não se enquadram nos padrões e esquemas que, em geral, tentam explicar o social. De modo geral, as tais expectativas apontam para que o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio seja melhor avaliado pelas instâncias públicas no que diz respeito à segurança, à infraestrutura e à conservação do patrimônio, e pela associação com relação a preservação da memória, da história e da tradição local, atrelada às novas tendências de entretenimento da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta pesquisa, existiam inúmeras possibilidades de caminhos a serem percorridos. Explorar as sucessivas transformações de usos da Rua do Lavradio, desde sua formação até os dias atuais, mostrou-se uma questão relevante para servir como *porta de entrada* na rede.

A partir da Teoria Ator-Rede foi possível explorar a ideia de que as sucessivas mudanças de usos da rua, atreladas a outros aspectos como, seu contexto histórico e urbanístico, suas leis patrimoniais, sua arquitetura, suas dinâmicas de apropriação, fazem desta rua um *coletivo-lugar*, constituído de múltiplos atores – humanos e não humanos.

Acompanhar os movimentos da rede para cartografar quais relações, elementos e *controvérsias* contribuem para a construção do sentido de *lugar* e *atrabilidade* da Rua do Lavradio, significa reconhecer, portanto, que dentro deste processo de construção, existem sentidos hegemônicos que, uma vez instaurados, tendem a apagar os outros sentidos.

As *controvérsias* ressaltam, portanto, as diferentes vozes dentro do processo de constituição da rede. A escolha dos atores seguidos – visitantes, expositores, antigos moradores, trabalhadores, antigos e atuais comerciantes de antiguidades – teve como principal objetivo dar voz a estes atores, que se calaram em virtude de grupos que, atualmente, têm maior força e representatividade dentro do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

Por meio das diversas traduções e narrativas dos atores, foi possível cumprir os objetivos da pesquisa de identificar aspectos da subjetividade e da materialidade e mapear as *controvérsias* relativas aos desejos de permanência e mudanças de usos, forma e apropriação do *coletivo-lugar*.

No capítulo 1, foram apresentados alguns argumentos sobre as relações pessoa-ambiente e bases conceituais a respeito de *lugar* e do que vem a ser o *lugar* na atualidade. Estas bases viabilizaram compreender a importância das interações que se estabelecem entre as pessoas e os ambientes, assim como suas influências mútuas.

A partir disso, foi possível considerar que a prática humana no ambiente é formada por experiências, sentimentos e sensações de caráter qualitativo e inerente a cada indivíduo. O *lugar* guarda, desta forma, um essência peculiar, pois, associa a subjetividade e a materialidade do ambiente construído.

As noções de *coletivo* e *rede-sociotécnica* foram abordadas no capítulo 2, buscando as possibilidades de aplicação destes entendimentos na Arquitetura e Urbanismo, bem como para a compreensão da Teoria Ator-Rede.

A partir do entrelaçamento das bases apresentadas nos capítulos 1 e 2, foi possível compreender que a rua, ou ambiente urbano, deve ser vista como uma rede heterogênea, constituída de humanos e não humanos. A arquitetura passa a ser encarada como um *coletivo*, em que o foco não está mais nas pessoas e nem no ambiente construído, mas nas conexões que se estabelecem entre os diversos atores que constituem a rede. As associações entre os vários atores influenciam e modificam a rua ou ambiente urbano ao mesmo tempo em que eles são influenciados e modificados por ela. As experiências e *traduções* singulares produzidas no *coletivo-lugar* acabam por ressaltar os movimentos da rede.

A noção de *coletivo* mostrou-se evidente no decorrer da pesquisa, na medida em que se pode observar que às vezes um mesmo ator aparece em diferentes conexões, como é o caso dos atores não humanos ou características físico-espaciais do ambiente construído, que foram ressaltados pelos atores humanos em inúmeros aspectos e questões debatidas. A diversidade de experiências e *traduções* dos atores humanos também evidencia o sentido de *coletivo-lugar* existente na rua.

As bases que fundamentam a metodologia e os procedimentos adotados na pesquisa foram explicitados no capítulo 3. O método da *cartografia de controvérsias* mostrou-se bastante relevante, uma vez que permitiu dar conta da multiplicidade de atores envolvidos na rede e conjugar as mais diferentes *traduções* dos atores e as dissonâncias que fazem parte do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

O levantamento dos aspectos físicos e morfológico permitiu entender o contexto físico e espacial da rua. Tais aspectos funcionam como elementos estruturadores e se relacionam com o sentido de *lugar* e *atrabilidade* da rua. As diversas narrativas produzidas colocam em questão a importância dos atores não humanos para a qualidade do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio, bem como as *controvérsias* geradas a partir de suas influências.

Durante o processo de interação do pesquisador com a rua, a empatia facilitou compreender os atores humanos, seus pontos de vista e *traduções*. A escolha da entrevista semiestruturada e aberta foi fundamental para obter as *traduções* com relação ao lugar. Sua aplicação permitiu delinear a problemática da pesquisa uma vez que os atores puderam explorar suas falas. Nos relatos, é possível observar que uma mesma questão foi abordada em diferentes conteúdos, mostrando a importância de se considerarem o *coletivo* e a interação existente entre os atores.

A pouca familiaridade com a *cartografia de controvérsias* fez com que a aplicação do método fosse um processo experimental. A opção escolhida para apresentar as *traduções* dos atores humanos, bem como as *controvérsias*, foi mostrar os diálogos produzidos entre o pesquisador e

os atores. Por meio de descrições, procurou-se manter a veracidade e a autenticidade das falas dos atores, de modo a não interpretá-las, mas apenas manter sua coerência.

As três *collages* – passado, presente e perspectivas de futuro – permitiram que a diversidade de informações fosse estruturada de modo a traçar os possíveis movimentos da rede.

Na primeira *collage* (capítulo 4), buscou-se realizar uma cartografia do passado do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio. Por meio da evolução histórica foi possível compreender a formação da rua e sua origem. Retratar a gênese do *coletivo-lugar* teve como principal motivo explicitar que a maneira como a rua se constitui hoje está ligada ao seu passado e as conexões que foram sendo traçadas ao longo dos anos.

Ao mesmo tempo, a ideia de acompanhar os movimentos atuais da Rua do Lavradio serviu para compreender a diversidade presente na rua. Conforme apresentado na segunda *collage* (capítulo 5), a partir de diversos olhares entrelaçados, foi possível identificar as questões atualmente em debate na rede. Os relatos produzidos pelos atores apresentam diversas instabilidades e *controvérsias*, ressaltando que existem diferentes possibilidades de explorar o *coletivo-lugar* Rua do Lavradio. Algumas dessas *controvérsias* podem ser ainda mais exploradas, o que permite que novos caminhos sejam percorridos em futuras pesquisas.

Nota-se que, apesar da diminuição do número de antiquários e do aumento da quantidade de bares e restaurantes, a Rua do Lavradio ainda é reconhecida como a *Rua dos Antiquários* e também como local de entretenimento e boemia. Sua imagem é muito atribuída à Feira Rio Antigo, que mesmo sofrendo transformações ao longo do tempo, atua como elemento de apropriação do espaço público e referência local.

As *controvérsias* resultantes dos usos acerca do *coletivo-lugar* Rua do Lavradio evidenciam as disputas, os interesses distintos dos atores e que a rua favorece dinâmicas sociais e urbanas, tanto durante o dia, quanto no período noturno.

A premissa de que a Rua do Lavradio, por ser um local de reconhecido valor histórico-cultural, deve ser um exemplo de criação do *lugar* em virtude de seus reconhecidos processos de transformação, que guardam as marcas dos diversos tempos e das atividades que nela se desenvolvem, pôde ser confirmada, uma vez que as transformações ocorridas resultam das várias relações e possíveis dissonâncias, que se estabeleceram entre os atores envolvidos na dinâmica de utilização do espaço.

Verifica-se que a *qualidade do lugar* na Rua do Lavradio atualmente está relacionada com o conjunto de atributos físico-formais do lugar e sua dinâmica de apropriação, distinta em diversos momentos, além dos valores e percepções relativos às atividades e ações que ali funcionam.

Na última *collage* (capítulo 6), apresentou-se um panorama dos possíveis movimentos da rede, com base nos desejos de mudanças dos próprios atores e nas *controvérsias* observadas no decorrer da pesquisa. Acredita-se que a vitalidade da rua depende dos possíveis cenários que podem se estabelecer na rede de seus sucessivos processos de transformação.

Por fim, ao reunir diferentes atores, buscou-se demonstrar a importância do ambiente urbano Rua do Lavradio, como elemento dotado de agência, e que pode ser compreendido por suas *traduções*, ora controversas, ora convergentes.

A diversidade destas *traduções* ressalta a complexidade que, muitas vezes, se faz presentes nos ambientes e que por diversos fatores e interesses não é considerada, o que permite continuar acompanhando os movimentos da rede e explorar futuramente qual o papel da associação e do poder público perante os relatos dos atores e as *controvérsias* identificadas no *coletivo-lugar* Rua do Lavradio.

Espera-se que, a partir deste estudo, tenha-se contribuído com as pesquisas relativas às relações pessoa-ambiente ou humanos-não humanos e para que o campo da Arquitetura e Urbanismo possa ser também compreendido a partir do entrelaçamento da subjetividade e da materialidade que se fazem presentes nas relações. Ressalta-se a importância da abordagem da *sociotécnica*, por traduzir um conjunto heterogêneo de narrativas e envolver como atores o meio urbano, os edifícios que o constituem e as pessoas que dele se utilizam, configurando *coletivos-lugares*.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro; Instituto Pereira Passos, 2008.
- ALCANTARA, Denise de. **Projeto, desempenho urbano e construção do Lugar: Avaliação de qualidade ambiental do Parque Guinle**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAU/Proarq, 2002.
- _____. **Abordagem experiencial e revitalização de Centros Históricos: os casos do Corredor Cultural do Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarters em San Diego**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAU/ Proarq, 2008.
- _____. **Revisita ao Corredor Cultural: resgate do processo de revitalização do Centro Histórico do Rio de Janeiro**. Cadernos do Proarq, 2010.
- _____. **Observações sobre o Centro**. “Olhares entrelaçados na construção da paisagem urbana do Rio e de San Diego”. In: ANDRADE, Rubens de; TERRA, Carlos (orgs.). **Aveso da paisagem: percepção artístico-urbana e imaginário sócioespacial** Terra. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/EBA Publicações, 2012.
- ALEXANDER, Christopher. **A Pattern Language / Um Language de Partrones**. Barcelona: G.Gilli, 1980.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. “Cartografar é habitar um território existencial”. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 131-149.
- ANGOTTI, Fabíola Belinger. “Rua do Lavradio: cartografando traços e rastros do coletivo-lugar – uma introdução”. In: AZEVEDO, G. A. N.; TÂNGARI V. R.; BRONSTEIN, L.; SALGADO, M. S. (orgs.). **Fronteiras e transversalidades da pesquisa em arquitetura: os 25 anos do Proarq – FAU /UFRJ – 3º Colóquio de Pesquisa do PROARQ**. Rio de Janeiro: FAU /Proarq, 2012.
- ASHIHARA, Yoshinobu. **El diseño de espacios exteriores**. Barcelona: G.Gilli, 1982.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen; TÂNGARI, Vera Regina; RHEINGANTZ, Paulo Afonso, MOREIRA, Elaine; OLIVEIRA, Vanessa; MARTINS, Valéria Roma; CASTRO, Rafael. “Qualidade do Lugar e da Paisagem no Pátio Escolar: fundamentos e conceitos”. In: **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAU/Proarq, 2001, p. 57-76
- BARREIROS, Eduardo Canabrava. **Altas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro – Ensaio 1565-1965**. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Ano do IV Centenário, MCMLXV.
- BRASIL, Gerson. **Histórias das ruas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Lacerda, 2000.
- BRUNO, Fernanda. “Prefácio”. In: FERREIRA, A. A. L.; FREIRE, L. de L.; MORAES, M.; ARENDT, R. J. (orgs.). **Teoria Ator-Rede e Psicologia**. Rio de Janeiro: NAU, 2010, p.9-14.
- CARVALHO, Ramon Silva de Carvalho. **Cartografando as controvérsias no ateliê de Projeto de Arquitetura**. Memorial de Qualificação (Doutorado em Arquitetura). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ FAU /Proarq, 2012.
- CASCO Ana Carmen Amorim Jará. **Arco das Lapas: um estudo de antropologia urbana**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro /PPGAS – MN, 2007.
- CASTELLO, Lineu. **Repensando o lugar no projeto urbano. Variações na percepção de lugar na virada do milênio (1985-2004)**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, 2005.

- “Centro: onde a cidade começou”. **Coleção Rio de Outros tempos**, vol.1. Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Rio de Janeiro: A empresa, 2012.
- COHEN, Alberto A.; FRIDMAN, Sérgio A. **Rio de Janeiro ontem & hoje**. Fotografias: Ricardo Siqueira. Rio de Janeiro: Amazon, 1998.
- CUKIERMAN, H. **Yes, nós temos Pasteur**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Faperj, 2007.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.
- _____. **Percepção ambiental e desenho da cidade**. Relatório Final de Pesquisa. Reg. SAG-SR2320105P029-1. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- “Em construção: a construção da metrópole”. **Coleção Rio de Outros tempos**, vol.8. Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Rio de Janeiro: A empresa, 2012.
- FERREIRA, Arthur Arruda Leal; FREIRE, Letícia de Luna; MORAES, Marcia; ARENDT, Ronald João Jacques. (orgs.) **Teoria Ator-Rede e psicologia**. Rio de Janeiro: NAU, 2010.
- FISCHER, Gustave-N. **Psicologia social do ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- FREIRE, Letícia de Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. Rio de Janeiro: **Revista Comum**, v.11, nº 26. jan – jun. 2006, p. 46-65.
- FREIRE, Letícia de Luna. “Seguindo as agentes comunitárias em ação: o processo de intervenção urbana numa favela carioca à luz da Teoria Ator-Rede”. In: FERREIRA, A. A. L.; FREIRE, L. de L.; MORAES, M.; ARENDT, R. J. J. (orgs.) **Teoria Ator-Rede e psicologia**. Rio de Janeiro: NAU, 2010. p.140-163.
- FRÓES, Plínio Quintão. “Apresentação”. In: PINHEIRO, Eliane Canedo de Freitas; PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas (orgs.). **Rua do Lavradio**. Rio de Janeiro: Rio Scenarium Decorações e Antiguidades. 2007.
- FUÃO, Fernando Freitas. **A collage como trajetória amorosa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- Instituto Municipal de Arte e Cultura. **Como recuperar, reformar ou construir seu imóvel no Corredor Cultural**. Rioarte, IPP, 4ª ed. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2002.
- LATOUR, Bruno. “Keynote Speech: On Recalling ANT”. In: LAW, John; HASSARD, John (eds.) **Actor Network Theory and After**. Oxford: Blackwell, 1988.
- Disponível em < <http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-notes-on-ant.pdf> > Acesso em 6 /2/2012.
- _____. **Anotações de um discurso: Recordando a ANT**. [Keynote Speech: On Recalling ANT], 1988.
- _____. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- _____. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2001.
- _____. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004, p. 107-162; p. 369-386; p. 405-411.
- _____. **Reagregando o social. Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador, BA: Edufba, 2012; Bauru, SP: Edusc, 2012.
- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2000.
- LAW, John. **Notes on the Theory of the Actor Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity**. Lancaster: Centre for Science Studies, Lancaster University, 1992.
- Disponível em < <http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-notes-on-ant.pdf> > Acesso em 6 /2/2012.
- LAW, John. **Notas sobre a Teoria Ator-Rede: ordenamento, estratégia, e heterogeneidade**. Tradução livre de Fernando Manso do original em inglês, 1992.

LODI, Maria Cristina Vereza; DUARTE, Maria Cristina Coelho; BRILHANTE, Ronaldo. **Projeto de revitalização da Praça Tiradentes e arredores: o passado presente no futuro**. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 2005.

MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a razão compositiva**. Viçosa, UFV / Imprensa Universitária; Belo Horizonte, AP Cultural, 1995.

MARQUES, Maria Fernanda Dias de Almeida. **A valorização cultural de áreas urbanas :a Feira de São Cristóvão e a Feira da Rua do Lavradio**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro /FAU/Proarq, 2002.

MEMÓRIA DA ELETRICIDADE. **Cidade em movimento: energia elétrica e meios de transporte na cidade do Rio de Janeiro**. MENDONÇA, Leila Lobo de (org.). 2ªed. Rio de Janeiro: Memória da Eletricidade,2003.

MONTANER, Joseph Maria. **A modernidade superada**.Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

NORBERG-SCHULZ, Noberg Christian. “O fenômeno do lugar”In: NESBIT, Kate. (org.). **Uma nova agenda para a Arquitetura**. São Paulo, Ed. Cosac Naify, 2006, p.444-461.

NOBRE, Julio Cesar de Almeida; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. “Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria ator-Rede”. In: **Cadernos UniFOA**. Volta Redonda, Ano V, n. 14, dezembro 2010, p. 47-55.

Disponível em: <<http://www.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/14/47.pdf>>

OLIVEIRA, Sônia Maria Queiroz de; ROSSI, Natércia. Texto adaptado da publicação: **Arcos da Lapa 1755 a 1991: um passeio no Tempo**. 4ª ed. Colaboração: Edwilson da Silva;Neide Carvalho Monteiro. Rio de Janeiro; Instituto Pereira Passos, 1991.

Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/Aplicativos_Novos/evolucao_urbana/principal.html. Acesso em: 10/10/2012.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. “A cartografia como método de pesquisa-intervenção”. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In:PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 7-16.

PAES, Clarissa Fontes. **O futuro do passado – o papel da herança cultural na cidade contemporânea**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAU/Prourb, 2012.

PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Redes e Controvérsias: Ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial. In: FERREIRA, A. A. L.; FREIRE, L. de L.; MORAES, M.; ARENDT, R. J. J. (orgs.) **Teoria Ator-Rede e Psicologia**. Rio de Janeiro: NAU, 2010, p.78-96.

PINHEIRO, Eliane Canedo de Freitas; PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas (orgs). **Rua do Lavradio**. Rio de Janeiro: Rio Scenarium Decorações e Antiguidades, 2007.

PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas. “A celebração da Cultura”. In: PINHEIRO, Eliane Canedo de Freitas; PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas (orgs). **Rua do Lavradio**. Rio de Janeiro: Rio Scenarium Decorações e Antiguidades, 2007.

RABHA, Nina Maria; PINHEIRO, Eliane. “A Lavradio em seis tempos”. In: PINHEIRO, Eliane Canedo de Freitas; PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas (orgs). **Rua do Lavradio**. Rio de Janeiro: Rio Scenarium Decorações e Antiguidades, 2007.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. **Tecendo a qualidade do lugar: cartografando narrativas e experiências de urbanidade**. Projeto de Pesquisa. Proc. CNPq n. 303365/2010-2]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. “Traduções experienciais da Urbanidade” In: **I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, 2010,

Rio de Janeiro. Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/FAU/Prourb, 2010, v.1, p.1 – 19.

_____. **Qualidade do lugar e cultura contemporânea: uma proposta de revisão conceitual na perspectiva das redes de fluxos.** Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

_____. “Narrativas ou traduções de Urbanidade”. In: AGUIAR, Douglas; NETTO, Vinícius M. **Urbanidades.** Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2012, p.107 – 125.

_____. **Tecendo a qualidade do lugar: cartografando controvérsias de urbanidade em lugares híbridos.** Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

RHEINGANTZ Paulo Afonso; FONSECA, Juliane Figueiredo. “Observando a qualidade do Projeto e do Lugar”. In: **Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído – SBQP.** 2009.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise de; QUEIROZ, Monica. **Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para avaliação pós-ocupação.** Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/Proarq, 2009.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; CARVALHO, Ramon Silva de; VARGAS, Cláudia Rioja de Aragão; VIANA, Lidia Quietto; ALCANTARA, Denise de; MARTINS, Valéria Roma; ANGOTTI, Fabíola Belinger. In: RHEINGANTZ, P.A.; PEDRO, R. (orgs.) **Qualidade do lugar e cultura contemporânea: controvérsias e ressonâncias em ambientes urbanos.** Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/Proarq, 2012.

ROCHA, Iara de Salvo. **Unidades de Polícia Pacificadora: Controvérsias que tecem a vida urbana.** Dissertação de Mestrado. Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ IP /Eicos, 2012.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS, 2001, p. 11-26; p. 65-72.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006.

_____. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Edusp, 2009.

SCHELEE, Mônica Bahia; NUNES, Maria Julieta; REGO, Andrea Queiroz; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; DIAS, Maria Angela; TÂNGARI, Vera Regina. “Sistemas de Espaços Livres nas cidades brasileiras – um debate conceitual”. In: TÂNGARI, V.R; SCHELEE, M.B.; ANDRADE, R. (orgs). **Sistemas de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências.** Rio de Janeiro: FAU/UFRJ/Proarq. 2009, p. 28-49.

THOMPSON, Evan. Empathy and consciousness. **Journal of Consciousness Studies** 8. 2001, p. 1-32.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VIANA, Lídia Quietto Viana; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. “O Entendimento do (Coletivo) Lugar na Atualidade”. In: **Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído – SBQP,** 2011, p.46-59.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intraurbano no Brasil.** São Paulo, Nobel, 1998.

ZEISEL, John. **Inquiry by Design – Tools for Environment-Behavior Research.** Monterey: Brooks/Cole Publ, 1981.

UM CARTEIRO QUE JÁ DEU UMA DE BOMBEIRO

Reportagem de Raul Ramalho

O carteiro do bairro que, ali pelas 9 horas, surge pingando suor, cansado, com enormes maços de correspondência amarrados, pode trazer uma notícia alegre ou triste.

Para, suspira, sopra a palma da mão que o cordel vinha cortando e grita: «Correio!»

A dona da casa larga tudo, às vezes esquecendo o gás ligado sob o risco de «esturricar» o quitute e vem, enxugando as mãos no avental:

— Deve ser carta da «maninha». Vai ver que já tem gente nova, né?

O carteiro, de olho na bandeja de café:

— Deve ser, dona Jovina. É menino, vai ver...

E o papo alimenta a doce esperança da futura vovó. O carteiro «pega» o «ligação», ora de dramas sentimentais, ora de auspiciosos eventos. Para os amantes ao estilo Romeu e Julieta, ele é aguardado das alturas dos grandes edifícios, em cujas janelas a donzela apaixonada o vê com antecipação, numa espécie de «miragem», tal o seu estado de ansiedade!

Quando o homem uniformizado dobra a esquina a moça apaixonada fica irrequieta.

Mas esse mensageiro das notícias, ao correr dos anos, váis se transformando em amigo confidente e até em protetor de muita gente. Transforma-se, às vezes em herói, como aconteceu com o carteiro do Rio Antigo, «Chicão» da Lapa.

- CHICÃO, velho carteiro da Lapa, salva paraplético num incêndio.

Após 21 anos, ainda permanece na Agência Postal da Lapa o carteiro Francisco Berlinger, o «Chicão», considerado herói num incêndio verificado no sobradão da Rua do Lavradio, 19, em

1953. «Chicão» é carioca, casado, com três filhos e netos. É uma dessas criaturas que sabe «curtir» a vida em comunidade. Embora encanecido, grisalho, e homem forte, também chamado de «enfemeiro» na moderna seção de triagem de entrega domiciliar na Agência da Rua das Marrecas, 19. É que tem uma vocação inata para as coisas da Medicina. Cuida da Caixa de «Pronto-Socorro» com o emblema da Cruz Vermelha e raro é o dia que não atende os colegas ali lotados. Dias atrás, antes de partir para a entrega da zona central, rasgou um «tumor» debaixo do braço de um jovem carteiro que gemia na repartição. Foi tão rápido o alívio do funcionário que não necessitou de licença para o tratamento. Foi a tarefa do dia, regressando alegre e sorridente à Agência.

«Chicão» se sente compensado quando obtém resultado satisfatório em todas as suas «intervenções»...

Enquanto trabalhava «Chicão» contava à reportagem:

— No incêndio da Rua do Lavradio, o que fiz foi ditado pela minha consciência de homem cristão. Ninguém queria subir por entre as labaredas, naquele sobradão já demolido, em 1953. Eu sabia que lá, no 2º andar, estava o Sr. Henrique Barbosa, que era o encarregado, ou gerente. Desde muitos anos eu fazia a entrega de cartas ali e ele me ajudava indicando o número das salas de acordo com os nomes das pessoas. Com o tempo ele foi se arruinando de saúde, tornando-se semiparaplético, dia-a-dia. Era um homem solitário, que morreu com 75 anos. Naquela época tinha 67 anos. Viveu, depois do salvamento, mais 8 anos. Morava sozinho num quarto. O incêndio da Rua do Lavradio nº 19

ocorreu em 3 de novembro de 1953. Eu ia passando com o maço de correspondência quando vi aquela «confusão» de povo, bombeiros e polícia. Parei. Uma coisa me dizia que «seu» Henrique estava preso no quarto. Pedi a um senhor de responsabilidade da vizinhança que tomasse conta da correspondência, tirei o paletó e passei por baixo do cordão da polícia. Um soldado na porta e um homem me seguraram pelos braços. Mas, sempre fui forte (graças a Deus). Dei um safanão nos dois e subi as escadas até o quarto de «seu» Henrique. A porta estava fechada, ainda livre da fumaça preta que vinha dos outros cômodos. Respirei um pouco e notei o pobre homem, de joelhos, rezando. Orientei:

Seu Henrique, agarrar no meu pescoço e vamos logo, meu velho, que os degraus estão começando a pegar fogo!

— Suspensi o paraplético nos braços. Ao passar pela porta, ele lembrou dos documentos. Estavam na mala. Abaixei e o coloquei no chão. Voltei ao canto da sala. A mala estava em posição difícil de abrir, e ao arrastá-la, despregou-se parte do teto, quase me atingindo. Muitas ratonadas do sobradão correram por entre minhas pernas. Deixei pra lá e agarrei o homem, de novo, nos braços.

— Vamos seu Henrique, senão o fogo queima o resto das escadas e nós estamos fritos...

Quando apontamos na Rua do Lavradio senhoras e populares com latas atiraram água nas calças do pijama que o velho vestia que estavam começando a se queimar. Os bombeiros ignoravam a existência daquele pobre homem lá.

— Só mesmo o seu carteiro, que lidava, diariamente, com ele podia notar a sua au-

sência, no meio daquele «salve-se quem puder».

Assim, ninguém morreu naquele incêndio. Eram vizinhos do prédio os Srs. Válder Carteiro Porto, Alvaro Teixeira e Antero Novellino. Esses comerciantes insistiram em dar notícias aos jornais da época (há 21 anos) «considerando-me herói». Mas sempre culguei apenas um dever, além, que todos tenham de cooperar com o próximo, nesses terríveis momentos de vida. Na minha vida de carteiro aconteceu, também, algumas coisas interessantes. Por exemplo: um garoto de Brás de Pires, sabendo que seu entregador de cartas diariamente me espera para saber se Papai Noel já respondeu à carta dele, pedindo uma bicicleta. Ando apertado e já não sei mais como aumentar a esperança do garoto. Trata-se de filho de uma lavadeira muito pobre e a gente sofre, cá por dentro...

Outro fato que me aconteceu: «mentira», quase 2 anos para uma mãe, sabedora espanhola, que morava no Hotel Lincoln — Lavradio, 171 que seu filho dava sempre notícia para um amigo no Rio e esse amigo dele me dizia que passava bem, andando lá pela Argentina. Mas o rapaz, aqui no Rio, entrou por maus caminhos. Durante todo esse tempo estive na Penitenciária...

Há tempos surgiu-me o rapaz, com desejo de me gratificar. É claro que não aceitei. A minha maior satisfação era ver sua mãe feliz ignorando a sua prisão. Eu sei muito bem o que é um coração materno.

Rio, 31-Março 1-Abril-1974

APÊNDICES E ANEXOS

Os apêndices apresentados são:

APÊNDICE I – Roteiro de entrevista

APÊNDICE II – Tabelas de levantamento de usos

Os anexos apresentados são:

ANEXO I – Matérias citadas na dissertação

ANEXO II– Matérias de jornais

ANEXO III– Matérias de jornais eletrônicos

ANEXO IV– Matérias de revistas

ANEXO V – Associação Polo Novo Rio Antigo

Roteiro de entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – RJ
 FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA – PROARQ



PESQUISA DE AVALIAÇÃO – RUA DO LAVRADIO, CENTRO DO RIO DE JANEIRO/ 2012
ENTREVISTA

No. _____ Local: _____ Data: ____ / ____ / 2012. Hora: _____

Esta entrevista é um estudo acadêmico, parte da pesquisa de mestrado que visa refletir sobre o sentido de *lugar*, considerando a noção de *coletivo* e obter as opiniões, imagens, sentimentos e expectativas dos usuários que usam, trabalham ou moram na Rua do Lavradio.

PERGUNTAS ABERTAS	
1. Você poderia/saberia me informar em que lugar nós estamos?	
2. Em sua opinião, que aspecto ou elemento melhor caracteriza ou identifica este lugar? (pode ser palavras soltas, frases, sentimento, é livre!)	
3. Você poderia listar cinco objetos ou elementos físicos que mais lembram este lugar?	
4. O que te atrai neste lugar? Por quê você vem à Rua do Lavradio?	
5. Você reconhece este lugar como a <i>Rua dos Antiquários</i> ? Por quê?	
6. Você poderia listar cinco pontos positivos e cinco pontos negativos deste lugar?	
7. Na sua opinião, o que está faltando ou poderia ser modificado neste lugar?	
8. Você considera este lugar seguro? Por quê?	
9. Você tem algum conhecimento/envolvimento com associações ou atividades comunitárias na Rua do Lavradio? Quais?	
CARACTERIZAÇÃO DO RESPONDENTE	
1. Sexo: <input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino	2. Faixa etária: <input type="checkbox"/> Menos de 20 anos <input type="checkbox"/> entre 30 e 40 anos <input type="checkbox"/> entre 20 e 30 anos <input type="checkbox"/> mais de 40 anos
3. Ocupação: _____	4. Nível de Escolaridade: _____
4. Tipo de relação com a rua:	
<input type="checkbox"/> morador	Quanto tempo? _____
<input type="checkbox"/> trabalhador	Quanto tempo? _____ Em qual local reside? _____
<input type="checkbox"/> visitante	Qual a frequência de visita? ____/mês ____/semana outro _____ Em qual local reside? _____
<input type="checkbox"/> outro	_____

Obrigada por sua colaboração!

Fabiola Angotti - Mestranda PROARQ /FAU /UFRJ – fabiola.angotti@gmail.com

Tabela de Usos – última atualização em 11/4/2013.

Edificação fechada Edificação em reforma

Rua do Lavradio

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
1	Salão Sofie	Barbearia	Serviço	2 pavimentos
2	Estacionamento de motos	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
4	Estacionamento de motos	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
5	Web site	Depósito/Antiquário	Serviço	2 pavimentos
6	Estacionamento de motos	Estacionamento de motos	Estacionamento	espaço livre
7	Padaria Nova Aymoré	Padaria	Comercial	2 pavimentos
8	Estacionamento de motos	Estacionamento de motos	Estacionamento	espaço livre
9	–	–	–	2 pavimentos
10	Sobradão das Chaves	Loja	Comercial	2 pavimentos
11	Empório Dona Carlota	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
12	Babilônia	Loja / Antiquário	Comercial	1 pavimento
13	–	–	–	3 pavimentos
14	Babilônia	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
15	–	–	–	3 pavimentos
16	Enigma	Barbearia / Residência	Serviço / Habitacional	2 pavimento
19	Departamento de Polícia Civil	Polícia	Institucional	2 pavimentos
20	Rio Scenarium	Bar / Restaurante	Comercial	3 pavimentos
21	Polícia Criminal	Polícia	Institucional	3 pavimentos
22	Rio Scenarium	Bar / Restaurante	Institucional	2 pavimentos
23	Mangue Seco	Bar / Restaurante	Comercial	2 pavimentos
24	–	–	–	2 pavimentos
25	Quintal Carioca	Bar / Restaurante	Comercial	2 pavimentos
26	Rio Scenarium	Depósito		3 pavimentos
27	Marmoraria Gramar	Marmoraria	Comercial	1 pavimento
28	Associação Polo Novo Rio Antigo	Instituição	Institucional	3 pavimentos
	Scenarium Antique	Loja / Antiquário	Comercial	3 pavimentos
30	Fábrica /Depósito Granado	Fábrica / Depósito	Industrial / Depósito	2 pavimentos
32	Granado	Loja	Comercial	2 pavimentos
34	Ateliê Belmonte	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
36	Santo Scenarium	Bar / Restaurante	Comercial	2 pavimentos
38	Associação dos Ex-Combatentes do Brasil	Instituição	Institucional	3 pavimentos
40	Portal do Acesso a Arte	Instituição	Institucional	3 pavimentos
42	Jucerja	Instituição	Institucional	2 pavimentos
44	–	–	–	1 pavimento
48	–	–	–	2 pavimentos
50	Cantinho do Senado	Bar / Restaurante	Comercial	2 pavimentos
54	Centro Técnico de Artes Cênicas Funarte	Instituição	Institucional	2 pavimentos
	Nova Esperança	Bar / Restaurante	Comercial	
56	Escola Municipal Celestino da Silva	Escola	Educacional	3 pavimentos
60	Antiquário Ricardo Caputi	Loja/Antiquário	Comercial	2 pavimentos
	Flanar Antiguidades			
62	Hotel Castelo	Hotel	Serviço	4 pavimentos
66	–	–	–	3 pavimentos
68	Hotel Casa Branca	Hotel	Serviço	3 pavimentos
70	Bar do Elias	Bar / Restaurante	Comercial	3 pavimentos
	Edifício Residencial	Residência	Habitacional	
71	Oi	Empresa telefônica	Corporativo	14 pavimentos
74	Bar do Elias	Bar / Restaurante	Comercial	4 pavimentos
	Edifício Residencial	Residência	Habitacional	
76	Fernatti	Loja	Comercial	4 pavimentos
78	O sabor Restaurante	Restaurante	Comercial	3 pavimentos

APÊNDICE II – TABELAS DE LEVANTAMENTO DE USOS

	Edifício Residencial Maodadena	Residência	Habitacional	3 pavimentos
80	Edifício TV Brasil	Empresa	Corporativo	12 pavimentos
84	Sociedade Brasileira de Belas Artes	Instituição	Institucional	2 pavimentos
90	Centro Cultural Cordão do Bola Preta	Instituição	Institucional	2 pavimentos
92	Marizé Gourmet	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
94	–	–	–	2 pavimentos
96	Mega Mate	Lanchonete	Comercial	2 pavimentos
97	Templo Maçônico Grande Oriente	Templo	Religioso	3 pavimentos
98	Jornal Tribuna da Imprensa	Instituição	Institucional	2 pavimentos
100	Demi-Glace	Restaurante	Comercial	3 pavimentos
	Associação Beneficente Luso Brasileira	Instituição	Institucional	
102	Mineirart	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
106	Restaurante Mingle	Lanchonete/Restaurante	Comercial	7 pavimentos
	Edifício Residencial Morro de Santo Antonio	Residência	Habitacional	
110	Entrada de acesso Tribunal do Trabalho	Passagem	Passagem de acesso à Rua Gomes Freire	2 pavimentos (fachada)
114	Estacionamento Polícia Civil	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
116	–	–	–	2 pavimentos
118	Hotel Lavradio	Hotel	Serviço	2 pavimentos
122	Vila Residencial	Residência	Habitacional	3 pavimentos
126	Banco Santander	Banco	Serviço	2 pavimentos
128	Mobix	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
130	Zannidezanine	Galeria de arte e exposição	Institucional	2 pavimentos
132	Tribunal Regional do Trabalho	Instituição	Institucional	14 pavimentos + 3 pav.
133	CIEP José Pedro Varella (escola)	Escola	Educacional	4 pavimentos
154	Tribunal Sucos	Lanchonete / Restaurante	Comercial	3 pavimentos
155	Polícia Militar do Estado do RJ	Instituição	Institucional	1 pavimento
	Estacionamento	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
156	Bar da Nina	Bar	Comercial	3 pavimentos
	Edifício Residencial	Residência	Habitacional	
158	ASC	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
159	Estacionamento	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
160	Velha Lapa	Loja / Antiquário	Comercial	3 pavimentos
161	Armazém 161	Loja / Antiquário	Comercial	3 pavimentos
162	Edifício Comercial	Edifício em construção	Comercial / Serviço	5 pavimentos
163	–	Oficina mecânica	Serviço	2 pavimentos
165	Link Park	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
168	Gótico Móveis	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
170	Barzinho	Bar/Restaurante	Comercial	2 pavimentos
172	Mobilia	Loja / Antiquário	Comercial	3 pavimentos
	Edifício Residencial	Residência	Habitacional	
174	Lavradio	Loja / Antiquário	Comercial	1 pavimentos
178	Velha Lapa Móveis	Loja / Antiquário	Comercial	5 pavimentos
	Edifício Residencial	Residência	Habitacional	
179	Bar da Boa	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
180	Prefeitura - Vigilância Sanitária	Instituição	Institucional	8 pavimentos
181	–	Oficina de pintura de carros	Serviço	2 pavimentos
182	–	–	–	2 pavimentos
183	–	–	–	3 pavimentos
184	Casa do Brasão	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
185	Subway	Lanchonete	Comercial	2 pavimentos
186	–	–	–	2 pavimentos
187	Mestrekami / Bar	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
188	–	–	–	2 pavimentos
190	–	–	–	3 pavimentos
192	Aldeia da Lapa	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
202	Arco Iris da Lavradio	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
206	Edifício Residencial Víctor	Residência	Habitacional	6 pavimentos

206A	Mecânica Dremauto	Loja	Serviço	
206B	Clube das Flores	Loja	Comercial	
206C	Vidraçaria	Loja	Comercial	
206D	Rainha da Pipoca	Loja	Comercial	
206E	Restaurante Victor	Bar/ Restaurante	Comercial	

Av. Gomes Freire

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
147	–	–	–	3 pavimentos
151	Hotel Hostal	Hotel	Serviço	3 pavimentos
151B	Nova Sapecta	Restaurante	Comercial	3 pavimentos
151B	Cabral	Livraria	Serviço	3 pavimentos
151B	Silva Jardins	Salão de cabelereiro	Serviço	3 pavimentos
173	–	–	–	2 pavimentos
181	Sbil segurança industrial	Empresa	Serviço	2 pavimentos
189	–	–	–	2 pavimentos
197	Faculdade Fluminense de Engenharia	Faculdade	Educacional	2 pavimentos
205	Café Cultural/ Frio Serviço Auto Center	Restaurante Serviço de consertos	Comercial Serviço	2 pavimentos
	213	Depósito de bebidas	Depósito	
217	Antiqua Sappore	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
225	Edifício Ismeneco	Residência	Habitacional	12 pavimentos
225A	–	–	–	12 pavimentos
235	Hotel Gomes Freire	Garagem	Serviço	2 pavimentos
243	Hotel Gomes Freire	Hotel	Serviço	2 pavimentos
275	Gabinete	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
289	Centro Cultural Memórias do Rio/ Marcone	Bar/ Restaurante/ Antiquário	Comercial	2 pavimentos
295	Hotel encontros	Hotel	Serviço	2 pavimentos
315	Edifício Arlú	Edifício Comercial	Comercial/Serviço	12 pavimentos
315A	Rejoaleria Wain	Loja	Comercial	12 pavimentos
315B	Banco BMG	Banco de empréstimo	Serviço	12 pavimentos
315C	Copiadora S.A	Gráfica	Serviço	12 pavimentos
333	Edifício Comercial	Edifício Comercial	Comercial	4 pavimentos
	Garagem	Garagem	Serviço	
355	–	–	–	2 pavimentos
361	–	–	–	2 pavimentos
367	Edifício Comercial	Edifício Comercial	Comercial/Serviço	3 pavimentos
	Restaurante Rodograma	Restaurante	Comercio	
373	Caipi Hostel	Hotel	Serviço	2 pavimentos
379	–	–	–	2 pavimentos
387	–	Edifício Residencial	Habitacional	3 pavimentos
421	A loja do Pintor	Loja	Comercial	2 pavimentos
447	–	–	–	3 pavimentos
453	Lapa Café	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
457	Lapa Café	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
471	Tribunal Regional do Trabalho	Instituição	Institucional	4 pavimentos
491	Estacionamento Polícia Civil	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
503	–	–	–	espaço livre
513	Edificação em ruína	–	–	2 pavimentos
517	Salsa	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
525	Fabricantes Fornecedores	Loja de artigos para cortinas	Comercial	2 pavimentos
533	Vaca atolada	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
537	Sociedade Brasileira de Eubiose	Instituição	Institucional	2 pavimentos
547	Casa de Mãe Joana	Gafieira	Lazer/ Cultural	2 pavimentos
559	Portal da Lapa	Restaurante	Comercial	12 pavimentos
	Edifício São Nicolau	Edifício Comercial	Comercial/Serviço	
569	Igreja Ortodoxa	Igreja	Religioso	2 pavimentos
579	Antonio da Silva Fonseca Ltda	Loja de peças para elevadores	Serviço	2 pavimentos

APÊNDICE II – TABELAS DE LEVANTAMENTO DE USOS

589	Mas Será o Benedito	Restaurante	Comercial	3 pavimentos
607	Boteco do Pedro/ Edifício Residencial	Restaurante/ Edifício	Comercial/ Habitacional	3 pavimentos
625	Salão de Cabeleireiro	Salão de Cabeleireiro	Serviço	3 pavimentos
639	Lucarelli	Loja	Comercial	2 pavimentos
647	Gomes Freire Centro Automotivo	Loja	Comercial	12 pavimentos
	Status	Loja/ Antiquário	Comercial	
	Edifício Comercial	Edifício Comercial	Comercial/Serviço	
663	Edifício Pel Central	Edifício Comercial	Comercial/Serviço	12 pavimentos
663A	Bildex	Loja	Comercial	
745	Ótica Gomes Freire	Comércio	Comercial	2 pavimentos
753	Centro Social Chinês do Rio de Janeiro	Instituição	Institucional	3 pavimentos
	Eletromarte Equipamentos Ltda	Loja	Comercial	3 pavimentos
763	Marizé Gourmet	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
769	Ladeira's Park	Estacionamento	Estacionamento	2 pavimentos
773	Sublime Relicário da Lapa	Bar/ restaurante	Comercial	2 pavimentos
779	Aler	Instituição	Institucional	2 pavimentos
785	Hotel para Solteiros	Hotel	Serviço	2 pavimentos
791	Mistura Carioca	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
803	Edifício Augusta	Edifício Residencial	Habitacional	6 pavimentos
803A	Beleza da Lapa	Salão de Cabeleireiro	Serviço	
803B	Loteria Arcada	casa lotérica	Serviço	
803C	Valência	Loja de relógios	Comercial	
813	Business flat	Hotel (Garagem e entrada de	Hotel	16 pavimentos

Rua do Senado

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
20	Acar	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
22	Companhia Telefônica Oi	Empresa telefônica	Corporativo	14 pavimentos
35	Hotel Esperança	Hotel	Serviço	2 pavimentos
36	–	–	–	2 pavimentos
37	Judith Móveis Usados	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
38	–	–	–	2 pavimentos
39	Alfaiataria Jorge	Alfaiataria	Serviço	2 pavimentos
	Fanarte	Loja / Antiquário	Comercial	
40	–	–	–	2 pavimentos
41	–	–	–	2 pavimentos
42	–	–	–	2 pavimentos
43	Pancotto Antiguidade Ltda	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
44	Renato Machado dos Santos Antiguidades	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos
45	Antiquário	Loja / Antiquário	Comercial	3 pavimentos
46	–	–	–	2 pavimentos
47	–	–	–	2 pavimentos
48	Laboratório farmacêutico	Fábrica	Industrial	3 pavimentos
49	–	–	–	2 pavimentos
50	Laboratório farmacêutico	Fábrica	Industrial	2 pavimentos
51	Gabinete	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
52	Depósito	Depósito	Depósito	2 pavimentos
53	Gabinete	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
54	Lavrado de Rádios Ltda	Loja / Antiquário	Comercial	2 pavimentos

Rua do Resende

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
3	–	Edifício Residencial	Habitacional	3 pavimentos
4	Tribunal Sucos	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
6	Franco Sabato	Serralheria	Serviço	2 pavimentos
7	Flor do Resende	Bar	Comercial	2 pavimentos
9	Nuclegrafic	Gráfica	Serviço	2 pavimentos
10	Mecânica Beira Alta	Serralheria	Serviço	2 pavimentos
11	Ateliê Brigadeiro	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
12	Leno Cril	Loja	Comercial	2 pavimentos
13	–	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
14	Setarcar	Loja	Comercial	2 pavimentos
16	Jen serralheria	Serralheria	Serviço	2 pavimentos
17	–	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
18	Café do Wilson	Livraria	Comercial	2 pavimentos
19	–	Apoio pra a obra do tribunal	–	espaço livre
20	Beliske	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
21	Edifício Vasconcelos	Edifício Comercial	Comercial / Serviço	7 pavimentos
	Feijão da Lapa	Restaurante	Comercial	
24	Edifício Residencial	Edifício Residencial	Habitacional	13 pavimentos
25	–	–	–	2 pavimentos
26	Casa do Advogado	Instituição	Institucional	2 pavimentos
28	Essência da Lapa	Restaurante	Comercial	3 pavimentos

Rua dos Arcos

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
1	Parada da Lapa	Centro Cultural/ Bar	Cultural/Comercial	2 pavimentos
24	Fundição Progresso	Centro Cultural	Lazer/ Cultural	2 pavimentos
33	Estacionamento rotativo	Estacionamento	Serviço	espaço livre
52	Link Park	Estacionamento	Serviço	espaço livre
54	Espar	Estacionamento	Serviço	espaço livre
56	Link Park	Estacionamento	Serviço	espaço livre
S/N	Circo Voador	Centro Cultural	Lazer/ Cultural	–
S/N	Praça Cardeal Câmara	Praça		espaço livre

Rua do Riachuelo

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
16	–	–	–	2 pavimentos
18	–	–	–	2 pavimentos
20	–	–	–	2 pavimentos
22	–	–	–	2 pavimentos
24	–	–	–	2 pavimentos
26	Boteco do Gersson	Bar/ restaurante	Comercial	2 pavimentos
32	Edifício Victor	Edifício Residencial	Habitacional	6 pavimentos
32B	Luis Cabeleireiro	cabeleireiro	Serviço	
32C	Vile	Serviço odontológico	Serviço	
32D	Farias Ribeiro Comércio de Bebidas	Loja	Comercial	
42	Edifício Ragazzi	Edifício Residencial	Habitacional	14pavimentos
42A	Lapa Chinelo	Loja	Comercial	
42B	Casa da beleza	Loja	Comercial	
44	Sinuca da Lapa	Bar	Comercial	5 pavimentos
46	Body Move	Academia	Serviço	3 pavimentos
54	Business Flat	Hotel	Serviço	16 pavimentos

Avenida Mem de Sá

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
45	Só Kana	Bar/ Restaurante	Comercial	3 pavimentos
47	Leviano	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
49	Bonde Sucos	Lanchonete	Comercial	2 pavimentos
51	Posto Shell	Posto de gasolina	Serviço	espaço livre
59	Favellas	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
63	Catrin Gastropub	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
64	–	–	–	2 pavimentos
65	–	–	–	2 pavimentos
66	Teatro Odisséia	Bar	Comercial	2 pavimentos
67	–	–	–	2 pavimentos
69	Bar da Boa	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
70	Choperia Brazooka	Bar	Comercial	2 pavimentos
72	Edifício Residencial Saipan	Edifício Residencial	Habitacional	11 pavimentos
72A	Casa do Carro	Loja de acessórios	Comercial	12 pavimentos
72B	Arco Íris da Lapa	Bar/ Restaurante	Comercial	12 pavimentos
77	Boteco da Garrafa	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
77A	Carioca da Gema	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
79	Carioca da Gema	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
80	–	–	–	2 pavimentos
81	Sacrilégio	Cafeteria	Comercial	2 pavimentos
82	Belmonte/ La esquina	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
83	Hotel Novo Mundo	Hotel	Hotel	2 pavimentos
85	Hotel Novo Mundo	Hotel	Hotel	2 pavimentos
87	Hotel Novo Mundo	Hotel	Hotel	2 pavimentos
88	Antônio's bar	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
89	Bom Lukas	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
90	Bar Brasil	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
92	Barbieri	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
93	Edifício Santa Emilia	Edifício Residencial	Habitacional	12 pavimentos
93A	Acaso bar	Bar/ Restaurante	Comercial	
93B	Beer house	Bar/ Restaurante	Comercial	
94	Mofo	Bar	Comercial	2 pavimentos
95	Boteco do Juca	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
96	Nova capela	Bar/ Restaurante	Comercial	2 pavimentos
98	A capela	Restaurante	Comercial	3 pavimentos
100	–	–	–	2 pavimentos
102	Dgois	Serviços	Serviço	3 pavimentos
104	Paje 2005	Loja	Comercial	2 pavimentos

Rua Relação

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
1	–	–	–	2 pavimentos
3	Cordão do Bola Preta	Centro cultural	Lazer/ Cultural	2 pavimentos
14	Sociedade Brasileira de Belas Artes	Instituição	Institucional	2 pavimentos
16	Sociedade Brasileira de Belas Artes	Instituição	Institucional	2 pavimentos
18	Tv Brasil	Empresa	Corporativo	13 pavimentos
19	Central Park	Estacionamento	Estacionamento	espaço livre
20	Café Massapé	Restaurante	Comercial	3 pavimentos
22	Café Massapé	Restaurante	Comercial	3 pavimentos
23	–	–	–	térreo

Visconde de Rio Branco

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
3	Polícia Militar	Polícia	Institucional	3 pavimentos
5	Visconde do Rio Branco Sigo	Restaurante	Comercial	2 pavimentos
7	Casa Ribeiro de Souza	Vidraçaria	Comercial / Serviço	2 pavimentos
15	–	–	–	3 pavimentos
17	–	–	–	3 pavimentos
19	Ministério da Fazenda	Instituição	Institucional	2 pavimentos
21	–	–	–	2 pavimentos
23	Rio Paiva	Loja	Comercial	2 pavimentos
25	Rio Paiva	Loja	Comercial	2 pavimentos
27	Papelaria Mercantil	Loja	Comercial	2 pavimentos
29	–	–	–	3 pavimentos
31	–	–	–	3 pavimentos
33	Assistência Técnica	Loja		5 pavimentos
35	–	–	–	2 pavimentos
37	Farmácia Adripryce	Drogaria	Comercial	3 pavimentos

Praça João Pessoa

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
1	Rio Bahia	Hotel	Serviço	3 pavimentos
2	Boemia da Lapa	Bar	Comercial	3 pavimentos
	Ninho da Arte Luiz Mendonça	Instituição	Institucional	
3	Drogarias Max	Loja	Comercial	3 pavimentos
4	Acril do BR	Comércio	Comércio	5 pavimentos
	Edifício Residencial	Edifício Residencial	Habitacional	
6	–	–	–	3 pavimentos
8	Bar do Papai	Bar/ Restaurante	Comercial	Térreo

Av. República do Chile

Nº	NOME	FUNÇÃO	USO	GABARITO
245	Catedral Metropolitana	Igreja	Religioso	–
330	Ventura Corporate Towers	Edifício Empresarial	Corporativo	36 pavimentos
500	Rio Metropolitan	Edifício Empresarial	Corporativo	32 pavimentos

1.1. Matéria Jornal *O Globo* – 15/5/2012.

Os dois lados da rua que ajudou a revitalizar a Lapa

Imóvel em ruínas ocupado por 20 famílias é vizinho de bares da moda e antiquários na Lavradio



EDIFÍCIO INTERDITADO desde 2009 continua habitado

Isabela Bastos

Isabela Bastos
isabelab@oglobo.com.br

• Ícone do processo de revitalização da Lapa e endereço da tradicional feira do Rio Antigo, a Rua do Lavradio há tempos deixou de ser referência apenas por seus antiquários. Dez anos após o projeto Rio Cidade, que reurbanizou calçadas e serviu de ponto de partida para a chegada gradual de bares da moda, lojas de móveis de design e até mesmo da sede do Tribunal Regional do Trabalho (TRT), o casario renovado ainda divide a paisagem com prédios com longo histórico de abandono.

Um deles, conhecido como Vila 122, preocupa quem circula na área. Cercado de andaimes, foi interditado pela Defesa Civil municipal em 2009. Mas pelo menos 20 famílias continuam a morar no local, onde haveria ainda um ponto de venda de drogas. A poucos metros do TRT, a fachada está em estado deplorável.

— Alguns cômodos foram invadidos há um ano. Não há serviço de água, luz e esgoto. É tudo “gato”. O Ministério Público esteve no local porque há muitas crianças lá — contou uma comerciante sob a condição do anonimato.

De acordo com um empresário que também pediu para não ser identificado, o prédio vem servindo de ponto de venda de drogas.

— Vem gente da Lapa comprar crack ali. Já tivemos diversos casos de lojas invadidas.

Usam os andaimes para chegar aos telhados.

A prefeitura informou que desde a interdição já foram feitas ações de desocupação do casarão, mas a população de rua acaba por voltar ao local. A Secretaria municipal de Assistência Social enviará novamente uma equipe ao prédio. Já o MP informou que há um inquérito em andamento sobre o prédio.

A situação contrasta com muitos imóveis no entorno que, renovados, emprestam sua beleza para bares, como o Antonio’s e o Belmonte, e lojas modernas, como a Mobix.

— Investi na reforma do meu imóvel e não me arrependo. É um local muito interessante — diz o empresário Arthur Cavalieri que, no entanto, reclama da descaracterização do charme da rua. — Há prédios novos surgindo no entorno e a rua virou trajeto de linhas de ônibus, ficando engarrafada o dia todo.

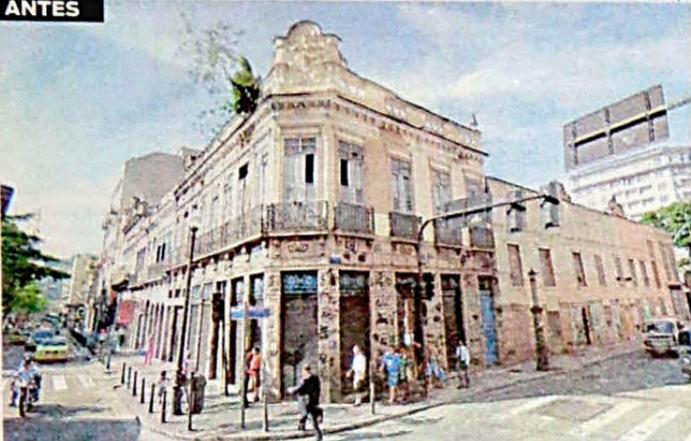
Aberta pelo marquês de Lavradio, vice-rei do Brasil entre 1769 e 1779, a Rua do Lavradio era originalmente uma trilha entre os Arcos da Lapa e o Campo de Santana. O casario que ornamenta a rua faz parte de uma segunda geração de construções. Segundo o historiador Nireu Cavalcanti, já no século 19, o alargamento da via por Pereira Passos obrigou a reconstrução de fachadas. Algumas joias, porém, permaneceram, como o prédio do antigo Tribunal da Relação, bem ao lado do sobrado que caiu parcialmente ontem.

1.2. Matéria Jornal *O Dia* - 16/5/2012.

4 QUARTA-FEIRA, 16-5-2012 | **ODIA**

rio de janeiro

ANTES



Fachada do sobrado antes do desabamento: queda de reboco e plantas no telhado indicam infiltração

Prédio cai e alerta para risco em mais imóveis tombados

Sobrado histórico que estava interditado desde março desaba sobre a calçada. Crea afirma que dezenas de outros podem ruir

DIOGO DIAS
diogo.dias@odiamet.com.br

UM acidente anunciado. Após duas vistorias, em março e abril, que apontaram risco iminente de desabamento, parte do imóvel que abriga o Centro Cultural Cordão da Bola Preta, no Centro, foi ao chão ontem de manhã. Duas pessoas que estavam na calçada perto do sobrado, que é tombado pelo município, sofreram escoriações leves. O Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Rio (Crea-RJ) alerta: dezenas de construções históricas da região estão a ponto de desabar.

"Estava em frente ao prédio e resolvi atravessar a rua. Dei dois passos e tudo caiu. Um milagre me salvou", conta Ana Lúcia Andrade, 55 anos, que ficou em choque e precisou de atendimento médico. Funcionária da Petrobras, ela ligou para a prefeitura há alguns meses para pedir vistoria no imóvel, na esquina das ruas da Relação e do Lavradio.

NÚMEROS

2,8 MILHÕES
Valor, em reais, que a prefeitura estima gastar com as obras de restauração do prédio histórico

12 HORAS
Tempo de interdição da Rua do Lavradio, ontem: das 8h às 20h. Foram retiradas cerca de 70 toneladas de entulho

Segundo o presidente do Bola Preta, Pedro Ernesto Marinho, a parte que desabou, o segundo andar do imóvel, não era usada há oito meses após surgirem rachaduras. Interditado desde 3 de março pela Defesa Civil Municipal, o local receberia obras de revitalização em licitação pela prefeitura, que bancaria a reforma. Após queda de reboco da fachada, a Defesa Civil constatou o risco de desabamento. Em 11 de abril, após de denúncias de moradores da região, o Crea voltou ao sobrado e observou problemas estruturais, telhado podre, necessidade de escora e perigo de ruir.

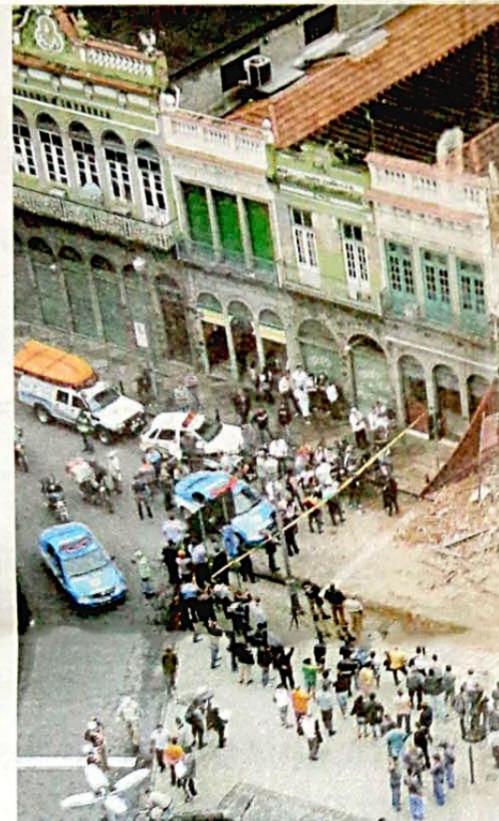
"A gente não poderia precisar se o imóvel cairia hoje ou amanhã, mas estava evidente que aconteceria", afirmou o conselheiro do Crea Antônio Eulálio. Segundo ele, a chuva de segunda-feira provocou o sobrepeso do telhado, que desabou empurrando a parede por sobre a calçada.

Não era preciso ser especialista para perceber o perigo. Dona de restaurante vizinho ao sobrado, Marizé Jordan conta que empresas da região aconselhavam seus funcionários a não frequentar estabelecimentos próximos ao imóvel que desabou: "Eu estava perdendo vários clientes. Muitos preferiam não arriscar. Meu estabelecimento não sofreu dano, mas vai ficar fechado por tempo indeterminado". Após o incidente, três imóveis vizinhos foram interditados.

moradores da região, o Crea voltou ao sobrado e observou problemas estruturais, telhado podre, necessidade de escora e perigo de ruir.

"A gente não poderia precisar se o imóvel cairia hoje ou amanhã, mas estava evidente que aconteceria", afirmou o conselheiro do Crea Antônio Eulálio. Segundo ele, a chuva de segunda-feira provocou o sobrepeso do telhado, que desabou empurrando a parede por sobre a calçada.

Não era preciso ser especialista para perceber o perigo. Dona de restaurante vizinho ao sobrado, Marizé Jordan conta que empresas da região aconselhavam seus funcionários a não frequentar estabelecimentos próximos ao imóvel que desabou: "Eu estava perdendo vários clientes. Muitos preferiam não arriscar. Meu estabelecimento não sofreu dano, mas vai ficar fechado por tempo indeterminado". Após o incidente, três imóveis vizinhos foram interditados.



PUNICÃO DIFÍCIL

Vitorias são insuficientes, diz Crea

■ O conselheiro do Crea Antônio Eulálio alerta para a necessidade de vistoria rotineira por órgãos públicos. Ele cita a Rua Salvador de Sá, no Centro, como um dos focos do problema: "Há oito anos fizemos amostragem de prédios em situação de risco. Eram centenas, e alguns deles caíram. Não há política pública de valorização de prédios históricos". Secretário municipal de Conservação, Carlos Osório disse que a prefeitura enviará à Câmara Municipal projeto de lei que permita punir donos de imóveis malconservados.

ODIA | QUARTA-FEIRA, 16-5-2012

RIO DE JANEIRO > 5

ÚLTIMAS NOTÍCIAS EM:
www.odia.com.br/rio

>> Fotogaleria com cenas do desabamento no DIA Online



>> Receba as últimas notícias do DIA no seu celular

Saiba as últimas notícias direto do plantão da redação. Envie um texto sms com a palavra PLA para o número 50000. R\$ 0,10 por mensagem.



NA JUSTIÇA

Entraves para revitalização

■ O presidente do Cordão da Bola Preta, Pedro Ernesto Marinho, afirma que esperava decisão judicial para iniciar reforma no prédio. O Bola Preta receberia R\$ 2,8 milhões da prefeitura para restaurá-lo, mas liminar obtida em setembro impediu as obras. A decisão foi revogada em 16 de abril. Cabe recurso.

O sobrado pertence à Rio Trilhos, do governo estadual, que cedeu o imóvel ao Bola Preta em 2009. Mas o Sindicato dos Policiais Cíveis (Sinpol) reivindica na ação judicial a cessão do espaço. Segundo Fernando Bandeira, presidente do Sinpol, a Rio Trilhos cedeu o imóvel para o sindicato em 2003. Uma reforma de R\$ 600 milhões seria feita. Mas o grupo foi despejado em 2008.

Em nota, a RioUrbe reafirmou compromisso de recuperar a sede do Bola Preta assim que a ação judicial for resolvida.



Há 4 meses, tragédia na Cinelândia

► O desabamento de mais um prédio no Centro do Rio levou pânico à população que estava perto do local e fez o carioca lembrar a tragédia ocorrida há quatro meses. Na noite de 25 de janeiro, três prédios desmoronaram na Avenida Treze de Maio, na Cinelândia, matando 22 pessoas. Até hoje, famílias aguardam notícias de cinco vítimas desaparecidas.

O inquérito policial que apura as causas do desabamento foi transferido da Polícia Civil para a Polícia Federal e ainda não foi concluído. A provável causa apontada nas investigações seriam obras estruturais que estavam sendo feitas no 3º e no 9º andares do Edifício Liberdade pela empresa Tecnologia Organizacional (TO). Funcioná-



rios admitiram terem retirados paredes estruturais do prédio de 18 andares, para ampliar a área interna. A planta original do prédio feita em 1938 previa 15 andares, com recuo. Mas os construtores acrescentaram mais três pavimentos e subso-

lo. Dez anos depois, os donos do imóvel receberam autorização para fazer outra obra de extensão nos três últimos andares. Segundo especialistas, as intervenções podem ter sobrecarregado a estrutura do prédio.

1.3. Matéria *O Globo.com* – 18/5/2012.

RIO

07:33 DOMINGO 02.09.2012

Publicados dois decretos para combater abandono de imóveis

Novas normas incluem cessão de uso de prédios públicos à iniciativa privada; prefeitura já tem lista de 39 construções



Publicados dois decretos para combater abandono de imóveis
(PAULO NICOLELLA / O GLOBO)

RIO - Após a queda de um sobrado terça-feira na Rua do Lavradio, no Centro, a prefeitura deu nesta quinta-feira o pontapé inicial para combater a falta de conservação de imóveis na cidade. O prefeito Eduardo Paes publicou dois decretos no Diário Oficial com regras para conceder o direito de uso, pela iniciativa privada, de propriedades do município abandonadas ou em péssimo estado de conservação. A prefeitura, dona de cerca de 15 mil imóveis, já conta com uma lista de 39 edificações suas em estado precário, no Centro e na Zona Sul, que deverão ser oferecidas em licitação em 45 dias.

O primeiro decreto diz que os imóveis municipais sem destinação pública específica, em mau estado de conservação e sem previsão de recursos para sua recuperação devem ser entregues a terceiros, por até 50 anos. Como contrapartida, o novo dono deverá fazer as reformas necessárias. O segundo decreto trata dos procedimentos pelos quais a prefeitura poderá se apropriar de imóveis urbanos

abandonados que ofereçam riscos para a população. Após o dono ser notificado e não dar resposta, será levantado se há dívidas de IPTU e, dependendo do tempo em que o débito estiver em aberto, a Procuradoria Geral do Município poderá entrar na Justiça com uma ação para se apropriar da construção — que também seria concedida a terceiros.

Os dois decretos fazem parte de um conjunto de medidas maior. Segundo o secretário-chefe do gabinete do prefeito, Gustavo Schmidt, cinco projetos de lei estão em fase de finalização e devem ser enviados para a Câmara nas próximas semanas. A intenção da prefeitura é gerar interesse econômico sobre os imóveis abandonados e estabelecer instrumentos para garantir sua conservação.

— Estamos criando uma série de benefícios para atrair a iniciativa privada — detalha Schmidt.

Entre os projetos, dois preveem benefícios ao comprador e três estabelecem mecanismos para garantir a recuperação dos imóveis. As novidades incluem isenção de IPTU por cinco anos, possibilidade de transformação de imóveis tombados em estabelecimentos com função diferente da original, aumento progressivo de IPTU para proprietários que não executarem as obras necessárias de recuperação, autovistoria obrigatória a cada cinco anos e estabelecimento de multas altas para quem não cumprir os acordos.

Mas, se por um lado a prefeitura busca soluções para conservar os imóveis, por outro ela é ré em 17 processos movidos pelo Ministério Público sobre a mesma questão. Ajuizadas entre 2007 e 2011 na 2ª Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva de Defesa do Meio Ambiente e do Patrimônio Cultural da Capital, as ações cobram do município medidas para reformar e preservar 17 construções tombadas que estão em estado precário. A promotoria tem outros sete inquéritos em andamento.

Apontado pelo historiador Milton Teixeira como um caso grave de má conservação, o palacete do Visconde do Rio Seco, na Praça Tiradentes, não corre risco de desabamento, segundo o Sebrae, atual dono do imóvel. Representantes da instituição afirmam que a estrutura interna e o telhado foram restaurados há poucos anos e apenas a fachada ficou por fazer. O Iphan confirma a informação e acrescenta que o prédio número 22 na Praça da República também não corre risco de desabamento, pois passou por reformas recentes.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/publicados-dois-decretos-para-combater-abandono-de-imoveis-4930982>

Acesso em: 2/9/2012.

1.4. Matéria Jornal *O Globo* - 20/6/2012.

Salvem a Lavradio

- A descaracterização da Rua do Lavradio, que colocou à venda mais um de seus antiquários, e está sendo tomada por restaurantes a quilo para atender o prédio do TRT que instalaram na área, pode ter salvação nos próximos dias com um plano de preservação. Seria como o que agora só autoriza novos pontos comerciais, em Ipanema e Leblon, com o aval do Patrimônio municipal.

1.5. Matéria Jornal *O Globo* - 20/8/2012.

Segunda-feira 20.8.2012

Segundo Caderno

O GLOBO | 5

Gente Boa

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

genteboa@globonews.com.br

COM CLEO GUIMARÃES, MARIA FORTUNA, FERNANDA FONTES E MARCELLA SOBRAL

Gentil Carioca

A secretaria de Patrimônio concluiu até novembro a restauração de um dos imóveis mais antigos da Tiradentes, o casarão da Leda Gonçalves, 11, onde funcionou uma antiga hospedaria. Agora será ocupado pela A Gentil Carioca, galeria de Ernesto Neto.

Campo de Ciganos

A Rua da Constituição, na Praça Tiradentes, vai ganhar no próximo mês uma placa com a inscrição "Antiga rua dos ciganos". É que a região onde ficava a periferia da cidade foi ocupada por ciganos, no século 18, quando os terrenos ainda eram formados por brejos. MIO VACITE, presidente da União Cigana do Brasil, quer que a placa relembrasse a luta e a ocupação de seu povo.

Leitura moderna



O Real Gabinete Português de Leitura (foto acima) vai instalar um anexo no número 24 da Rua Luis de Camões. Quer inaugurar ali uma biblioteca mais moderna e de fácil acesso ao público. É um prédio eclético onde funcionava a antiga Casa Camelo, de venda de tecidos. O processo está em análise pelo corredor cultural.

Cabaré da Praça

Plínio Fróes, do Rio Scenarium, está fazendo o levantamento histórico dos seus três imóveis da Praça Tiradentes. Num deles encontrou uma pintura de "Leda e o cisne" na parede. "Ali só podia ser mesmo um cabaré", acredita. "O outro, que dá fundos para o Helio Oiticica, certamente era de uma família de nobres. O acabamento do prédio é feito em azulejaria, e madeira de boa qualidade", conta.

'Lapanificação' não

O secretário de Patrimônio Washington Fajardo, um dos responsáveis pela retirada das grades da praça, explica que a prefeitura quer incentivar principalmente a ocupação daquela região durante o dia. "Não queremos a lapanificação da Tiradentes", diz.

Novo hotel

O imóvel em estilo art déco da Avenida Passos 3.133 foi comprado por um grupo de empresários estrangeiros interessados em instalar ali um hotel. O projeto está em análise. E o Hotel Rio's, na Rua Pedro I, será retrofitado. De olho no crescimento da região, os proprietários vão construir mais um andar e uma piscina na cobertura.

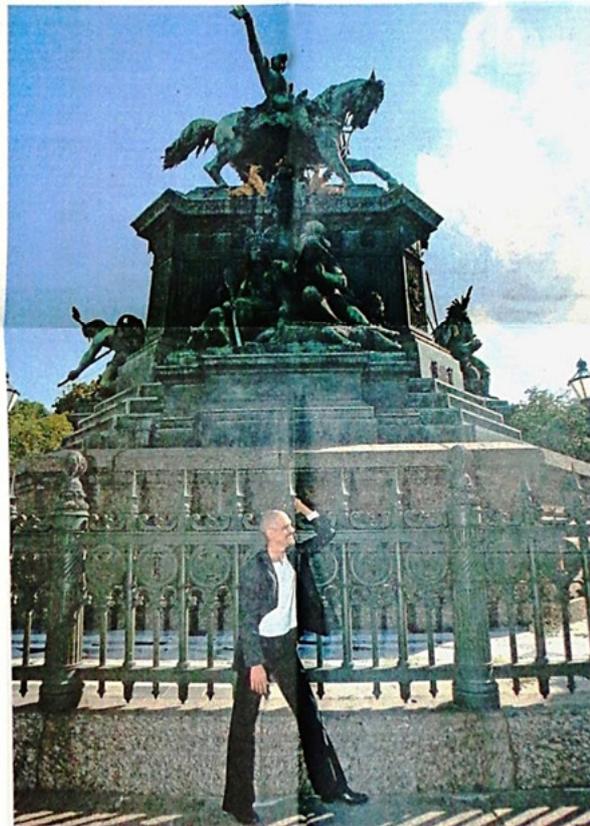
Museu do Artesanato

O Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, do Sebrae, que hoje ocupa um prédio na Tiradentes, vai ocupar também o casarão do Visconde do Rio Seco, do século 19. Ele está fechado há dez anos.

O CABARÉ ESTÁ DE VOLTA À PRAÇA

Isnard Manso mostra o seu cantinho preferido do Rio, a Tiradentes, que se prepara para reviver o teatro de revista

MARCOS RAMOS



Monumento, Isnard Manso, com a estátua de Dom Pedro I ao fundo, vai montar espetáculo sobre a Praça Tiradentes

Live das grades há exatamente um ano, a Praça Tiradentes passa por transformações, mas sem deixar de lado sua histórica vocação cultural. O belíssimo prédio do Real Gabinete Português, em estilo neomanuelino, vai ganhar um anexo na Luis de Camões, e o empresário Plínio Fróes abrirá um cabaré nos moldes do teatro de revista em dois casarões interligados. "É a cara da praça, um lugar que sempre misturou história e diversão", diz Plínio.

“Na Tiradentes encontramos todos os tipos geográficos do Rio”

Isnard Manso

Assumo é o que não falta e os 400 anos da Tiradentes vão ser contados num espetáculo de dança baseado numa crônica de Clarice Lispector sobre a praça. Onde vai ser encenado? "Espero que num dos teatros da região", diz Isnard, referindo-se ao João Caetano e ao Carlos Gomes. A peça contará como foi a ocupação da área, que começou com os ciganos no século 18. Eles, os ciganos, também serão homenageados com uma placa. A Tiradentes não esquece de ninguém.

Dez dicas da Praça Tiradentes



Teatro, Plínio e Thiago, do Carioca da Gema

Adega do Pimenta

Construído num casarão histórico tombado pelo Iphan, o restaurante de comida alemã tem um joelho de porco apreciado. "Vi o casarão num quadro de Debret", conta o sócio Gustavo Santiago.

Teatro João Caetano

Sala de espetáculos mais antiga do Rio, foi inaugurada por Dom João VI em 1813, com o nome de Real Theatro de São João. Resistiu a três incêndios e segue firme e forte como um dos mais importantes palcos do país.

Gaspar, o restaurante

Especializado em comida brasileira, serve galeto, costelinha e um bacalhau na brasa que impõe respeito. O pudim de leite com cachaça faz o maior sucesso.

O Centro Cultural Carioca

Mais conhecido como CCC, fica num sobrado com vista para o Real Gabinete Português de Leitura. Entre as décadas de 30 e 60, na casa funcionava o Dancing Eldorado, frequentado por Mario Lago e Elizeth Cardoso. Foi no salão do Eldorado que Orlando Silva, então no auge de sua carreira, ouviu "Carinhoso" pela primeira vez, interpretada pelo próprio autor, Pixinguinha.

Centro Carioca de Design

Bidu Sayão morava neste prédio, na Praça Tiradentes, 48. Passou por reformas e costuma sediar alguns dos grandes eventos de design da cidade.

A Igreja da Lampadosa

Foi na porta deste igreja, na Avenida Passos, que Tiradentes passou alguns dos últimos momentos de sua vida, quando estava a caminho da forca. Ela ficava na esquina da Avenida Passos com Senhor dos Passos.

A Gafieira Estudantina

Tem uma agenda de evento das mais variadas, que vai de rodas de samba a baile com músicas dos anos 60. Glória Perez e habitué e já gravou ali várias cenas de sua próxima novela, "Salve, Jorge".



A Igreja Presbiteriana

Único prédio em estilo gótico no Centro do Rio (foto acima). Uma beleza que resistiu a muitas reformas ao longo do século 20.

A Gentil Carioca

Galeria de arte contemporânea que dá um clima de Soho novaioquina àquela área. Os vernissages costumam ser um programa.

Café Ole

Um misto de sebo e bistrô, na Luis de Camões, 2. "O lugar é um charme", diz Maria Helena Maclaren, do corredor cultural, que costuma lançar por ali folheando alguns dos livros à venda.

1.6. Discurso Isnard Manso – 28/8/2012.

Bom dia a todos. Este encontro com nosso Prefeito foi organizado pela associação Polo Cultural, Histórico e Gastronômico Novo Rio Antigo. Associação esta que congrega empresários da Lapa, Lavradio, Cinelândia, Praça Tiradentes e arredores.

Estamos recebendo hoje o Prefeito e candidato à reeleição Eduardo Paes. Ele tem o melhor e um dos mais desafiadores trabalhos do mundo: administrar a 2ª maior cidade brasileira, a 3ª maior da América do Sul e a primeira cidade do mundo a receber o título Patrimônio Mundial da Humanidade na categoria Paisagem Cultural Urbana dado pela Unesco

São seis milhões de habitantes em sua área urbana. A capital do turismo no Brasil. O Rio possui um dos mais movimentados portos da América Latina. É o cartão postal do país, lembrado pelo Pão de Açúcar, Corcovado, Arcos da Lapa, pelo melhor carnaval do mundo e cada vez mais pelas belezas do seu Centro Histórico. Esta cidade é também um grande centro cultural, artístico e industrial do país. Mas, o mais novo Patrimônio Cultural da Humanidade, apresenta também grandes problemas e desafios como toda grande metrópole continental.

Nosso prefeito é conhecido por ser totalmente dedicado ao seu trabalho, por gostar de uma cervejinha bem gelada e, assim como todo ser humano, de ser reconhecido. E vamos combinar: ele merece.

De 2009 pra cá o Rio deu um salto qualitativo. Dentre as várias realizações de sua gestão vou citar apenas algumas; recapeamento de mais de 700 km de vias que estavam em péssimo estado. Obras como a TransOeste, TransCarioca e TransOlimpica vem saindo do papel. Além disso, Paes, em parceria com Sergio Cabral, deu início, em 2010, a uma série de obras de revitalização que vão preparar a cidade para a Copa de 2014 e para os Jogos Olímpicos em 2016. Lucinha Araújo, exalta a criação das Clínicas da Família, que aumentaram a cobertura da saúde básica na cidade de 3,5% no início de 2009 para 37% atualmente.

Um estudo divulgado em fevereiro deste ano, pelo jornal O Globo, mostrou que a Prefeitura do Rio passou a União, os principais estados e as maiores capitais do país no ranking da taxa de investimentos.

Na nossa região, o projeto Lapa Legal, com as obras na Mem de Sá, no Largo da Lapa, a nova iluminação da Rua do Lavradio e a tão esperada reforma da Pç Tiradentes, para citar apenas algumas, já mostram que o Prefeito está ligado na nossa área.

Jandira Feghali reconhece em nosso Prefeito uma característica importante que é: agregar. Segundo Jandira, em três anos e meio de mandato, o Rio deixou de ser uma cidade isolada, que não conversava com ninguém, e passou a ser uma cidade que conversa com todo o mundo.

Ouço muitas pessoas dizerem: ah, se eu estivesse no lugar dele, faria muito melhor. O fato é que não estão. Se ele está lá é porque ele é reconhecidamente um líder eleito pela maioria para representá-la. Ele tem méritos – e grandes, para estar onde está. E isto é tão verdadeiro que se as eleições fossem hoje, Paes estaria reeleito no primeiro turno, com mais de 50% das intenções de voto.

Prefeito Eduardo Paes, meus Parabéns! Nossos Parabéns!

Mas as críticas também fazem parte das nossas vidas. E devem receber uma atenção especial, para serem “disparadas” com serenidade e utilizadas sempre de maneira construtiva. Por isso trago comigo sempre um pote de mel para molhar a ponta da flecha antes de atirá-la.

Em nome de todos aqui presentes, das lideranças, empresários, comerciantes e residentes, peço que dê atenção ainda mais especial ao Centro Histórico, a região da Lapa, Cinelândia, Lavradio, Pç Tiradentes e arredores, onde nossa cidade nasceu.

Esta região que há alguns anos atrás era decadente, vem vivendo o maior fenômeno de renovação urbana espontânea do Rio. Nós, empresários da área de cultura e gastronomia, recuperamos, restauramos e demos novos usos aos imóveis lançando um novo olhar sobre esta área. Com música, arte e *dança* por todos os lados o Centro Histórico do Rio atrai residentes e turistas nacionais e estrangeiros gerando milhares de empregos, renda e arrecadação para os cofres públicos.

Considerando a contribuição que esta região proporciona para a cidade, e sabedores da sua preocupação em recuperar o nosso Centro Histórico, solicitamos sua atenção e um cuidado especial em relação aos seguintes assuntos de grande relevância para o nosso polo:

- LEGALIZAÇÃO DA FEIRA RIO ANTIGO

A Feira Rio Antigo de antiguidades, arte e artesanato, há 16 anos acontece todo primeiro sábado do mês na Rua do Lavradio, contribuindo para a valorizar ainda mais o nosso Corredor Cultural. É organizada pela Associação Polo Novo Rio Antigo e recebe cerca de 20.000 visitantes nacionais e estrangeiros, em cada edição. Ela já faz parte do nosso calendário turístico, mas ainda é uma feira NÃO OFICIAL, onde todo mês temos que tirar os “nada opor” em todos os órgãos competentes.

- BENEFÍCIOS FISCAIS –

Em 16 de dezembro de 2009 o senhor sancionou a lei 5.128 que concede benefícios fiscais (ISS e IPTU) na região do Porto do Rio. Com esta lei o senhor estimula a revitalização desta região tão importante para nossa cidade. Não se esqueça de conceder estes mesmos incentivos para todo o nosso centro histórico. Queremos a isonomia com o Porto.

- CRIAÇÃO DE UMA UNIDADE DA ORDEM PÚBLICA – UOP

É urgente a criação desta UOP para atender a região da Lapa, Lavradio, Gomes Freire, Largo Albino Pinheiro, Rua da Carioca, Praça Tiradentes, Cinelândia e arredores com a participação conjunta da Associação Polo Novo Rio Antigo.

- FECHAMENTO DA LAPA E RUA ÁLVARO ALVIM

Recebemos o fechamento da Lapa nas noites de sexta e sábado, com muito entusiasmo. Entretanto os serviços de limpeza, segurança e ordenamento urbano podem e precisam ser melhorados. A Rua Álvaro Alvim, na Cinelândia onde funciona o glorioso Teatro Rival, bares e restaurantes, merece ser fechada exclusivamente para os pedestres.

Prezado Prefeito, para encerrar esperamos que neste segundo mandato nossa prefeitura dinamize e dê sustentação a este movimento que surgiu espontaneamente na sociedade a partir da visão e da coragem de alguns poucos empreendedores, artistas e comerciantes.

Na certeza de que o veremos na tribuna do Maracá erguendo junto com a nossa seleção brasileira de futebol o caneco do Hexa em 2014, deixo o agradecimento de nossa Associação Polo Novo Rio Antigo e dos amigos e parceiros aqui presentes. Sucesso, sucesso sempre!

Isnard Manso

Presidente do Polo Cultural, Histórico e Gastronômico Novo Rio Antigo

1.7. Matéria Jornal *O Globo* – 28/8/2012.**Lapa: venda e consumo de drogas sem repressão****Reportagem flagra usuários e traficantes agindo livremente**

Uma das áreas de diversão noturna mais procuradas atualmente por turistas e pelos próprios cariocas, a Lapa mostra um lado assustador, como revelou reportagem exibida ontem no "Jornal Nacional" da TV Globo. Na tradicional região da boemia, a venda e o consumo de drogas acontecem sem repressão, apesar da presença de guardas municipais e PMs. A boca de fumo a céu aberto funciona perto de bares e restaurantes, a 350 metros da sede da Polícia Civil.

A reportagem flagrou traficantes oferecendo cocaína e usuários consumindo a droga na rua. Uma produtora da TV Globo abordou um PM e um guarda municipal, denunciando o comércio da droga, sem sucesso: "Não vou ficar passando maquiagem numa coisa que tu tá vendo. A gente trabalha assim: pra dar uma sensação de segurança", justificou um guarda. Já um policial militar disse à produtora: "aqui é um antro da perdição. Eles usam mesmo, mas tem que usar mais escondido, né? Mas que eles usam, eles usam". A equipe da Globo constatou que os traficantes se reúnem junto ao Tribunal Regional do Trabalho.

Sobre a denúncia, a GM informou "não ter a atribuição constitucional para atuar no combate direto ao crime e que nesses casos o guarda deve pedir apoio dos órgão de segurança pública." A Polícia Civil disse fazer operações seguidas na Lapa. E o comando do batalhão da área alegou ser difícil fazer a repressão num local que reúne uma multidão.

Em 4 de julho, o GLOBO publicou reportagem sobre a facilidade com que drogas eram oferecidas aos frequentadores da Lapa. "Vai pó, vai maconha?", perguntou um menor ao repórter na Rua Joaquim Silva, próximo de PMs e guardas. Segundo frequentadores, algo corriqueiro. ●

1.8. Matéria Jornal *O Globo* - 4/9/2012.

Terça-feira 4/9/2012

O GLOBO | 11



REVITALIZAÇÃO DO CENTRO

De dia, escritório; à noite, cabaré

Recuperação da Praça Tiradentes traz à tona discussão sobre mudança de perfil da área

LUDMILLA DE LIMA
ludmilla.lima@oglobo.com.br

Do alto do seu cavalo de bronze, Dom Pedro I já viu acontecer de tudo um pouco na Praça Tiradentes. Em 150 anos, passaram, diante da estátua, Bidu Sayão criança; o maestro Carlos Gomes; os espetáculos do Teatro de Revista; os encontros na tipografia de Paula de Brito, que reunia grandes nomes da literatura brasileira, a começar por Machado de Assis; os últimos momentos de Chiquinha Gonzaga e as filas para entrar na Estudantina nos anos 1980. O monumento também testemunhou a praça mergulhar em decadência nas últimas décadas. E o que será que os olhos do imperador verão nos próximos anos? Recentemente revitalizada e sem os gradis que a separavam do povo, a Tiradentes agora busca nova vocação, que também pode representar um retorno ao passado glorioso. O empresário Armando José da Costa Dias, de 48 anos, diz que o comércio está meio perdido, e a praça sem um perfil definido. Ele representa nada menos que a terceira geração da família que comanda a sapataria Tic Tac, na Tiradentes desde 1919.

— Estamos num período de transição — explica Armando diante da promessa de novos investimentos para a praça, que incluem um cabaré voltado para o Teatro de Revista e até um hotel cinco estrelas (o primeiro do Centro do Rio). — É preciso que a circulação volte à praça. Perdemos gente com a retirada dos pontos de ônibus. Mas isso pode ser compensado com a vinda de novos empresários.

O anúncio da ocupação de alguns edifícios históricos, hoje malconservados, parece trazer ânimo para quem já aposta na praça há tempos. Isnard Manso, presidente da associação Polo Novo Rio Antigo e fundador do Centro Cultural Carioca, continua acreditando na área: há um ano, ele abriu o Gaspar, bar e braseiro que hoje ajuda a movimentar a região também à noite. O negócio funciona próximo ao Teatro João Caetano, num casarão de três andares que também abriga a companhia de dança de Isnard.

— A praça está à espera de empresários mais audaciosos, que ajudem a mudar a ocupação do local — afirma Isnard, que defende incentivos fiscais para atrair novos empreendimentos.

CABARÉ DE R\$ 1 MILHÃO

Ele é do time que acredita na velha praça — a dos teatros, cafés e restaurantes, movimento que teve seu apogeu no século XIX. O empresário Plínio Fróes, do Rio Scenarium, abrirá, no fim do ano que vem, um cabaré na Tiradentes, voltado para o Teatro de Revista e com papel também de casa noturna. O negócio abrangerá dois casarões interligados, que já tiveram suas fachadas recuperadas. As obras, que incluem refazer toda a parte interna, praticamente em ruínas, custarão R\$ 1 milhão.

— Não vamos repetir nenhuma receita do que fizemos até hoje e vamos evocar o passado da Praça Tiradentes. Para isso, nada melhor do que desenvolver a vocação da praça no passado, que era dos cabarés e do Teatro de Revista.

O empresário ainda adquiriu um terceiro imóvel, que ele pretende usar para eventos fechados. Mas o mais novo investimento anunciado é o da transformação do Hotel Paris num cinco estrelas. Para repaginar o antigo ponto de prostituição, os irmãos François Xavier e Jacques Dusseil gastarão R\$ 10 milhões. Perto dali, o Centro de Referência do Artesanato, do Sebrae, prepara-se para expandir sua área para o Solar do Visconde do Rio Seco, a mais antiga construção da praça (do final do século XVIII), tombada pelo Iphan, e há anos desocupada pelo estado. Numa estimativa do Sebrae, que tem agora a concessão do endereço, serão gastos R\$ 50 milhões nas obras de recuperação, que começam no ano que vem e ficam prontas para a Copa de 2014.

A vida noturna na Praça Tiradentes tende a ganhar novas opções e público, mas a vontade



Patrimônio. O casarão da Praça Tiradentes: região do Centro está recebendo novos investimentos, como hotéis, restaurantes, escritórios de advocacia e casas noturnas



O futuro em jogo. Uma das tradições do lugar, o Bilhares Guanabara resiste às mudanças na Praça Tiradentes

da prefeitura é que a característica da área seja a mais diversa possível. Animado com o projeto do Sebrae, o arquiteto Washington Fajardo, presidente do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, diz que o município trabalha para que a noite não seja o principal atrativo. Para ele, a recente instalação de dois escritórios de design e um de advocacia contribuíram para essa linha.

— A gente não pode deixar que a Praça Tiradentes reproduza o modelo da Lapa, onde a setorização noturna traz muitos problemas de gestão urbana e afasta a população fixa. A praça tem potencial de manter a diversidade de usos, de atrair mais gente para morar, além de empresas e comércios — diz Fajardo.

Marcos Corrêa, diretor do Espaço Acústica — endereço que promove festas há dois anos e que hoje realiza um debate, às 18h, sobre o futuro da Tiradentes e da Lapa —, afirma que a área tem

potencial para se unir à Rua do Lavradio e atrair negócios no campo da cultura. Para ele, é preciso que a Tiradentes seja ocupada, especialmente à noite:

— Hoje é impossível fazer qualquer coisa na Praça Tiradentes numa quarta — diz Corrêa, que, aos poucos, vê os ambulantes invadirem a praça nas noites de festa, na falta de estabelecimentos noturnos.

Uma coisa é certa: independentemente de quem chegue, o novo e o antigo serão vizinhos. A começar pela Estudantina, cujo fantasma do despejo foi afastado com o tombamento. A casa continuará mantendo a tradição das gafeiras na praça, enquanto o João Caetano e o Carlos Gomes preservarão a dos teatros. Este último passa por uma restauração, que custará R\$1,7 milhão ao município. Segundo o secretário municipal de Cultura, Emílio Kalil, o público ganhará a fachada de volta, hoje ocupada pelos banners dos espetáculos.

— A fachada é totalmente descaracterizada a cada espetáculo. Isso não vai ser mais possível. Vamos instalar um grande painel de LED, mais fino e adequado, que possibilitará a leitura dos espetáculos.

Na última sexta, a Orquestra Tabajara se apresentou na praça. Na próxima, haverá um baile com o Cordão da Bola Preta. Kalil conta que a mudança de dia foi estratégica:

— No domingo, se faz sol, as pessoas não vão até o Centro. Sábado é mais de programas em bares e restaurantes. Fazer o projeto no início da noite de sexta cria uma agitação, um grande happy hour.

Assim como os espectadores dos teatros e os amantes da música, os jogadores de sinuca ainda têm seu espaço na praça. O Bilhares Guanabara, por onde circularam grandes jogadores, mantém sua tradição, só com um detalhe novo: o almoço a quilo durante a semana, e a feijoada aos sábados. O aposentado Afonso Thiago, de 74 anos, bate ponto no bilhar nas tardes de quinta, quando revê os amigos.

— A praça não mudou nada, só tiraram as grades — comenta.

“

A gente não pode deixar que a Praça Tiradentes reproduza o modelo da Lapa, onde a setorização noturna traz problemas de gestão urbana”

Washington Fajardo
Presidente do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade

1.9. Revista *O Globo* – 14/10/2012.REVISTA O GLOBO 14 DE OUTUBRO DE 2012
CIDADE

O epílogo

OS ÚLTIMOS DIAS DO CENTENÁRIO ANTIQUÁRIO AO FAZ TUDO, SÍMBOLO DE UM RIO QUE PASSOU

POR MAIÁ MENEZES
maia.menezes@oglobo.com.br
FOTOS CAMILLA MAIA

O salão ainda guardava sinais, já empoeirados, da nobreza de outros tempos. Peças embaladas e encaixotadas, em fila, esperavam para seguir rumo a um cubículo de 50 metros quadrados em Ramos, Zona Norte do Rio. O centenário armário de peroba rosa foi desmontado, para caber em caixas. Por trás da porta de aço, quase fechada, 12 funcionários insones se revezavam numa corrida contra o tempo para embrulhar tudo, a dez dias da data-limite estipulada pela Justiça para o despejo. Eram os últimos momentos de funcionamento do centenário Ao Faz Tudo, antiquário incrustado na

Avenida Visconde do Rio Branco, quase esquina com a Rua do Lavradio, no Centro.

O glamour do passado só se descobre escarafunchando documentos e ouvindo histórias. Fundador do antiquário, José Ramos frequentava a sociedade carioca, lá pelo começo do século passado, e suas boas relações resultaram em clientes emblemáticos — e fiéis. Santos Dumont foi um deles. Álvaro Ericelira Costa Junior, um dos quatro sócios da loja, conta que uma peça do 14 Bis que empenou chegou a ser restaurada no antiquário. Com Getúlio Vargas, um outro freguês, os encontros eram no Jockey Club, numa capital da República borbulhante. Eram tempos em que

José Ramos fulgurava como ilustre benfeitor, a ponto de financiar duas ambulâncias para a campanha da Força Expedicionária Brasileira, na Primeira Guerra. Alçado ao título de comendador, ele recebeu a Ordem do Cruzeiro do Sul, por causa da boa ação. Em 1918, o antiquário viveu o apogeu: restaurou consoles do período de Luiz XV e porcelanas do Museu do Louvre, enviadas pelo Ministério do Exterior da França.

Português de Marinha Grande, José Ramos era especialista em cristais, arte que aprendeu com a família. Obras suas enfeitam o Palácio Laranjeiras e o salão azul da Academia Brasileira de Letras (ABL).



VESTÍGIOS DO PASSADO. Pelas paredes, detalhes da história da loja, uma referência no começo do século

O Ao Faz Tudo se notabilizou por consertar com precisão peças de porcelana, de opalina, de cristal, além de santos de gesso e de telas. Na inauguração, em 1910, atraía clientela mais jovem: crianças em busca de conserto para bonecas francesas e alemãs de porcelana, com rosto de biscuit. A crônica da época tratava o restaurador José Ramos como "mago Merlin". Ainda jaz numa gaveta emperrada uma foto da atriz Dulcina de Moraes, com uma dedicatória: "Ao Faz Tudo, brilhante colaborador de nossas montagens." O espírito se preservou até a semana passada:

— Eu estava pronto para jogar fora várias peças que se quebraram na minha mudança

de Paris para o Rio. Estava triste, tinham muito valor histórico. Um amigo me indicou a loja, e tudo foi recuperado. Não há traço de que se quebraram — diz o francês Philippe Gaillard, editor de música e cliente há sete anos.

Pelos 650 metros quadrados de sua casa do século XVIII, na Glória, há muitas lembranças da atuação do Ao Faz Tudo. As que mais emocionam Philippe são os dois lustres de ferro e cobre, feitos por restauradores da loja, por encomenda, com base numa foto das peças originais, que ficam no Palácio de Versailles, em Paris. Há também vitrais e pratos de porcelana restaurados pela casa.

— Essa loja tem uma poesia, uma alma.

Eles dão vida nova a objetos estragados. É um segundo nascimento do objeto. Nunca conheci um lugar assim — derrama-se Philippe.

Apenas 1/6 da área do imóvel, de pé-direito gigantesco, era ocupado pelo antiquário (que deverá fechar as portas de vez amanhã). O restante é concessão do governo do estado ao Rio Scenarium. Desde 2001, uma pendenga judicial vem assombrando o destino do Ao Faz Tudo, que está no cardápio de imóveis do Rioprevidência, fundo de pensão do governo estadual. Insatisfeito com o valor cobrado pelo aluguel, Álvaro decidiu parar de pagar e foi discutir a cifra na Justiça. A dívida é estimada em R\$ 100 mil. De outro lado, o Rioprevidên-

cia deu início a uma ação de reintegração de posse. Em maio passado, Álvaro foi informado que teria de sair dali, com as 23 mil peças que mantém em restauro (o xodó agora é um capacete do século XIX, de um soldado do Exército da Prússia).

Uma solução para o impasse chegou a se desenhar. Em dezembro de 2010, o decreto 42.751 incluiu o imóvel na lista de 103 com "baixo potencial de geração de renda". Todos passaram, então, para a jurisdição da Secretaria de Cultura. Foi negociada a possibilidade de, em troca da dívida, os funcionários da casa darem aulas de restauro a pessoas carentes, que trabalhariam em peças do patrimônio do estado. Mas o que era possibilidade não virou fato. Em 2011, o imóvel foi novamente transferido ao Rioprevidência pela Secretaria de Planejamento. O órgão informa que a medida foi tomada porque foi constatada "viabilidade comercial" do espaço. A ideia é reforçar a carteira de imóveis do fundo, usada como garantia para pagamento de aposentadorias e pensões de servidores. O patrimônio do fundo, por lei, deve gerar receita. O destino do imóvel será o leilão.

— Fomos atropelados — resume o sócio, que chegou a enviar carta ao governador Sérgio Cabral e à mãe dele, Magaly, diretora do Museu da República, pedindo ajuda.

POLÍCIA PARA QUEM PRECISA DE POLÍCIA

O ápice do drama se deu na terça-feira, dia 2. Uma oficial de justiça chegou com quatro policiais a tiro, um deles com arma em punho, para dar o ultimato sobre o despejo, que aconteceu na última sexta. Não houve tempo para embrulhar cerca de 20% das peças, que ficaram lacradas no imóvel.

— Eles queriam que saíssemos naquele momento. Eu me senti um marginal — completa Álvaro, que dormiu na loja duas horas por noite na semana pré-fechamento.

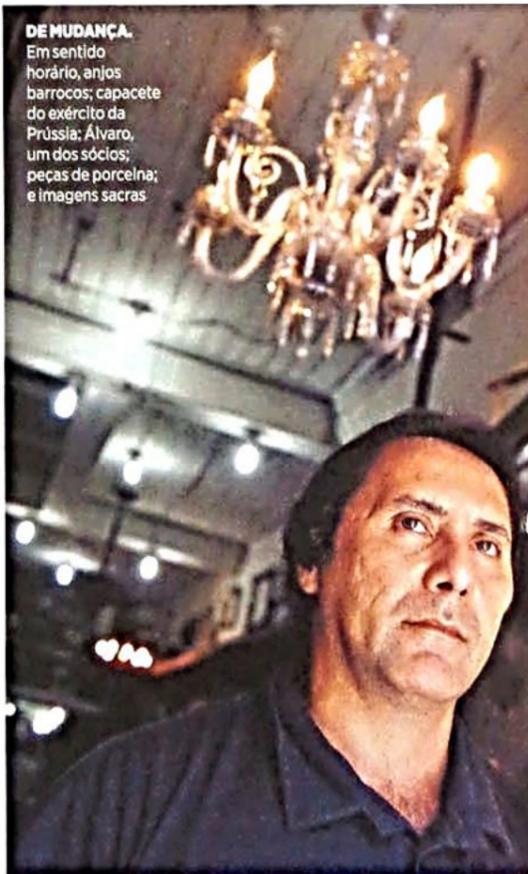
As peças agora encaixotadas contam a história de gente como Jornandinho Monteiro, de 73 anos, restaurador há 50. Ele, que aprendeu a função com a prática, arrisca dizer que a vida o tornou um artista:

— Hoje é meu último dia aqui. Acho um absurdo que uma casa dessa acabe desse jeito. Tinha que virar patrimônio cultural.

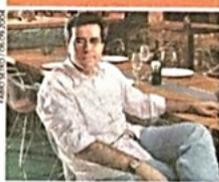
Uma comunidade no Facebook reúne 2,5 mil fãs do antiquário, que tem 3,5 mil clientes. Num exemplar do jornal "O Carioca", de 6 de julho de 1950, uma descrição ganha ares de homenagem: "Na parte criteriosa de exercer o comércio, José Ramos contribuiu para proporcionar ao Distrito Federal maior dose de progresso." •



DE MUDANÇA. Em sentido horário, anjos barrocos; capacete do exército da Prússia; Álvaro, um dos sócios; peças de porcelana; e imagens sacras



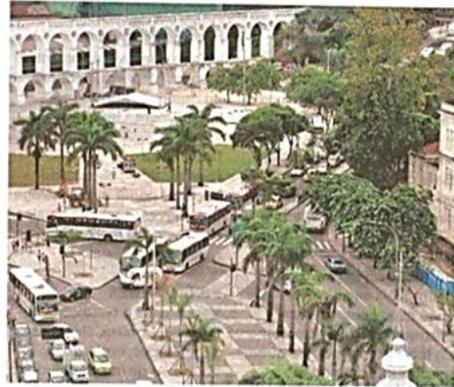
PORTAS CERRADAS. Funcionários fizeram mutirão para guardar peças e cumprir o prazo para sair do imóvel

1.10. Matéria Jornal *Extra* - 6/1/2013.**'Centro passa a ser uma zona atraente para a habitação'****DEPOIMENTO**

VICENTE GIFFONI
da Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetos

► Está acontecendo um processo de revitalização do Centro. Com o Porto Maravilha, o bairro passa a ser uma zona atraente para a habitação. O perfil que está buscando imóveis nessa região é mais jovem: são solteiros, casais e famílias que estão começando. Eles têm uma demanda por um imóvel mais contemporâneo, mais descomplicado, com soluções em que se privilegia o bem-

estar, com menos compartimentos e mais integração entre os espaços. O conforto visual, como no caso dos lofts, deverá ser privilegiado. Você muda as configurações habitacionais (como tamanho de apartamentos e distribuição de cômodos) para se adequar a essa tendência internacional, que está se consolidando no Brasil. Principalmente em regiões novas, como o Porto Maravilha.



Na carona da valorização do Centro, região da Lapa é aposta

1.11. Matéria Jornal O Globo- 13/1/2013.

Domingo 13/1/2013

Rio

O GLOBO 27

Cidade embarca na onda da arquitetura 'espetaculosa'

Arquitetos criticam nova moda de construir prédios extravagantes

LUDMILLA DE LIMA
ludmilla.lima@oglobo.com.br

Grandiosos, espelhados, quadrados e extravagantes. O boom de novas construções na cidade abre terreno para uma arquitetura cheia de adjetivos, que seria espetacular se não caísse no gosto duvidoso. A Cidade Nova está tomada de exemplos, e a Zona Portuária, rapidamente, cede espaço para projetos que caminham nessa direção. Incomodado com esse tipo de arquitetura, que parece dominar as novas propostas para a cidade, o arquiteto Luiz Fernando Janot, professor e conselheiro do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), usa uma única palavra para defini-la: "espetacular".

É o espetacular somado ao horroroso, explica o arquiteto. A passarela do metrô na Cidade Nova — com seus arcos exagerados sobre o Canal do Mangue — não tem espelhos, mas é campeã por ser umas das obras mais lembradas por arquitetos e urbanistas. Há, no entanto, outros projetos que seguem coladinhos na disputa pelo primeiro lugar. A última a sair do papel é o Centro Empresarial Senado, nova sede da Petrobras a partir do mês que vem, no Centro. Já as Trump Towers, do magnata Donald Trump, ainda são só um croqui na Avenida Francisco Bicalho, mas já causam polêmica.

Janot vota no novo complexo da Petrobras e nas torres do complexo empresarial previsto para o Santo Cristo, batizado



Arcos exagerados. A passarela do metrô sobre o Mangue, na Cidade Nova: exemplo de arquitetura "espetacular"

de Porto Atlântico, como exemplos dessa nova arquitetura "espetacular" do Rio:

— Ela é espetacular, porque chama a atenção. Mas é insipida, não tem caráter, personalidade própria. A arquitetura espetacular tem a ver com brilhos, mármore, espelhos. É como se fosse uma mulher cheia de joias.

IAB: PRÉDIOS BRIGAM ENTRE SI

O Porto Atlântico terá seis edifícios, todos espelhados, a maior deles com 120 metros de altura — o equivalente a 40 andares. Neles funcionarão hotéis, salas comerciais e shopping. Presidente do IAB, Sérgio Magalhães diz que a ideia lançada para as torres do Donald

Trump avançam na mesma tendência. O investimento de Donald Trump compreende cinco torres, com 38 andares cada. Elas foram projetadas no estilo envilecimento característico dos prédios do Grupo Trump pelo mundo. A construção das duas primeiras começa no segundo semestre deste ano, conforme fora anunciado.

O presidente do IAB aponta nas obras "espetaculosas" a falta de relação com o seu entorno e a pretensão de serem ícones. É tanta grandiosidade que as construções acabam brigando entre elas e se anulando, diz o arquiteto:

— A abundância anula a grandeza delas — explica o

presidente do IAB. — São edifícios que se bastam a si mesmos. Essa premissa talvez seja a que origina as obras espetaculosas, porque não há relação de conhecimento e respeito entre vizinhos.

O artista plástico Alexandre Vogler transformou sua crítica a esse modelo de arquitetura de vidro em arte: ele reproduziu a fachada do Centro Empresarial Senado numa das paredes externas da galeria A Gentil Carioca, que funciona em um prédio do Rio antigo na Rua Gonçalves Ledo, próximo à Praça Tiradentes. A obra ganhou o nome de Retrofit.

O futuro complexo da Petrobras abrange quatro torres — uma de 20 pavimentos, outra



Vidros espelhados. O Centro Empresarial Senado: complexo de 4 torres

de 18 e duas de 16, interligadas por um átrio —, cobertas de vidros espelhados. O conjunto, localizado no quarteirão formado pelas ruas do Senado e dos Inválidos, pela Avenida Henrique Valadares e pela Travessa Didimo, é cercado por prédios históricos, como o Dops e a Igreja de Santo Antônio dos Pobres.

ELEVADOR NA BERLINDA

Professora de História da Arquitetura na PUC-RJ, Ana Luiza Nobre também faz uma avaliação crítica de obras conduzidas pelo poder público. Ela classifica o elevador do Cantagalo de "grotesco" e "muito violento" em relação ao ambiente e a escala mídua da favela. A

moda das pontes estaiadas também entraria no hall das "espetaculosidades" do Rio.

A Cidade Nova, para Ana Luiza, está repleta de empreendimentos corporativos erguidos com base em imagens fáceis de vender, mas que não provocam uma transformação positiva no lugar. O arquiteto Pedro Rivera — ganhador, junto com Pedro Evora, do concurso para o projeto da sede do campo de golfe das Olimpíadas — diz que nenhum edifício da Cidade Nova, nem o novo Centro de Comando e Controle da Secretaria de Segurança, se salva. Ele bate na tecla do concurso público como forma dar mais qualidade à arquitetura carioca. ■

1.12. Jornal *Capital Cultural* – Janeiro de 2013



CAPITAL CULTURAL
Centro de Arte e Cultura - Centro Cultural

Pelo Centro



Gesto Positivo

Praça Tiradentes

Para muitos críticos uma das razões do abandono e da falta de cuidado com a Praça Tiradentes é o fato de ali, existirem dois equipamentos públicos – de um lado o Teatro João Caetano e, de outro, o Teatro Carlos Gomes. A justificativa para os defensores desta teoria é o fato de os dois equipamentos só funcionarem em dias de espetáculo e nos demais dias ficarem entregues às moscas. Itens como segurança, ocupação, continuidade, zelo e falta de preocupação com o entorno é uma realidade. Pois bem, se este era o argumento para o abandono, a praça vai começar a evoluir. O Teatro Carlos Gomes vai passar a ser administrado pela iniciativa privada. A licitação para a ocupação do teatro foi aberta pela Secretaria Municipal de Cultura. No pacote da licitação será exigido um projeto de programação, o valor que será investido na modernização do espaço e o estará incluído um percentual que será repassado pela Prefeitura.



Gesto Negativo

Lapa um Luxo e Lixo

Para muitos comerciantes donos de casas de shows e restaurantes a Lapa durante a noite é um luxo: colocam mesas e cadeiras sobre as calçadas, cobram preços fora da realidade e coisas do gênero. Mas durante o dia a Lapa se transforma num lixo. Esses mesmos comerciantes pegam todo lixo que produziram e sem respeitar o horário determinado pela Comlurb colocam esse lixo nas calçadas sem se importar com o entorno, com os moradores, e com o fato da região ser uma das mais visitadas pelos turistas na cidade. É normal pela manhã, quando essas casas fecham emporcalharem toda calçada. A maioria destes comerciantes inescrupulosos moram em outros bairros e chegaram na Lapa nos últimos quatro anos. Embarcaram apenas no sucesso do bairro. Passou da hora da fiscalização da prefeitura punir rigorosamente essa gente

Nem tudo são flores



O fato de muitas pessoas frequentarem o Centro da cidade e uma multidão se dirigir para a região nos finais de semana, não é garantia de sucesso e dinheiro certo. Conforme anunciamos em nossa edição de outubro, aconteceu: três casas não suportaram as dívidas e fecharam as portas: uma casa de show, (na Gomes Freire) um bar e restaurante (também na Gomes Freire) e um espaço histórico da cidade (na Praça Tiradentes) Isso prova que nem tudo são flores neste cantado e decantado mundo de sucesso do Centro Histórico. O pior é que mesmo antes do carnaval é certo que mais uma casa de show e um restaurante vão fechar as portas. Existem casas que só não estão em pior situação em razão da benevolência da prefeitura que as permite colocar muitas mesas e cadeiras nas calçadas. Há casos de casas que sequer tem espaço interno, o salão onde os garçons servem os clientes é a calçada.

Nem tudo são flores II

Tem donos de casas que estão indignados com a Prefeitura e sua Ordem Pública: “A pessoa chega é interpelada por um flanelinha e tem que pagar até R\$ 20, tem que se desviar de pessoas dormindo nas calçadas e encerrar ruas fechadas – se referindo ao fechamento da Rua do Riachuelo e Av. Mem de Sá. A prefeitura não colabora em nada com as comerciantes do Centro” – desabafa indignado.

Ambulantes

O Secretário Municipal de Turismo Antônio Pedro Figueira esta mesmo determinado em diminuir de sete mil para cinco mil o número de ambulantes credenciados no carnaval. Com as queixas dos comerciantes da Lapa haverá um credenciamento especial para aquela região, impedindo que ambulantes de outras regiões da cidade trabalhem ali. Os comerciantes queriam mais: desejavam que a Prefeitura organizasse um curso de condutas e boas maneiras para o pessoal que trabalho neste tipo de comércio.

Ambulantes I

Esses boatos que acontecem em tempos da Festa de Momo, dão conta de que no carnaval de 2012, muitos dos crachás confeccionados pela Prefeitura foram falsificados e em razão disso, parecia existir muito mais ambulantes que os credenciados.

Táxi sem película

Uma grande idéia da Prefeitura a de proibir que os táxis da cidade usem aquela película que não permite ao usuário ver se o veículo esta ocupado ou não. Nenhum táxi da cidade poderá usar mais este utensílio.

Xô Spray

Sabe aqueles pais malas que para agradar o filhinho querido compra aquele spray de espuma que incomoda muita gente e enche o saco de todo mundo no carnaval? Pois bem, a produção e a comercialização dos sprays de espuma artificial deverão ser proibidos em todo país. Isto pelo menos é o que determina o Projeto de Lei 4476/12, do deputado Júlio Campos (DEM-MT). Na opinião do autor do projeto, as espumas expansíveis por aerossol não trazem qualquer benefício à população; pelo contrário, põe em risco a saúde humana. Esta comprovado que aquela espuminha inocente, pode causar irritação na pele, nas mucosas, nos olhos, dificuldades na respiração, além do risco de explosão dos frascos recipientes”. Todo apoio a nosso nobre parlamentar.

Eles não amam a Lapa

O site de relacionamento do facebook é uma das mais novas armas dos moradores da Lapa para criticarem os desmandos, descasos e como diria nossa presidenta os malfetidos contra a Lapa. Neste sentido foi criada a página “Eles não amam a Lapa”. A ideia é da psicóloga Louise Tommasi que após passar cinco anos na Suíça diz ter levado um grande choque ao perceber a distância entre os dois países no que se refere ao cuidado urbano. Quem quiser conhecer e denunciar os descasos é só entrar na página do Facebook: Eles não amam a Lapa.

1.13. Matéria Jornal *O Dia* - 2/2/2013.

O DIA | SÁBADO, 2-2-2013

3



ESPECIAL TRAGÉDIA EM SANTA MARIA



Dona de loja de materiais contra incêndio, Márcia Almeida diz que síndicos estão a procurando antes de expirar prazo de validade dos extintores

Procura por extintores cresce 30%

> O que era preocupação secundária ganhou caráter emergencial após a tragédia. Lojas que vendem e recarregam extintores de incêndio ouvidas pelo **DIA**, ontem, relataram que as vendas nesta semana subiram cerca de 30% em relação a semana anterior ao incêndio em Santa Maria.

A procura vai de casas noturnas, condomínios, lojas e até de moradores que querem instalar o equipamento em suas casas. A dona da Flamma Materiais Contra Incêndio, em São Cristóvão, Márcia Almeida, contou que até a entrega de extintores pelos fornecedores tem demorado mais que o usual.

Folia em casas de shows e boates está ameaçada

Quem curte bailes em locais fechados pode dar com a 'cara na porta' no Carnaval, já que o Corpo de Bombeiros interditou 127 estabelecimentos por falta de segurança

Às vésperas do Carnaval, cariocas e turistas que curtem bailes e festas em locais fechados nos dias de folia ainda não sabem onde poderão se divertir. Ontem, o comandante do Corpo de Bombeiros, coronel Sérgio Simões, afirmou que, das 209 casas noturnas do estado vistoriadas de segunda a quinta-feira pela corporação, apenas 10 estavam regulares. Desse total, 127 foram interditadas, 52 multadas e 20 notificadas. Um dos estabelecimentos fechados foi o Scala, no Centro, onde hoje aconteceria a Feijoada da Mangueira, com apresentação de ritmistas da Verde e Rosa. O número alto de irregularidades é um indicio de que as fiscalizações, que deveriam ser uma rotina, não estão sendo feitas. A megafiscalização foi motivada pelo incêndio na boate Kiss, em Santa Maria (RS), no domingo, onde 236 morreram.



Fiscalização interditou parcialmente estabelecimentos na Lapa

Ontem, após fechar as portas do Scala, policiais da 5ª DP (Gomes Freire) explicaram que o imóvel não possui saída de emergência e tem só uma porta para entrada e saída. A casa não tem sinalização de emergência e apresenta fios de energia expostos e falta de extintor de incêndio, entre outras irregularidades.

“Os locais interditados apresentam risco iminente para o público, como vias de escape obstruídas. Ignorar isso retrata falta de cuidado”, afirmou Sérgio Simões.

O oficial afirmou ainda que será publicada norma editada pelos Bombeiros que aumenta o rigor exigido em relação à segurança nos estabelecimentos.

Proprietários de bares e restaurantes da Lapa estão indignados com a forma como as fiscalizações têm sido feitas pela Secretaria Municipal de Ordem Pública e Bombeiros. Quinta-feira, três estabelecimentos foram interditados parcialmente, e um outro autuado pelo excesso de mesas e cadeiras nas calçadas.

“Somos a favor da fiscalização, porém não concordamos com as ações radicais, que são feitas à noite, quando os bares estão lotados. Ainda mais próximo do Carnaval. É uma falta de respeito com o público e os funcionários”, criticou Isnard Manso, presidente do Polo Novo Rio Antigo e fundador do Centro Cultural Carioca, um dos bares interditados. Sacrilégio e Carioca da Gema foram os outros. Já o Bar Sinfonia foi autuado pelo excesso do uso de mesas e cadeiras nas calçadas.

‘LOUCURAI’

Busca por mais especialistas

■ Na fabricante Protege, com sede em São Paulo e que fornece os extintores para a loja Flamma, em São Cristóvão, uma atendente — que pediu para não ser identificada — definiu a situação como ‘uma loucura’.

Por conta da procura desenfreada, na Direct Fire, em Cascadura, faltam técnicos para fazer a recarga dos extintores. A equipe de 10 pessoas, que, pode-se dizer, fazia com eficiência o serviço antes do acidente, já tem possibilidade de ser aumentada para dar conta da demanda.

A Zina Equipamentos Contra Incêndio, no Santo Cristo, Zona Portuária do Rio, recebeu em média 50 ligações por dia esta semana com pedidos de informações e orçamentos — número 25% maior em comparação com a semana anterior.

Reportagem de Constança Rezende, Diego Valdevino, Marcelo Victor e Paloma Saveria

1.14. Matéria Jornal *O Dia* - 23/3/2013.

ODIA | SÁBADO, 23-3-2013

3

rio de janeiro

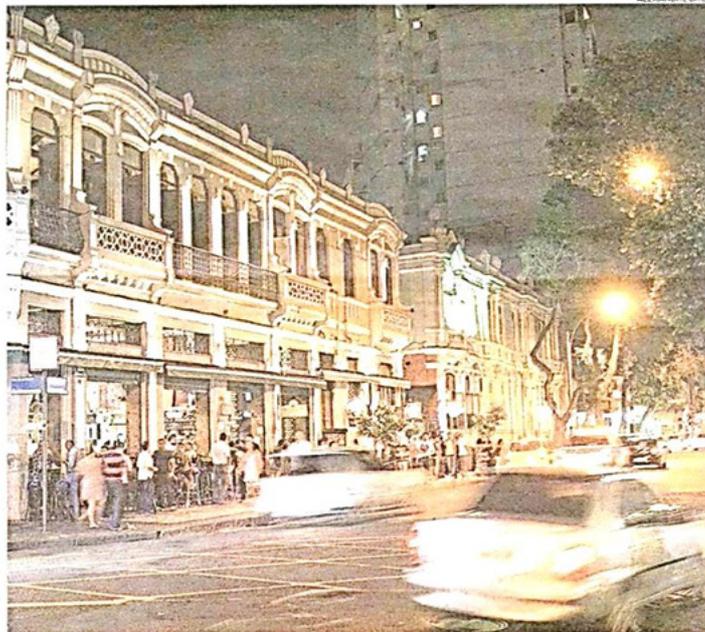
Abandono faz Lapa virar 'casa' de moradores de rua

Comerciantes reclamam que a desordem urbana na região atrapalha os negócios

CONSTANÇA REZENDE
constanca.rezende@odiainet.com.br

Escolas fartas, facilidade de acesso às drogas baratas e sobras de comida. Com tantos atrativos, os moradores de rua da Lapa resistem às operações sistemáticas da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS). Do outro lado, a população de rua reclama do tratamento e dos abrigos oferecidos pelo estado. Moradores e comerciantes sentem-se cada vez mais incomodados com a situação.

A gerente da loja de ferragens Couso, que fica na Praça João Pessoa, um dos lugares de maior concentração de população de rua da Lapa, Singoala Luz, diz que os moradores de rua espantam seus clientes, com abordagens por dinheiro e cachaça. "Tem dias que os moradores de rua até brigam na minha porta", relata. O gerente da drogaria que também fica na praça, Ivanildo Alves, diz que a população fica no local porque



Ontem foi o primeiro dia de reabertura das ruas na Lapa que fechavam nas noites de sextas, sábados e domingos

População de rua reclama do tratamento e dos abrigos oferecidos pelo Estado

muitos restaurantes dão sobras de comida para eles.

A moradora do bairro há 23 anos, Lúcia de Paula, que ontem desviava o carrinho de seu neto de 10 meses das pessoas que dormiam na rua, conta que, de dezembro para cá, o número de moradores de rua aumentou no local. "Com as UPPS, muitos deles migraram para cá porque aqui tem mais acesso às dro-

gas", argumenta.

A Secretaria de Desenvolvimento Social diz que realiza diariamente ações de abordagem social junto aos moradores de rua na Lapa. De acordo com os estudos da pasta, a população é composta predominantemente por homens adultos, entre 25 e 53 anos, usuários de drogas lícitas (álcool) e ilícitas.

A maioria tem comportamento agressivo e mostra resistência à abordagem dos assistentes sociais. O órgão alega que a ampla oferta de serviços e facilidades oferecidos por entidades assistenciais no bairro incentiva a migração e a permanência da população de rua na região.



Comerciantes dizem que moradores de rua atrapalham os negócios

QUERXA

'Melhor na rua que no abrigo'

■ O morador de rua Francisco Sales, que dorme na Lapa há um ano, disse que escolheu o bairro por ter melhor acesso a comida e bebida. "Sou viciado nesta praga (álcool) há 30 anos. Aqui, consigo mais fácil", afirma Sales, que diz ser ex-garçom do Hotel Pouso Real, na Rua do Rezende. Ele conta que já foi levado pela Secretaria de Desenvolvimento Social três vezes para o abrigo Boa Esperança, em Santa Cruz, mas que prefere dormir no papelão. "Aquele lugar é uma boca de fumo e mais sujo do que aqui", disse. A secretaria disse que o local passa por reforma.

Setenta acolhimentos por semana

➤ A Secretaria de Desenvolvimento Social informou que realiza, em média, 70 acolhimentos na Lapa, por semana. Os adultos são encaminhados para a Central de Recepção, na Ilha, ou para o Abrigo Rio Acolhedor, em Paciência.

Crianças e adolescentes vão para a Central Carioca ou para Central Taiguara, no Centro.

1.15. Matéria Jornal *O Dia* - 5/4/2013.**MOTORISTA DA LINHA 366 PEGO COM DROGA EM SERVIÇO**

Segundo a polícia, ele abandonou o ponto final antes da viagem para comprar cocaína

● Motorista da linha 366 (Lavradio-Campo Grande), da Viação Expresso Pégaso, foi preso em flagrante com um papelote de cocaína em serviço, no fim da noite de quarta, na Lapa. Segundo a polícia, Francisco Correia abandonou o ponto final antes da última viagem para comprar a droga.

De acordo com o tenente Augusto, do 5º BPM (Pra-



Francisco Correia da Silva Filho não tem anotações criminais

ça da Harmonia), ele e um colega estavam na entrada de casarão na Rua do Lavradio 122, perto da chefia de Polícia Civil. O motorista teria entrado uniformizado no local.

Sem antecedentes criminais, ele foi autuado por porte de droga para uso próprio e responderá em liberdade.



LIANDERSON FERNANDES

Vila na Rua do Lavradio é conhecida por ser ponto de venda de drogas

1.16. Matéria Jornal *O Dia* - 6/4/2013.

6 < RIO DE JANEIRO

SÁBADO, 6-4-2013 | O DIA

Boca de fumo a todo vapor a 220 metros da Polícia

Tráfico e consumo de drogas correm soltos na altura do número 122 da Rua do Lavradio, onde motorista de ônibus foi preso comprando cocaína em serviço

FRANCISCO EDSON ALVES
falves@odlanet.com.br

A venda e o consumo de drogas na Lapa, principalmente na Rua do Lavradio — onde, no final da noite de quarta-feira um motorista de ônibus foi preso com cocaína, numa boca de fumo que funciona na altura do número 122 — continuam a todo vapor, assustando moradores e comerciantes. No local, conforme O DIA flagrou com imagens na quinta-feira, traficantes usam os fundos de um casarão para comercializar vários tipos de entorpecentes, inclusive crack, consumidos ali mesmo pelos viciados.

As ações criminosas afrontam as autoridades, uma vez que a boca de fumo fica a cerca de 220 metros do prédio da Chefia de Polícia Civil, a 650 metros do Quartel General da Polícia Militar, e próximo a outras importantes ins-

tuições de segurança, de ensino e religiosas.

Em nota, a assessoria de imprensa da PM informou que "o 5º BPM (Praça da Harmonia) passará a ter atenção especial voltada para a região". Por questões estratégicas, o comando do batalhão evita revelar o número de viaturas e homens que integram o reforço no combate aos criminosos.

Também em nota, a Polícia Civil garantiu que policiais de delegacias especializadas e da 5ª DP (Mem de Sá) realizam sistematicamente ações de repressão ao tráfico na Lapa: "As quintas e sextas-feiras, agentes da Delegacia de Combate às Drogas, da Delegacia da Criança e do Adolescente Vítima, da Delegacia Especial de Apoio ao Turismo e da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, fazem operações em diversas ruas do bairro".



A boca de fumo funciona ao ar livre, em plena Lapa: moradores e comerciantes exigem providências

O perigo mora ao lado



DROGAS APREENDIDAS

Polícia Civil diz que fez mais de dez operações no local no ano passado

■ A Polícia Civil argumenta que no ano passado foram feitas pelo menos dez operações na boca de fumo da Rua do Lavradio, apreendendo drogas e facas, e prendendo traficantes. "Em abril de 2012, por exemplo, a Delegacia da Criança e do Adolescente prendeu o traficante Sebastião Barbosa, apontado como o principal vendedor de cocaína e haxixe da Lapa", ressaltou a nota.

Na quinta-feira, o motorista da linha 366 (Lavradio-Campo Grande), da Pé-

gaso, Francisco Correia, 42 foi preso, ainda em serviço, depois de comprar papete de cocaína no local.

Vizinha do endereço do medo, X. 51, assim como comerciantes, critica a persistência das ações do tráfico. "Não dá para entender porque continuamos reféns dessa situação absurda", desabafou. O QG do tráfico, além de ficar no quintal da cúpula da PM e Polícia Civil, também fica próximo a outras importantes instituições, conforme mostra o quadro acima.

220

Metros, apenas, separam a boca de fumo da Rua do Lavradio da sede da Chefia da Polícia Civil

650

Metragem que indica a distância entre o número 122 da Rua do Lavradio para o QG da Polícia Militar

120

Número aproximado de bares, restaurantes e casas noturnas da Lapa. Cerca de 100 mil pessoas passam por eles nos fins de semana

Uma terra sem lei onde impera a vista grossa

► Um dos pontos turísticos mais procurados do Rio, a Lapa desperta o interesse de traficantes por causa do grande número de bares existentes na região. Alguns funcionam 24 horas, atraindo turistas de todo o País e do exterior. "Do final da noite em diante, as imediações dos Arcos da Lapa e várias ruas, como a do Lavradio, viram uma terra sem lei", testemunha o estudante Y., 21, revelando ser viciado em maconha.

"Boa parte dos PMs e guardas municipais faz 'vista grossa' para quem

vende e consome drogas aqui (na região). Preferem não ter trabalho com o chamado tráfico formiguinha. É revoltante", completou a secretária A., 28.

Em diversas reportagens, O DIA vem mostrando o sofrimento de quem vive, trabalha ou tem comércio na Lapa. Depois das denúncias de movimentos populares da região, o governo municipal passou a acolher com mais frequências moradores de rua e viciados em drogas. As ruas também estão ganhando mais lixeiras.

1.17. Jornal do Polo

POLO

NovoRioAntigo

Jornal do Polo

HOME FALE CONOSCO PARCEIROS

Diretoria do Polo se reúne com comandante do 5ºBPM para pedir mais segurança



Prezando pela cultura e pela valorização histórica do Centro do Rio, o Polo Novo Rio Antigo acompanha de perto, junto às autoridades, o problema da segurança pública que aflige a região. A área de atuação diversificada – são 102 restaurantes, 72 bares, 25 livrarias, 35 lanchonetes, 26 antiquários, 20 casas de shows, 7 hotéis e 3 teatros – reflete a pluralidade de empreendimentos que, junto com a iniciativa pública, contribuíram para a revitalização.

“Já conquistamos importantes parcerias com entidades de reconhecimento público como o SEBRAE, SENAC, Fecomércio, SindRio, Unesco, Rio Convention Bureau além do Poder Público. Mas é necessário mais ainda; e é pelos problemas acima citados que temos solicitado, incansavelmente, atenção especial para esta área que tanto contribui para o engrandecimento de nossa cidade”, declara Isnard.

A diretoria do Polo vem fazendo seguidos encontros com o comandante do 5º BPM (Praça da Harmonia), Tenente Coronel Sidney Camargo de Melo, buscando um aumento de efetivo para toda a área de atuação da associação. Uma das principais demandas é a volta da dupla de policiais trabalhando no patrulhamento ostensivo da região, sem depender apenas da ronda motorizada.

Em sua totalidade, os negócios dos associados do Polo Novo Rio Antigo movimentam mensalmente cerca de R\$ 30 milhões e emprega direta e indiretamente mais de 25 mil pessoas. “A região é um destino cultural e turístico de reconhecimento internacional, consagrada com prêmios Urbanidade 2008, concedido pelo IAB; Golfinho de Ouro, concedido pelo Conselho Estadual de Cultura, e o Prêmio Tudo de Bom, concedido pelo Jornal O Dia, entre outros”, explica o presidente Isnard Manso.

Na Rua da Carioca e adjacências, a preocupação é com a atuação de grupos de adolescentes que praticam pequenos roubos de aparelhos celulares, jóias e carteiras. Já na Rua do Lavradio um dos problemas mais graves é o tráfico de drogas que acontece na Vila Politeama, na altura do nº 122. Na Praça Tiradentes e Largo Albino Pinheiro, clientes de hotéis e funcionários se queixam do aumento de usuários de drogas e assaltantes atuando nas imediações das praças, Rua D. Pedro I e Rua do Senado.

Somente na Praça Tiradentes, os hotéis Rio's Presidente Hotel, Íbis e Formula 1 totalizam 650 unidades habitacionais com uma ocupação que chega a 1300 hóspedes por dia, uma média de 39 mil hóspedes por mês. “Não podemos deixar todas essas pessoas reféns da própria sorte”, aponta o presidente do Polo Novo Rio Antigo, Isnard Manso.

Patrocinador: Parceiros:








Disponível em: <http://www.polonovorioantigo.com.br/jornaldopolo/mat01.html>

Acesso em: 30/1/2013.

1.18. Jornal do Polo



— POLO —
NovoRioAntigo

Jornal do Polo

HOME FALE CONOSCO PARCEIROS



Polo propõe órgão de legalização de negócios

Momentos difíceis são ocasiões que sempre nos rendem ensinamentos. É na crise que mais aprendemos. A tragédia que culminou na morte de mais de 230 jovens em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, nos leva a refletir sobre como podemos ser mais detalhistas e cautelosos para prevenir acidentes como este.

O impacto da tragédia sobre o nosso dia a dia foi além da auto-avaliação da segurança em nossos estabelecimentos. Ações precipitadas dos órgãos responsáveis no formato "primeiro fecha depois pergunta", com cobertura da imprensa, enfatizaram algumas falhas do empresariado sem dar o mesmo peso às falhas do Poder Público no quesito segurança. O número elevado de irregularidades levantadas pelas blitzes é resultado de um longo período sem fiscalização. A imagem de nossas casas e da cidade ficou arranhada e fomos atropelados por um sem fim de órgãos que saíram da inércia para a atividade em poucas horas. Por que não conseguimos estreitar o relacionamento do poder público e da iniciativa privada e tornar as fiscalizações educativas, preventivas e permanentes?

É notório e público que a burocracia é um empecilho para todos os envolvidos. Como representante do Polo Novo Rio Antigo, sugerimos a realização de workshops para os empresários com palestrantes da Defesa Civil, Vigilância Sanitária e outros órgãos competentes. É tempo de discutir soluções que façam com que as casas se enquadrem no menor período possível. Ganhariam a cidade - com soluções inteligentes nascidas de um pacto de cumplicidade entre iniciativa privada e poder público; ganhariam os cidadãos, que se sentiriam novamente seguros e tranquilos em nossos empreendimentos.

A proposta do Polo é a criação de um órgão central que seja responsável pela legalização de um negócio. Através de nosso esforço e representatividade cultural, conseguimos apresentar essa ideia no encontro com o prefeito Eduardo Paes, no último dia 26 de fevereiro, onde levamos soluções e sugestões para a melhoria de nossos negócios. Queremos segurança, sim. Mas queremos também a confiança de continuar um trabalho exemplar, realizado a partir de um grande esforço há mais de 16 anos com foco na revitalização do Centro Antigo.

Isnard Manso
Presidente do Polo Novo Rio Antigo

Patrocinador: 

Parceiros:     

Disponível em: <http://www.polonovorioantigo.com.br/jornaldopolo/mat01.html>

Acesso em: 4/4/2013.

1.19. Jornal do Polo

— POLO —
NovoRioAntigo

Jornal do Polo

HOME FALE CONOSCO PARCEIROS

Extra, Extra! **Polo denuncia o problema do lixo na região**

O Polo Novo Rio Antigo está lutando por melhorias na região. Em parceria com a Arteiras Comunicação, a associação passou a documentar – através de cartas entregues aos principais órgãos públicos – os problemas enfrentados pelos empresários. A ideia é que os setores responsáveis tomem ciência da falta de estrutura, e que os pleitos possam ser registrados e protocolados para futuras consultas.

Entre o trabalho já feito, destacamos o envio de cartas ao prefeito Eduardo Paes, informando sobre a falta de segurança e de ordenamento urbano, e ao governador Sérgio Cabral, onde apontamos a preocupação com a violência na região, em especial a Vila Politeama. O Polo também notificou o presidente da Comlurb, Carlos Vinicius de Sá Roriz, registrando os principais problemas de responsabilidade do órgão, como o lixo acumulado na Rua do Lavradio, e a dispensa dos resíduos em local irregular.

"A limpeza na Lapa sempre foi diária. Agora a frequência com que os garis passam é menor. Além disso, as lixeiras são insuficientes e ficam abarrotadas", explica Artur Cavaliere, proprietário da Mobix. Rosana Santos, proprietária do Bar Luiz da Rua da Carioca, apoia o aumento de cestas coletoras de lixo. "Deveria ter uma em cada poste", sugere. Sérgio Machado Cunha, sócio do Lapa 40º, também aponta problemas: "Há muitos moradores da região que deixam seu lixo naquele trecho da Rua do Riachuelo, entre a Inválidos e a Gomes Freire", finaliza.

Patrocinador: 

Parceiros:     

Disponível em: <http://www.polonovorioantigo.com.br/jornaldopolo/mat05.html>

Acesso em: 22/4/2013.

1.20. Jornal do Polo

POLO
NovoRioAntigo

Jornal do Polo

HOME FALE CONOSCO PARCEIROS

Extra, Extra! Isnard Manso é reeleito como presidente do Polo por aclamação

Os associados reelegeram Isnard Manso para a presidência do Polo Novo Rio Antigo. Eleito por aclamação, ele vai exercer o cargo pelo próximo biênio. A notícia confirma o bom trabalho que vem sendo feito há dois anos e que deve seguir a passos largos.

“Esperamos conseguir, com a força do Polo e do empresariado, resultados que façam a diferença na vida cultural da região. Ainda estamos lutando frente à Prefeitura do Rio para a redução do ISS e do IPTU do próximo ano. Foram promessas feitas pelo prefeito Eduardo Paes e que iremos cobrar”, afirma Isnard.

Entre os projetos para o próximo ano, o Polo Novo Rio Antigo está articulando a realização de um bailão itinerante, ao ar livre, em parceria com o mestre da dança, Carlinhos de Jesus. A ideia é fortalecer o calendário de eventos da região. “A expectativa é que a ocupação cultural dos logradouros públicos dentro da área de abrangência do Polo traga benefícios para todos, comerciantes, moradores e turistas. Contamos com a colaboração de todos. Aguardem e confiem!”, completa Isnard.

Patrocinador:

Parceiros:

Disponível em: <http://www.polonovorioantigo.com.br/jornaldopolo/extra.html>

Acesso em: 30/1/2013.

2.1. Matéria Jornal *Folha do Centro* - Dezembro de 2008.

14

Para anunciar: 2242-9344 - www.jornalfolhadocentro.com.br

MEMÓRIAS DAS RUAS DO CENTRO DO RIO

UMA RUA CHAMADA SENADO



A Rua do Senado já foi citada em algumas obras de Machado de Assis

Élida F. Santos

Ah, essa cidade inebriante, sedutora...mágica !!! Onde morros viram praças, mangues tornam-se ruas, quais seriam os seus segredos ?

O Rio de Janeiro nasce da necessidade de se criar espaço para se expandir. Imprensada entre o mar e a montanha, coalhada por brejos, mangues, pântanos, lagoas e alagadiços, não havia outra alternativa, senão dissecá-los e aterrá-los. Sendo esta atividade praticada ao longo de quatro séculos.

Havia, nas proximidades do centro da cidade, uma enorme área alagada de propriedade do Guarda-Mor de Minas, Pedro Dias Paes Leme, descendente do Caçador de Esmeraldas. O alagadiço foi batizado com o seu nome, bem como, a elevação ali existente. O alagadiço de Pedro Dias ocupava a área hoje correspondente às atuais ruas do Lavradio, do Resende, da Relação, dos Inválidos, do Senado, trechos das avenidas Mem de Sá, Gomes Freire, Henrique Valadares, bem

como um segmento da rua André Cavalcante.

Por ordem do Senado da Câmara foi aberta uma rua junto a encosta do então morro Pedro Dias e, que por essa razão, seria chamada de rua do Senado. Com o tempo, tal nomenclatura se estenderia também para essa elevação, ficando a mesma conhecida como morro do Senado. No entanto, no início do século XX o morro do Senado se tornaria um obstáculo para a locomoção e o dia-a-dia carioca, sendo, imediatamente remo-

vido. Surge neste local, a praça Cruz Vermelha.

Esta área, tem sido palco de inúmeras histórias. Consta que por volta do final do século XIX, o Nº 152 da rua do Senado teria abrigado a Fábrica de Cerveja Nova Princeza, de Pereira Júnior & Cia. Em setembro de 1913, no Nº 215 da mesma rua realizou-se o Segundo Congresso Operário Brasileiro dos trabalhadores anarquistas. Em 1933, funcionou no Nº 341 a "Woerdenbag Motors," empresa fabricante do primeiro carro de corrida brasileiro. A rua do Senado, portanto, seria citada em algumas das obras do escritor Machado Assis. No logradouro também havia um próspero comércio, pertencente ao avô de Oswaldo Cruz. Ao longo do tempo, a rua do Senado tem mostrado grande vocação comercial. Em seu percurso coexistem desde a fabricação dos famosos biscoitos de polvilho O Globo, bem como instituições de cunho educacional e, mais recentemente, seguirão para o local as futuras instalações de um grandioso projeto empreendido pelo Grupo WTorre. Muito embora a rua do Senado seja apenas percebida por sua dinâmica comercial, este logradouro é capaz de contar inúmeras histórias.

GILSON Brindes

PORTA DOCUMENTOS • FAIXAS • CARTAZES
CAMISETAS • SACOLAS EM TNT E PLÁSTICAS
IMPRESSOS EM PAPEL E ACRÍLICO • DESENHOS • ARTE FINAL
ARTES-GRÁFICAS • FOTOLITO • corte eletrônico
(MÃO DE OBRA EM BRINDES E TECIDOS EM GERAL)
(REVELAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE TELAS)

Rua do Senado, 167 - Centro - RJ.
Tels. 3852-5120 / 2242-3715 / 9292-3821
gilsobrindes@hotmail.com

2.2. Matéria Jornal *O Globo* - 8/2/2009.

Domingo, 8 de fevereiro de 2009 • 2ª edição

O GLOBO

RIO • 25



UMA PASSARELA da Avenida Chile: Associação Comercial do Rio tem planos para revitalizar toda a área



A CATEDRAL Metropolitana em dia de procissão: primeira construção



MORADORES de rua sob uma passarela da Avenida Chile: abandono



AS LUZES da avenida: endereço de prédios famosos como o do BNDES e o da Petróbras

Chile, a avenida da fé e do dinheiro

Ao fazer 50 anos, ela dá sinais de que precisa de uma plástica

Simone Candida

• Construída como parte de um projeto urbanístico que desafogaria o trânsito do Centro, a Avenida República do Chile acaba de completar meio século sem motivos para comemoração. Em seus 500 metros de extensão, a rua — endereço de empresas como Petrobras e BNDES e da Catedral Metropolitana — é um retrato do abandono. Há calçadas esburacadas, pichações, moradores de rua, camelôs, iluminação deficiente e sujeira. O cenário decadente de hoje em nada lembra o da moderna avenida inaugurada em 31 de janeiro de 1959 pelo presidente Juscelino Kubitschek e o prefeito Sá Freire Alvim. A rua, assim como a vizinha Avenida República do Paraguai, foi aberta após a demolição de parte do Morro de Santo Antônio, formando a Esplanada de Santo Antônio.

— A construção da avenida

remonta ao Plano Agache, que, após o desmonte do Morro do Castelo, lançava uma proposta de urbanização do novo centro da cidade. Ela é estritamente modernista, a começar pela Catedral Metropolitana, que foi sua primeira construção, ainda nos anos 60. O prédio sede da Petrobras, apelidado de Selva de Pedra, e o do BNDES e do BNH, são exemplos desta arquitetura — lembra o arquiteto e urbanista Artur José Oliveira.

O arquiteto Hélio Brasil, de 78 anos, lamenta a atual descaracterização do espaço. — O plano inicial foi elaborado pelo arquiteto Octacilio Sabóia Ribeiro e modificado, mais tarde, pelo grande arquiteto Alonso Eduardo Reidy. O projeto de Reidy contemplava a criação da Nova Cinelândia e visava a ampliar o Centro, ao mesmo tempo em que abria um eixo de ligação com a Zona Norte.

O arquiteto recorda que a

proposta de Reidy era a construção de grandes edifícios comerciais, de planta retangular, ao longo do eixo da avenida. Na área entre estes edifícios, haveria cinemas e teatros, além de lojas.

— A avenida partia do Largo da Carioca, passava sob a Avenida Paraguai, ou Norte-Sul, e prosseguia para a Zona Norte, cortando a Praça da Cruz Vermelha. Todavia, o plano de edificações foi abandonado após rasgada a avenida e, já no governo Carlos Lacerda, os espaços às margens da avenida estavam transformados em grandes lotes. Dificuldades financeiras teriam barrado o avanço da obra, interrompida ao encontrar-se com a Rua do Lavradio.

Era uma época em que o número de carros na cidade crescia e a avenida foi projetada para privilegiar a passagem dos veículos. Não havia calçada junto às pistas, como hoje.

Uma das maiores críticas ao projeto era justamente o fato de a via não ter sido construída com foco no pedestre. Na década de 70, era comum acontecer atropelamentos na avenida. Por isso, na década de 90, quando foi feita a primeira grande obra de revitalização da área, a prefeitura relez o projeto.

Associação Comercial do Rio propõe revitalização

O ex-secretário de Urbanismo Augusto Ivan foi um dos arquitetos responsáveis pelo novo projeto, que tinha o objetivo de devolver a rua ao pedestre. As pistas e o canteiro central da avenida foram estreitados para que fossem criadas calçadas laterais de quatro metros de largura.

— A avenida seguiu o estilo de Brasília. E as pessoas reclamavam que tinham de descer uma escadaria para atravessar a rua. Por isso fi-

zemos esta mudança.

A revitalização da Avenida Chile poderá vir de uma iniciativa da Associação Comercial do Rio, batizada de projeto ARE (Área de Revitalização Econômica). Inspirado no modelo do Business Improvement District (BID) — implantado em várias cidades da Europa e dos Estados Unidos —, o projeto prevê a gestão diferenciada de uma área da cidade, numa integração entre a iniciativa privada e a prefeitura. Os empresários e comerciantes pagariam uma taxa mensal destinada exclusivamente à manutenção e melhorias da área.

— Não se trata de nenhum projeto de adoção, pois as empresas que aceitarem participar teriam obrigação de pagamento da taxa. Além disso, a ARE não ia substituir a prefeitura, mas trabalhar em parceria. No caso da segurança, nossos vigilantes, que trabalharão sem armas e com rádios, ficarão em horá-

rios em que a Guarda Municipal não estivesse — explica Maria Sílvia Bastos, vice-presidente da Associação Comercial do Rio.

Para realizar todas as melhorias necessárias no trecho de 500 metros da Avenida Chile, seriam necessários R\$ 4 milhões por ano. De acordo com Maria Sílvia, a primeira etapa do projeto prevê limpeza e a melhoria da iluminação e da segurança, com instalação de banheiros públicos e de câmeras. Numa segunda etapa, estão previstos arborização e um trabalho social para retirar a população de rua. O projeto será discutido dia 12 de fevereiro, numa reunião do Ministério das Cidades. O próximo passo será encaminhá-lo à Casa Civil, para que seja, então, enviado ao Congresso Nacional. ■

O GLOBO NA INTERNET
GALERIA A Avenida Chile ao longo do tempo
oglobo.com.br/ave

2.3. Matéria Jornal *O Dia* – Conexão Leitor – 2/1/2012.

 **MEMÓRIA DO DIA**

FOTO: J. FERNANDES/AGÊNCIA O DIA



Opalco da música e da rebeldia na Lapa

■ O Circo Voador nasceu no Arpoador, em 1982, e em outubro do mesmo ano pousou na Lapa, onde está até hoje. Lá, entre outros grupos, surgiu Os Paralamas do Sucesso. Palco de polêmicas, ficou fechado de 1996 a 1999, depois que punks expulsaram o prefeito eleito Luiz Paulo Conde.

 Acesse as imagens em <http://agenciaodia.com.br>

2.4. Matéria Jornal *Capital Cultural* – Novembro de 2008.

CAPITAL CULTURAL Novembro de 2008/Nº 103 12

Caminho da Luz...

Tolerância Zero e Luzes sobre a Desordem Urbana

Na reunião que teve ainda durante a campanha eleitoral no primeiro turno com empresários e comerciantes do denominado Novo Rio Antigo, um projeto especialmente encantou e encheu os olhos de Eduardo Paes, eleito como prefeito da cidade. Trata-se do denominado "Caminho da Luz", como querem uns, ou "Corredor Iluminado", como preferem outros, e tem o objetivo de proporcionar mais segurança, tranquilidade e bem estar a moradores, turistas e pessoas que trabalham no Centro.

A idéia que surgiu em 2004, embora simples e que não demanda grandes custos e nem afetaria o balanço orçamentário da prefeitura – não custaria sequer 1% da Cidade da Música –, é a de se criar um corredor parecido com a que hoje existe na Rua do Lavradio, com postes em estilo colonial. Esse Corredor Iluminado partiria da própria Rua do Lavradio, prosseguiria pela Praça Tiradentes, subiria a Rua da Carioca, passaria pelo Largo da Carioca, Cinelândia, Rua do Passieio, Lapa no trecho que compreende a Sala Cecília Meirelles, e se estenderia pela Avenida Mem de Sá e Rua do Riachuelo e terminaria na outra extremidade da Rua do Lavradio. Nesse trecho, além de cabines da polícia, a segurança seria feita também pela Guarda Municipal.

Quando a idéia foi apresentada, entusiasmados com o projeto, colaboradores do prefeito César Maia chegaram a afirmar que esse seria um projeto piloto que poderia ser aplicado não só em outros trechos do Centro, mas também em outros bairros. Palavras, apenas

palavras. Tanto César Maia quanto seus colaboradores viraram literalmente as costas para a proposta.

Quando esteve no Centro e recebeu do empresário Plínio Fróes um caderno de propostas para o Novo Rio Antigo, Eduardo Paes declarou:

- Se eleito, quero governar exatamente com as pessoas que habitam, trabalham, conhecem seus bairros e estejam dispostas a colaborar. Fico feliz em saber que aqui no Centro os comerciantes estejam reunidos e buscando alternativas para os problemas que enfrentam. A idéia de se criar uma área iluminada é realmente muito boa, tem que ser implementada e estendida a outros bairros.

Numa outra ocasião, ainda em campanha, quando voltou à Lapa, Eduardo Paes tocou num ponto dos mais complexos e que outros políticos sempre evitaram: trata-se da desordem urbana, do grande número de ambulantes e do excessivo número de pessoas morando nas ruas.

- Vou criar a Secretaria de Ordem Pública que terá uma atenção muito especial com essa área. O que não podemos achar é que toda essa desordem, que se instalou no centro e em muitos outros bairros, tenha a ver com pobreza ou questões financeiras. A maioria dos problemas são decorrentes dos descasos, do abuso de algumas pessoas que acham que podem tudo e do abandono. Esse quadro tem que ser mudado completamente e, para que isso aconteça, temos que resgatar um conceito que ficou esquecido nos últimos tempos, que é a tolerância Zero.

Quando esteve reunido com empresários no Centro, Eduardo Paes se encantou com o Projeto denominado "Caminho da Luz". Na foto Isnard Manso (Centro Cultural Carioca, Plínio Fróes (Rio Scenarium) e Thiago Alvim do Carioca da Gema

LEGENDA

- BILHAR
- BOTEQUINS
- ESPAÇOS CULTURAIS
- CAFETERIAS
- MÚSICA AO VIVO
- MÚSICA ELETRÔNICA
- RESTAURANTES
- TEATRO
- CINEMA

SITUAÇÃO ATUAL

- LUZ ADEQUADA
- NECESSITANDO PODA DE ÁRVORES
- NECESSITANDO MAIS ILUMINAÇÃO
- SEM ILUMINAÇÃO

2.5. Matéria Jornal *Folha do Centro* - Dezembro de 2008.Folha do Centro Rio - www.jornalfolhadocentro.com.br.

Dezembro de 2008

Para anunciar: 2242-9344

17

ESPAÇO EMPRESARIAL

Fábio Nutini

CENTRO EMPRESARIAL SENADO TRARÁ
REVITALIZAÇÃO PARA O CENTRO

O CENTRO EMPRESARIAL SENADO: Melhoria urbanística e paisagística do entorno - projeto desenvolvido pelo escritório Burle Marx

O CENTRO EMPRESARIAL SENADO é um empreendimento imobiliário para escritórios de alto padrão que busca integrar a construção ao processo de revitalização do centro do Rio de Janeiro. Com dimensões que ocupam uma quadra inteira, está inserido em área de proteção ambiental que compreende o Ambiente Cultural (APAC) da Cruz Vermelha, patrimônio cultural e paisagístico do centro da cidade do Rio de Janeiro, e próximo da Zona Especial do Plano de Corredor Cultural da Prefeitura Municipal.

A quadra, composta pela Rua dos Inválidos, Av. Henrique Valadares, Rua do Senado e Travessa do Didimo, possui no entorno importantes espaços públi-

cos e edificações que fazem parte da história do centro da cidade. Entre eles, podemos citar o campo de Santana, o Largo da Carioca, a Rua do Lavradio, a Catedral Metropolitana e várias edificações significativas, tombadas pelo município ou pelo Estado, como o Quartel Central do Corpo de Bombeiros, o Hospital e a Sede da Cruz Vermelha, a Igreja Santo Antônio dos Pobres e o prédio do antigo DOPS.

O empreendimento deverá induzir e acelerar, naturalmente, o processo de revitalização das áreas vizinhas.

O projeto busca garantir a melhoria da qualidade de vida de seus usuários, a integração com a cidade e com o patrimônio artístico e cultural, proporci-

onando condições ambientais e físicas mais satisfatórias, propondo novos espaços de convívio, de trabalho, de entretenimento e lazer, tanto privados quanto públicos.

Além de permitir a criação de espaços de convívio e circulação de pedestres, a urbanização do terreno e da quadra deverá estabelecer ligação com a vizinhança imediata e com o comércio local. O fato de a Av. Henrique Valadares ser um elo entre dois pólos tão dinâmicos como a Rua do Lavradio e a Praça da Cruz Vermelha a torna o principal eixo de intervenção urbana para a região.

A proposta paisagística para esse eixo urbano formado pela Av. Henrique Valadares, integra-

da aos elementos culturais e históricos locais, atuará como importante instrumento de renovação e requalificação espacial sob quatro pontos de vista:

- Redefinição das funções do espaço público na quadra do empreendimento;

- Integração harmoniosa entre as áreas públicas e privadas;

- Definição do espaço de uso coletivo interno do empreendimento com possibilidade de acesso e integração com as áreas públicas vizinhas;

- Proposta de arborização da quadra e do entorno.

Para esta requalificação há propostas tramitando junto aos órgãos públicos, como:

- Adequação do calçamento com paginação em placas de concreto pré-moldado, (para que não haja remanejamento da infra-estrutura existente, enterrada ou aparente), mantendo todo o conjunto em nível, conforme o projeto de paisagismo do escritório Burle Marx, nas seguintes áreas: Av. Henrique Valadares, entre a Praça da Cruz Vermelha e a Rua do Lavradio; Rua dos Inválidos, entre a Av. Henrique Valadares e a Rua Visconde do Rio Branco e Rua do Senado, entre a Travessa do Didimo e a Rua dos Inválidos;

- Adequação das guias rebaixadas com placas de concreto pré-moldado e instalação de piso especial para portadores de necessidades especiais;

- Complementação da iluminação pública da Rua dos Inválidos, no trecho entre a Rua do Senado e o Campo de Santana, para permitir o uso de câmeras de segurança (que auxiliarão na proteção local);

- Troca do calçamento da Travessa do Didimo para piso intertravado de concreto, transformando-a em via para pedestres com controle de acesso para fluxo local de veículos.

É importante ficar claro à comunidade que estas são propostas apresentadas pela WTORRE EMPREENDIMENTOS aos órgãos públicos e que, como já descrito nesta coluna, fazem parte de documentação a ser firmada junto à Prefeitura Municipal, ou seja, serão analisadas e deverão ser aprovadas pelas autoridades competentes.

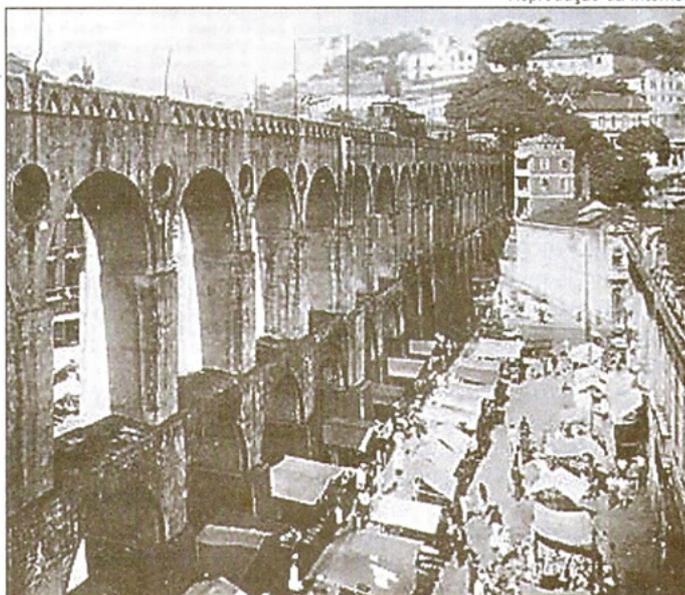
No artigo do mês que vem, falaremos das propostas para a reorientação do trânsito na região, assunto em desenvolvimento junto à CET-RIO.

Até lá!

Leia esta matéria no site: www.jornalfolhadocentro.com.br

2.6. Matéria Jornal *O Globo* – 17/2/2009.

Reprodução da internet



UM SÉCULO inteiro separa estas duas fotos de um mesmo cenário: a querida Lapa, resumo do despojamento carioca que encanta o mundo. Apesar dos cem anos de diferença, chama a atenção a presença de ambulantes, que levam o caos ao bairro boêmio e angustiam comerciantes e autoridades. Autora da foto atual, a atriz Ângela Leal, cidadã boa gente que toca o Teatro Rival, bem ali ao lado, vê, na coincidência, algo que pode ser a vocação da velha Lapa. “Encontrei a foto antiga na internet e constatei duas semelhanças: os Arcos e a situação, que é a mesma de hoje”, descreve ela. “Antes de qualquer remoção, penso que é algo a ser estudado. Todo mundo reclama, mas será que não é a vocação do lugar, que, por isto, precisa ser organizada, estudada?” É. Pode ser

2.7. Matéria Jornal *O Dia* - 17/5/2012.

10 < RIO DE JANEIRO

QUINTA-FEIRA, 17-5-2012 | O DIA

DIOGO DIAS
diogo.dias@odlanet.com.br

O Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea-RJ) iniciou levantamento de prédios históricos em risco de desabar no Centro, e o secretário de Conservação, Carlos Osório, anunciou ontem que a Procuradoria Geral do Município e a Secretaria de Urbanismo prepararam pacote de medidas para dar mais poder à prefeitura para intervir. Serão pelo menos um decreto para regulamentar prédios antigos e projetos de lei com regras para esses imóveis. A intenção é tornar mais rigorosa a punição a proprietários.

"Vamos divulgar nos próximos dias", prometeu Osório, um dia após desabamento de sobrado na esquina das ruas do Lavradio e da Relação, no Centro. De janeiro até agora, a Defesa Civil do município interditou 39 imóveis com risco de desabar no bairro: 676 foram inspecionados.

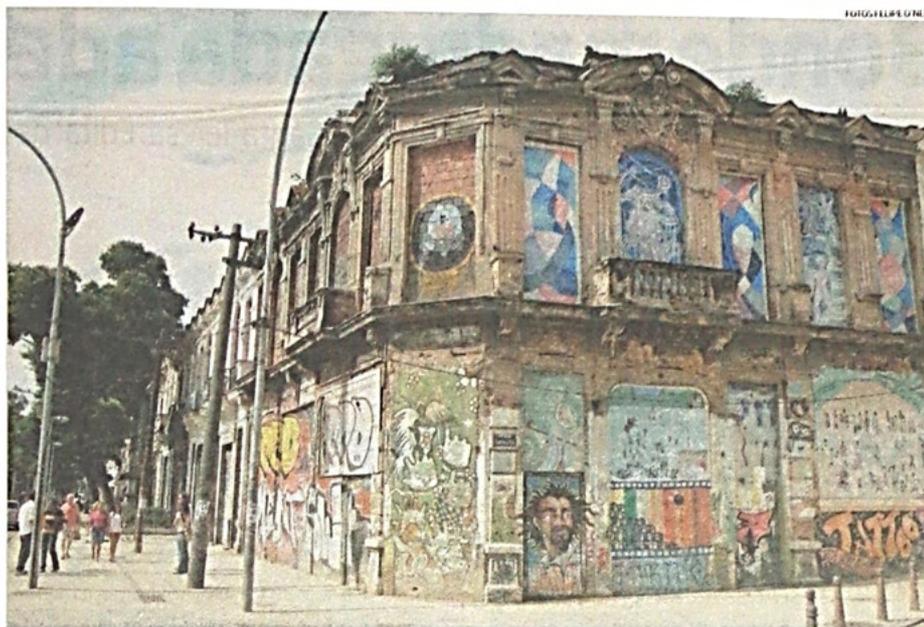
Crea iniciou estudo de prédios antigos ameaçados e convoca população a denunciar abandono

Presidente do Crea, Agostinho Guerreiro convoca a população a denunciar. "Nossos fiscais vão aos locais, e nós fazemos um relatório. Se for o caso, comunicamos Ministério Público ou prefeitura", disse ele, estimando em mais de 100 os imóveis antigos ameaçados no Centro. Um canal de denúncia é o 1746, da Prefeitura do Rio.

"Trabalho em local com muitos edifícios a ponto de cair. Vivemos em um campo minado", critica Emílio Lago, funcionário de banca de jornal da Rua Carlos Sampaio.

Na Rua Frei Caneca, em frente à Academia da Polícia Civil, fachadas de sobrados se equilibram no ar, sem telhado nem paredes internas e na Av. Salvador de Sá, Estácio, os imóveis estão em estado crítico, com buracos nos telhados e nas paredes.

Ao lado dos Arcos da Lapa, na esquina das ruas do Riachuelo e Evaristo da Veiga, construção apodrece lacrada. E na Av. Presidente Vargas, no Centro, o Hospital Escola São Francisco de Assis, da UFRJ, tem rachaduras e infiltrações. Árvores crescem no telhado do imóvel, tombado pelo Iphan, que, no entanto, nega risco de desabamento.



Abandono perto dos Arcos da Lapa: imóvel histórico lacrado está em estado crítico, com plantas crescendo no telhado, indicando infiltração

Rio terá pacote contra abandono de imóveis

Procuradoria do município estuda decreto para punir com mais rigor proprietários de prédios malconservados e projetos de lei que criem novas regras de manutenção



Na Av. Mem de Sá, no Centro, corredor de fachadas em ruínas que se equilibram sem telhado nem paredes internas e sobrados malconservados



AMEAÇADOS

39

Número de imóveis, entre os 676 inspecionados pela Defesa Civil do Município de Janeiro até agora, que foram ser interditados pelo órgão por risco de desabamento. CREA estima que número de prédios ameaçados passe de 100 na região

Má conservação também em outros bairros

> Levantamento do Crea concluído em 2008 identificou prédios com problemas estruturais graves no Centro e também no Catete, na região do Maracanã e no Engenho Novo. O problema persiste. Na Rua do Catete 6, o casarão que

abrigava o antigo Asilo São Cornélio, tombado pelo Iphan, está tomado de infiltrações nas paredes e plantas nos telhados. Parte do reboco já despencou. "A construção está caindo aos poucos. O local ainda alvo de furto. Viciados em crack invadem o pa-

tio para consumir droga e roubam estatuas e lustres", comenta Geovani Manis, 61 anos, que trabalha perto dali. Na mesma rua, o também histórico nº 243 está em ruínas. Em área de preservação, já pertenceu a universidades públicas.

2.8. Matéria Jornal *O Globo* – 28/8/2012.

O 1º CINCO ESTRELAS DO CENTRO

Le Paris ressurgirá de antigo 'bas-fond'

O Hotel Paris que turistas estrangeiros e brasileiros irão conhecer até a Copa do Mundo herdará do antigo estabelecimento de "má fama", que fica na Praça Tiradentes, somente o endereço e a fachada. Um projeto que a Secretaria municipal de Urbanismo acaba de aprovar — conforme revelou a coluna Gente Boa do GLOBO no domingo — transformará o local, que já foi um ponto barato de prostituição, no primeiro hotel cinco estrelas do Centro da cidade. Um investimento de R\$ 10 milhões, que inclui a compra do imóvel e as obras de restauração e modernização, fará com que a velha construção neoclássica de 1902, decadente após anos de abandono, ressurgirá em toda a sua beleza após um retrofit.

Os novos proprietários são os irmãos François-Xavier Dussol e Jacques Dussol — proprietários dos hotéis La Suite, na Joatinga, e La Maison, na Gávea, da rede By Dussol. Eles contrataram a arquiteta Lígia Munhoz e já comemoram a aprovação:

— Nós amamos o Centro da cidade e há anos procuramos um lugar para abrir um hotel que tivesse as mesmas características, pequeno e charmoso. Quando vimos o imóvel, nos apaixonamos. Vamos preservar a fachada,

mas, por dentro, deixar a construção no osso e refazer tudo — contou François-Xavier.

Segundo ele, até mesmo o nome do estabelecimento sofrerá mudanças:

— Será Le Paris, combinando La Suite com La Maison.

HOTEL TERÁ 21 SUÍTES

De acordo com o projeto aprovado pela prefeitura, o Le Paris terá 21 suítes, de 16 a 30 metros quadrados. No lugar da loja de colchões no andar térreo do prédio ficará o lobby do hotel e um restaurante. Na cobertura haverá uma piscina e um sky lounge, como um clube:

— Quem não for hóspede terá que ser sócio do clube para ter acesso ao sky lounge — diz François-Xavier.

A bagatela de R\$ 15 por 30 minutos de uso (da época em que o hotel alugava quartos para prostituição) sofrerá um reajuste de preço à altura do empreendimento estrelado: as diárias ficarão entre R\$ 690 e R\$ 2.300 (na suíte Paris). Mas, em homenagem à história da região, o Le Paris terá uma suíte rotativa, que já ganhou até nome: Delícia.

— Nós temos um nome em francês para definir o nome, "coquin" (que remete a travessura) — brincou o proprietário do futuro Le Paris. ●

Almanaque carioca

MARCOS TRISTÃO

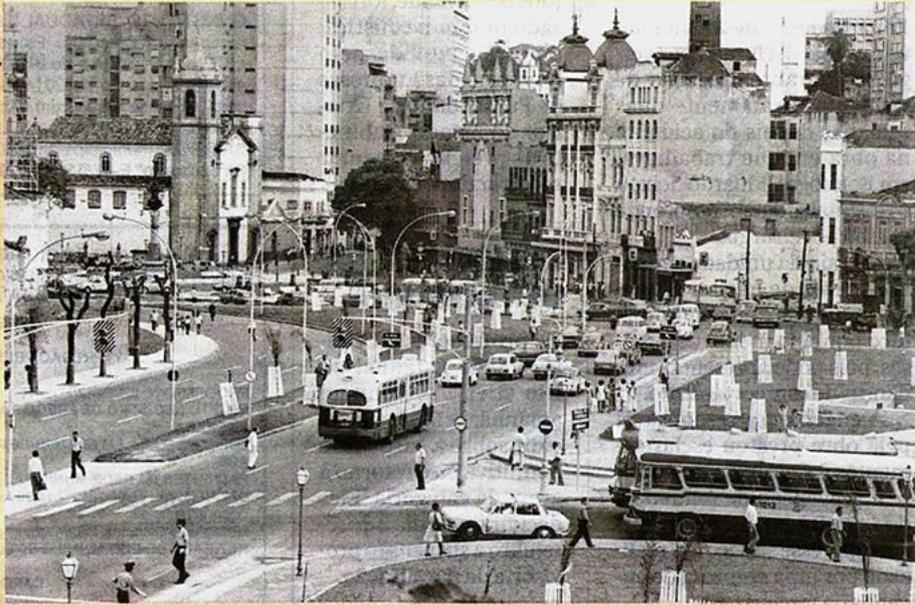


Mudança radical. Antigo ponto de prostituição, o Hotel Paris, na Tiradentes, passará por reforma para ressurgir como cinco estrelas

2.9. Matéria Jornal O Dia - *Conexão Leitor* - 13/9/2012.

MEMÓRIA DO DIA

RAMOS/ARQUIVO O DIA



O trânsito de antigamente na sempre boêmia Lapa

■ Em 26 de fevereiro de 1975, o Largo da Lapa já via a ressaca do Carnaval, que naquele ano aconteceria duas semanas antes. Na foto, percebe-se que o casario praticamente não mudou desde então. Mas, nas ruas, ônibus e carros bem diferentes. E os semáforos de apenas duas cores, que hoje são raridade?

⚡ Acesse as imagens em <http://agenciaodia.ig.com.br>

2.10. Matéria Jornal O Dia - 13/9/2012.



■ **DEPOIS DE UM ANO DE REFORMA** nos Arcos da Lapa, bastaram alguns meses para eles aparecerem pichados novamente, denuncia Bruno Sereno de Brito. “Os Arcos encontram-se totalmente sujos, tomados por moradores de rua, usando inclusive drogas à luz do dia, com direito a muito lixo. Uma vergonha para o Rio”, lamenta.

2.11. Matéria Jornal *O Globo* - 15/10/2012.

TRADIÇÃO DO CENTRO

***Feira Rio Antigo
celebra 16 anos***

Rua do Lavradio
recebe 400 barracas
uma vez por mês

ALINE NOVAES
granderio@oglobo.com.br

O escritor João do Rio, em “A alma encantadora das ruas”, livro publicado há mais de um século, parece descrever o sentimento dos que passam uma vez ao mês, há exatos 16 anos, pela Rua do Lavradio para contemplar e arrematar preciosidades na Feira Rio Antigo. É o caso do advogado Sandro Mamed, que frequenta o local desde a primeira edição e agora faz questão de trazer a filha Pérola, de 8 anos:

— Eu venho sempre e é bem bacana, principalmente para Pérola. Não quero que ela cresça apenas com brinquedos eletrônicos. Aqui há uma diversidade de artesanato e de coisas mais rústicas. É contemporâneo e, ao mesmo tempo, antigo. De acordo com o advoga-

do, mesmo que seja notória uma mudança devido ao crescimento da feira, a sua identidade ainda é preservada. Essa é também a opinião de Jaceglae Oliveira, que expõe sua arte na rua durante esses 16 anos:

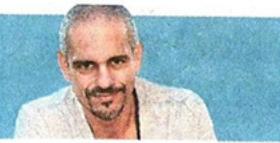
— Permaneceram os produtos antigos, mas também há espaço para coisas contemporâneas. Acho que ela tem mesmo que expandir. Ter coisas para todos os gostos.

Jaceglae conta que, no início da feira, eram poucos os expositores e não havia organização, já que as pessoas expunham seus materiais da forma que era possível; às vezes, até no chão.

A Feira Rio Antigo acontece todo primeiro sábado do mês e chega a receber 20 mil visitantes. A rua, que traz à memória a belle époque carioca, ganha um tom especial com a presença dos cerca de 400 expositores de peças antigas, artesanato e artes plásticas. Há ainda os artistas de rua e opções para os amantes da gastronomia e da música. ●

2.12. Matéria Jornal *O Dia* - 29/11/2012.

ISNARD MANSO
colunista convidado



HISTÓRIA E CULTURA

Num Rio de Janeiro que, cada vez mais, se cerca em condomínios e shoppings centers, um grupo de comerciantes preferiu ser diferente e apostar no comércio de rua, na revitalização do antigo e na valorização da história do Rio. Muitos, inclusive, dedicaram parte de suas vidas ao lugar, por acreditar que o projeto daria certo. E deu mesmo.

Um grupo preferiu ser diferente e apostar no comércio de rua, na valorização da história do Rio

A história do Polo Novo Rio Antigo começa em 1991, quando ainda era a Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo (Accra). Em 1996, esse grupo de empresários começou um movimento de revitalização da região, que estava degradada, com problemas de saneamento, de manutenção dos casarios antigos, com ruas mal iluminadas, além de sujas. Desde então, uma das ações de mais visibilidade implementada pela associação é a Feira Rio Antigo. Com 16 anos, consolidou-se como um espaço democrático, reunindo alguns dos melhores antiquários, sebos e artesanatos da cidade. Mais de 400 expositores ocupam a Rua do Lavradio, entre a Mem de Sá e a Visconde de Rio Branco.

Com o fortalecimento da Accra e a proximidade com órgãos go-

vernamentais, as obras vieram. Ao longo de quatro anos, a Prefeitura transformou a Lavradio num lugar vivo, bonito e diferente. Com o investimento público, acabou vindo também o investimento privado: os antiquários, agora com a autoestima elevada, foram se conscientizando e passaram a se renovar. Surgiram novos bares, restaurantes, casas noturnas com boa música ao vivo, além de empreendimentos imobiliários. O resultado de tudo isso é a transformação total de uma área antes completamente abandonada.

Aliás, voltando à Feira Rio Antigo, o número de expositores e o público aumentaram expressivamente após os 10 anos. A iniciativa, estendida aos artesãos, levou a esse 'boom'. Até 2006, ano em que a Accra se transforma em Polo Novo Rio Antigo por decreto do então prefeito Cesar Maia, 8 mil pessoas circulavam pelo lugar no primeiro sábado do mês. Hoje, cada edição atrai entre 17 mil e 20 mil pessoas.

Com a responsabilidade de fortalecer suas ações junto ao comércio e cultura da cidade, o Polo passa a trazer grandes eventos em dias especiais como o do Samba, em 2 de dezembro. Por isso, preparamos grandes festas, como a deste sábado, homenageando o ritmo. O samba é um dos fios que amarram a história da revitalização dessa área. Com harmoniosas trilhas sonoras, a exemplo de Teresa Cristina, Sururu na Roda, Casuarina, entre outros, o Rio se rendeu ao Centro e à boemia da Lapa.

Isnard Manso é presidente da Associação Polo Novo Rio Antigo

2.13. Matéria Jornal *O Dia* - Coxão Leitor - 4/12/2012.

MEMÓRIA DO DIA



A Lapa e a sua eterna capacidade de se reinventar

■ A foto mostra a Rua do Lavradio, na Lapa, quando ainda abrigava um terminal de ônibus, em 1992. Revitalizada, a rua é hoje um dos pontos mais frequentados e charmosos da cidade. Todo primeiro sábado do mês, lá é realizada a Feira do Rio Antigo, que reúne artesanato, antiguidades, gastronomia e boa música.



Acesse as imagens em <http://agenciaodia.ig.com.br>

2.14. Matéria Jornal *O Dia*- 16/12/2012.PERFEITO FORTUNA
colunista convidado

UNIDOS PELA LAPA REVITALIZADA

Há alguns dias reunimos a turma da Lapa para uma conversa. A ideia, apoiada pelo pessoal dos Seminários Criativos, do nosso amigo Leo Feijó, não era debater, mas resolver. De verdade, e com propostas. Nossa loucura acabou sendo muito bem recebida, inclusive pelo poder público. Integrando a programação '100 anos de Fundação, 30

Quando olhamos para a Lapa, pensamos qual o tamanho que o bairro pode suportar. É preciso integrar o entorno

Pra quem só queria reclamar, foi um pouco frustrante. Para quem veio propor, foi sensacional. A Lapa é o principal polo cultural da cidade do Rio de Janeiro, movimenta a economia criativa da cidade, mas apesar dos constantes investimentos no bairro, ainda persistem problemas de infraestrutura e sociais graves. Das soluções práticas para colaborar com sua revitalização, ideias como a galeria de arte de rua no Morrinho de Santo Antô-

nio (hoje povoado por assaltantes, moradores de rua, traficantes e sujeira), ou a construção do "Laparquinho" emplacaram. Ficou evidente, também, que é preciso ordenar a Rua Joaquim Silva, por onde passam todos os dias os mais refinados artistas e um público instigado pela descoberta da música do Bar Semente. Se você pergunta para um guarda municipal o que ele está fazendo ali, ele não sabe. Quem o manda para lá também não!

Quando olhamos para as bordas da Lapa, pensamos qual o tamanho que o bairro pode suportar. É preciso integrar o entorno, a Lapa com a Praça Tiradentes e a Cinelândia, para não prejudicar esse espaço urbano. É preciso oferecer melhor mobilidade para descer a República do Paraguai e a Rua do Lavradio. Como lembra o pesquisador Micael Herschmann, professor da UFRJ que publicou em 2007 o livro 'Lapa, Cidade da Música' (Maud): "Exemplos recentes, como o grupo Nova Lapa Jazz — iniciado na Lapa e depois transferido para a Praça Tiradentes em uma ação positiva do Poder Público, mostram a importância dessa interação com a rua para a vitalidade dessa região".

Mais do que exigir somente os órgãos públicos, é hora de um esforço colaborativo. Não tem mais esquerda nem direita, agora é colaboração e associativismo. A Lapa não vai perder o bonde da história, quer governar e não ficar de braços cruzados, esperando os Arcos pretejam, o trilho enferrujar e o banheiro feder.

Mais do que exigir somente os órgãos públicos, é hora de um esforço colaborativo. Não tem mais esquerda nem direita, agora é colaboração e associativismo. A Lapa não vai perder o bonde da história, quer governar e não ficar de braços cruzados, esperando os Arcos pretejam, o trilho enferrujar e o banheiro feder.

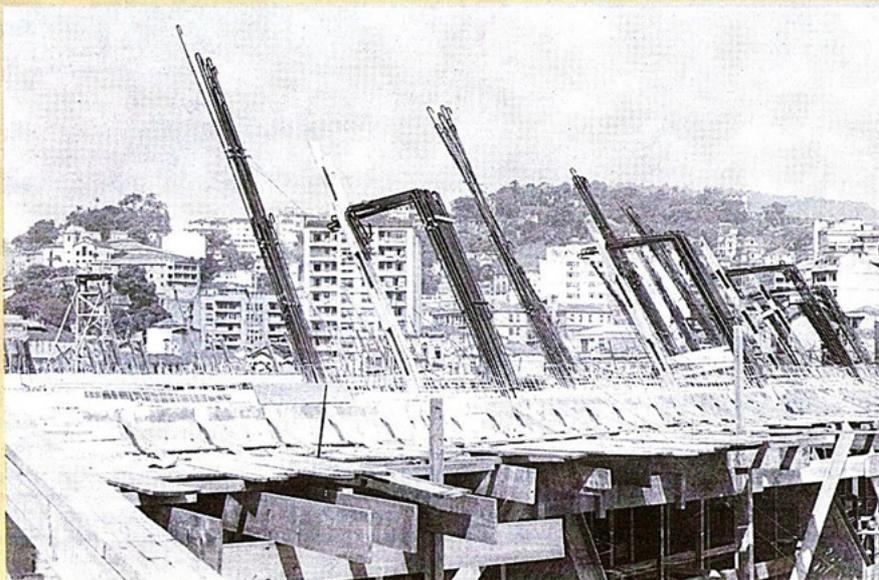
Mais do que exigir somente os órgãos públicos, é hora de um esforço colaborativo. Não tem mais esquerda nem direita, agora é colaboração e associativismo. A Lapa não vai perder o bonde da história, quer governar e não ficar de braços cruzados, esperando os Arcos pretejam, o trilho enferrujar e o banheiro feder.

Perfeito Fortuna é ator, agitador cultural e presidente da Fundação Progresso

2.15. Matéria Jornal *O Dia* - Conexão Leitor - 20/12/2012.

MEMÓRIA DO DIA

FOTO RUBENS/AGÊNCIA O DIA

A forma
surpreendente
da Catedral
Metropolitana

■ A inclinação da armação dos ferros dá forma ao que viria a ser a Catedral Metropolitana do Rio. De gosto duvidoso para alguns, ela é circular e cônica, para significar a equidistância e proximidade das pessoas em relação a Deus. A foto é de 1967, e 1979 é considerado o marco de sua inauguração.



Acesse as imagens em <http://agenciaodia.com.br>

2.16. Matéria Jornal *O Globo* - 6/1/2013.

O plástico entra para a história

Prédios antigos do Rio trocam esquadrias originais de madeira pelo PVC

KARINE TAVARES
karine.tavares@oglobo.com.br

Na Fortaleza de São João, na Urca. Num sobrado do início do século XX, na Lapa. Num hotel na Praça Tiradentes. O PVC tão usado em tubulações de água e esgoto, pisos e forros vem ganhando espaço em outra área da construção civil: as esquadrias. Por ora, elas representam só 4% do total usado em portas e janelas por aqui, mas alguns imóveis históricos, com originais de madeira, parecem ter descoberto o material e vêm investindo na troca.

Em que pese os efeitos sobre o meio ambiente, tanto em relação à produção do PVC (feito a partir do cloro e do petróleo), como ao seu descarte (já que o material não costuma ser reciclado em grandes quantidades), sua extensa durabilidade e a não necessidade de manutenção são os principais motivos para a escolha. Além disso, visualmente o PVC não faz feio comparado à madeira. Tanto que até na Fortaleza de São João, a troca foi feita em ambientes nobres, como no prédio de comando e no salão de festas.

Outra vantagem é o custo menor, que pode representar boa economia, já que as esquadrias consomem de 13% a 40% do valor da obra.

— Se fosse refazer as esquadrias de madeira, teria que vender o prédio para pagar a obra. Sem falar que é muito difícil encontrar carpinteiros que queiram fazer esse serviço — conta Manuel Soares, proprietário de dois sobrados na Lapa, onde funciona uma hospedaria.

Os prédios, do início do século XX, integram a Apac da Lapa, e precisavam ser reformados pois estavam bem deteriorados. Soares pintou as fachadas e pediu autorização à prefeitura para trocar as esquadrias por PVC, que, têm aparência bem similar à da madeira. Gostou tanto que resolveu fazer o mesmo em outra propriedade, o Hotel Rio's Presidente, na Tiradentes.

Construído para a Copa do Mundo de 1950, o prédio passa agora por melhorias para a Copa de 2014 e o primeiro passo foi justamente a troca das esquadrias por PVC.



Boa aparência. Na Fortaleza de São João, prédio do comando teve esquadrias trocadas, e não é possível notar a diferença



Antes e depois. Sobrados deteriorados da Lapa ganharam novo visual após reforma

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

2.17. Jornal *Capital Cultural* – Janeiro de 2013.

Opinião

Janeiro de 2013

6

Eduardo Paes dá carta branca a subprefeito e quer ver a Lapa civilizada e ordenada

Depois de inaugurar uma UOP - Unidade de Ordem Pública - na Praça XV e outra na Zona Portuária Eduardo Paes quer moralizar a Lapa todo e todo seu entorno

Num encontro com o subprefeito Luiz Claudio Gonçalves o Prefeito Eduardo Paes demonstrou toda sua preocupação com todas as irregularidades que vem acontecendo na Lapa e pediu para que o subprefeito agisse com determinação. Não é a primeira vez que Paes volta seu olhar para a região. Quando em campanha em 2007, o então candidato Eduardo Paes em reunião com moradores, comerciantes, empresários e artistas da região falou de seu carinho pelo Centro da cidade e de sua intenção de transformar a realidade do lugar. Aproveitou a ocasião para alfinetar seu antecessor o então prefeito César Maia, que idealizou, mas não concluiu a Cidade da Música e afirmou: "Isso aqui sim é a verdadeira Cidade da Música. Temos que preservar, incentivar e investir nesta região".

Pois bem, Eduardo Paes venceu as eleições e nos primeiros quatro anos à frente da prefeitura sua administração não fez muito coisa pela área denominada Novo Rio Antigo: Lapa, Cinelândia e Praça Tiradentes. Foram feitas apenas obras pontuais e sem grandes significância

para os moradores como a reforma da Praça Tiradentes, a da Praça dos Arcos na Lapa, uma pequena reforma na Praça João Pessoa. O que mais ganhou destaque e mídia não foi exatamente uma obra, mas a decisão de fechar a rua do Riachuelo e da Avenida Mem de Sá.

Quatro anos se passaram e o prefeito em campanha por sua reeleição em setembro de 2012, afinou seu discurso prometeu um tratamento especial para a região e fez verdadeiras declarações de amor e admiração pelo Centro. Num novo encontro com moradores, comerciantes e empresários afirmou:

Uma cidade que não respeita seu Centro, que não mantém sua centralidade é uma cidade sem alma. O Centro Histórico do Rio passou por um total momento de esvaziamento e o limite foi o surgimento da Barra com a transferência de muita gente para aquela área. O que aconteceu no Centro foi um movimento não governamental, um movimento para além do poder público. Diria que foi a primeira reação do carioca dizendo que não estava satisfeito. Era como se o carioca estivesse dizendo: Não estamos satisfeitos. Não temos mais paciência. Não queremos fugir de nossa história, de nossa cultura".

Porto Maravilha ganha sua Unidade de Ordem Pública

Depois do Catete, Glória e Largo do Machado onde a qualidade de vida melhorou consideravelmente com o fim dos assaltos, população de rua e descasos por parte dos comerciantes, Prefeitura agora vai ordenar a Zona Portuária



No Catete a inauguração da UOP proporcionou paz e segurança para os moradores

das com mesas e cadeiras por parte dos donos de bares, o comércio ambulante, os frequentes assaltos, a população de rua e os estacionamentos irregulares.

Na verdade esta é a oitava Unidade de Ordem Pública instalada na cidade. As demais estão localizadas no Catete, Centro (compreendendo Praça XV até a Av. Rio Branco), Méier, Catete, Copacabana, Ipanema, Leblon, e Tijuca.

A UOP do Porto Maravilha, contará com 267 guardas municipais que atuarão em uma área de mais de um milhão de metros quadrados. Na abrangência na nova unidade, estão relacionadas avenidas Presidente Vargas, Venezuela e Rodrigues Alves, e as ruas Sacadura Cabral, Leandro Martins e Teófilo Otoni.

Para o secretário de Ordem Pública, Alex Costa é fundamental para o processo de revitalização de toda aquela região que haja um ordenamento sistemático:

— A região portuária é uma parte da cidade em que a prefeitura tem projetos importan-

tes e tem feito grande esforço para que se transforme completamente. É uma parte da cidade muito degradada, e queremos promover mudanças que beneficiem moradores e frequentadores da área do Porto.

Uma pesquisa com 257 entrevistados, realizada pelo Instituto Olhar, ocorrida entre os dias 29 de outubro e 1º de novembro, a pedido da Prefeitura apontou que para 78,6% dos entrevistados o maior problema da região é a população de rua. Para 71,2% das pessoas o barulho produzido por bares, restaurantes e obras é o que mais incomoda. 67,4% reclamam da presença de camelôs irregulares e, finalmente, os estacionamentos feitos de forma desordenada principalmente nas calçadas foram lembrados por 56,8% dos entrevistados.

A UOP da Zona Portuária será a primeira na cidade a equipar os veículos dos guardas com tablets. Por meio do sistema de GPS, será possível identificar a localização dos veículos. Os agentes vão utilizar também radiotransmissores e palmtops, acoplados a mini-impressoras, para registrar e transmitir imediatamente as irregularidades encontradas para uma central de controle da Guarda Municipal. Os agentes vão trabalhar em turnos, patrulhando 24 horas por dia. A base da nova UOP ficará na Rua Rodrigues Alves, em frente ao Armazém 10.

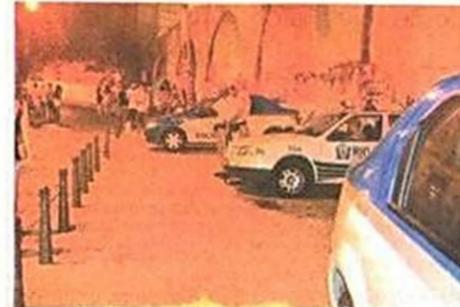


Destaque

Janeiro de 2013

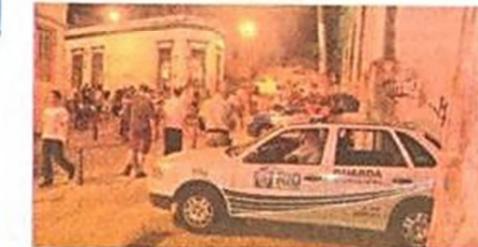
7

Subprefeito do Centro sabe do compromisso e da responsabilidade que tem pela frente



Finalmente, e depois de muita espera, ao que parece, o prefeito decidiu encarar de frente, os muitos problemas enfrentados pela Lapa e seu entorno. Em reunião com o subprefeito do Centro Luiz Claudio Gonçalves, que sempre levava ao prefeito os problemas discutidos com moradores, comerciantes, empresários e a comunidade como um todo, Eduardo Paes não só deu carta branca para o subprefeito agir como falou de sua preocupação em dar à Lapa e ao Centro como um todo o status que a região merece. "A Lapa me preocupa. É um assunto que sempre vem à tona e precisamos dar civilidade e ordenamento naquela região", teria declarado o prefeito.

Com uma relação dos principais problemas nas mãos Luiz Cláudio que tem se mostrado uma pessoa atenta e participada das várias reuniões às quais é convidado com moradores e empresários decidiu iniciar as ações de civilidade e ordenamento recomendadas pelo prefeito. As operações se iniciaram no último dia 05, numa das áreas mais conturbadas do Centro que é o trecho que compreende a Sala Cecília Meirelles à Praça João Pessoa, com uma atenção especial à Rua Joaquim Silva. Nesta entrevista realizada dois dias após a operação o subprefeito falou como pretende agir e o que pretende fazer para que a Lapa tenha a civilidade e o ordenamento que o prefeito exige.



Segundo o subprefeito Luiz Cláudio as operações na Lapa serão constantes todas as sextas e sábados.

Capital Cultural – Você tem frequentado as reuniões de moradores, comerciantes e pelos 8 meses que está à frente da subprefeitura já tem os problemas levantados. A pergunta que cabe é a seguinte: como ordenar e civilizar a Lapa como deseja o prefeito?

Luiz Cláudio – Conversei com o prefeito e ele falou de sua preocupação com aquela região. Saleintou que com o início do verão era preciso que tivéssemos ações mais pontuais de ordenamento e civilidade, pois aquela área sempre é motivo de críticas. Hoje tenho consciência de que qualquer coisa que aconteça na Lapa tem uma dimensão muito maior que em outras partes da cidade. Respondendo à sua pergunta diria que para termos civilidade e ordenamento, precisamos moralizar. Temos que acabar com todas as irregularidades existentes ali.

Capital Cultural - Porque a opção de iniciar estas operações pela Rua Joaquim Silva?

Luiz Cláudio – Poderíamos ter começado, por exemplo, pela Praça João Pessoa que também se transformou numa área muito problemática e na qual faremos muitas operações. Optamos pela Rua Joaquim Silva, por se tratar de uma rua de extrema complexidade e onde precisamos

de uma ação mais pontual da Polícia. O problema é que para a polícia atuar é preciso que a prefeitura faça sua parte. Temos que coibir a população de rua, os flanelinhas, os ambulantes para que então a polícia possa entrar. Temos todo um planejamento e faremos um trabalho conjunto com a SEOP – Secretaria de Ordem Pública, com a Guarda Municipal e Secretaria de Patrimônio.

Capital Cultural – Pela queixa dos moradores, uma das principais irregularidades na região, principalmente na Avenida Mem de Sá são as mesas e cadeiras colocadas nas calçadas e as casas sem tratamento de som que não respeitam os vizinhos e colocam música alta até altas horas da madrugada.

Luiz Cláudio – Temos conhecimento de todos estes problemas. O número excessivo de mesas e cadeiras é um problema que começaremos a combater de imediato. Um comerciante não pode colocar um número excessivo de mesas e cadeiras se não tem permissão para isso. Quanto ao som, muitas casas estão sendo autuadas e a Secretaria do Meio Ambiente fará medições para ver se estão dentro dos padrões exigidos pela lei.

Capital Cultural – A cabine da Guarda que existe atrás do Circo Voador, será utilizada nestas operações?

Luiz Cláudio – A intenção é mudar aquela cabine de lugar. Estamos estudando uma melhor opção, talvez a melhor opção seja colocarmos encostada no Muro da São Martinho ou um pouco mais acima, exatamente em frente à Rua Joaquim Silva. Parece absurdo, mas os fradinhos que foram colocados naquela subida em direção à Ladeira de Santa Teresa foram quase todos quebrados. Não podemos nos esquecer dos banheiros químicos que são colocados ali. Acredito que quando mudarmos a cabine da Guarda estes e outros problemas vão acabar.

Capital Cultural - Além do combate aos ambulantes, ao excesso número de mesas e cadeiras nas calçadas e da poluição sonora por parte das casas, o que mais se pretende fazer?

Luiz Cláudio – Nos concentraremos inicialmente na Rua Joaquim Silva que está abandonada e na Praça João Pessoa que funciona como uma porta de entrada para a Lapa. Na Joaquim Silva, vamos refazer o asfalto, cuidar do meio-fio e melhorar a iluminação no trecho que compreende os Arcos à Escadaria do Selaron. Enfim o objetivo é realizarmos ações permanentes naquela região.



Luiz Cláudio: "É preciso moralizar a Lapa".

Tratamento desigual deixa ambulantes indignados

Os ambulantes que trabalham na Rua Joaquim Silva se mostram indignados com as operações que a Prefeitura resolveu fazer e se mostram indignados com a postura da Guarda e outros órgãos que perseguem apenas os trabalhadores autônomos. A ira maior de todos é em relação à omissão da Secretaria de Ordem Pública contra o Bar Só Cana, inaugurado a menos de um ano, bem em frente aos Arcos da Lapa. É do conhecimento de todos, que aquele estabelecimento coloca o número excessivos de mesas e cadeiras nas calçadas e rigorosamente nada é feito. Um dos ambulantes mais antigos da Lapa demonstra toda sua indignação:

Ordenamento pra eles representa perseguir os ambulantes da Rua Joaquim Silva. Porque não fazem nenhuma ação contra este bar. O prefeito tem que saber que para aquele bar existir a prefeitura acabou com um retorno que tinha ali da Rua Riachuelo para a Avenida Mem de Sá e fez um imenso calçadão. Parece até que a coisa foi pensada com antecedência, pois mal acabaram com o retorno e o bar foi inaugurado. Então nós não podemos trabalhar e os proprietários do Só Cana podem. O que são eles senão ambulantes de luxo e com conhecimento dentro da Prefeitura? - indaga.

Uma outra ambulante lembra que os bares da Mem de Sá fazem o que bem entendem, colocam mesas e cadeiras nas calçadas, não deixam espaço para os moradores e rigorosamente nada é feito pela prefeitura:

Nós moramos aqui. Chegamos muito antes deles e agora vem a Secretaria de Ordem Pública dizer que dizer que tudo de errado que acontece na Lapa é culpa dos ambulantes. E os os bares que colocam mesas e cadeiras nas calçadas, e entopem as calçadas de lixo, isso ninguém vê. O que a prefeitura está fazendo é discriminar os pobres. Não ficamos aqui madrugada adentro, aguento bêbados e pessoas chatas porque gostamos. Estamos aqui, porque precisamos trabalhar, porque temos nossas contas para pagar. Não é justo - termina.



Montes de lixo podem ser encontrados em todas as ruas da Lapa



Sem qualquer constrangimento, morador de rua faz necessidades à vista de todos na Rua do Rezende



Casal 'vive' como lixo na Rua dos Inválidos. Moradores reclamam que eles brigam e namoram o dia todo

Trânsito reabre hoje na Lapa e moradores comemoram

Eles aprovam medida da prefeitura, dizendo que os visitantes não respeitam o bairro

CONSTANÇA REZENDE
constanca.rezende@odiario.com.br

Os carros voltam neste fim de semana à Lapa, junto com a esperança de menos lixo e desordem nas ruas. Depois de dois anos e oito meses fechados às sextas e sábados das 22h às 5h, trechos das ruas do Riachuelo, Mem de Sá e dos Arcos serão reabertos hoje ao trânsito. Dirigentes comunitários da região esperam que o fim do bloqueio e, consequentemente, menos gente nas ruas signifiquem menos sujeira. A prova será se as montanhas de lixo e mau cheiro na Lapa diminuirão ao raiar do dia. Mesmo com o cenário, a Comlurb afir-

ma que recolhe, em média, 20 toneladas de lixo domiciliar e seis toneladas de lixo público por dia na região.

Para Louise Tommasi, do movimento 'Eles não amam a Lapa', a região virou "coisa de maluco" com os pedestres no meio das vias. "O frequentador não respeita o meio ambiente, faz xixi nas árvores, assim como os ambulantes, que jogam óleo na pista", diz. Para o fundador da Associação Amigos da Lapa, hoje extinta, e morador do bairro há 50 anos, Jurandir Albuquerque, faltou planejamento. "A Lapa não estava preparada para receber tanta gente, e a prefeitura não conseguiu fazer a fiscalização da ordem".



Catador de lixo na Lapa: com tanto lixo nas ruas, não falta serviço

Enquanto isso, os que vão para o bairro boêmio curtir a noite desaprovam a medida, como o músico Tarcísio Ci-

são, que costuma tocar nos fins de semana. "Entendo o lado dos moradores, mas a prefeitura deve promover

um consenso", propõe.

Enquanto isso, a Comlurb garante que, a partir deste fim de semana, ampliará o número de garis na região de 36 para 56, com três turnos de serviços de limpeza geral e varrição, cobrindo as 24 horas do dia.

COLETA SELETIVA

A Comlurb diz também que a Lapa será incluída no roteiro do programa de coleta seletiva até meados do ano. Além disso, está distribuindo 1.000 contêineres de tampa azul, exclusivos para o lixo domiciliar dos prédios e condomínios, para garantir o correto condicionamento e agilizar a coleta.

Promessa de ruas mais iluminadas e seguras

A Lapa também ficará mais iluminada a partir de hoje, segundo o presidente da Rioluz, Henrique Pinto. A segurança também foi motivo para a liberação do tráfego, sobretudo no início da manhã. Nesta madrugada, o órgão trocará 49 lâmpadas amarelas, de vapor de sódio, por lâmpadas brancas, de multi vapor metálico, que, segundo Pinto, fornecem melhor claridade. "As lâmpadas brancas permitem melhor visualização de pessoas e objetos. Além disso, as cores também ficam mais nítidas. Será um 'tchan' a mais para a Lapa", disse Pinto.

Os locais escolhidos para a mudança foram a Mem de Sá, com 33 lâmpadas, o entorno da Praça da Cruz Vermelha, com 12, e a Praça João Pessoa, com quatro. Na semana que vem, mais ruas serão contempladas pela operação,



Trecho junto aos Arcos do encontro das ruas Mem de Sá e Riachuelo ganhará luzes mais potentes

que somará, no final, 392 novas lâmpadas. Ruas como a Gomes Freire e Riachuelo, o entorno da Fundação Progresso e os Arcos estão incluídos no programa.

O presidente da Rioluz não quis dizer quanto custou a troca, mas garantiu que ela foi feita para atender a uma reivindicação de moradores da região. "Prefiro não dizer

agora os custos porque estão previstas mais mudanças para a Lapa. Porém, em relação a economia, posso dizer que elas consomem a mesma coisa", afirmou.

PONTO DE VISTA

AZIZ FILHO
editor-chefe de O DIA

Não gosta da Lapa quem não curte samba ou é ruim de cabeça. É fácil se apaixonar pelos casarões seculares e pelo agito jovem que transforma bares em formigueiros humanos. Difícil é entender o desprezo por uma região que atrai o mundo graças à sua mística e ao empreendedorismo de sua boêmia. É impossível não se indignar com as cenas diárias produzidas pelo abandono.

Caminávamos às 14h de ontem para almoçar na Rua do Rezende quando tivemos de desviar da calçada para não incomodar um cidadão que defecava, indiferente à movimentação de carros e pedestres. Era só um dos que encaram a Lapa como região onde tudo vale. Inspiram-se na Guarda Municipal que não protege o patrimônio urbano, na Rioluz que não ilumina, na Ordem Pública que nada ordena, na Cedae que finge não ver esgoto a céu aberto e na Comlurb, que não limpa, não lava e não instala lixeiras.

VIVA VOZ

LOUISE TOMMASI
do 'Eles não amam a Lapa'

"O frequentador não respeita o meio ambiente, faz xixi nas ruas, fora os ambulantes"

JURANDIR ALBUQUERQUE
do antigo 'Amigos da Lapa'

A operação da prefeitura Lapa Legal (responsável por fechar as ruas) não teve nada de legal"

TARCÍSIO CISÃO
músico

"Entendo o lado dos moradores, mas a prefeitura deve promover um consenso para agradar a todos"

3.1. Matéria *Clicapiaui.com* – 12/1/2011.**solte o grito, chegou seu novo portal...****clicapiaui.com**
NOTÍCIA, OPINIÃO E DIVERSÃO**Menor, de 14 anos, é recolhida com crack no Rio****Policiais apreenderam em flagrante uma adolescente de 14 anos com crack e R\$ 30 na Lapa no Rio**

Policiais do Serviço Reservado (P-2) do 13º BPM (Praça Tiradentes) apreenderam em flagrante uma adolescente de 14 anos, no início da madrugada desta quarta-feira, na Rua do Lavradio, 122, na Lapa. O imóvel é ocupado por invasores. Com a jovem foram encontradas 47 pedras de crack e R\$ 30, proveniente da venda de três pedras da droga. A unidade é vendida a R\$ 10 cada, segundo a polícia.

Uma informação de tráfico de drogas levou os agentes ao imóvel, habitado por invasores. O local teve sua população aumentada recentemente após a desocupação determinada pela justiça do prédio do INSS, na Rua do Riachuelo, 48, segundo a PM. Os antigos ocupantes do edifício teriam se mudado para o imóvel da Rua do Lavradio.

Na chegada da polícia, várias pessoas fugiram para os fundos do imóvel, de cerca de 60 metros de extensão. Através de um informante, os policiais chegaram a menor de 14 anos. Ela estava na entrada do imóvel com a carga de crack escondida na roupa. Os PMs descobriram que a menina já tem duas passagens por furto, sendo uma ocorrida em Copacabana e outra no próprio Centro do Rio.

Após o registro da ocorrência na 5ª DP (Mém de Sá) e de ser submetida a exame de corpo de delito, a jovem será encaminhada à Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA).

Disponível em: <http://www.clicapiaui.com/geral/43756/menor-de-14-anos-e-recolhida...>

Acesso em: 26/10/2012.

3.2. Matéria *O Globo.com* – 4/4/2012.

EU-REPÓRTER

07:35 DOMINGO 02.09.2012

À espera de reforma, futura sede do Bola Preta põe pedestres em risco



Prédio histórico na Rua do Lavradio, cedido ao Cordão do Bola Preta, apresenta sinais de abandono
(FOTO DO LEITOR MARCOS AURÉLIO BASSOLLI ALVES)

RIO - Em mau estado de conservação, o prédio que deve abrigar a futura sede do Cordão do Bola Preta coloca em risco pedestres que passam pelo cruzamento da Rua da Relação com a Rua do Lavradio, no Centro, pois o isolamento da área não obedece às normas de segurança, diz especialista. Como mostra a foto do leitor Marcos Alves, as paredes do imóvel, preservadas pelo patrimônio histórico municipal desde 1984, não estão isoladas e podem ceder sobre os pedestres.

O prédio deve ser revitalizado por meio de um convênio entre o Governo do Estado, proprietário do terreno, e a Prefeitura do Rio, com um orçamento de R\$ 2,3 milhões. No entanto, segundo a Subsecretaria municipal de Patrimônio, a obra não tem data para começar, já que ainda não foi realizado processo licitatório para escolher a empresa responsável pela recuperação do espaço. O órgão analisa as condições do prédio junto à Secretaria municipal de Obras (SMO) e Defesa Civil Municipal para executar obras emergenciais.

“Esse imóvel está completamente abandonado e caindo literalmente aos pedaços. O isolamento de segurança joga o pedestre na rua e não é suficiente para manter a área de segurança. Tanto é que a fita já foi destruída, e os pedestres passam pela área de risco”, observou o leitor.

De acordo com o vice-presidente do Crea-RJ, Jaques Sherique, a proteção aos pedestres não está de acordo com as normas de segurança. Segundo o engenheiro, o objetivo da tela laranja, colocada pela Defesa Civil Municipal, é indicar que o imóvel está com problemas, e não impedir a passagem de pedestres.

- O ideal é que as pessoas não passem na calçada sob o prédio. O imóvel precisa de um escoramento interno, aquele com andaime tubular, para evitar qualquer desmoronamento. Se fosse o caso, por baixo do escoramento faria-se uma passagem de pedestre - explica Sherique.

O Crea-RJ prometeu enviar um fiscal ao prédio para avaliar a estrutura. Caso seja constatado que as medidas de segurança não estão sendo cumpridas, o governo estadual terá um prazo de dez dias para tomar providências.

O Cordão da Bola Preta ocupa desde novembro de 2009, em regime de comodato, um imóvel ao lado, cedido pelo governo estadual na Rua da Relação e na Rua do Lavradio. Neste espaço funciona o Centro Cultural do grupo, que perdeu sua tradicional sede na Avenida 13 de Maio. De acordo com o projeto, a primeira etapa da obra será a restauração do espaço, mantendo as instalações internas e a fachada histórica. No local será construída uma casa de shows com um grande salão para bailes e festas. O Centro de Memórias do bloco será criado no segundo piso.

De acordo com a Secretaria de Transportes, o prédio pertence à RioTrilhos, e foi cedido em 2009, por um prazo de cinco anos, ao Centro Cultural Cordão da Bola Preta. O contrato de comodato estabelece que a manutenção, conservação e preservação do prédio sejam realizadas pelo comodatário, no caso, o Bola Preta, que está viabilizando junto à Prefeitura a recuperação desse prédio.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/eu-reporter/a-espera-de-reforma-futura-sede-do-bola-preta-poe-pedestres-em-risco-4496235>

Acesso em: 2/9/2012.

3.3. Matéria Portal G1 / *Globo.com* - 18/5/2012.

RIO DE JANEIRO

G1 ▾ | **Telejornais** ▾ | **Esporte** | **Trânsito** | **Aeroportos** ▾ | **VC no G1**

18/05/2012 11h34 - Atualizado em 18/05/2012 11h58

Lapa é o mais novo bairro da cidade do Rio

Prefeito Eduardo Paes sancionou projeto de lei nesta sexta-feira. Região passa a ter limites específicos e oficiais.

Do G1 RJ



Paes sancionou projeto que cria o bairro da Lapa
(Foto: Reprodução/TV Globo)

A Lapa agora é, oficialmente, o mais novo bairro da cidade do Rio. Nesta sexta-feira (18), o prefeito Eduardo Paes sancionou o projeto de lei, já aprovado na Câmara, que determina a criação do bairro da Lapa pela subdivisão do Centro.

Segundo o projeto, que é de autoria dos vereadores Dr. Jairinho e Marcelo Arar, a Lapa passa a obedecer todas as regras e ter as especificações de um bairro, como limites específicos e oficiais.

Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/05/lapa-e-o-mais-novo-bairro-da-cidade-do-rio.html>

Acesso em: 20/7/2012.

3.4. Matéria *O Globo.com* – 18/7/2012.

EU-REPÓRTER

07:44 DOMINGO 02.09.2012

Calçadas quebradas expõem má conservação na Rua do Lavradio

Rampas de acesso para cadeirantes estão danificadas e fradinhos foram arrancados



Buracos na calçada, rampa danificada e guia para deficientes visuais destruída: este é o panorama na Rua do Lavradio
(FOTO DO LEITOR PAULO CARATORI / EU-REPÓRTER)

RIO - Endereço nobre nos tempos do Império, a Rua do Lavradio, na Lapa, não tem recebido a atenção merecida na atualidade. Apesar dos investimentos na revitalização da região, calçadas quebradas, fradinhos arrancados e canteiros sem plantas compõem o panorama da via, que liga a Rua do Riachuelo à Praça Tiradentes. O leitor Paulo Caratori, que enviou flagrantes dos problemas ao Eu-Repórter, ressalta ainda que as rampas de acesso para cadeirantes estão danificadas, assim como os sensores táteis no chão, que servem de guia para deficientes visuais.

— A Lavradio já está assim há meses, e fica cada vez pior. Há alguns anos, foi feito um trabalho de reparo na rua, mas, sem contar com qualquer forma de manutenção, tudo começa a voltar ao que era antes — contou o leitor.



Segundo Caratori, que trabalha na região, a situação é agravada por causa de motociclistas que estacionam na calçada, em frente ao Tribunal Regional do Trabalho. A ação das motos pioraria o estado do calçamento de pedras portuguesas.

— A rua do Lavradio já está assim há meses, e fica cada vez pior. Apesar de as motos piorarem, a culpa não é delas, e sim da falta de fiscalização e conservação.

A Secretaria municipal de Conservação e Serviços Públicos se comprometeu a fazer uma vistoria nesta quarta-feira (18) para “identificar trechos danificados da

pavimentação”. Os serviços de recuperação na rua estão programados para começar na quinta-feira. Além disso, a secretaria garantiu que equipes da Coordenadoria Geral de Conservação farão, também a partir da quinta, a reposição de fradinhos e os reparos na rampa de acesso. O órgão prevê que os trabalhos estejam concluídos até a terça-feira (24). Se as condições do tempo permitirem, a sinalização horizontal da rua, como a faixa de pedestres, também deve passar por manutenção na semana que vem.

A Guarda Municipal enviou uma equipe ao local na tarde de quarta-feira para verificar a denúncia de estacionamento irregular. Os oficiais multaram seis carros, mas nenhuma moto. A corporação prometeu intensificar a fiscalização na região. Segundo o órgão, a Rua do Lavradio conta com patrulhamento diário, realizado por uma viatura em horários imprevisíveis. Além disso, um guarda a pé faz o patrulhamento entre 6h e 18h.

A Fundação Parques e Jardins (FPJ) disse que o replantio não será realizado no canteiro fotografado pelo leitor (veja na fotogaleria) “porque naquele local, embaixo do nível do solo, existe uma laje de concreto que impede o crescimento de qualquer raiz ou muda”. Por isso, a fundação disse que vai solicitar à Secretaria de Conservação e Serviços Públicos o reparo do passeio público. Por enquanto, não há previsão de outros replantios no local, porque, segundo a FPJ, a Rua do Lavradio recebeu árvores novas no ano passado.

Revitalização da Lapa ainda não chegou à Lavradio

Desde abril de 2011, a região onde está a Rua do Lavradio passa pelo projeto de ordenamento urbano Lapa Legal, que envolve a Secretaria Municipal de Obras e outros órgãos da prefeitura. No entanto, a região continua sofrendo com a desordem urbana. Na segunda-feira, o Eu-Repórter publicou a reclamação sobre a instalação de um gerador na calçada da Avenida Mem de Sá, feita sem autorização da prefeitura. Em agosto do ano passado, outra reportagem denunciava a abertura de uma calçada nos arredores da Praça da Cruz Vermelha para reparos da CEG, dias após a recuperação do trecho.

A Rua do Lavradio foi aberta em 1771 pelo Marquês de Lavradio, que assumira o Vice-Reinado em 1769. A via abriga uma das construções de maior valor histórico da cidade, o Palácio Maçônico, que já foi frequentado pelo imperador Dom Pedro I. Hoje, a rua é mais conhecida pela feira de antiquários que acontece uma vez por mês, sempre aos sábados.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/eu-reporter/calçadas-quebradas-expoem-má-conservação-na-rua-do-lavradio-5516218>

Acesso em: 2/9/2012.

3.5. Matéria *Veja Rio.com* – 15/8/2012.

veja Rio

Fim de semana terá feira de antiguidade e gastronomia no Centro

Edição especial da Mostra de Antiguidade e Gastronomia acontece neste sábado (18), das 10h às 18h

15 de Agosto de 2012



Rua do Lavradio: fim de semana terá atividades culturais no Centro

O fim de semana terá atrações culturais e gastronômicas na Rua do Lavradio. Trata-se de uma edição especial da Mostra de Antiguidade e Gastronomia, que terá, além do tradicional mercado de antiguidades, shows de jazz, uma exposição em homenagem à cantora Emilinha Borba, a inauguração de um painel do artista plástico Belmiro de Almeida e do busto de bronze do Marquês do Lavradio. Terceiro vice-rey do Brasil, ele foi o primeiro morador da Rua do Lavradio, em 1777.

Os restaurantes da região também prepararam menus especiais. Quem for ao Santo Scenarium terá à disposição um festival de risotos. Entre as opções, shitake, brie com cubinhos de pêra, de açafrão com legumes e de camarões (RS 32,00). Já no Mangue Seco, a sugestão é um petisco de espetinho de frutos do mar, com molho de champignon, coentro, salsa e cebolinha (RS 25,00). No Cantinho do Senado, a picanha à brasileira para duas pessoas (RS 64,00). E no Quintal Carioca, a sugestão da casa é a anchova ao quintal, frita e acompanhada de arroz branco, pirão e salada de alface e tomate (RS 57,00, para duas pessoas).

Horários

10h às 18h: exposição de quadros com o tema Rio de Janeiro

10h às 18h: mostra em homenagem à cantora Emilinha Borba

14h: show de jazz com a banda Gipsy Jazz

18h: iluminação do painel de mosaicos 'Andorinha', de Belmiro de Almeida

Disponível em: <http://vejario.abril.com.br/especial/mostra-antiguidade-gastronomia-697489.shtml>

Acesso em: 17/8/2012.

3.6. Matéria *O Globo.com* – 19/7/2012.

EU-REPÓRTER

07:41 DOMINGO 02.09.2012

Prefeitura inicia reparos no calçamento da Rua do Lavradio

Serviço foi iniciado um dia após reclamação de leitor ao Eu-Repórter



Operários trabalham na recuperação do calçamento da Rua do Lavradio, na Lapa, após publicação de reportagem do Eu-repórter
(FOTO DO LEITOR PAULO CARATORI / EU-REPÓRTER)

RIO - Horas após a publicação de reportagem sobre problemas na conservação da Rua do Lavradio, na Lapa, a prefeitura iniciou o reparo no calçamento de pedras portuguesas. O trabalho dos operários foi clicado pelo leitor Paulo Caratori, o mesmo que denunciou o problema ao Eu-Repórter, na manhã desta quinta-feira.

No começo da semana, Paulo havia registrado buracos, fradinhos arrancados, canteiros sem árvores e rampas de acesso e sensores táteis danificados ([veja fotos aqui](#)). Segundo o leitor, a rua já estaria assim há meses, apesar do projeto de reurbanização Lapa Legal, iniciado em abril de 2011. Além disso, o leitor ainda se queixava do estacionamento irregular, frequente na via.

Após o contato da equipe do Eu-Repórter, a Secretaria de Conservação e Serviços Públicos garantiu que equipes da Coordenadoria Geral de Conservação fariam, a partir da quinta, a reposição de fradinhos e reparos na rampa de acesso. A previsão é de que os trabalhos sejam concluídos até terça-feira (24).

A Guarda Municipal também se mexeu após a reportagem. O leitor afirma que encontrou nesta quinta uma viatura da corporação na rua para coibir o estacionamento irregular, que estaria danificando o calçamento. Na quarta, os guardas multaram seis veículos estacionados irregularmente, mas nenhuma moto. A Guarda Municipal havia prometido intensificar a fiscalização no local. Atualmente, a Rua do Lavradio conta com patrulhamento diário, realizado por uma viatura que passa em horários imprevisíveis. Além disso, um guarda a pé faz o patrulhamento entre 6h e 18h.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/eu-reporter/prefeitura-inicia-reparos-no-calçamento-da-rua-do-lavradio-5524611>

Acesso em: 02/9/2012.

3.7. Matéria Site Jandira Feghali – 30/8/2012.

Prefeito Eduardo Paes se compromete e assina decreto para Legalização da Feira do Lavradio

Cultura, Destaque 30 de agosto de 2012 14:06



Eduardo Paes e representantes do Polo Novo Rio Antigo

A Associação Polo Cultural, Histórico e Gastronômico Novo Rio Antigo, ofereceu um café da manhã ao candidato e Prefeito Eduardo Paes, na pauta a legalização da Feira do Lavradio. O encontro aconteceu na última quarta-feira (29), no espaço Rio Scenarium.

Eduardo Paes foi recebido por Plínio Fróes, dono da conhecida casa de shows e antiquário Rio Scenarium, e Isnard Manso, do Centro Cultural Carioca e Presidente do Polo. O evento teve a presença de muitos convidados ligados à Cultura como Perfeito Fortuna, da Fundação Progresso, Carlinhos de Jesus, do Lapa 40º, Vilma Lustosa, entre outros. O Polo Novo Rio Antigo congrega empresários da região da Lapa, Lavradio, Cinelândia, Praça Tiradentes e arredores.

Durante o encontro, Eduardo Paes assumiu o compromisso de assinar o decreto de Legalização da Feira do Lavradio, evitando assim que, todos os meses se tenha que solicitar às mesmas autoridades o documento “nada a opor”.

No dia seguinte (30), foi publicado no Diário Oficial.

A reivindicação foi apresentada pelo Polo Novo Rio Antigo à Deputada Jandira Feghali, que levou imediatamente ao conhecimento do Prefeito incentivando a sua aprovação.



Discurso de Isnard Manso

A Deputada, que estava em retorno de viagem internacional, onde representou o Parlamento Brasileiro no Encontro Internacional contra a Violência na Infância em Lima no Perú, justificou ausência representada por sua assessoria, foi citada por Isnard:

“Jandira Feghali reconhece em nosso Prefeito uma característica importante que é agregar. Segundo Jandira, em três anos e meio de mandato, o Rio deixou de ser uma cidade isolada, que não conversava com ninguém, e passou a ser uma cidade que conversa com todo o mundo”

Outras reivindicações foram apresentadas para apreciação do Prefeito no que diz respeito a incentivos tributários (ISS e IPTU) para o Centro Histórico; criação de uma Unidade da Ordem Pública(UOP) para o local e o fechamento da Rua Álvaro Alvim para os carros, como já acontece na Lapa aos fins de semana.

O Centro Histórico do Rio de Janeiro, antes decadente, atrai hoje com música, arte e dança, pessoas da cidade e turistas do mundo inteiro, gerando empregos e arrecadação para os cofres públicos.

Disponível em: <http://www.v3.sigajandira.com.br/?p=11874>

Acesso em: 4/10/2012.

3.8. Folha do Centro – Julho de 2012.

FOLHA DO CENTRO


Edição Nº 190 - Julho de 2012.

NOTÍCIAS
6368

Centro ganha cinco novos polos comerciais



A Prefeitura do Rio, em parceria com a Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), o Banco do Brasil, a Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio-RJ), o (Sebrae/RJ) e o Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes (SindRio), assinou, no dia 14 de junho, o lançamento do Programa Polos do Rio 2016, com o anúncio da criação de mais 20 polos comerciais na cidade. O Centro ganhou cinco novos polos que vão fortalecer ainda mais o comércio e o turismo na região.

Entre as metas do programa estão a capacitação de mão de obra; adequação aos limites de ruídos aceitáveis; redução da poluição visual; promoção de ação de inclusão produtiva para as comunidades no entorno; adoção de práticas associativas consistentes e formalização dos empreendimentos. Além do Centro, foram beneficiados também o Subúrbio e as zonas Norte, Sul e Oeste.

Os novos polos do Centro:

Rio Cidade Nova - Situado numa das regiões mais tradicionais da cidade, rodeado por construções históricas e agraciado pela crescente chegada de novas empresas de grande porte, o Polo Rio Cidade Nova apresenta seu potencial comercial com diversidade de serviços: de restaurantes a lojas de autopeças especializadas, todos funcionam a pleno vapor, atendendo a moradores e trabalhadores da região.

Polo Cultural e Gastronômico do Novo Rio Antigo - Todas as tribos se encontram no Novo Rio Antigo, o agito da noite carioca, ideal para quem gosta de dançar e ouvir a boa música brasileira. Com centenas de restaurantes, bares, botequins e casas de show, Cinelândia, Lapa e Praça Tiradentes formam o reduto renovado da boemia. É lá, também, que fica a Rua do Lavradio, onde todo o primeiro sábado do mês acontece uma das mais prestigiadas feiras de antiguidades da cidade.

Polo Gastronômico, Cultural e Turístico de Santa Teresa - Charme e nostalgia fazem o encanto de Santa Teresa, um dos polos mais procurados pelos que vivem e visitam a cidade. Hotéis, albergues, bares, restaurantes, lojas e ateliês de arte movimentam a Montmartre Carioca, de onde se avistam os quatro cantos do Rio e se ouve boa música o ano inteiro.

Polo Histórico, Cultural e Gastronômico da Praça XV - Ele está no berço do Rio de Janeiro e é protagonista do processo de revitalização do Centro Histórico da cidade. Além de contar com restaurantes charmosos, que funcionam em sobrados restaurados do século 19 e oferecem um cardápio variado, da melhor qualidade, e a bons preços, o Polo da Praça XV agita a agenda cultural carioca, todo segundo sábado do mês, com exposições de artesanato, pinturas e shows.

Região Portuária - O Polo Região Portuária nasceu com a missão de ampliar as fronteiras e o trabalho realizado pelo Polo Nova Rua Larga. Com a implantação do grandioso projeto de Revitalização da Região Portuária da Cidade, o Polo ambiciona envolver os bairros históricos que dele fazem parte, empresários e a sociedade em geral, na reconstrução do que um dia foi a mais importante porta de entrada da cidade.

Disponível em: <http://jornalfolhadocentro.com.br/index4.php?edicao=190&pagina=3&>

Acesso em: 11/11/2012.

3.9. Informação disponível no site oficial do restaurante Rio Scenarium

Notícias



PARA A TRANQUILIDADE DOS CLIENTES, MÚSICOS E FUNCIONÁRIOS O RIO SCENARIUM FAZ ESTE PRONUNCIAMENTO

A equipe do Rio Scenarium lamenta imensamente a tragédia que tirou a vida de tantos jovens em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, no último domingo, dia 27 de janeiro. O fato alertou tanto as autoridades quanto o público para a importância

da segurança habitual, bem como dos planos de emergência em bares, restaurantes e casas noturnas em geral.

O Rio Scenarium, bar e restaurante com música ao vivo e para reunião de público, com o objetivo de tranquilizar seus clientes bem como a opinião pública, ressalta

que a segurança total dos seus clientes, músicos, fornecedores e funcionários sempre foi uma prioridade e que cumpre todas as exigências feitas pelo Corpo de Bombeiros, Prefeitura, Vigilância Sanitária e Defesa Civil, estando com toda a documentação exigida por estes órgãos plenamente atualizada.

Neste momento difícil, o Rio Scenarium esclarece pontos importantes das suas instalações e dos seus serviços:

Os prédios do Rio Scenarium têm 5 clarabóias que funcionam como chaminés que oferecem um ganho de energia cinética, fazendo com que a fumaça seja sugada para o prisma de ventilação, ganhando assim, potência para escape junto ao telhado.

Além de ter uma equipe de brigadistas treinada pelo Corpo de Bombeiros (Bombeiros Cívicos) a casa mantém, há mais de 6 meses, uma ambulância equipada, estacionada em frente ao prédio, toda sexta e sábado após as 23h, com médico, auxiliar de enfermagem e motorista

Localizado na Rua do Lavradio 18/20/22 e Visc. do Rio Branco, 15 e 17, o espaço conta com uma área de atendimento de 2.300m², em 3 andares + salão adicional, com capacidade para 881 pessoas. O número de clientes atendidos numa noite é, nos finais de semana, muito maior em função da rotatividade.

Entre os itens de segurança o Rio Scenarium destaca que dispõe de:

- > 3 saídas, sendo 2 na Rua do Lavradio e 1 na Rua Visconde do Rio Branco, todas com mais de 2m de largura
 - > toda a casa é interligada com, como no mínimo, uma escada de 2 m de largura em cada andar
 - > 41 extintores recarregados rigorosamente em dia, com colocação devidamente sinalizada
 - > 10 hidrantes internos com as devidas mangueiras que cobrem toda a extensão da casa, com instalação devidamente sinalizada
 - > cisternas internas para abastecimento dos hidrantes
 - > casa de máquinas com sistema de bomba de incêndio que são acionadas mesmo que falte energia na casa
 - > luzes de emergência carregadas com bateria em todos os ambientes
 - > gerador próprio que, ao ser acionado, acende as luzes de serviço assim como mantém o sistema de som e sinalização de emergência ligados
 - > equipamentos de CO2 em todas as coifas das cozinhas que são automaticamente acionados em caso de incêndio
 - > as cortinas, panos de palco e de sofás são ignífugados, o tratamento anti-chamas
- Procurando melhorar a sinalização interna o Depto de Arquitetura do Rio Scenarium criou e está instalando sinalização complementar com as rotas de fuga em caso de emergência, em todos os ambientes da casa. Serão instaladas estas rotas através de plantas sinalizadas nas paredes e setas indicativas em adesivos amarelos no piso.
- Para aumentar ainda mais a segurança contra incêndio existe, na frente do Rio Scenarium, na calçada da Rua do Lavradio, um hidrante da CEDAE que salvou o quarteirão, há alguns anos, do que poderia ter sido um grande incêndio iniciado na Casa Granado, instalada no prédio ao lado.
- Na busca pela excelência também em segurança continuamos avaliando e buscando possíveis fragilidades, além de solicitar novos treinamentos para a brigada de incêndio, que serão realizados tão breve quanto possível.
- A segurança dos nossos clientes, músicos, parceiros e funcionários é parte do nosso atendimento e o maior dos nossos bens.
- Plínio Quintão Fróes, sócio-proprietário e equipe**

Outros - Notícias anteriores

1/2/2013 - PARA A TRANQUILIDADE DOS CLIENTES, MÚSICOS E FUNCIONÁRIOS O RIO SCENARIUM FAZ ESTE PRONUNCIAMENTO
13/6/2012 - NESTE DOMINGO TEM RIO SCENARIUM

Disponível em: <http://www.rioscenarium.com.br/noticias.aspx?idNoticia=155>

Acesso em: 7/4/2013.

3.10. Informação disponível no site oficial do restaurante Rio Scenarium

Perguntas Frequentes

Curiosidades

Há quanto tempo existe o Rio Scenarium?

A casa existe desde 1999. Inicialmente, o **Rio Scenarium** instalou-se em dois imóveis geminados, de números 18 e 20 da Rua do Lavradio. Estes imóveis, a princípio, foram alugados; posteriormente, adquiridos em leilões públicos. Eles eram ocupados com mobiliário de época e objetos antigos e seu acervo servia de cenário para produções de televisão, cinema, teatro e comerciais, entre outras.

Quando o Rio Scenarium começou a funcionar como um centro cultural?

Foi em outubro de 2001, quando inauguramos o **Rio Scenarium ? Pavilhão da Cultura**, com uma programação regular de música, espetáculos de teatro e exposições. Além disso, tínhamos um bar e um restaurante, funcionando apenas no andar térreo, e um pequeno teatro no terceiro piso. O restante dos espaços superiores continuava servindo à exposição de moveis e objetos antigos para locação. Com o sucesso da programação, gradativamente os andares superiores foram também sendo adaptados e transformados em restaurante e bar com música ao vivo. Isso acabou inviabilizando a continuidade do projeto teatral, por causa dos ruídos provocados pelo funcionamento do bar-restaurante que interferiam nos espetáculos.

Como foi a expansão do projeto?

Mais dois imóveis foram incorporados ao **Rio Scenarium - Pavilhão da Cultura**: os de números 15 e 17 da Rua Visconde do Rio Branco, que hoje estão interligados ao prédio principal através de duas modernas passarelas metálicas.

No térreo, foi instalada uma moderna copa e cozinha industrial, equipada com câmaras fria e frigorífica, sala de manipulação de alimentos e banheiros para o público. Atualmente está sendo adaptada também uma sala de espetáculos. No segundo piso, foram instalados os escritórios, um pequeno armazém para atender o bar e restaurante, além de salas para abrigar o acervo de mobiliário e objetos voltados à locação para cenários.

Por que o nome Rio Scenarium?

Os sócios da casa, que há alguns anos são proprietários do antiquário Antique Center, localizado no número 28 da rua do Lavradio, resolveram montar este novo espaço apenas para locação. A idéia era atender a uma demanda do mercado do Rio de Janeiro, principalmente junto às produções da TV Globo, produtoras de vídeo e cinema, além de espetáculos teatrais. Havia uma carência de acervos de móveis e objetos de época para compor os cenários.

Portanto, não poderia haver nome melhor para sintetizar o novo negócio do que cenário ou, ainda melhor, buscando nossa origem na língua-mãe, o latim: **Rio Scenarium**. Com a ampliação de nossas atividades com bar, restaurante e música ao vivo, além de apresentações teatrais e exposições de arte, nasceu o **Rio Scenarium ? Pavilhão da Cultura**.

De que época é o imóvel do Rio Scenarium?

Os imóveis geminados, de números 18 e 20, foram projetados em 1866, por um arquiteto português, e concluídos em 1880. Isso pode ser verificado em um brasão que ornamenta a parte superior da fachada.

O que funcionava nessas casas antigamente?

As plantas originais e os depoimentos de algumas pessoas provam que nos andares superiores funcionava uma Casa de Cômodos, com doze quartos em cada um dos andares. Eles eram ocupados por famílias de baixa renda que viviam geralmente do comércio informal no Centro do Rio, nos séculos 18 e 19.

O andar térreo sempre foi dedicado ao comércio. Sabemos que neste andar funcionou, no início do século 19, uma casa de compra e venda de passarinhos. Depois, com a demolição das paredes internas, transformou-se numa fábrica de telas de arame. Foi a primeira fábrica de carrinhos e cestas para supermercado do Rio de Janeiro. Posteriormente, os andares foram ocupados por uma representação de máquinas Singer, com oficinas de conserto de máquinas industriais. O Rio Scenarium só se instalou em todo o imóvel em 18 de junho de 1999, funcionando como um antiquário especializado em locação.

E no prédio anexo, situado na Rua Visconde do Rio Branco?

No grande salão existia uma famosa gafeira onde funcionava o **Clube Humaitá de Dança**, que era administrado por uma associação de ex-funcionários da Marinha. Na parede havia um grande quadro homenageando a cantora Emilinha Borba, que era a patrona do local.

Disponível em: <http://www.rioscenarium.com.br/perguntasFrequentes.aspx>

Acesso em: 4/10/2012.

4.1. Matéria Veja Rio – 2/10/1996.

SERVIÇO



A turma da Feira Rio Antigo: móveis, objetos e serviços na Lavradio

espelhos e esculturas dos catorze brechós e antiquários da rua, junto a, pelo menos, dez ofertas de serviços, entre pinturas especiais, arranjos florais, estofamento, trabalhos com acrílico e marcenaria. As lojas selecionarão peças para expor na rua — essas devem ter preços mais baixos —, mas também vão manter as portas abertas.

“Quero fazer uma grande promoção. Feira é feira, tem de ter bom preço”, promete Plínio Frões, 40 anos, do Antique Center Marquês do Lavradio, pensando em queimar parte de seus 600 metros quadrados de estoque. Plínio vê ainda

FOTOS: ARTHUR CAVALERISTIANA

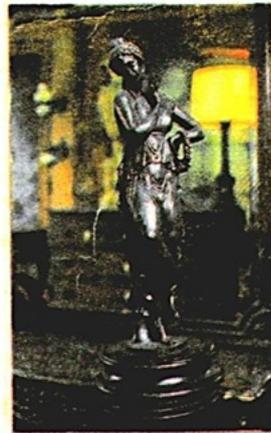
Antigo como a feira

Brechós da Lavradio botam os móveis na rua aos sábados

A Lapa está cada vez mais cult. Aos bares, shows, festas e esquisitices em geral, que arrastam para os contornos dos Arcos gente de toda a cidade, agora se soma mais uma novidade. Pensando em dar um charme extra à região e engordar o bolso, os antiquários da Rua do Lavradio resolveram botar os móveis na rua. No dia 5 de outubro, inauguram a Feira Rio Antigo, com toda a tralha que as dezenas de lojas do endereço e arredores têm para oferecer. Além de móveis antigos e reciclados, objetos de arte e decoração, a feira, que fechará a Lavradio no primeiro sábado de cada mês, sempre de 10 às 17 horas, terá também serviços. Aquela turma difícil de encontrar — restauradores, marmoreiros, lustradores — deve estar toda por lá. “O espírito é de que seja uma feira mesmo, não exposição, com xepa e tudo”, conta a antiquária Lou Vicente, dona da Emporium 100 e uma das organizadoras do evento.

A idéia não é simplesmente dar fama ao lugar. Isso a rua conseguiu nos tem-

pos em que os hoje sofisticados antiquários eram simples brechós de móveis. A feira foi pensada pelos próprios comerciantes como uma forma de revitalizar a rua e atrair mais do que decoradores atrás de relíquias que encham os olhos de seus clientes. “A gente não só quer revigorar a rua como chamar a atenção das autoridades para os problemas daqui”, explica Lou. O objetivo é ter, além das lojas da Lavradio e adjacências, outros profissionais da cidade que trabalhem com antiguidades e reciclados. Todo mundo foi convidado. Por enquanto, estarão lá mesinhas decorativas, cristaleiras, lustres de cristal, porcelanas,



Estatueta do Antique Center: na rua a 820 reais

preços convidativos para peças bonitas, de estilo e com qualidade. Para garantir a animação da feira, o antiquário Affonso Nunes, 37 anos, dono da loja que leva seu nome, vai recuperar a tradição da família e promover um leilão na mesma tarde. “Teremos quadros de artistas como Inimá de Paula e Santa Rosa, além de móveis de época, pratarias e porcelanas, todas peças consignadas”, conta Affonso. O resto fica por conta da prefeitura, que conseguiu um jeito de fechar parte da rua sem interferir no terminal de ônibus e prometeu dar uma arrumada geral por lá. O trecho próximo à Visconde de Rio Branco tem sérios problemas de esgoto, e os comerciantes esperam uma visita da Cedae até o dia da feira. “Acho que será

uma experiência ótima para toda a cidade”, aposta o subprefeito do Centro, Augusto Ivan, que viabilizou o evento. Resta conferir.

CLÁUDIA CECÍLIA

4.2. Matéria Revisa Programa – 5/9/1999.

EVENTOS

O passado
ao ar livre

A feira Rio Antigo, a maior feira a céu aberto do país, com centenas de móveis e objetos de decoração, volta a ocupar os 600 metros da Rua do Lavradio neste sábado. O evento também conta com variadas manifestações artísticas: apresentações musicais que vão do erudito ao popular, exposições, apresentações de dança e corais. Às 16h, em frente ao número 104, haverá uma homenagem ao autor teatral França Júnior, com a apresentação de duas de suas peças: *O defeito de família* e *Inglese na costa*. Das 10h às 17h, em frente ao número 28, a homenageada é Chiquinha Gonzaga. Uma vitrola de 1904 vai tocar músicas da compositora, como *Atraente*, além de canções de Orlando Silva, Gregório Barros e Francisco Canaro. A partir das 14h, por toda a extensão da Rua do Lavradio, o grupo carioca de chorinho Chorões da Lapa toca o repertório de músicos como Jacó do Bandalim, Chiquinha Gonzaga e Pixinguinha. Três carruagens do século 19, fabricadas na França por Henry Binder, estarão expostas em frente ao número 36, das 10h às 18h. Uma delas estará sendo restaurada por Gilberto Rizzo, que poderá explicar os passos do trabalho aos visitantes.

□ Feira Rio Antigo – Rua do Lavradio, Centro. Sáb., das 10h às 17h. Grátis.

Divulgação



A feira Rio Antigo volta a ocupar a Rua do Lavradio

4.3. Matéria Revista *Rio Show* – 8/5/2012.

Capa

MESAS DO
Só Kana, no
início da
Mem de Sá

Gabriel Menezes

> gabriel.menezes@gojoto.com.br <

Que a Lapa tem lugar de destaque no mapa da boemia carioca, ninguém discute. Mas o que pouca gente sabe é que, até agora, a região não tinha um lugar nas cartas geográficas da cidade, pois não passava de uma parte do Centro. A situação muda hoje, quando é publicada, no Diário Oficial, a lei sancionada pelo prefeito Eduardo Paes que torna a região independente. Agora, a Lapa é um bairro — de fato e de direito.

Na prática, pouca coisa (ou quase nada) muda. O ato tem um valor muito mais simbólico, já que se trata de uma área com características tão peculiares, argumenta o prefeito.

— As pessoas dizem que a Lapa renasceu. Mas, na verdade, eu acho que ela nunca esteve tão boa como hoje. É claro que ainda há uma série de problemas a serem resolvidos, mas esse é um processo gradual — diz Paes.

O desabamento parcial de um sobrado na Rua do Lavradio, na terça-feira, não deixa dúvidas: a região necessita de cuidados. Para resolver questões de segurança, limpeza e desordem urbana, que ainda deixam a desejar, o prefeito pretende implantar uma Unidade de Ordem Pública no bairro.

— É claro que a Lapa continuará com a sua característica de boemia e festa, mas tudo com ordem fica mais agradável.

Festa é o que não falta na Grande Lapa, que vai muito além da Avenida Mem de Sá e da Rua do Lavradio. O novo bairro começa na Rua André Cavalcanti (perto do Bairro de Fátima) e segue até a Glória, incluindo o Passeio Público e indo quase até a Praça Tiradentes (veja o mapa na página 25).

Agora é lei: a boemia da Lapa está no mapa

Um roteiro com 101 bons motivos para ir à região, que a partir de hoje é, oficialmente, um bairro



LA ESQUINA Bar Teatro: em cima do Belmonte, bar é delicioso e agradável



CATRIN GASTROPUB: cozinha mistura referências mexicanas e baianas e palco tem espaço para rock e blues

Desde 2010, quando a Mem de Sá passou a ser fechada ao trânsito nas noites de sexta e sábado (entre 22h e 5h), o que era bom ficou ainda melhor, e o movimento cresce a passos largos. De um mês para o outro, abrem novos estabelecimentos — e fecham outros tantos.

— A nova Lapa fez aumentar

os aluguéis de forma insustentável para uma galeria de arte com o perfil da nossa — lamenta Raimundo Rodriguez, sócio de A Casa Arte Contemporânea, que, depois de funcionar durante 14 meses na Rua do Resende, foi obrigada a fechar as portas há 15 dias.

Para mapear a área em

constante renovação, a equipe do Rio Show percorreu a Lapa e listou 101 bons motivos para bater perna por ali. Entre casas de show (que há tempos não são só mais do samba que ajudou a revitalizar não só a área, mas a música carioca), restaurantes, bares e lojas descoladas, destacamos lugares

abertos há pouco tempo.

Entre elas, está o Só Kana, filial da tradicional casa de batidas da Tijuca, que abriu as portas no fim do ano passado num ponto cobiçado: o epicentro da muvuca, no início da Mem de Sá e de cara para os Arcos. O bar ocupa um casarão de três andares, mas as mesas mais concorridas são as que ficam ao ar livre, na calçada, de onde dá para comer e beber diante de um visual único.

Um pouco adiante, em frente ao Teatro Odisséia, desde fevereiro funciona o Catrin Gastropub, do casal Isabel Gouveia e Renné Flores. Ela também é dona de um restaurante na Bahia; e ele, que é mexicano, tem um no seu país.

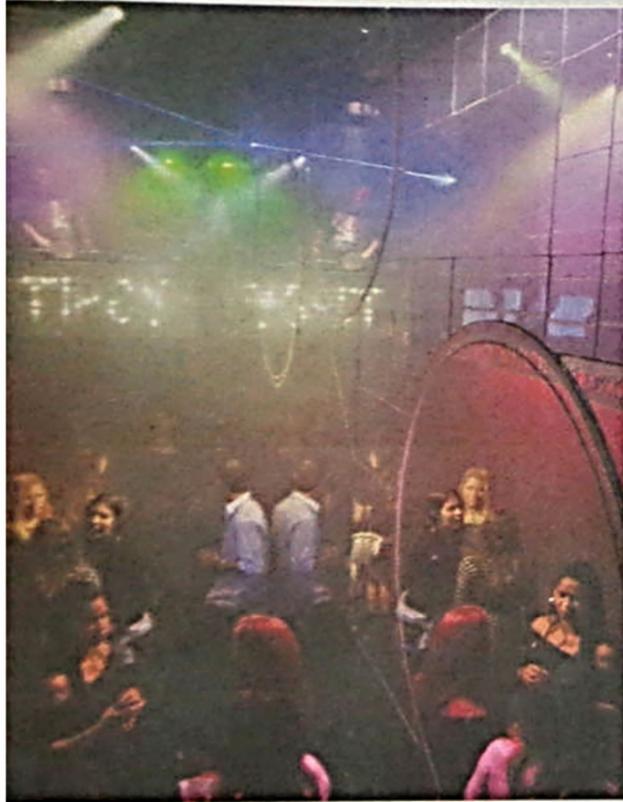
— O cardápio é prioritariamente mexicano, mas com uns toques da culinária baiana — explica Isabel, acrescentando que a carta de drinks, elaborada por Walter Garin (da escola de coquetelaria Shake-RJ), também mereceu atenção especial.

No palquinho montado no salão, rolam shows de música eletrônica, jazz, rock e blues. Partinho dali, fica o Lá Esquina

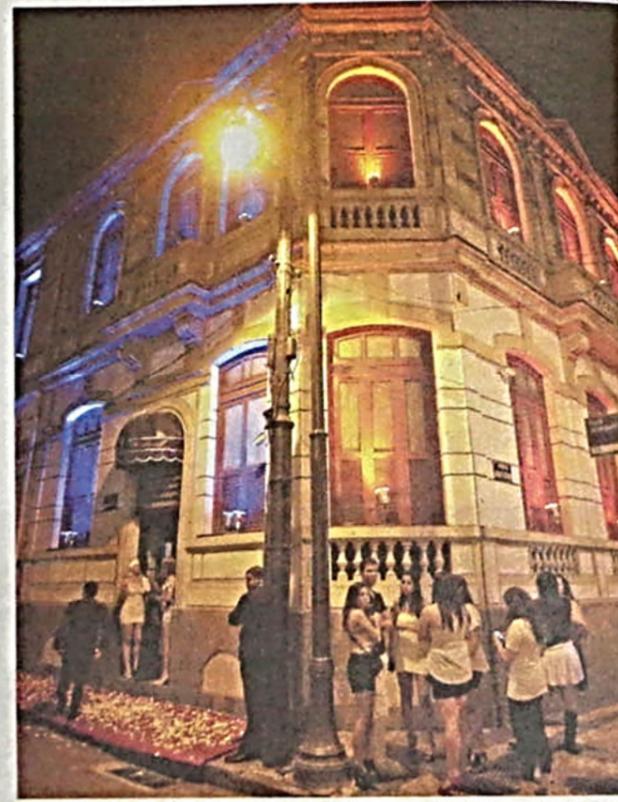
Teatro Bar Funcionando em cima do Belmonte, na esquina (claro) da Mem de Sá com a Lavradio, a casa foi aberta em janeiro no lugar do Laginha. O espaço de 130 metros quadrados, com pé-direito alto e janelões, tem uma decoração que mistura elementos rústicos e modernos, um bar e um palco, onde, além de shows, haverá, em breve, peças. O menu no ungueteo Heran Ogün traz pratos típicos de seu país, como champignons recheados com mozzarella de búfala e molho de shiitake com marjorica (R\$ 25). A carta de drinks foi elaborada pelo barman Fabian Martinez, também uruguaio, e traz opções como o Amante Latino (vodca, abacaxi, hortelã, gengibre e água tônica, a R\$ 16,90). A tribo soma tem black music, rock e música eletrônica, sob o comando do DJ Leandro Rasaglia.

— A nossa ideia é criar um espaço que fuja do tradicional samba, chope e bolinho de bacalhau. Ofereçamos opções de pratos e bebidas requintados, com um preço acessível ao frequentador do bairro — explica o gerente, Diego Speranza >>

Capa



TIPSY.com decoração inspirada em Las Vegas, boate terá duas pistas de dança e sushi bar



Fotos de Rafael Andrade

NO LIMITE com a Glória, a La Passion tem três andares e trilha sonora que vai de eletrônico a sertanejo

>> Quer outro exemplo da diversidade musical do bairro? Estão visitando a boate Tipoy, na Rua dos Inválidos, com visual inspirado em Las Vegas (7) e dois andares. O primeiro, ainda em obras, terá sushi bar decorado com um mega-aquário de carpas e pista de dança. No segundo, outra pista, com direito a camarotes.

— A nossa programação musical é bem variada. Vai desde o funk e eletrônico até o sertanejo — conta Christian Vieira, DJ residente da casa.

Se alguns fogem à tradição do samba, outros se agarram a ela — e com muito orgulho. É o

caso do Sublime Relicário, que abriu em janeiro, na Gomes Freire, e é dos donos do extinto A Um Passo da Vila (em Vila Isabel), que era frequentado por figuras como Seu Jorge, Emílio Santiago, Beth Carvalho, Xande de Pilares, Fundo de Quintal e Mar'nália. Na decoração da nova casa, além de imagens do Rio, há fotos desses artistas tocando no antigo bar.

— A nossa casa em Vila Isabel era uma referência. Grandes artistas foram revelados lá. Agora, queremos continuar ajudando a revelar novos talentos. Por isso, abrimos espaço para jovens artistas — diz Ecy Airo-

di, acrescentando que as segundas-feiras são dedicadas a artistas evangélicos.

O cardápio inclui pratos de massa e carnes. Um dos destaques é a calta metida a besta, acompanhada de molho de hortelã e azeite (R\$ 16).

Do outro lado do bairro, no limite com a Glória, outra boate faz barulho na noite. É a La Passion, na esquina das ruas Augusto Severo e Joaquim Silva. Com uma ampla estrutura, a casa conta com estacionamento próprio, sushi bar, uisqueria e tabacaria — além da pista de dança, claro.

— Nosso público é muito va-

riado, e a trilha sonora vai de música eletrônica a black music. Uma novidade são as apresentações de stiletto, uma nova modalidade de dança, no terceiro andar — conta o gerente Damião Vieira de Souza.

Pertinho dali, um bar com toque de galeria de arte vem chamando a atenção de quem passa pela porta, na Rua da Lapa. O nome, Toca da Formiga, é uma referência à escultura gigante do inseto carregando um Fusca de verdade, que fica no meio do salão. A obra é de Márcio Barata e Cristina Moretti e, assim como todas as outras em expo-

sição no local, está à venda. O preço: R\$ 180 mil.

A programação é voltada para bossa nova, MPB e samba e jazz, em shows bem intimistas. O bar traz um cardápio com cervejas e uísques importados e nacionais. Já a cozinha, atualmente, é voltada exclusivamente para caldos, mas, em breve, a ideia é que seja ampliada.

— A Toca da Formiga é na verdade um ponto de cultura, em que a pessoa pode escutar boa música e apreciar obras de artistas plásticos variados — explica o dono do bar, Antônio Barros. >>

LIMITES DO NOVO BAIRRO

Bares

- 1 Santo Scenarium
- 2 Cachoeira Mangue Seco
- 3 Quinta Carioca
- 4 Armazém Senado
- 5 Centro Cultural Memórias
- 6 Barzinho (em breve)
- 7 Mas Será o Benedito?
- 8 Bar do Adão
- 9 Choperia do Papai
- 10 Bohemia da Lapa
- 11 Barbieri
- 12 Aldeia da Lapa
- 13 Antonios's
- 14 Belmonte
- 15 La Esquina
- 16 Arco-Iris
- 17 Brazooka
- 18 Bar das Quengas
- 19 Bar do Chico
- 20 Nova Lapa
- 21 Boteco do Juca
- 22 Beer House
- 23 Acaso Bar
- 24 Bar da Garrafa
- 25 Bar da Boa
- 26 Catrin Gastropub
- 27 Lapa na Pressão
- 28 Leviano
- 29 Sô Kana
- 30 Estação do Peixe
- 31 Bar do Peixe
- 32 Dom Cavalcanti
- 33 Gargalo
- 34 Bar do Gomes
- 35 Carioquinha
- 36 Sublime Relicário
- 37 Mistura Carioca
- 38 Sinuca da Lapa
- 39 Victor
- 40 Irish Pub
- 41 Bar Ernesto
- 42 Toca da Formiga
- 43 Sinuca Tico Tico
- 44 Beco do Rato

Restaurante/padaria/lanchonete

- 1 Nova Esperança
- 2 Cantinho do Senado
- 3 Café e Creperia Sol Nascente
- 4 Salsa & Cebolinha
- 5 Enchendo Linguíça (em junho)
- 6 Dom Maior
- 7 Na Brasa Columbia
- 8 Dom Galeto
- 9 Padaria Mekatos
- 10 Sushi da Lapa
- 11 Manoel & Joaquim
- 12 Uno & Due Express
- 13 Nova Capela
- 14 Bar Brasil
- 15 Lapamaki
- 16 Mestre Kami
- 17 Subway
- 18 Bonde Sucos
- 19 Pizzaria Guanabara
- 20 Cosmopolita
- 21 Adega Flor de Colmbra
- 22 Matriarcado

Casas noturnas/show

- 1 Rio Scenarium
- 2 Centro Cultural Gabinete
- 3 Cordão do Bola Preta
- 4 Lapa Café
- 5 Casa da Mãe Joana
- 6 Turma OK
- 7 Multifoco
- 8 Tipsey
- 9 Varandas da Lapa
- 10 Lapa 40º
- 11 Clube dos Democráticos
- 12 Teatro Nino de Artes
- 13 Mofa
- 14 Sacrilégio
- 15 Carioca da Gema
- 16 Rio Rock in Blues
- 17 Teatro Odissela
- 18 Sarau (em breve)
- 19 Fundação Progresso
- 20 Parada da Lapa
- 21 Circo Voador
- 22 Majestade Show
- 23 Bar Semente
- 24 Alto Lapa
- 25 La Passion
- 26 Triboz

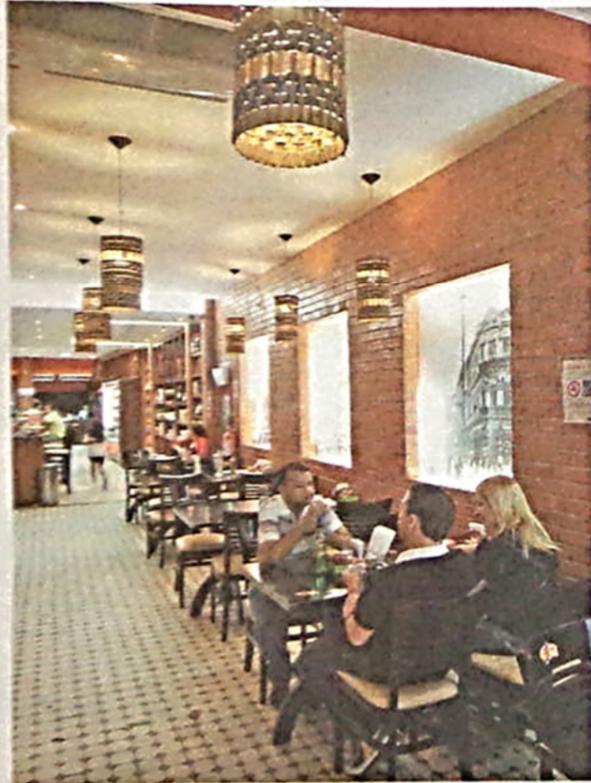
Lojas

- 1 Ateliê Belmonte
- 2 Granado
- 3 Mobik
- 4 Mercado Moderno
- 5 Empório da Lapa
- 6 Brechó e Sex Shop da Geni
- 7 Ateliê Brigadeiro Carioca (em breve)
- 8 A Mobilia
- 9 Armazém 161

18 de maio de 2012 Rio Show 25

Capa

PADARIA MEKATOS, na Riachuelo: opções gastronômicas mais sofisticadas



» Sem medo de saturação, empresários continuam a investir na Lapa, que no mês que vem ganha mais duas casas bacanas. Uma delas é o Barzinho, sociedade de Rodrigo Penna (idealizador da festa Baillinho) e Fabio Battistella, sócio do Meza Bar e do Doiz, no Humaitá. Previsto para abrir dia 12 de junho, na Rua do Lavradio, terá shows, DJs convidados, espetáculos de stand-up comedy e esquetes teatrais.

— Colagens, cores, tipografia... O Barzinho traz muito do

meu jeito de ver a arte e o mundo. Vou poder realizar muitas ideias que não cabiam no Baillinho. A casa será uma imensa colcha de referências minhas e do Fabio. Além de sermos amigos, somos da mesma geração — diz Penna. O ambiente tem 350 metros quadrados, 12 metros de pé-direito e três andares. A cenografia, de Sergio Marimba, mescla imagens de santos com brinquedos antigos. Cartazes antigos de filmes e peças decoram as paredes, que também terão placas de

acrílico coloridas.

A casa oferecerá drinks e cardápio assinado por Battistella, em parceria com a chef Fernanda Farte, com petiscos clássicos repaginados, como frango à passarinho, carne-seca, batata frita, croquete e escondidinhos e pastéis.

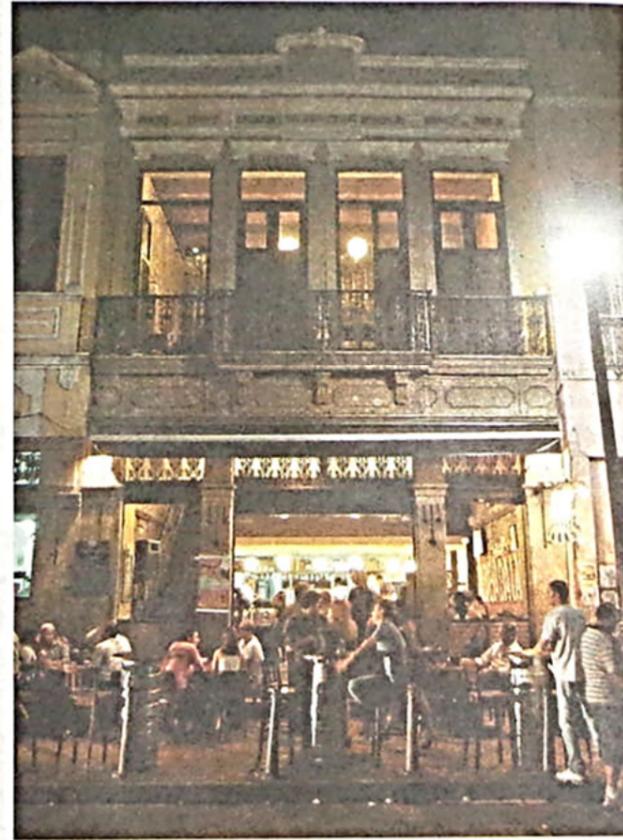
— O cardápio não é metido a besta, ao contrário, segue a linha popular, com ícones das mesas de bar da cidade, porém com opções que logem do básico — conta Battistella.

Também em junho, o concorrido Enchendo Linguíça,

do Grajaú, abre uma filial na esquina da Mem de Sá com a Inválidos. Instalado num casarão de três andares, o novo empreendimento dos irmãos Fernando Breschnik e Cláudio Toscano seguirá à risca a receita de sucesso da casa original, com embutidos caseiros e opções no cardápio como o tradicional Joelho de Porco à Pururuca (R\$ 49,90). Entre as opções do mar, novidades, como o bacalhão, um bolinho feito de bacalhau com camarão que não leva ovo ou farinha (R\$ 4,20).

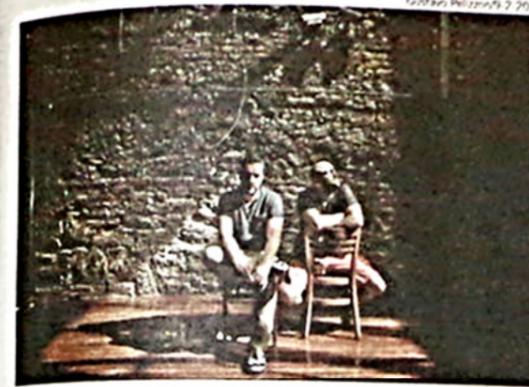
Outra casa que também está para inaugurar em breve — depois de anos de obras — é a Sarau, o primeiro sobrado do lado direito da Mem de Sá. Alvo de polêmica por ter aberto uma porta numa parede lateral que abrigava um grande painel de grafiteiros, a casa ainda não tem data de abertura definida. Procurados, os donos da casa preferiam não dar mais detalhes sobre o empreendimento.

Mais um endereço para reforçar o reinado da Lapa no mapa da boemia. ■

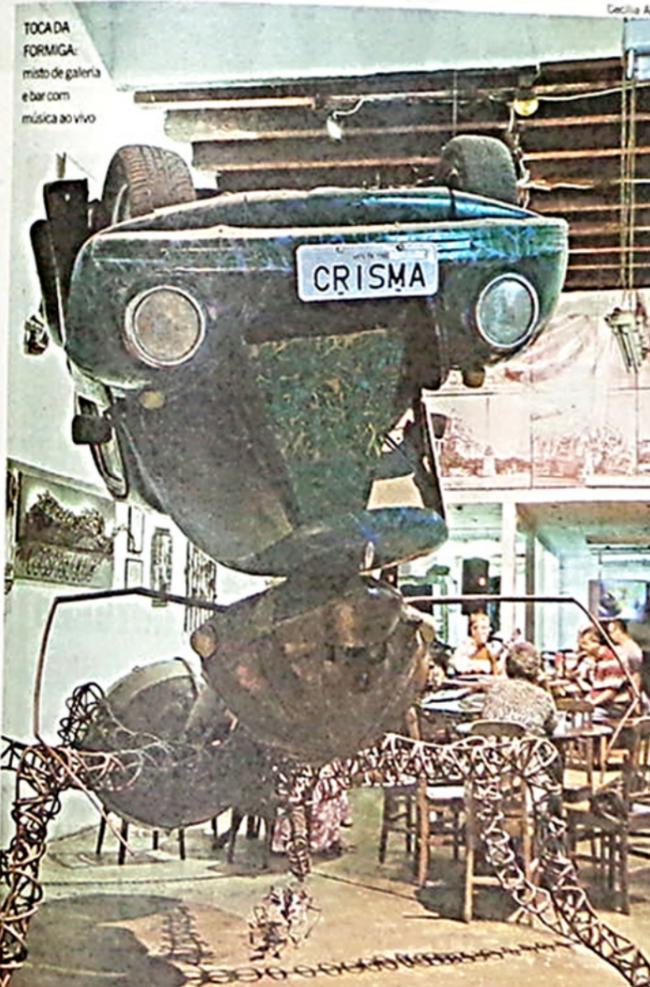


UM DOS SOBRADOS centenários da Rua do Lavradio abriga o Aldeia da Lapa, inaugurado no ano passado

Fotos de Rafael Anzobro



FABIO BATTISTELLA e Rodrigo Penna são sócios do Barzinho, que abre as portas em meados de junho



TOCA DA FORMIGA: misto de galeria e bar com música ao vivo

Roteiro charmoso também de dia

Não é só de esbórnica que respira a Lapa. Bater perna no bairro de dia é uma delícia. Para começar bem a manhã, a dica é tomar café na Mekatos — padaria com cara de barzinho, que abriu na Riachuelo, em janeiro. Pães até então atípicos na região, como o recheado com queijo coalho e o de goiabada com queijo, são os que fazem mais sucesso (de R\$ 3,50 a 4,20, a unidade).

Desde que a obra de revitalização da Praça Cardenal Câmara, em frente ao Circo Voador, ficou pronta — no começo do mês —, uma galera jovem, gringos e alguns pés de chinelo transitam no local. Ali, cada turma inventa o seu programa: uns aproveitam o cenário para tirar foto com os Arcos, outros andam de skate e sempre tem alguém que saca uma viola e toca uma bossa. Caminhando em meio aos vestígios (e bebuns) da noite anterior, na Rua do Lavradio, rola a tradicional Feira do Rio Antigo, todo primeiro sábado do mês. O programa é manjado, mas não perde o seu charme. Agora, se você não aguentar esperar até a próxima, no dia 2 de junho, um jeito de matar a vontade é visitar os antiquários. Com mais de mil lustres, o Armazém 161 tem modelos dos anos 50 até de cristais (entre R\$ 180 e R\$ 3.500). A vizinhança também tem o seu valor. Nas lojas Mercado Moderno, Mobília, Mobix e Ateliê Belmonte, peças contemporâneas contracenam com móveis retrôs assinados por artistas de grife — uma chaise do Niemeyer, por exemplo, sai por R\$ 30 mil. Mesmo que não seja para comprar nada, vale só olhar. Como num museu de design.

Outra lojinha simpática que abriu as portas por ali é a Granada, com seus sabonetes, hidratantes e lavandas. Se durante o rolê a sede bater, os poucos botequins que já estão abertos com mesas a postos nas calçadas são o Café e Bar Nova Esperança, Cantinho do Senado e Armazém do Senado (cerveja de garrafa a partir de R\$ 4). Mais à tardinha, às 15h, também rola todo primeiro sábado do mês o baile Charme Rio Antigo, comandado pelos DJs Alex Lennon, Douglas e Gabriel. As picapes são montadas na esquina da Gomes Freire com Lavradio, e a especialidade da trupe é vinil.

— Tudo começou com uma festa de aniversário, em outubro de 2011. Desde então, o baile só cresceu e, hoje, reúne 600 pessoas nas ruas — conta o DJ Lennon. — Nosso ganha-pão é um CD gravado no baile, vendido por R\$ 10. E todo mundo compra! (Carolina Ribeiro)

4.4. Matéria Revista *O Globo*- 13/1/2013.



REPORTAGEM DE CAPA

NA LAPA

É um axioma carioca. Assim como Copacabana reúne o maior número de idosos, Flamengo concentra as mulheres, Campo Grande tem mais árvores e Madureira mais terreiros de candomblé, a Lapa é o bairro do Rio que tem a maior quantidade de cartazes curiosos por quarteirão. Basta uma olhada mais atenta a seus muros e postes para notar o universo riquíssimo e quase surreal que transcende os Arcos. Uma tal Mulher Bambu oferece seus préstimos em prol da natureza. Um suposto movimento político xinga tanto bilionários quanto comunistas. Há um cartaz que propõe a venda de um aquário “completo”, aceitando um gato em troca. Tem quem anuncie a própria festa de aniversário, convidando todos os passantes. Um cartaz anônimo exalta o flamenguismo desbravado na educação das crianças. Outro promete trazer a pessoa amada “todos os dias”. Há ofertas de emprego para quem sabe “implantar unhas 3D” e de cura religiosa para a vadiagem. Se o bairro tem o caráter democrático de juntar as mais variadas tribos em suas esquinas, não é diferente nas suas muretas. Na porta de entrada da Igreja Nossa Senhora de Fátima há um cartaz divulgando o sorteio de uma imagem da santa, uma rifa de paróquia. A santa, diz o cartaz, tem 95 centímetros de altura. No muro ao lado, outro cartaz faz a propaganda de um travesti, este, com muitos centímetros... de formosura, presume-se.

Em tempos de Facebook, a Lapa vive a era do “Postebook”. Mal comparando, o bairro hoje guarda tanta efervescência em seus muros quanto a Paris do final do século XIX, que viu nascer a arte dos cartazes de rua, analisa Laura Bedran, designer gráfica e coordenadora do curso de Comunicação Visual da Universidade Federal Fluminense (UFF), cujo tema de pesquisa de doutorado foi, justamente, a expansão da comunicação na sociedade moderna através dos cartazes de rua.

— O cartaz nasce com o próprio conceito de cidade, de urbanidade. E já nasce polêmico. É arte ou poluição? O cartaz carrega consigo essa dualidade, a natureza da invasão. Para existir, ele deve chamar a atenção, tanto na forma quanto no conteúdo, e isso é mais viável nas ruas, onde milhões de pessoas aleatórias estão passando o tempo todo — explica Laura. — Por isso, seja na Lapa ou em outra região em que os cartazes se concentrem mais, como alguns locais de São Paulo, onde essa cultura é muito forte, eles estão sempre

se reinventando. E reinventando o próprio espaço urbano. Há uma beleza ali que vem com o concreto, do diálogo com outros cartazes, que se perderia se toda essa comunicação migrasse para a internet. Há uma linguagem própria do espaço urbano que não existe nos murais virtuais.

Autor de ensaios sobre o design brasileiro, o historiador de arte Rafael Cardoso corrobora a tese de Laura. Para ele, a sobrevivência dos cartazes de rua como peças de comunicação da sociedade contemporânea, a despeito da velocidade da internet, deve-se ao apelo da materialidade do próprio cartaz, que acaba virando objeto de desejo colecionável, “um vestígio da vida nas ruas” (vide entrevista na página 34).

Numa boa caminhada pelo bairro, não é difícil perceber como esse diálogo invisível dos muros acontece. Os cartazes da Lapa podem ser divididos em cinco categorias: os de arte, feitos normalmente por coletivos ou artistas urbanos, usando técnicas como serigrafia, litografia ou estêncil; os de protesto, criados por sindicatos e partidos políticos, com suporte como o sticker; os publicitários, que anunciam de shows internacionais a excursões para Itaguaí, que variam de coloridos lambe-lambes a folhas de caderno xerocadas; os cartazes “de vizinhança”, que procuram cachorros perdidos, oferecem a casa como creche, implicam com o time do dono do boteco, marcam partida de sueca, usando impressoras caseiras ou a velha cartolina; e a quinta categoria, talvez a mais interessante, dos cartazes simplesmente inexplicáveis. Enquadram-se aí o pôster anônimo “Inimigo número 1 da Humanidade”, espalhado por toda a extensão da Rua do Riachuelo, um outro que pleiteia um suspeito “bilinguismo” ou o da própria Mulher Bambu, personagem subliminar mais instigante do bairro. A julgar por seus pôsteres, ela é um mistério.

Nem tanto. Mulher Bambu é a alcunha de Claudia Lomeu, modelo de 25 anos de São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Aos 19, ela conheceu o ator e produtor artístico Pretto de Linha, de 62, que a contratou na sua agência de beleza negra. Dizendo-se atento à onda da sustentabilidade, ele teve a ideia de criar a personagem da Mulher Bambu, apelido perfeito para Claudia, que mede 1,86m. Compôs para ela dez funks de apelo infantil e começou a vender shows pela Baixada, espalhando cartazes feitos por ele mesmo. Bambu, que se apresentou até no Rio+20, hoje não

se exhibe por menos de R\$ 1.500. No ano passado, quase pôs tudo a perder, diz, tentando investir num mandato de vereadora em sua cidade. Obteve 62 votos.

— Vi que meu ramo é mesmo este, fazer shows, espetáculos, levando a mensagem da proteção da natureza — diz Bambu, que cola pessoalmente sua propaganda pela Lapa.

Além de agenciá-la, Pretto trabalha como ator. Participou da série de TV “Memorial de Maria Moura” e da novela “Força de um desejo”, sempre no papel de escravo. O retorno trazido pelos cartazes, diz, é imediato.

— Mesmo para os shows na periferia. É muita gente circulando aqui. Se a gente cola hoje, semana que vem já tem pedido de show — explica ele, segurando uma caixinha de som do tamanho de um Chokito, espetada num MP3 player em forma de chaveiro, que carrega no bolso para mostrar as canções ecológicas da artista.

Entre os cartazes artísticos, como o que ilustra a capa desta edição, de autoria anônima, são muito comuns os que levam a imagem do bondinho de Santa Teresa chorando. Impressos em papel jornal e fixados com cola de farinha, são um protesto do diretor de arte Marcello Sartori e do DJ Zod Nizir. O apelo é uma defesa do ícone turístico do bairro, onde moram. Desde o acidente que vitimou o motorneiro Nelson Correia da Silva, em agosto de 2011, o bonde teve a circulação suspensa.

— “Envelopamos” o bairro todo. O Zod fez a arte e eu produzi tudo. É um absurdo o que aconteceu, não queremos que ninguém se esqueça — lembra Marcello. — O custo todo de produção foi de R\$ 4 mil. Bancamos com a venda de camisetas com a mesma imagem, e ainda conseguimos juntar algum dinheiro para a família do Nelson.

Seguindo o roteiro, na Rua Gomes Freire, no número 763, um sujeito se deu ao trabalho de recortar caricaturas de mulatas do Lan e criar um cartaz artesanal, que intitulou de “Os cariocas tropicais”. No muro do supermercado em frente, há cartazes de futebol emparelhados, cujo autor certamente é flamenguista. Mais adiante, outro recado curioso num poste: “Se você achar este gato, cuide!” Estão lá fotos do bichano, uma lista de remédios para bronquite, a xerox da carteira de vacinação e a observação: “Ele sente muito frio.” Caminha-se pela Rua do Riachuelo, no contrafluxo dos carros, e sobre vários cartazes de “Búzios, cartas”, uma resposta: “Desista! Já sabemos, é mentira.”

REPORTAGEM DE CAPA

NA LAPA

Tanta diversidade estética — e arqueológica — já começou a chamar atenção de artistas plásticos. Os cariocas Eduardo Denne, Joana César, Antonio Bokel e Márcio Zardo, por exemplo, estão usando cartazes como suporte e linguagem de novas obras. E onde encontram os mais interessantes? Na Lapa, é claro.

— É um mistério. Ninguém vê os coladores em ação, mas a cada dia que você passa aqui tem uma história nova em alguma parede. Fico curioso para saber se já era assim no tempo de Madame Satã... Será que os cartazes de shows dele já tinham essa pegada? — provoca o artista urbano Eduardo Denne, que circula por ali com frequência, coleciona alguns pôsteres (os da cantora Hanna “Sucesso Mundial” são seus preferidos) e prepara uma série de colagens usando como suporte cartazes preexistentes, dando sequência ao seu trabalho já espalhado pela cidade, o “CDR” (Cultura de Rua), com 24 cartazes com ícones da cultura popular, como Grande Otelo, Garincha, Cacilda Becker e Martinho da Vila. — Gosto da sujeira desses elementos visuais, da tipografia, o tipo de impressão, a maneira como o cartaz de cima acaba valorizando o que fica por baixo — diz Denne.

A Revista O GLOBO acompanhou o nascimento de uma dessas intervenções. Com a proposta de “devolver” a figura de Madame Satã à Lapa, bairro onde o transformista-ícone da nossa cultura marginal fez história, ele bolou uma colagem usando cartazes e estêncil. E assim, no dia 13 de dezembro, Madame Satã amanheceu de novo na Lapa, quase quatro décadas depois de morrer.

— Também uso santinhos e papel de *outdoor* nesta série. A minha proposta sempre envolve a ocupação da rua, a galeria mais democrática que existe, além do resgate da memória de personagens da cultura brasileira — lembra Denne, bastante influenciado pela pop art e pelo construtivismo.

A artista plástica Joana César também usa cartazes como suporte — mas, no caso, estrutural. Ela circula pelo Rio em busca da sobreposição de cartazes em *outdoors*. É sobre este papel grosso, com diversas camadas distintas, que ela trabalha. Quando não as encontra espontaneamente, a solução é comprar a matéria-prima em “cemitérios” de *outdoors*, onde as placas galvanizadas são recuperadas.

— Você puxa uma camada de cartaz, vem um verde; puxa outra, um vermelho, uma letra, uma mensagem nova. Vêm daí as minhas cores — diz Joana, conhecida pelas mensa-

gens cifradas que pinta nas ruas do Rio, revelações íntimas estampadas em muros e viadutos. — Eu intercepto essas placas, ainda carregadas de papel, coloco um chassi de madeira atrás, e trabalho ali, ora descascando, ora recolando, misturando papéis meus, às vezes tecidos, pequenos objetos.

Joana começou a pintar na rua em 1992. Passou pelo grafite, pelas inscrições, mas logo se interessou pelas texturas dos muros.

— As paredes descascadas, as tintas soltando, os muros de musgo, o verde das heras avançando na vertical, os tapumes mofados, as camadas de cartazes sobrepostas, acumulando mensagens. Parecia a minha pele ali — comenta Joana, que começou a reproduzir o estímulo em suas telas, hoje expostas na galeria Athena Contemporânea, em Copacabana. — Identifiquei camadas casualmente provocadas pela disputa de lugar nos postes. Pai Cláudio de Ogum e Mãe Valéria de Oxóssi se sobrepunham loucamente nessa época. A cidade era bombardeada pelo lambe-lambe que trazia o amor de volta. Os dois em guerra disputando espaço, um colado em cima do outro. O poder público encobria a guerra dos orixás com camadas de cal, parecendo querer apartar a briga, ou “abafar o caso” de Cláudio e Valéria.

Foi justamente com a estética de Mãe Valéria de Oxóssi (o bordão “trago a pessoa amada” virou estampa de camiseta, fantasia de carnaval e até inscrição em joia) que o artista plástico Marcio Zardo criou a série “Pai Duchã”, usando a mesma tipografia e desenho do cartaz artesanal da mãe de santo.

— É um “abrasileiramento” do nome de Marcel Duchamp, precursor da arte conceitual. Ele criou o conceito de *ready made*, que é o transporte de um elemento da vida cotidiana, em geral não reconhecido como artístico, para o campo das artes. Nesta intervenção, me aproprio dos cartazes de rua para fazer um paralelo com as questões da arte contemporânea — explica Zardo, que escolheu a Lapa como berço de sua instalação.

Os famosos cartazes de Mãe Valéria de Oxóssi são, também, os preferidos da pesquisadora Laura Bedran.

— Há poesia no discurso de levar o amor. É um cartaz que devolve um tom lúdico às ruas — observa Laura. — Há uma troca inesperada do transeunte com o cartaz. Na rua, ele não escolhe o que vê. É bombardeado com informações superpostas. Na rua, a comunicação é teatralizada. Uma cidade sem cartaz, sem

dúvida, é uma cidade mais fria.

Um exemplo da tese de Laura é o trabalho “Sua Verdade”, desenvolvido há cerca de um ano nas ruas de Lapa e Zona Sul pelo artista plástico carioca Antonio Bokel. Ele cola lambe-lambes “falsos” sobre “verdadeiros”, inscrevendo mensagens entre os anúncios.

— O objetivo era simplesmente transformar publicidade em poesia. “Sua Verdade” está relacionada com a exposição do Hélio Oiticica (*Bokel está em cartaz no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, no Centro, com a série “Transfiguração do Rastro”, até o dia 3 de fevereiro*), que tem a proposta de usar a propaganda para instigar o olhar do pedestre para questionamentos filosóficos — reforça ele. — Apesar da evolução da tecnologia, o cartaz resiste como um dos principais objetos propagadores de ideias nas cidades. Tenho feito intervenções em pôsteres que já existem, mudando a sua mensagem original, desde 2005.

Observador contumaz da cidade, além de um entusiasta da estética marginal, o escritor Chacal acredita que os muros hoje sejam os “palimpsestos” contemporâneos. Para ele, a cidade oferece duas leituras aos que nela circulam: uma, horizontal, através das camadas superpostas de trilhos de bonde, asfalto, resquícios arqueológicos e tubulações de esgoto; e uma vertical, contada pela sobreposição de concreto, grafite, cartazes.

— “Palimpsestos” eram os pergaminhos ou papíros usados na Idade Média cujos textos eram eliminados para permitir sua reutilização. No caso das paredes de uma cidade, isso é bem mais difícil — diz. — Na Lapa, há uma infinidade de cartazes colados. Cartazes que qualquer cara que tenha uma banda, que produza um espetáculo, já colou.

Mas nem tudo é só arte no mundo dos cartazes de rua. Se colados em locais proibidos ou se estiverem relacionados à atividade financeira, são ilegais, podendo ser recolhidos pela prefeitura. E os responsáveis, multados. Titular da Secretaria municipal de Conservação e Serviços Públicos, Marcos Belchior é, no entanto, tolerante às peças de arte.

— O Rio é uma cidade plural e multicultural, onde tudo é possível desde que se preserve nossa identidade cultural, nossos monumentos e nossas áreas de preservação — diz ele. — As manifestações artísticas à la Paris da Belle Époque que surgem na Lapa precisam ser vistas, de fato, como arte. O que não permitimos é que a cidade seja degradada. ●

REPORTAGEM DE CAPA
NA LAPA

‘O cartaz é um indício de vida nas ruas’



EDUARDO DENNE. Usando espaços já ocupados como suporte, ele “devolveu” Madame Satã à Lapa, fazendo colagens em estêncil sobre cartazes



JOANA CÉSAR. A textura dos muros é transportada pela artista plástica para suas telas, criadas a partir de grossas camadas de papéis sobrepostos



BOKEL E ZARDO. O primeiro cola mensagens entre propagandas de shows; o segundo se apropriou de anúncio de mãe de santo e inventou Pai Duchã

Referência em memória do design brasileiro, Rafael Cardoso, professor da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Ph.D. em História da Arte, é um apaixonado por cartazes de rua. Chega a colecionar alguns. O da Mulher Bambu é o seu preferido. Autor dos livros “O design brasileiro antes do design” (Cosac Naify, 2005) e “Design para um mundo complexo” (Cosac Naify, 2012), entre outros, ele explica a importância deste elemento estético em meio à paisagem urbana em entrevista por e-mail, de Berlim, onde está numa temporada de estudos.

Em tempos de redes sociais, quando os murais virtuais parecem atingir mais gente, e de maneira mais instantânea, por que os cartazes ainda guardam tanto apelo?

O cartaz tem um apelo misterioso, que advém de sua materialidade. Ele é coisa, vestígio, fetiche. Com muita frequência, as pessoas “roubam” cartazes da rua. Eu mesmo já me apropriei de vários ao longo dos anos. Como todo impresso efêmero, ele fica no limiar entre arte e comércio, entre obra e lixo. Ele não se resume apenas à informação que carrega. É um in-

dício de vida nas ruas. **A história do cartaz no Brasil carrega a mesma importância do cartaz em outros lugares do mundo, como na Europa?** A história do cartaz no Brasil é antiga e bastante mal contada. Em minhas pesquisas, já encontrei cartazes brasileiros tão antigos quanto os da década de 1820, e sabemos que a prática de colar cartazes era difundida no Rio em meados do século XIX. Porém, como peça publicitária, o cartaz depende de três fatores: a cidade (vias e muros) como suporte; o transeunte (público de passagem) como audiência; e a disponibilidade de eventos/mercadorias a serem anunciados. O universo dos cartazes cresce em proporção direta ao crescimento dessas três coisas. Não dá para comparar Paris em 1890, que era uma cidade de quase três milhões de habitantes, plenamente inserida na economia capitalista e na cultura do espetáculo, com o Rio na mesma época. Em compensação, acho que o cartaz mantém uma importância no Rio do século XXI que ele talvez já tenha perdido em muitos outros lugares do mundo. **O que mais te interessa nessa micro-história contada pelos cartazes de rua?** Gosto de acompanhar a mudança dos cartazes no dia a dia. Aparece um cartaz novo colado numa parede e, dias depois, ele está rasgado ou pichado. Aí vem alguém e cola outro em cima. Para quem sabe observar, é uma narrativa, melhor do que qualquer novela. Os personagens são maravilhosos. Há anos que me intriga a tal da Mulher Bambu. **O que a estética dessas peças revela?** Os cartazes de rua nos ensinam a força de um tipo de manifestação cultural, visceral, que vem da própria vida das cidades. Existem muitas formas de expressão artística que precisam ser subvencionadas, apoiadas, protegidas pelo Estado, senão morrem. A gráfica de rua é o contrário: resiste até à perseguição do Estado. Quer exemplo melhor do que o lambe-lambe? Os lambe-lambes são uma das características mais fortes da visualidade carioca, algo que deveria ser celebrado como cultura, mas é reprimido pela legislação e desprezado pelos formadores de opinião, em nome de uma concepção ultrapassada de “patrimônio”. Até o grafite é melhor tratado! Para mim, os caras que fazem lambe-lambe no Rio são heróis da resistência. O que eles fazem são os novos brasões da cidade, correspondentes ao que João do Rio celebrou em “A alma encantadora das ruas”.



COMPARTILHANDO. Ao lado, muro com cartazes como o da Mulher Bambu, o preferido do historiador Rafael Cardoso (acima): “Como todo impresso efêmero, o cartaz fica no limiar entre arte e comércio, entre obra e lixo”, diz

5.1. Formulário de inscrição / Cadastro de expositor do Polo Novo Rio Antigo

Inscreva-se

Entenda a pré-inscrição:

A Pré-Inscrição foi desenvolvida para que possamos adequar os expositores e futuros expositores ao Regulamento da Feira Rio Antigo. Ele é dividido em 2 etapas:

Etapa 1: O expositor, ou futuro expositor, deverá fazer download do regulamento da Feira Rio Antigo, para estar de acordo com todos os procedimentos necessários à sua participação na Feira.

Etapa 2: O expositor, ou futuro expositor deverá preencher a ficha de Pré-Inscrição e apertar o botão "enviar" ao final da página.

Todos os dados enviados serão analisados pela Comissão Organizadora da Feira Rio Antigo.

O expositor receberá uma notificação por e-mail com a resposta sobre sua inclusão na Feira Rio Antigo, após o prazo estabelecido acima.

Para se inscrever na pré-inscrição para a Feira Rio Antigo, você precisa estar de acordo com o Regulamento de funcionamento da feira. Clique no botão abaixo para baixar o arquivo em pdf contendo o texto do Regulamento de funcionamento da feira.

[Regulamento da Feira Rio Antigo \(pdf\)](#)

Ficha de pré-inscrição

PRÉ-INSCRIÇÃO PARA FEIRA RIO ANTIGO:

Razão Social (somente pessoa jurídica):

Nome:

CPF / CNPJ:

Identidade (somente pessoa física):

Endereço:

Complemento: Bairro:

Cidade: CEP:

E-mail:

Confirme o seu e-mail:

Telefone: Celular:

ESCOLHA SEU RAMO DE ATIVIDADE:

- Antiguidades**
Móveis, quadros, objetos decorativos e utilitários, jóias etc
- Brechós**
Roupas, acessórios de moda, com estilos datados, e que não sejam em série
- Produções culturais e artísticas**
Discos de vinil, CDs e DVD's originais, livros, postais, fotos
- Artísticos**
Telas, quadros, gravuras, produtos de circo; esculturas; instrumentos musicais artesanais

- Design**
Produção comprovadamente realizada pelo expositor, de caráter inovador e de características nacionais e culturais
- Produtos culturais provenientes de Projetos Sociais**
Produtos ou produções resultantes de inclusão social, sócio ambiental ou ligadas a grupos de portadores de necessidades especiais

Artesanato:

- Artesanato tradicional**
Produções não industriais, com referências culturais brasileiras, executadas prioritariamente pelo próprio expositor ou grupo por ele representado, nos quais são empregadas matérias primas naturais, recicladas ou industrializadas, desde que a intervenção e uso de instrumentos esteja presente em cerca de 20% de sua confecção
- Trabalhos manuais**
Produções não industriais, executadas prioritariamente pelo próprio expositor ou grupo por ele representado, nos quais são empregados matérias primas naturais, recicladas ou industrializadas, desde que a intervenção e uso de instrumentos esteja presente em cerca de 20% em sua confecção. Não serão consideradas bijuterias e outros acessórios de moda nos quais fique patente, em tais produções, apenas montagem ou manipulação de peças industrializadas e revenda de produtos industrializados
- Artesanato de referência**
Étnico Regional de relevância e que contribuam com os objetivos da feira

Descreva o seu produto:

Envie até 5 imagens (fotos) do seu produto (JPEG, com no máximo 1Mb cada):
 Descreva o produto presente na imagem:

Descreva o produto presente na imagem:

Eu aceito e concordo com o Regulamento descrito no pdf para download (link ao lado).

Disponível em: <http://www.novorioantigo.com.br/cadastros/expositor>

Acesso em: 14/9/2012.

5.2. Regulamentação de funcionamento Feira



REGULAMENTO DA FEIRA RIO ANTIGO DA RUA DO LAVRADIO

A feira Rio Antigo da Rua do Lavradio é promovida pela Associação Pólo Novo Rio Antigo, e é de sua responsabilidade a concepção, planejamento e execução, a cada 1º sábado do mês, ou em datas especiais, das 10h às 18:30 hs.

1- OBJETIVOS DA FEIRA

1.1 - Objetivo Geral:

1.1.1 - Contribuir com o desenvolvimento regional da cidade do Rio de Janeiro, ocupação e revitalização do centro da cidade, a partir de oportunidades de geração de renda para produtos culturais e manifestações artísticas;

1.2 - Objetivos específicos Feira Rio Antigo tem por finalidade:

1.2.1 - Divulgar e fortalecer a imagem do Pólo Novo Rio Antigo e de seus participantes, como promotores de cultura na Cidade do Rio de Janeiro;

1.2.2 - Unir, valorizar e incentivar, prioritariamente, antiquários, e a comercialização de seus produtos, como também produções artística e de artesanato, cujas referências representem e valorizem as culturas locais e da Cidade do Rio de Janeiro;

1.2.3 - Estabelecer (critérios, normas e logística) para a exposição e comercialização dos produtos provenientes de: antiquários, brechós, produções culturais, artes plásticas e artesanato, prioritariamente nesta ordem de atendimento;

1.2.4 - Tornar-se ponto de convergência cultural das comunidades do entorno, de outros pontos da Cidade do Rio de Janeiro, bem como de turistas nacionais e estrangeiros.

2 – COMPETÊNCIAS

2.1 – Organização:

2.1.1 - A Feira Rio Antigo é promovida pela Associação Polo Novo Rio Antigo, fazendo-se representar por sua Comissão Organizadora, subcomissões e supervisores de área formada por empresários associados ao Pólo Novo Rio Antigo;



2.2 - Comissão Organizadora:

2.2.1 - A comissão organizadora tem por competência: planejar, organizar, normatizar, administrar, executar e monitorar, sancionar infrações, bem como estabelecer regras de funcionamento, delegar poderes às subcomissões e supervisores de quadras, para tais ações;

- Criar critérios para seleção, avaliação e participação dos expositores e produtos a serem comercializados;
- Fortalecer e avaliar o perfil dos produtos e expositores, já cadastrados, e das novas adesões, sempre que for necessário, de modo a ajustar e fazer cumprir as normas deste regimento, e objetivos da Feira Rio Antigo;
- Criar subcomissões, nomear supervisores de quadras, de modo a agilizar e, assegurar sua realização;
- Distribuir produtos e expositores segundo sua conveniência;
- Alterar a sua frequência de acordo com os interesses dos associados;
- Divulgar a realização da feira e sua programação;
- Informar e criar um canal de comunicação através do site da Associação;
- Orientar e decidir sobre a instalação e posicionamento do expositor, bem como o cancelamento e desmontagem da feira fora do horário pré estabelecido, (no caso de mau tempo);
- Definir o valor da taxa de participação na feira, forma de pagamento, e sua frequência;
- Realizar cobrança das taxas, por meio de depósito bancário identificado, para utilização das barracas ou espaços da feira;
- Conceder cartões de autorização, aos expositores, renová-los anualmente, desde que não haja impedimentos;
- Supervisionar o funcionamento e o cumprimento deste regimento, durante todo horário de funcionamento da feira;
- Marcar visita no atelier de produção, a qualquer época, para vistoria e comprovação de habilitação ou produção;
- Avaliar e inspecionar os produtos participantes da feira,
- Aplicar penalidades cabíveis, em caso de descumprimento deste regimento;
- Prestar contas dos resultados e da arrecadação à diretoria da Associação Polo Novo Rio Antigo;
- Decidir, em casos omissos, ou naqueles que não tenham sido previstos por este regulamento;

ASSOCIAÇÃO PÓLO NOVO RIO ANTIGO

Rua do Lavradio n° 28 • Centro • RJ • 20230-070 • tel: 21 - 2224-6693 • e-mail: associacao@polonovorioantigo.com.br



2.3 – Ocorrências

2.3.1 - No primeiro sábado de cada mês, ou eventualmente, em datas especiais, a critério da comissão organizadora;

2.4 – Montagem da feira

2.4.1 – Horários:

* Instalação das barracas – 06:00 às 08:00h

* Montagem dos expositores – 8:00h às 10:00h

* Atividade de comercialização - 10:00 às 18:30h

* Desmonte das barracas, limpeza da rua e entrega da rua – **de 18h:30min até às 20:00h**

* Abertura da rua ao trânsito de veículos: 20:00h

2.4.2 – Carga e descarga montagem dos expositores

* Somente neste horário (8:00h às 10:00h) é permitida a circulação de veículos na área da feira;

2.4.3 – Comercialização dos produtos

* Durante o horário de comercialização da Feira não é permitida a circulação ou permanência de veículos, mantendo-se preservado espaço necessário para a circulação de veículos de emergência.

2.4.4 – Cancelamento da feira

* Em caso de mau tempo, a desmontagem das barracas e abertura da rua ocorrerá, antes do horário pré-estabelecido, e será determinada pelo consenso das subcomissões e supervisores de quadras;

2.5 - Deveres do expositor - são deveres do expositor:

2.5.1 - Assiduidade e Pontualidade;

2.5.2 - Comparecer nos dias estabelecidos e permanecer na sua barraca, durante o horário previsto.

2.5.3 - Urbanidade e cumprimento das normas contidas neste regulamento

ASSOCIAÇÃO PÓLO NOVO RIO ANTIGO

Rua do Lavradio n° 28 • Centro • RJ • 20230-070 • tel: 21 - 2224-6693 • e-mail: associacao@polonovorioantigo.com.br



2.5.4 - Cumprir as normas estabelecidas para produção, exposição e venda dos produtos na linha de arte ou artesanato em que se cadastrou e para o qual foi credenciado;

- 2.5.4.1 - Estar cadastrado e em dia com o pagamento da taxa trimestral de participação, cobrada por depósito identificado, definida de acordo com orçamento previsto para feira;
- 2.5.4.2 - Portar o crachá em local visível durante a sua permanência na feira;
- 2.5.4.3 - Comprometimento com a qualidade, limpeza e apreciação da feira, quanto a utilização do espaço, e mobiliário da feira, Conservar limpo e arrumado o seu local de trabalho e apresentar-se de forma adequada;
- 2.5.4.4 - Submeter todos os trabalhos, bem como permitir agendamento de visita ao seu atelier de produção, ainda que resguardadas as técnicas especiais ou fórmulas próprias, à inspeção, vistoria e comprovação de habilitação ou produção pela Comissão Organizadora da Feira;
- 2.5.4.5 - Não ceder, sob nenhum pretexto, a sua barraca para a venda de produtos de artesãos ou artistas não autorizados, nem permitir a permanência de pessoas não autorizadas ou não credenciadas no seu local de trabalho;

2.6 – Direitos do expositor - São direitos do expositor:

- 2.6.1- Receber o Cartão de Autorização (Crachá) e o local/barraca devidamente demarcado para exposição e venda de seus produtos;
- 2.6.2- Licenciamento, em casos de doença, devendo apresentar, se solicitado, atestado do médico à Comissão Organizadora da Feira; ou casos excepcionais, informar com 20 dias de antecedência a Comissão Organizadora da Feira;
- 2.6.3- Encaminhar à Comissão Organizadora da Feira, quaisquer irregularidades observadas, bem como outras sugestões para sua melhoria; (Site)

2.7 - Infrações, penalidades e sanções

2.7.1 - Nos casos de descumprimento das normas constantes do presente Regulamento Interno, serão aplicadas as seguintes sanções por escrito: Advertência, Notificação e Suspensão;

- 2.7.1.1- Transgressão de natureza leve cometida por expositores, de conduta até então exemplar - Advertência;
- 2.7.1.2- Não comparecimento e impontualidade - Notificação (1) notificação implicará na suspensão do expositor, por 2 feiras);
- 2.7.1.3 - Suspensão - Cancelamento do direito de expor de uma a três feiras, de acordo com a gravidade da falta;



- 2.7.1.4 - Reincidência da suspensão - Cancelamento do direito de expor;

3 - CRITÉRIOS PARA CLASSIFICAÇÃO E DESCLASSIFICAÇÃO DOS PRODUTOS E EXPOSITORES

3.1 - Na Feira Rio Antigo, somente poderão ser expostos e comercializados produtos provenientes de: antiquários, brechós, produções culturais, artes plásticas e artesanato, e, prioritariamente, a escolha dar-se-á nesta ordem: antiquários, fotógrafos, livreiros, artistas, artesãos, desde que devidamente cadastrados e aprovados pela Comissão Organizadora da Feira:

- 3.1.1 - Antiquidades: móveis, quadros, objetos decorativos e utilitários, jóias etc;
- 3.1.2- Brechós – Roupas, acessórios de moda, com estilos datados, e que não sejam em série;
- 3.1.3 – Produções culturais e artísticas - Discos de vinil, CDs e DVD`s originais, livros, postais;
- 3.1.4 - Artísticos -Telas, quadros, gravuras, produtos de circo; esculturas; instrumentos musicais artesanais;
- 3.1.5 - Arte-popular, Artesanato e Trabalhos-manuais – formar famílias ou coleções, exibir um diferencial comum, identificados com sua origem e procedência, utilizar as matérias-primas disponíveis na região e técnicas passadas de geração à geração, conter elementos de informação sobre quem os produziu e em que condições -como uma espécie de garantia e qualidade técnica-, facilmente perceptível pelos consumidores, tais como: durabilidade, segurança no manuseio, funcionalidade, qualidade formal e estética atraente. Todas as classificações seguem os padrões e critérios, estabelecidos para feiras e exposições de artesanato, de diversas entidades ligadas ao setor;
 - 3.1.5.1 – Artesanato – Produções não industriais, com referências culturais brasileiras, executadas prioritariamente pelo próprio expositor ou grupo por ele representado, nos quais são empregadas matérias primas naturais, recicladas ou industrializadas, desde que a intervenção e uso de instrumentos esteja presente em cerca de 20% de sua confecção;
 - 3.1.5.2 – Trabalhos - manuais - Produções não industriais, executadas prioritariamente pelo próprio expositor ou grupo por ele representado, nos quais são empregados matérias primas naturais, recicladas ou industrializadas, desde que a intervenção e uso de instrumentos esteja presente em cerca de 20% em sua confecção. Não serão consideradas bijuterias e outros

ASSOCIAÇÃO POLO NOVO RIO ANTIGO

Rua do Lavradio n° 28 • Centro • RJ • 20230-070 • tel: 21 - 2224-6693 • e-mail: associacao@polonovorioantigo.com.br



acessórios de moda nos quais fique patente, em tais produções, apenas montagem ou manipulação de peças industrializadas e revenda de produtos industrializados

- 3.1.5.3 – Artesanato de referência – Étnico Regional de relevância e que contribuam com os objetivos da feira;
- 3.1.6 – Design – Produção comprovadamente realizada pelo expositor, de caráter inovador e de características nacionais e culturais;
- 3.1.7 – Produtos culturais provenientes de Projetos Sociais – Produtos ou produções resultantes de inclusão social, sócio ambiental ou ligadas a grupos de portadores de necessidades especiais;

3.2 - Casos omissos análise Comissão:

Produtos que não se enquadram nas descrições deste item 3.1 serão avaliados pelos supervisores de quadras e, se necessário, encaminhadas para análise pela Comissão Organizadora da Feira, considerando que ambos têm autonomia para aprovar e/ou vetar a exposição e venda de produtos que fujam aos objetivos da feira.

3.3 - Critérios de desclassificação de produtos:

- 3.3.1 - Não será permitida a venda de produtos alimentícios (bebidas alcoólicas e não alcoólicas, doces, salgados, milho verde, pipoca etc). Os associados e donos dos estabelecimentos comerciais situados a Rua do Lavradio devem atender ao critério estabelecido pelos órgãos da saúde pública;
- 3.3.2 - Não será permitida a revenda de produtos industrializados, de produções recente, que não se caracterizem como antiguidade, ou produtos sem quaisquer referências culturais brasileiras;

4 - CRITÉRIOS PARA PERMANÊNCIA DOS PRODUTOS

4.1 - Uma vez, autorizada a exposição de determinado produto, ou linha de produtos, os mesmos não poderão ser alterados em sua essência, ou trocados por produtos de outra linha;

4.2- Os produtos devem ter ótima qualidade na produção, acabamento e apresentação;

5 - CRITÉRIOS PARA EXPOSIÇÃO DOS PRODUTOS, USO DO ESPAÇO DE EXPOSIÇÃO E DAS BARRACAS

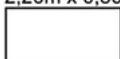
5.1 - A exposição dos produtos deverá ser feita em barracas padronizadas disponibilizadas pela Comissão Organizadora da Feira;



5.2 - Será destinado ao expositor um local demarcado com barraca numerada, nas medidas padrão de 2,20m x 0,80m. Caso os expositores utilizarem o chão, será cobrado espaço equivalente à medida da barraca padrão. Para expositores que utilizam duas ou mais barracas ou espaço equivalente, será cobrado a medida múltipla à medida da barraca;

Exemplos de modulação do espaço:

2,20m x 0,80m = uma barraca (padrão básico)



4,20m x 0,80m = duas barracas (montagem longitudinal a rua)



2,20m x 1,60m = duas barracas (montagem com profundidade – perpendicular a rua)



4,40m x 1,60m = 4 barracas



4,60m x 0,80m = três barracas (montagem longitudinal a rua)



5.3- Cada quadra terá um número pré-fixado de barracas, conforme planta da Rua do Lavradio, com a localização e numeração das barracas, considerando a liberação de espaços disponíveis em frente as empresas antiquários, restaurantes e hotéis, conforme for o caso de utilização;

5.4- A inclusão de acessórios ou equipamentos para exposição dos produtos nas barracas deverá ser aprovada pela Comissão Organizadora da Feira e constar no respectivo cadastro. Posteriormente a aprovação inicial, para novas inclusões, os supervisores das quadras poderão analisar e deliberar;



5.5- Fica proibida a colocação de placas, faixas, cartazes ou outras formas de oferta dos produtos ao consumidor. Podem ser utilizados porta retratos, cartões de visita e outros pequenos folders que não interfiram no visual geral da feira, no layout da barraca, nem tão pouco prejudique a visão das barracas vizinhas;

5.6- Os expositores não poderão exceder os limites da sua barraca com a exposição de seus produtos;

5.7- Caberá a cada expositor a responsabilidade pela conservação e manutenção da barraca ocupada.

6 – APRESENTAÇÕES E MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

6.1- A Feira Rio Antigo, abrirá espaços adequados para apresentações de manifestações artísticas: Música, Pintura, Escultura, Fotografia, Teatro, Cinema, Poesia, bem como as de características populares, folclóricas ou regionais;

6.2- As manifestações artísticas, quando apresentadas em espaço público da Feira, deverão ser previamente aprovadas pela Comissão Organizadora da Feira;

7 – DISPOSIÇÕES FINAIS

7.1- Compete à Comissão Organizadora da Feira elaborar e propor calendário oficial da Feira Rio Antigo;

7.2- A concessão de Cartão de Autorização para outros expositores deverá ter por princípio, sempre, o enriquecimento qualitativo da Feira e obedecerá a uma ordem de inscrição a ser feita, no site do Pólo Novo Rio Antigo;

7.3- Os casos omissos no presente regulamento serão definidos pela Comissão Organizadora da Feira que é formada pelos empresários associados ao Pólo.

Rio de Janeiro, 01 de Julho de 2010.

5.3. Questionário sobre a feira elaborado pela Associação Polo Novo Rio Antigo

1 - Como se originou a feira?

A Feira Rio Antigo se originou através de um movimento dos comerciantes desta região, principalmente das ruas do Lavradio, Senado, Resende, Gomes Freire e Av. Mem de Sá, associados à ACCRA - Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo, hoje ASSOCIAÇÃO POLO NOVO RIO ANTIGO, com o objetivo de contribuir para a revitalização desta região. No início de 1996, um grupo de diretores da ACCRA, foi até o então SubPrefeito do Centro, Arquiteto Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, solicitar a autorização para a realização da Feira, com um projeto que foi aprovado por este. Já no 1º sábado de outubro de 1996, inauguramos a primeira edição da Feira Rio Antigo, na rua do Lavradio, com grande sucesso de público e de mídia. Nesta primeira feira, praticamente os próprios antiquários da rua, que esvaziaram suas lojas, juntamente com alguns poucos expositores, fizeram esta feira acontecer, com show de música brasileira, e os bares servindo nas mesas e cadeiras nas calçadas. Já são mais de 15 anos e o sucesso sempre crescente, talvez por ser um projeto de identidade bem carioca e com valorização da cultura brasileira. Certamente que o sucesso da Feira, contribuiu para que a Prefeitura implantasse o Projeto de Recuperação e Reurbanização da Rua do Lavradio, que recuperou e urbanizou esta rua que foi a primeira rua residencial do Rio de Janeiro, aberta em 1771, pelo 3º Vice-Rei, o Marques do Lavradio.

2 - Quantos participantes (artesãos) há?

Começamos com cerca de 30 expositores, a maioria antiquários das ruas do Lavradio e Senado. Hoje, já são cerca de 400 expositores, sendo grande número de antiquários, bares e restaurantes e também expositores de artesanato.

3- Quantidade aproximada de pessoas que visitam a feira?

O público visitante é eclético, ou seja, de todas as idades, níveis culturais e sociais - vir à Feira Rio Antigo é um divertido programa para toda a família, no primeiro sábado do mês. Nosso público, entre turistas e cariocas, gira em torno de 15 a 17 mil visitantes por feira. No Dia da Cultura, ou seja, na Feira que acontece no início de novembro, temos uma programação cultural mais intensa, com desfiles, blocos, etc. Por isso, o público visitante varia entre 18 a 20 mil pessoas.

4- Como se inscrever?

O candidato a expositor pode inscrever através do site: www.polonovorioantigo.com.br. No momento, estamos aceitando a entrada apenas de novos expositores de antiguidades. Os demais são cadastrados e ficam numa lista de espera. A associação pode ser contactada também pelo tel.: 21-2224-6693 ou através do e-mail: associacao@polonovorioantigo.com.br

5- Quem patrocina/ divulga/popularidade?

A Feira é patrocinada pelos próprios empresários associados, que patrocinam os shows, o fechamento da rua, etc. A Feira Rio Antigo conta também com o apoio da Prefeitura, através da SubPrefeitura do Centro Histórico, Secretaria M. Das Culturas, Guarda Municipal e Comlurb, além do apoio do Sebrae, PM, etc, que nos oferecem apoio institucional, segurança, limpeza, etc. Durante 6 meses, no ano de 2006, a Unesco patrocinou a Feira Rio Antigo. Empresas como a Ambev e a Cerveja Sol, além do Sebrae, SINDRIO, também já apoiaram eventos organizados pela Associação Pólo Novo Rio Antigo.

6- Projetos futuros?

Um dos projetos elaborados pelos empresários é o Projeto de Requalificação Urbana, entregue em mãos ao nosso Prefeito. Esperamos que este projeto seja implementado pela Prefeitura, em parceria com os empresários locais, de modo a dotarmos esta região de melhores condições físicas e urbanísticas, de maior segurança, iluminação, novas áreas de estacionamento para atender à demanda crescente. É necessário também que a infra-estrutura da região seja corrigida, de modo a minimizar os problemas recorrentes causados pelos de esgotos sanitários e pluviais em toda a região. O Comitê de Marketing do Pólo Novo Rio Antigo, elaborou vários outros projetos em vias de implementação, como a criação de um site e criação de um mapa com informações turísticas.

7- Eventos importantes que aconteceram na feira?

Destacamos os desfiles do Dia da Cultura, que acontecem sempre nos primeiros sábados de novembro. Eventos como o **Independência ou Marketing, O Carioca na Gema, Se corsando pelo Novo Rio Antigo, O Rio Antigo Mostra sua História, Choque de Alegria e Folia no Rio Antigo**, foram os maiores eventos que aconteceram respectivamente em 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2011. Outros eventos, também foram realizados na Lapa, Praça Tiradentes e Cinelândia, com o objetivo de promover a integração entre estas regiões. Na feira, sempre acontecem shows de música brasileira de qualidade, contribuindo desta forma para divulgar a cultura musical brasileira, e para a abertura do mercado musical no Rio de Janeiro. Mas acredito que o mais importante é o fato de a Feira Rio Antigo ter se tornado um evento que consagra o Centro Histórico de nossa cidade como Pólo Turístico, onde as pessoas se irmanam em clima de paz e harmonia, resgatando o simples prazer de poder se encontrar e de conviver no meio da sua própria rua.

Isnard Manso
Presidente

Plínio Fróes
Diretor Financeiro

Joana Mangifeste Pogian
Secretaria

